



Na

1790

1  
(a  
7  
33

fo. 5-37-

1  
(2)  
7  
33

DISCURSO  
SOBRE A  
HISTORIA  
UNIVERSAL

*Para explicar a continuação  
da Religião.*

PELO SENHOR.

JACOB BENIGNO BOSSUET,  
*Bispo de Moz.*



COIMBRA.  
NA REGIA TYPOGR. DA UNIVERS.

M. DCC. ~~X~~ XC.

*Com Licença da Real Mesa da Commissão Geral  
sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

1790.

INDICE

*Taxas em Rey D. Joao V. em 1763.*

*pub. Congresso de 1763.*

*em nome do Rei.*

Que se contém neste Livro.

CAPITULO I.

primos e parentes do Rei. 1.

Pay. 1.

CAP. II. Alvará de 1763. 31.

CAP. III. Moeda, a Lei de 1763. 31.

introdução do Povo na terra prome-  
tida. 40.

CAP. IV. David, Salomão, os Reis de  
os Profetas. 70.

CAP. V. A vida, o Ministério Profe-  
tico: os Juizes de Deus declarados pe-  
los Profetas. 97.

CAP. VI. Juizes de Deus sobre Nabu-  
chodonosor, sobre os Reis de Babilonia,  
sobre o Reino de Babilonia, e sobre o Reino de Babilonia.  
101.

CAP. VII. Diversidade dos Juizes de  
Deus: Juizo de rigor sobre Babilonia;  
Juizo de misericórdia sobre Jerusalém.  
108.

CAP. VIII. Redempção do Povo gover-  
nando Zoroabel, Esdras, e Nehemias.  
110.

CAP. IX. Deus prompto para fazer sel-  
lar os Profetas, e a terra de Israel.  
111.

1  
(9)  
7  
33

# INDICE

DOS

## CAPITULOS,

Que se contém neste Livro.

**C**APITULO I. *A creação, e os primeiros tempos.* Pag. 5.

CAP. II. *Abrabão, e os Patriarchas.* 31.

CAP. III. *Moyfés, a Lei escripta, e a introdução do Povo na terra prometida.* 46.

CAP. IV. *David, Salomaõ, os Reis, e os Profetas.* 76.

CAP. V. *A vida, e o Ministerio Profetico: os Juizos de Deos declarados pelos Profetas.* 95.

CAP. VI. *Juizos de Deos sobre Nabuchodonosor, sobre os Reis seus successores, e sobre todo o Imperio de Babilonia.* 101.

CAP. VII. *Diversidade dos Juizos de Deos: Juizo de rigor sobre Babilonia: Juizo de misericordia sobre Jerusalem.* 108.

CAP. VIII. *Redempção do Povo governando Zorobabel, Esdras, e Nehemias.* 110.

CAP. IX. *Deos prompto para fazer cessar as Profecias, derrama as suas luzes.*

# INDICE.

- zes mais abundantemente que nunca.  
 III.
- CAP. X. Profecias de Zacharias, e de Aggeo. 117.
- CAP. XI. A Profecia de Malaquias, que he o ultimo dos Profetas, e a consummação do segundo Templo. X 122.
- CAP. XII. Os tempos do segundo Templo. Fructos dos castigos, e das Profecias precedentes: cessaçãõ da Idolatria, e dos saltos Profetas. LXXX 125.
- CAP. XIII. A longa paz, de que gozãõ por quem foi profetizada. 127.
- CAP. XIV. Interrupção, e restabelecimento da paz; divisaõ neste povo santo; perseguição de Antiocho; tudo isto profetizado. 131.
- CAP. XV. A esperança do Messias sobre que he fundada: prepação para a seu Reinado, e para a conversão dos Gentios. LXXXV 138.
- CAP. XVI. Prodigiosa cegueira da Idolatria antes da vinda do Messias. 142.
- CAP. XVII. Corrupções, e superstições entre os Judos; falsas doutrinas dos Fariseos. 148.
- CAP. XVIII. Continuação das conversões entre os Judos: final da sua decadencia segundo Zacharias profetizado. 151.
- CAP.

I N D I C E.

- CAP. XIX. Jesus Christo, e a sua doutrina. 154.
- CAP. XX. A descida do Espirito Santo; o estabelecimento da Igreja; os Juizos de Deus sobre os Judeos, e sobre os Gentios. 196.
- CAP. XXI. Reflexões particulares sobre o castigo dos Judeos, e sobre as predições de Jesus Christo, que o haviaõ affinalado. 222.
- CAP. XXII. Duas memoraveis predições de Nosso Senhor são explicadas, e o seu cumprimento he justificado pela Historia. 241.
- CAP. XXIII. A continuação dos erros dos Judeos, e a maneira porque elles explicão as Profecias. 261.
- CAP. XXIV. Circunstancias memoraveis da queda dos Judeos: continuação das suas falsas interpretações. 281.
- CAP. XXV. Reflexões particulares sobre a conversão dos Gentios. Profundo Conselho de Deus, que os queria converter pela Cruz de Jesus Christo. Discurso de S. Paulo sobre este modo de os converter. 290.
- CAP. XXVI. Diversas fórmãs de Idolatria: os sentidos, o interesse, a ignorancia, hum falso respeito da antiguidade, a Politica, a Filosofia, e as be-

## INDICE.

- reflexas vem em seu soccorro : a Igreja  
 triunfa de tudo.* 304.  
**CAP. XXVII.** Reflexão geral sobre a  
 continuação da Religião, e sobre a  
 relação que ha entre os livros da Es-  
 criptura. 338.  
**CAP. XXVIII.** As difficuldades que se  
 formão contra a Escriptura são facéis  
 de se vencerem por homens de bom Jui-  
 zo, e de boa fé. 358.  
**CAP. XXIX.** As predicções reduzidas a  
 tres factos palpaveis; Parabola do Fi-  
 lho de Deus, que estabelece a sua con-  
 junção. 371.  
**CAP. XXX.** Continuação da Igreja Ca-  
 tholica, e a sua victoria manifesta so-  
 bre todas as Settas. 376.





DISCURSO  
SOBRE  
A  
HISTORIA UNIVERSAL  
PARA EXPLICAR  
A CONTINUAÇÃO DA RELIGIÃO.



---

CAPITULO I.

*A criação, e os primeiros tempos.*

A RELIGIÃO, e a continuação do Povo de Deus considerada deste modo he o maior, e o mais util de todos os objectos que se podem propôr aos homens. He bella a representação dos diferentes estados do Povo de Deus, debaixo da Lei da Natureza, e dos Patriarchas; debaixo de Moysés, e da Lei Escrita; debaixo de David, e dos Profetas; depois da vinda do cativo até Jesus Christo; e finalmente no tem-

A

po

po de Jesus Christo mesmo, isto he, debaixo da Lei da Graça, e do Evangelho; nos seculos em que foi esperado o Messias, e nos em que appareceo; nos em que o Culto de Deos foi reduzido a hum só povo; e naquelles em que conforme as antigas Profecias foi espalhado por toda a terra; naquelles em fim que os homens ainda enfermos, e grosseiros, precisaraõ serem sustidos pelas recompensas, e castigos temporaes, e nos em que os fieis mais bem instruidos não deuem mais viver senão pela Fé, atidos aos bens eternos, e soffrendo, na esperanza de os possuirem, todos os males que podem exercer a sua paciencia.

Certamente, Serenissimo Senhor, não se póde conceber cousa mais digna de Deos do que haver primeiramente escolhido para si hum Povo, que fosse hum exemplo palpavel da sua eterna Providencia; hum Povo, cuja boa ou má fortuna dependesse da sua piedade, e cujo estado deesse testemunho da sabedoria, e justiça daquelle que o governa. Por isto principiou Deos, e isto he, o que tem feito ver em o povo Judaico, Mas depois

pois de haver estabelecido por tantas  
 provas sensiveis este fundamenteo imu-  
 tavel, que elle só dirige segundo a  
 sua vontade todos os successos da vi-  
 da presente, era tempo de levantar  
 os homens a mais altos pensamentos,  
 e enviar a Jesus Christo, a quem era  
 reservado descobrir ao novo povo,  
 composto de todos os povos do mun-  
 do, os segredos da vida futura.

Facilmente poderá Vossa Alteza  
 seguir a historia destes dous povos,  
 e notar, como Jesus Christo faz, a  
 uniaõ de hum, e de outro, pois  
 que ou esperado, ou dado, tem si-  
 do em todos os tempos a consolaçãõ,  
 e a esperança dos filhos de Deus.

Ex-aqui pois a Religiãõ sempre  
 uniforme, ou antes sempre a mesma  
 desde a origem do mundo: nelle  
 sempre se reconheceo o mesmo Deus,  
 como Author, e o mesmo Christo,  
 como Salvador do genero humano.

Assim verá Vossa Alteza, que na-  
 da ha mais antigo entre os homens  
 que a Religiãõ que professa, e que  
 não he sem razãõ que os seus ascen-  
 dentes pozeraõ a sua maior gloria em  
 ser-lhes seus protectores.

Que testemunho não he da sua

verdade ver que nos tempos em que  
 as historias profanas só tem fabulas  
 para nos contarem, ou quando muito  
 factos confusos, e meio esquecidos,  
 a Escriptura, isto he, sem contesta-  
 ção o mais antigo livro que ha no  
 mundo, nos conduz por tantos suc-  
 cessos verdadeiros, e pela mesma  
 continuacão das cousas, para o seu  
 verdadeiro principio, isto he, para  
 Deos que creou tudo; e tão distin-  
 ctamente nos mostra a Creação do  
 mundo, a do homem em particular,  
 a felicidade do seu primeiro estado,  
 as causas das suas misérias, e das su-  
 as fraquezas, a corrupçã, e o Di-  
 luvio, a origem das Artes, e a das  
 Naçoens, a distribuicão das terras,  
 em fim a propagaçã do genero Hu-  
 mano, e outros factos da mesma im-  
 portancia, dos quaes as historias hu-  
 manas não falsõ senão confusamente,  
 e nos obrigã a buscar fóra dellas as  
 suas origens certas.

Pois se a antiguidade da Reli-  
 giã lhe dá tanta authoridade, a sua  
 successã continuada sem interrup-  
 çã, e sem alteraçã pelo espaço de  
 tantos seculos, e a pezar de tantos  
 obstaculos que sobrevierõ, mostra

A

ma-

manifestamente que a mão de Deos a sustem.

Que cousa ha mais maravilhosa que vê-la sempre subistir sobre os mesmos fundamentos desde os principios do mundo, sem que nem a Idolatria, nem a impiedade que por todas as partes a cercava, nem os Tyrãos que a perseguião, nem as heresias, e os Infieis que intentaraõ corrompê-la, nem os fracos que a tem entregado, nem os Sectarios indignos que a tem desacreditado pelos seus crimes, nem finalmente a longitude do tempo que só basta para abater todas as cousas humanas, tenham sido em tempo algum capazes, e não digão de a extinguirem, mas nem ainda de a alterarem.

Se agora vamos a considerar que idéa é esta Religião, cuja antiguidade veneramos, nos dá do seu objecto, isto he, do primeiro Ente, confessaremos que he superior a todos os pensamentos humanos, e digna de ser vista como vinda do mesmo Deos.

O Deos a quem sempre tem servido os Hebreos, e os Christãos, nada tem de commum com as Divindades cheias de imperfeição, e até

de vicio, que o resto do mundo adorava. O nosso Deus he hum Ente infinito, Perfeito, só digno de vingar os crimes, e de coroar a virtude; porque elle he só a mesma santidade. He infinitamente superior áquelle a causa primeira, e áquelle primeiro Motor, que os Filósofos reconheceraõ, sem com tudo o adorarem. Entre estes os que tem vivido em maior cegueira, nos tem proposto hum Deus que achando huma materia eterna, e existente per si mesma do mesmo modo que elle, a pôz em obra, e a lavrou como hum vulgar Artifice, constringido na sua obra por esta materia, e pelas suas disposições, que elle não fez, sem jamais poderem comprehender, que se a materia he de si mesma, não deveo esperar a sua perfeição de huma mão estranha, e que se Deus he infinito, e Perfeito, não necessitou para fazer o que queria, senão de si mesmo, e da sua vontade Omnipotente. Mas o Deus dos nossos Pais, o Deus de Abrahão, o Deus, cujas maravilhas escreveu Moysés, não sómente ordenou o mundo, mas também o creou todo inteiro em a sua

materia, e fórma. Antes que deſſe  
 o ſer ás couſas, nenhuma o teve ſe-  
 naõ elle só; he nos representado co-  
 mo aquelle que faz tudo, e que tu-  
 do cria pela ſua palavra, tanto por  
 que produz tudo pela razão, e como  
 porque o ſeuia ſem difficuldade, e  
 porque para fazer taõ grandes obras  
 naõ empregava ſenaõ huma só pala-  
 vra, iſto he, que naõ lhe cuſta ſe-  
 naõ o querer.

En para ſeguir a historia da crea-  
 çãõ, pois que a havemos começado,  
 Moyſes nos tem enſinado que eſte  
 poderoso Architecto, a quem as cou-  
 ſas cuſtaõ tam pouco, as quiz fazer  
 por muitas vezes, e crear o mundo  
 em ſeis dias, para moſtrar que naõ  
 obrou com huma neceſſidade, e im-  
 peto cego, como o fazem imaginar  
 alguns philoſofos. O Sol deſpede de  
 huma só golpe, ſem poder conter ſe,  
 tudo o que ſem de raios, mas Deos  
 que obra por intelligencia, e com  
 huma ſuprema liberdade, applica a  
 ſua virtude adonde quer, e como he  
 ſervido, e como creando o mundo  
 pela ſua palavra, moſtra que nada  
 lhe he difficil, creando-o por mui-  
 tas vezes manifeſta que he o Senhor

da sua materia, da sua acção de toda a sua impreza, e que obrando não tem outra regra mais que a sua vontade, sempre recta per si mesma.

Este modo de obrar nos mostra também que tudo sahe immediatamente da sua mão. Os Povos, e os Filozofos, que tem erido que a terra misturada com a água, e ajudada com o calor do Sol, havia produzido per si mesma pela sua propria fecundidade as plantas, e os Animaes, enganaram-se muito grosseiramente. A Escripura nos faz entender que os Elementos sam estereis, se a palavra de Deos não os faz fecundos. Nem a terra, nem a água, nem o ar teriaõ jamais tido as plantas, nem os Animaes que ahi vemos, se Deos que havia feito, e preparado a sua materia, também a não houvesse formado pela sua vontade Omnipotente, e não tivesse dado a cada cousa as sementes proprias para multiplicarem em todos os seculos.

Os que vem as plantas tomarem o seu naseimento, e crecimento do calor do Sol, poderiaõ crer que elle he o seu Creator. Mas a Escripura nos mostra a terra vestida de herbas,



vas, e de toda a qualidade de plantas antes que o Sol tenha sido creado, a fim de que concebamos que tudo depende só de Deos.

Foi servido este grande Artifice criar a Luz, e mesmo antes de a reduzir á forma que lhe deu no Sol, e nos Astros, e por que nos queria ensinar que estes grandes, e magnificos luminares, que se nos tem inculcando por Divindades, não tinham de si mesmos, nem a materia preciosa, e brilhante de que foram compostos, nem a forma admiravel a que os vemos reduzidos.

Em fim a historia da creação tal como a fez Moyses, nos descobre aquelle grande segredo da verdadeira Filosofia, que em Deos só reside a fecundidade, e o poder absoluto. Feliz, e Sabio, Omnipotente, Só, Suficiente a si mesmo, elle obra sem precisar, como sem necessidade, e jamais constrangido, nem embaraçado pela sua materia, da qual faz o que quer, porque lhe deu pela sua só vontade o fundo da sua existencia. Por este direito soberano, e absoluto, a forma, e a move sem difficuldade e tudo depende immediatamente de

he; e se conforme a orlem estabefe-  
cida em a natureza, huma cousa de-  
pende da outra, por exemplo o nas-  
cimento, e crescimento das plantas  
do calor do Sol, he porque este mes-  
mo Deos que creou todas as partes  
do mundo, quiz largallas humas ás  
outras, e fazer brilhar a sua sabedo-  
ria por este maravilhoso encadeamen-  
to.

Mas tudo o que nos ensina a Sá-  
grada Escriptura sobre a creação do  
mundo, he nada em comparação do  
que ella diz da creação do homem.

Gen. I.

Até a qui Deos tudo havia feito  
mandando, que a luz seja feita; que  
o Firmamento se extenda pelo meio das  
aguas, que a terra seja descuberta, e  
que produza: que haja duas grandes  
Luminarias que dividão o dia da noi-  
te; que as aves, e os peixes saibão do  
feito das aguas; que a terra produza  
os Animas segundo as suas especies  
differentes. Mas quando se trata de  
produzir o homem, Moyses lhe faz

Ibid. 26.

fallar outra lingua: Façamos o ho-  
mem, e diz elle, e á nossa Imagem, e  
semelhança. Quando Deos manda  
já não se ouve aquella palavra  
imperiosa, e dominante, ouve-se  
hu-

humã mais doce, e ainda que menos  
 eficaz. Deos faz concelho em si mes-  
 mo; Deos a si mesmo se excita, co-  
 mo para nos mostrar que a obra que  
 vai emprender excede a todas as obras  
 que até então havia feito.

Deos *faciamos* ao homem. Deos falla em  
 si mesmo, falla a algum que obra co-  
 mo elle, para algum do qual o homem  
 he a creatura, e a imagem; falla a  
 hum outro elle mesmo; falla a quel-  
 le por quem todas as cousas tem sido  
 feitas; aquelle que diz no seu Evan-  
 gelho: *Tudo o que o Pai faz, o Fi-*  
*lho também faz.* Fallando a  
 seu Filho, e ou com seu Filho, falla  
 tempo mesmo tempo com o Espirito  
 Santo, poderoso, signal, e coeterno  
 a hum, e ao outro. He cousa nunca ouvida em toda  
 a Escritura que alguém excepto Deos  
 haja fallado de si mesmo em o nume-  
 ro plural *faciamos*. Deos mesmo na  
 Escritura não falla assim senão duas,  
 ou três vezes; e esta lingua extraor-  
 dinaria começa a apparecer desde  
 que se trata de crear o homem.

Joan. V.

13.

A. m. d.

Quando Deos muda de lingua, e  
 de alguma forma de modo de obrar,  
 não he que mude em si mesmo, mas

mostra-nos que vai começar, segundo os concelhos eternos, huma nova ordem de cousas.

Assim o homem, tam altamente elevado sobre as outras creaturas, cuja geraçã Moysés nos havia descrito, he produzido por huma maneira toda nova. A Trindade começa a declarar-se produzindo a creatura racional, cujas operaçoens intellectuaes são huma imagem imperfeita daquellas eternas operaçoens, pelas quaes Deos he fecundo em si mesmo.

A palavra de Concelho, que Deos se serve, denota que a creatura que vai ser creada, he a unica que póde obrar por concelho, e por intelligencia. Todo o resto naõ he menos extraordinario. Até alli naõ haviamos visto na Historia do Genesio o dedo de Deos aplicado sobre huma materia corruptivel. Para formar o corpo do homem elle mesmo pega na terra, e essa terra beneficiada por huma tal maõ, recebe a mais bella figura que até entã havia apparecido no mundo. O homem tem a estatura direita, a cabeça levantada, os olhos voltados para o Ceu; e esta conformaçã que lhe he particular

lhe

He mostrada sua origem; e o lugar para donde deve caminhar.

Esta attençaõ particular, que se descobre em Deos quando criaõo homem; nos mostra a consideraçãõ especial que para elle tem, ainda que por outra parte tudo seja immediatamente dirigido pela sua sabedoria.

Mas o modo por que produz a Alma, he muito maravilhoso: tira a tira da materia; inspira-lha de vida. He huma respiraçaõ de vida que vem de se mesmo.

Quando criou os brutos disse,

que a terra produzisse os peixes.

desta sorte criou os monstrõs marinhos,

e toda a alma vivente que se

se move, que devia encher as agoas.

Tambem disse, que a terra produ-

zisse toda a alma vivente que os brutos

devia encher.

Assim he que devem nascer aquelles

animas que vivem huma vida brut-

ta, e bestial, e que nãõ sãõ de

outra açãõ, se nãõ movimentos de-

pendentes do corpo. Deos as tira do

seio das agoas e da terra, mas aquel-

la Alma cuja vida devia ser huma

imitaçãõ da sua, que devia viver

como elle da razãõ, e da intelligen-

cia,

cia,

Gen. I.

20. 24.

Gen. I.

7.

cia, que devia ser-lhe unida, contem-  
plando-o, e amando-o, e que por es-  
ta razão era feita á sua imagem; não  
podia ser tirada da materia. Deos tra-  
balhando a materia, pôde bem for-  
mar hum bello corpo, mas de qual-  
quer sorte que á beneficio, e figure,  
nunca achará nella a sua imagem, e  
semelhança. A alma feita á sua ima-  
gem, e que pôde ser feliz possuindo-  
o, deve ser produzida por hum  
nova creação: deve vir de cima,  
isto he o que significa *aquellea respi-*  
*ração de vida* que Deos tira da sua  
boca.

Gen. II.  
7.

Lembremo-nos de que Moyses  
propoem aos homens carnaes por ima-  
gens sensiveis verdades puras, e in-  
tellectuaes. Não julguemos que Deos  
alenta á maneira dos animaes. Não  
julguemos que a nossa Alma seja hum  
ar subtil, nem hum vapor desatado.  
A respiração que Deos inspira, e  
que consigo mesmo traz a imagem  
de Deos, nem he ar, nem vapor.  
Não julguemos que a nossa Alma seja  
hum porção da natureza Divina, se-  
gundo o delirio de alguns Filozofos.  
Deos não he hum todo que se divide.  
Quando Deos tiver partes, estas se-

riaõ increadas: porque o Creador,  
o Ente increado não seria composto  
de creaturas. A Alma he feita, e  
por tal modo feita, que nada he da  
natureza Divina; mas somente hu-  
ma cousa creada á sua imagem, e si-  
milhança; huma cousa que deve sem-  
pre viver unida áquelle que a for-  
mou; isto he, o que quer dizer  
aquella respiração Divina, isto he,  
o que nos representa aquelle Espiri-  
to de vida.

Ex aqui pois o homem formado  
Deos tambem só para a compa-  
nhia que lhe quer dar. Todos os ho-  
mens nasceem de hum só matrimonio,  
a fim de serem para sempre, por dis-  
persos, e multiplicados, que se jab  
huma só, e mesma familia.  
Nossos primeiros Pais, assim for-  
mados, são postos naquelle Jardim  
delicioso, que se chama Paraiso.  
Deos devia a si mesmo torpar feliz á  
sua imagem.

Impõe hum preceito ao homem  
para lhe fazer conhecer que tem hum  
Senhor; hum preceito respectivo a  
huma cousa sensivel, porque o ho-  
mem era creado com os sentidos;  
hum preceito facil, porque queria

fazer-lhe a vida commoda em quanto fosse innocente.

O homem não guarda hum preceito de huma tão facil observancia, ouve o espirito tentador, ouve-se a si mesmo, em vés de ouvir unicamente a Deos; a sua perda he inevitavel, mas deve ser considerada, assim na sua origem do mesmo modo que nas suas consequencias.

Deos no principio havia creado os Anjos, Espiritos puros, e separados de toda a materia. Não fazendo cousa que não fosse boa, os havia creado a todos na sua santidade, e podião perpetuar a sua felicidade entregando-se voluntariamente ao seu Creador. Mas tudo o que he tirado do nada he defeituoso, huma parte daquelles Anjos se deixou enganar pelo amor proprio. Desgraçada a creatura que em si mesma põe o seu prazer, e não em Deos! em hum momento perde todos os seus dons. Estranho effeito do peccado! aquelles Espiritos luminosos vieram a ser Espiritos de trevas. Não ouve alguma das suas Luzes que se não convertesse em maliciosas astucias. Huma maligna inveja occupou nelles o lugar da



caridade, a sua grandeza natural não foi depois senão soberba, a tua felicidade foi mudada na triste consolação de se fazerem companheiros na sua miséria, os seus bemaventurados exercêdos no miseravel emprego de tentar os homens. O mais perfeito de todos, que havia tambem sido o mais soberbo, se achou o mais pernicioso, como mais infeliz. O homem a quem Deus havia posto hum *Ps. VIII.*  
*pruco abaixo dos Anjos*, unindo-o a hum corpo, vem a ser a hum Espirito tão perfeito hum objecto de inveja. Quiz este arrasta-lo para a sua rebellião, para depois o involver na sua ruina. Ouçamos como elle lhe falla, e penetremos o fundo dos seus artificios. Encaminha-se para Eva, como a mais fraca, falla a seu marido do mesmo modo que a ella: *Gen. III.*  
*que Deus nos ha feito esta prohibição?* 4.  
 Se vos fez racionais deveis saber a razão de tudo; este fructo não he veneno, *Vós não morreis.* Ex-aqui por *Ibid. 4.*  
 donde começa o Espirito da rebellião. Discorre sobre o preceito, e a obediencia he posta em duvida: *Vós se-* *Ibid. 3.*  
*reis como Deoses*, livres, e independentes, felizes em vós mesmos, a  
 bi-

Ibid. 6.

bios por vós mesmos: *Sabereis o bem e o mal*: nada vos será impenetravel. Por estes motivos he que o Espirito se levanta contra a ordem do Creador, e quer fazer-se superior á regra. Eva meia enganada e lha para o fructo, e cuja belleza promettia *hum gozto excellente*. Vendo que Deos havia unido em o homem o espirito, e o corpo, julgou que em favor do homem poderia tambem haver applicado ás plantas virtudes sobrenaturaes, e dons intellectuaes áos objectos sensiveis. Depois de haver comido deste bello fructo, ella mesma o apresenta a seu marido. Ex-aqui elle perigosamente atacado. O exemplo, e a complacencia fortificab as tentações: entra nos sentimentos do tentador, e tambem succedido, *humã enganosa curiosidade, humo li songeiro pensamento de soberbia, hum occulto prazer de obrar per si mesmo, e segundo os seus proprios pensamentos o atrahê, que o cega, e quer fazer humã perigosa experiencia da sua liberdade, e prova com o fructo prohibido a pernicioza doçura de contentar o seu espirito. Os sentidos nisturab a sua attracção a este tipo en-*

can-

canto; elle ns segue, a elles se sujeita, e d'elles se faz cativo, elle que era o seu Senhor.

No mesmo tempo tudo pava elle se muda. A terra como antecedentemente já se lhe não cria; nada mais virará della se não por meio de hum teimoso trabalho; já não tem o Ceo aquelle ar fereno; os animaes, que ainda os mais odiosos, e ferozes lhe serviaõ de hum innocente divertimento; tonião para o affligirem fórmas horriveis: Deos que tudo havia creado para a sua felicidade, sem hum momento lhe converte tudo em castigo; elle se faz penoso a si mesmo, elle que tanto se havia amado. A rebellião dos sentidos lhe faz conhecer em si hum não sei que de vergonhoso. Não he mais aquella primeira obra do Creador, na qual tudo era bello, e do peccado tem feito outra obra, que se deve occultar. O homem não pôde mais supportar a sua vergonha; e querria poder encobri-la aos seus proprios olhos. Mas Deos lhe vem a fer ainda mais insupportavel. Este grande Deos, que o havia creado á sua similitão, e dado-lhe os sentidos, como hum socorro ne-

*Ibid. 8.*

cessario ao seu Espirito, se dignava de se lhe mostrar debaixo de huma forma sensivel; o homem não pôde mais soffrer a sua presença. Procura o fundo dos bosques para se roubar aquelle que antecedentemente fazia a sua felicidade. Antes que Deos falle a sua consciencia o accusa. As frás infelizes desculpas acabão de o confundirem. He preciso que morra: o remedio da immortalidade lhe he tirado; e huma morte mais horrivel, que he a da Alma, lhe he figurada naquella morte corporal a que he condemnado.

Mas ex-aqui a nossa sentença pronunciada em a sua. Deos que havia resolvido recompensar a sua obediencia em toda a sua posteridade, logo que elle se rebellou, o condemna, e castiga, não somente na pessoa; mas tambem em todos os seus filhos, como em a mais viva, e amada parte de si mesmo. Nos todos fomos amaldiçoados em o nosso principio; o nosso nascimento está viciado, e infecto em a sua origem.

Não examinemos aqui aquellas regras terriveis da justiça Divina, pelas quaes a estirpe humana he amal-

amaldiçoada em a sua origem. Adorem os Juizos de Deos que vê a todos os homens como hum só homem naquelle do qual quer que todos descendam. Vejamo-nos tambem como degradados em nosso Pai rebelde, como descahidos para sempre pela sentença que o condemna; como bannidos com elle, e excluidos do Paraíso, adonde nos devia fazer nascer.

B. bid.

As regras da justiça humana nos podem ajudar para entrarmos nas profundidades da Divina, da qual ellas são huma sombra: mas não podem descobrir-nos o fundo deste abyssmo. Capacitemo-nos de que a justiça como a misericordia de Deos não podem ser medidas pelas dos homens, e ambas tem effeitos muito mais extensos, e profundos.

Mas em quanto os rigores de Deos sobre o Genero humano nos afombrao, admiremos como elle volta os nossos olhos para hum objecto mais agradavel, descobrindo-nos a nossa futura Redempção desde o dia da nossa perda. Debaxo da figura da serpente, cujo arrastamento tortuo-

Gen. III.

14. 15.

so era huma viva imagem das peri-

giosas insinuaçoens, e dos enganosos rodeios do espirito maligno, Deus mostra a Eva, a sua mãe, o seu inimigo vencido, e lhe dá a conhecer aquella semente bendita que havia quebrar a cabeça áquelle vencedor, isto he, devia domar a sua soberba, e abater o seu imperio por toda a terra.

Esta semente bendita era Jesus Christo, filho de huma Virgem, e aquelle Jesus Christo em quem só Adão não havia peccado, porque devia descender de Adão por hum modo Divino, concebido não do homem, mas de Espirito Santo. Era pois por esta Divina haste, ou pela mulher que a produziria, segundo as diversas liçoens deste Texto, que a perda do Genero humano devia ser recuperada, e o poder tirado do Principe do mundo, *que nada acba que seja seu em Jesus Christo.*

Joann.  
XIV. 30.

Mas antes de nos dar o salvador, era preciso que o Genero humano conhecesse por huma longa experiencia a necessidade que tinha de hum tal soccorro. Foi pois o homem deixado a si mesmo; as suas inclinaçoens se corromperão; as suas desordens  
che-

chegarão ao excesso, e a iniquidade  
cubrio a toda a face da terra.

Então Deos resolveo tomar huma  
vingança, cuja memoria quiz que  
sempre durasse entre os homens. Nes-  
ta he a do Diluyio universal do qual  
com effeito a memoria dura ainda  
em todas as Naçoens, do mesmo mo-  
do que a dos crimes que o accusarão.

Não julguem mais os homens que  
o mundo per si mesmo se governa,  
e que o que tem sido, será sempre  
como de si mesmo. Deos que creou  
tudo, e por quem tudo subsiste, vai  
affogar a todos os animaes com todos  
os homens, isto he, vai destruir a  
mais bella parte da sua obra.

Não necessitava senão de si mes-  
mo para destruir o que havia feito  
com huma palavra; mas acha mais  
digno de si, fazer servir as suas crea-  
turas de instrumento á sua vingança,  
e chama as agoas para destruirem a  
terra coberta de crimes.

Não obstante isto entre tantos  
peccadores achou-se hum homem jus-  
to. Deos antes de o salvar do Diluyio  
das agoas, o havia preseverado pela  
sua graça do Diluyio da iniquidade.

A sua familia foi reservada para tor-  
nar

nar a povoar a terra, que não hia ser mais que huma immensa solidão. Pelos cuidados deste homem justo, Deos salva os animaes, a fim de que o homem conheça que foram creados para elle, e de que se sirva delles para a gloria do seu Creador.

O mundo se renova, e a terra sahe outra vez do seio das agoas, porém nesta renovação fica huma impressão eterna da vingança Divina. Até o Dilavio toda a natureza era mais forte, e vigorosa; por immensa quantidade de agoas que Deos trouxe sobre a terra, e pela longa morada que nella fizeram, os succos que em si encerrava, foram alterados, o ar carregado de huma humidade excessiva, fortificou os principios da corrupção, e achando-se enfraquecida a primeira constituição do mundo, a vida humana que chegava até perto de mil annos, se diminuiu pouco a pouco: as hervas, e os fructos não tiveram mais a sua primeira força, foi preciso dar aos homens hum sustento mais substancial na carne dos animaes.

*Gen. IX.* Assim devião desaparecer, e apagar-se pouco a pouco os restos da primeira  
5. meci-



meira instituiçãõ ; e a natureza mudada advertia ao homem , que Deos não era mais o mesmo para elle depois que havia sido irritado por tantos crimes.

Finalmente esta longa vida dos primeiros homens notada em os Annaes do Povo de Deos , não tem sido desconhecida pelos outros povos , e as suas antigas tradições tem della conservado a memoria. A morte que se adiantava , fez sentir aos homens huma vingança mais prompta ; e como todos os dias se orgulhavaõ mais , e mais em os crimes , era preciso que tambem fossem , para fallar allim , todos os dias mais submergidõs em os seus castigos.

*Maneeb.  
Berof.  
Hesluz.  
Nic. Dam.  
& al. apud  
Joseph.  
Ant. I. 4.  
Hesiod.  
Op. &  
dies.*

A mudança só dos manjares lhes podia advertir o quanto se hia deteriorando a sua natureza , pois vindo a ser mais fracos , em o mesmo tempo vinhaõ a ser mais vorazes , e sanguinarios.

Antes do tempo do Diluvio o sustento que os homens tomavaõ sem violencia em os fructos que per si mesmos cahiaõ , e em as hervas que do mesmo modo taõ depressa se secavaõ , era sem duvida algum resto

da primeira innocencia, e da doçura com que eramos formados. Agora para nos sustentarmos he preciso derramar o sangue a pezar do horror, que naturalmente nos causa; e tor dos os guizados de que nos servimos para cobrirmos as nossas mezas, apenas bastaõ para nos disfarçarem os cadaveres, que necessitamos comer para nos fartarmos.

Mas não he esta a menor parte das nossas desgraças. A vida já encurtada se abbrevia tambem pelas violencias que se introduzem no Genero humano. O homem que era visto nos primeiros tempos poupar a vida dos brutos, se tem acostumado a não poupar mais a vida dos seus semelhantes. Em vão foi que Deus prohibio immediatamente depois do Diluvio derramar o sangue humano. Em vão para salvar alguns vestigios da primeira doçura da nossa natureza, e permitindo comer a carne dos animaes, elle havia reservado o sangue. Os homicidios se multiplicarãõ sem medida. He verdade que antes do Diluvio, Cain havia sacrificado a seu irmão á sua inveja. Lamech oriundo de Cain havia feito o segun-

Gen. IX.  
4

Gen. IV.  
8.

Ibid. 23.

do

do homicidio; e póde-se crer, que se fizeraõ outros depois destes detestaveis exemplos. Mas as guerras ainda não eraõ inventadas. Foi depois do Diluvio que appareceraõ aquelles Astolladores de Provincias, a quem se têm chamado Conquistadores; que impellidos pela só gloria do mando, extermináraõ a tantos innocentes. Nembroth, maldito pimpolho de Cham, maldito por seu pai, começou a fazer a guerra sómente para se estabelecer hum Imperio. Desde este tempo a ambição tomou posse, sem algum limite, da vida dos homens; chegáraõ ao extremo de se matarem huns aos outros sem se abortecerem; o cume da gloria, e a mais bella de todas as Artes têm sido o matarem-se huns aos outros.

Ex aqui os principios do mundo raes como a historia de Moyses nos representa os principios felizes na sua origem, ao depois cheios de males infinitos, sempre admiraveis em relação a Deos, que faz tudo; taes em fim, que passandõ-os pelo nosso juizo, nos ensinaõ a considerar o mundo, e o Genero humano sempre

Gen. X. 9.

XI. 10.

4

XI. 10.

6

XI. 10.

debaixo da mão do Creador, tirado do nada pela sua palavra, conservado pela sua bondade, governado pela sua sabedoria, punido pela sua justiça, resgatado pela sua misericórdia, e sempre sujeito ao seu poder.

Não he este o mundo tal como o conceberão os Filósofos, formado, segundo alguns, por hum concurso fortuito dos primeiros corpos, ou que, segundo os mais sabios, forneceo a sua materia ao seu Authór, que por consequencia não depende delle, nem em o fundo do seu ser, nem em o seu primeiro estado, e que o sujeita a certas Leis que não pôde violar.

Moyfés, e os nossos antigos Pais, cujas tradições recolheo, nos dão pensamentos diversos. O Deos que elle nos tem mostrado, tem mui differente poder, pôde fazer, e desfazer como lhe parece; dá Leis à natureza, e as revoga quando quer.

Se para se fazer conhecer no tempo em que a maior parte dos homens o havião esquecido, obrou pafmosos milagres, e obrigou a natureza a salir das Leis as mais constantes; continuou por este modo em

mostrar, que era o seu absoluto Senhor, e que a sua vontade he a unica prizão que sustenta a ordem do mundo.

Isso he justamente aquillo de que os homens se haviaõ esquecido: a estabilidade de huma tão bella ordem, não servia mais, que para lhes persuadir, que esta ordem havia sempre existido, e que existia por si mesma: o que os encaminhava a adorarém, ou o mundo em geral, ou os Astros, os Elementos, e em fim todos aquelles grandes corpos que o compõem. Deos pois, patenteou ao Genero humano huma bondade digna d'elle, destruindo nas occasiões brilliantes aquella ordem, que não somente não os penetrava mais, porque a ella estavaõ acostumados; mas ainda que os encaminhava, (tanto elles eraõ cegos) a imaginarem fóra de Deos a Eternidade, e a independencia.

A Historia do Povo de Deos attesta pela sua propria continuacão, e pela Religião, assim dos que a tem escripto, como dos que a tem conservado com tanto cuidado, guardou como em hum fiel registro a memoria

ria daquelles milagres; e por este modo nos dá a verdadeira idéa do Imperio Supremo de Deos, Senhor Omnipotente das suas creaturas, ou para as ter sujeitas ás Leis geraes, que estabeleceo, ou para lhes dar outras quando julgá que he necessario acordar por algum golpe inopinado o Genero humano adormecido.

Ex-aqui o Deos que Moyses nos propôs nos seus Escriptos, como o unico a quem se devia servir; ex-aqui o Deos que os Patriarchas adoráraõ antes de Moyses: em huma palavra, o Deos de Abrahã, de Isaac, e de Jacõb, a quem nosso Pai Abrahã gostosamente quiz sacrificar seu unico filho; de quem Melchisedech, figura de Jesus Christo, era o Pontifice com quem nosso Pai Noe sacrificou sahindo da Arca, que o filho Abel havia reconhecido e offerencido lhe o que tinha de mais precioso; que Seth daõra a Adã em lugar de Abel, havia feito conhecer a seus filhos, e tambem chamados filhos de Deos; que Adã meinho havia mostrado a seus descendentes, como aquelle de cujas mãos se havia visto ha pouco sahido, e que só podia por

fim aos males da sua infeliz posteridade. Que bella Filosofia he esta, que nos dá tão puras idéas do Author do nosso ser! Que bella tradição esta, que nos conserva a memoria das suas obras magnificas! Quanto o Povo de Deos he Santo, pois que por huma successão não interrompida desde a origem do mundo até os nossos dias, sempre tem conservado huma tradição; e huma Filosofia tão santa!

**CAPITULO II.**  
*Abraão, e os Patriarchas.*

**M**As como o Povo de Deos de-  
 baixo do Patriarcha Abraão  
 tomou huma forma mais regulada,  
 he necessario, Serenissimo Senhor,  
 demorar-vos hum pouco sobre este  
 grande homem. Elle nasceu perto de 350 annos  
 depois do Diluyio, e em hum tempo  
 em que a vida humana, ainda que  
 reduzida aos limites mais estreitos,  
 ainda era muito longa. Noé em tal

zaõ da sua longa idade vivia como morto, Sem seu filho mais velho ainda vivia, e Abrahão pôde passar com elle quasi toda a sua vida.

Considerai pois o mundo ainda novo, e para dizer assim, ainda banhado nas agoas do Diluvio, quando os homens, tão perto da origem das cousas, não tinham necessidade para conhecerem a Unidade de Deos, e o serviço que lhe era devido, mais que da tradiçã que d'isso se havia conservado depois de Adão, e de Noé; tradiçã por outra parte tão conforme as luzes da razã, que parecia que huma verdade tão clara, e importante, não pôde já mais ser esquecida, nem esquecida entre os homens. Tal he o primeiro estado da Religiã, que dura ate Abrahão, em cujo tempo os homens para conhecerem as grandezas de Deos, não tinham mais que consultar a sua razã, e a sua memoria.

Mas a razã era fraca, e corrupta; e á medida da distancia da origem das cousas, os homens confundiam as idéas que haviam recebido de seus antepassados. Seus filhos indocis, ou mal educados, não queriam



riaõ mais dar credito a seus Avós decrepitos, a quem não conheciaõ sem grande trabalho depois de tantas gerações; o sangue humano embrutecido não podia mais elevar-se às cousas intellectuaes, e não querendo os homens nada mais adorar do que aquillo que viaõ, a Idolatria se espalhava por todo o mundo.

O Espirito, que havia enganado ao primeiro homem, gollava ei taõ de todo o fructo da seducaõ, e via o inteiro effeito dessa palavra: *Vos sercis como os Deoses.* Desde o momento em que elle a proferio, cuidava em confundir no homem a idea de Deos com a da creatura, e em dividir hum nome, cuja magestade consistte em ser incommunicavel. O seu projecto lhe produzio effeito. Os homens sepultados na carne, e no sangue, haviaõ com tudo conservaõdo huma idea escura do poder Divino, que se sustinha pela sua propria força, mas que confundida com as imagens vindas pelos sentidos, os fazia adorar a todas as cousas em que apparecia alguma actividade, e poder. Assim o Sol, e os Astros que se faziaõ sentir de taõ longe, o so-

go, e os Elementos, cujos effeitos  
 erãõ taõ universaes, forãõ os pri-  
 meiros objectos da adoraçãõ publica.  
 Os grandes Reis, os grandes Con-  
 quistadores, que podiãõ tudo sobre  
 a terra, e os Authores das inven-  
 ções uteis á vida humana, tiverãõ  
 logo depois as honras divinas. Os  
 homens soffrerãõ o trabalho de se  
 sujeitarem aos seus sentidos: os sen-  
 tidos decidiraõ tudo, e fizeraõ, a  
 pezar da razãõ, todos os Deoses que  
 se adoraõ sobre a terra.

Quanto o homem appareceo en-  
 taõ distante da sua primeira institui-  
 çãõ, e quanto a imagem de Deos  
 nelle era gastada, Deos podia ha-  
 vello crendo com aquellas perversas  
 inclinações, que todos os dias se  
 declaravaõ de mais em mais. e esta  
 propensaõ prodigiosa que elle tinha  
 para se sujeitar a toda outra cousa,  
 que naõ fosse o seu Senhor natural,  
 naõ mostrava muito visivelmente a  
 maõ estranha, pela qual a obra de  
 Deos havia sido taõ profundamente  
 alterada em o Espirito humano, que  
 com trabalho ahi se podia conhecer  
 algum vestigio della. Impellido por  
 esta cega impressãõ, que o domina

va, se mergulhava na Idolatria, sem que nada o pudesse reter. Hum tão grande mal fazia progressos estranhos. De medo de que inficionasse a todo o Genero humano, e apagasse totalmente o conhecimento de Deos, este grande Deos chamou da alto dos Ceos ao seu seruo Abrahão, na familia do qual queria estabelecer o seu culto, e conservar a antiga presença tanto da creação do mundo, como da providencia particular com que governa as cousas humanas.

Abrahão tem sido sempre celebre em o Oriente. Não sabo fonte os Hebreos os que o vem, como seu Pai. Os Idumeneos se gloriao da mesma origem. Ismael, filho de Abrahão, he conhecido entre os Arabes, como aquelle de quem elles são oriundos. A circuncisão lhes ficou como o sinal da sua origem, e a tem recebido em todo o tempo, não na oitavo dia, a maneira dos Judeos, mas nos treze annos, como a Escripura nos ensina, que foi dada a seu Pai Ismael: costume que dura ainda entre os Mahometanos. Outros povos Arabes se lembrao de Abrahão, e de Ceturã e estes são os mesmos que

*Gen. XVI.  
17.*

*Gen.  
XVII. 25.  
Joseph.  
Ant. I. 13.*

*Gen.  
XXV.  
Alex. Po-  
lib. apud  
Jof. Ant.  
I. 16.*

*Beros. He-  
cat. Eup.  
Alex. Pol.  
& al. apud*

*Jof. ant.* a Escriptura faz nascerem deste ma-  
*1. 8. &* trimonio. Este Patriarcha era Chal-  
*Euf. prap.* deo, e estes povos famosos pelas suas  
*Ev. IX.* observações Astronomicas, contáão  
*16. 17. 18.* a Abrahão como hum dos seus mais  
*19. 20. &* sabios observadores. Os Historiado-  
*XIII. 11.* res da Syria o fizeram Rei de Damaf-  
*Nit. Da* co, ainda que estrangeiro, e vindo  
*masc. lib.* dos suburbios de Babylonia; e con-  
*IV. Hist.* taão, que elle largou o Reino de Da-  
*univ. in* masco para se estabelecer em o paiz  
*excerpt.* dos Chananeos, depois chamado Ju-  
*Vales. p.* déa. Mas vale mais reflectir no que  
*491. &* a historia do Povo de Deos nos con-  
*ap. Jof.* ta deste grande homem. Temos vis-  
*ant. 1. 8.* to, que Abrahão seguia o genero de  
*& Euf.* vida que seguirão os antigos homens  
*prap. Ev.* antes que todo o mundo houvesse fi-  
*IX. 16.* do reduzido a Reinos. Reinava em  
*Gen. XIII* a sua familia, com a qual abraçava  
*&c.* aquella vida pastoral, tão famosa  
*Gen. XIV.* pela sua simplicidade, e innocencia;  
*XXI. 22.* rico em rebanhos, em escravos, e  
*27. XIII* em dinheiro; mas sem terras, e sem  
*6.* dominio; e com tudo vivia em hum  
 Reino estrangeiro, respeitado, e in-  
 dependente como hum Principe. A  
 sua piedade, e rectidão protegida  
 por Deos, lhe attrahia este respeito.  
 Tratava familiarmente com os Reis,  
 que

que procurava a sua aliança, de  
 donde nasceo a antiga opinião que o  
 tem feito Rei. Ainda que a sua vida  
 fosse simples, e pacifica, elle sabia  
 fazer a guerra; mas somente para  
 defender os seus Alliados opprimidos;  
 assim o praticou, e os vingou  
 por huma victoria assinalada: entre-  
 gou-lhes todas as suas riquezas re-  
 recuperadas de seus inimigos, sem re-  
 servar outra cousa mais, que o dizi-  
 mo que offereceo a Deus; e a parte  
 que pertencia ás tropas auxiliares,  
 que havia conduzido para o comba-  
 te. Finalmente depois de hum tão  
 grande serviço recusou os presentes  
 dos Reis com huma magnanimidade  
 sem exemplo, e não pôde soffrer  
 que algum homem se jactasse de ha-  
 ver enriquecido por Abraham. Nada  
 queria dever senão a Deus que o pro-  
 tegia, e a quem somente se guiava com  
 huma fé, e huma obediencia perfei-  
 ta. Guiado por esta fé, havia deixado  
 a sua terra natural para vir para  
 o paiz que Deus lhe mostrava. Deus  
 que o havia chamado, e constituido  
 digno da sua aliança, e concluiu com  
 estas condições.

De-

Gen. XII.  
XVII.

Declarou-lhe que elle seria o seu Deus, e de seus filhos, isto he, que seria o seu Protector, e que elles o servirão como o só Deus Creator do Ceo, e da terra.

Ibid.

Prometteo-lhe huma terra, (esta foi a de Chanaan) para servir de morada fixa á sua posteridade, e de assento á Religião.

Gen. XII.  
2. XV. 4.  
5.  
XVII. 19.

Não tinha filhos, e sua mulher Sara era esteril. Deus lhe jurou por si mesmo, e pela sua eterna verdade, que d'elle, e de esta mulher nasceria huma familia, que igualaria as Estrelas do Ceo, e as areas do mar.

Gen.  
XIII. 1. 3.  
XVIII.  
18.  
XX.  
XXI.  
XXII.

Mas ex aqui se attigo o mais notavel da promella Divina. Todos os povos se precipitavão na Idolatria. Deus prometteo ao santo Patriarcha, que nelle, e na sua geraçã, todas aquellas Nações cegas, que se esqueciã do seu Creator, e se riã as bençoadas, isto he, chamadas para o seu conhecimento, no qual se acha a verdadeira bençã.

XXIII. 1. 2.

Por estas palavras Abraham he feito o Pai de todos os que creem em Deus, e a sua posteridade he escolhida para ser a fonte, da qual a bençã deya estender-se por toda a terra.

Nef-

19) Nesta promessa era compreendida a vinda do Messias, e por tantas vezes profetizada a nossos Pais; mas sempre annunciado, como o que devia ser o Salvador de todos os Gentes, e de todos os povos do mundo.

20) Assim esta haste abençoada prometida a Eva, veio a ser tambem a haste, e o pimpolho de Abrahaõ.

21) Tal he o principio da Alliança: taes saõ as suas condições. Abrahaõ recebeu o final della em a Circumcisaõ, cerimonia da qual proprio effeito era dar a conhecer, que aquelle santo homem pertencia a Deos com toda a sua familia.

22) Abrahaõ estava sem filhos quando Deos principiou a abençoar a sua descendencia. Deos o deixou muitos annos sem lhos dar. Depois teve Ismael, que devia ser pai de hum grande povo, mas naõ daquelle povo escolhido, e por tantas vezes prometido a Abrahaõ. O Pai do povo escolhido devia nascer d'elle, e de sua mulher Sara, que era esteril.

Em fim treze annos depois de Ismael veio ao mundo aquelle desejado filho: este foi chamado Isaac, isto he, filho de alegria, filho de milagre, fi-

207

lho?

Gen. XII.  
114X

118

Gen. XVII.  
114X

Gen. XII.  
XV. 2.  
XVI. 3. 4.  
XVII. 20.  
XXI. 33.

Gen. XXI.

lho de promessa, que mostra pelo seu nascimento, que os verdadeiros filhos de Deus nascem da graça.

*Gen.  
XXII.*

Era já grande esse filho abençoado, e em humia idade em que seu Pai podia esperar del'e outros filhos, quando de repente Deus lhe ordenou, que o sacrificasse. A que experiencias está exposta a Fé! Abrahão levou a Isaac para o monte que Deus lhe havia mostrado, e hia sacrificarlhe aquelle filho, em quem só Deus lhe prometia fazello Pai, assim do seu Povo, como do Messias. Isaac apresentava o peito á espada que seu Pai tinha prompta para o atravessar. Deus contente com a obediencia do Pai, e do filho, nada mais quer. Depois que estes dous grandes homens tem dado ao mundo huma imagem tão viva da oblação voluntaria de Jesus Christo, e que em espirito provarão as amarguras da sua Cruz, elles são julgados verdadeiramente dignos de terem seus ascendentes. A fidelidade de Abrahão faz que Deus lhe confirme todas as suas promessas, e abençoe de novo, não sómente a sua familia; mas tambem por ella a todas as Nações do mundo.

*Gen.  
XXII.28.*

Com



Com effeito continuou a sua protecção a Isaac seu filho, e a Jacob seu neto. Elles forão seus imitadores, fixos como elle, em a crença antiga, e no antigo modo de vida, que era a pastoral no antigo governo do Genero humano, em que cada pai de familias era Principe na sua casa. Assim em as mudanças que se introduzião todos os dias entre os homens, a santa antiguidade revivia em a Religião, e nas acções de Abraham, e de seus filhos.

Deos tambem reiterou a Isaac, e a Jacob as mesmas promessas, que havia feito a Abraham; e como se havia chamado o Deos de Abraham, tambem tomou o nome de Deos de Isaac, e de Jacob.

Debaixo da sua protecção estes grandes homens começaram a habitar em a terra de Chanaan, mas como estrangeiros, e sem nella possuírem *hum pe de terra*, até que a sua fome attrahio a Jacob para o Egypto, adonde seus filhos multiplicados vierão bem cedo a ser hum grande povo, como Deos lhes havia promettido.

Finalmente, ainda que este povo  
que

XXX

Gen. XXV. 11.

XXVI. 4.

XXVIII.

14.

XXX

que Deos fazia nascer na sua aliança, devesse estender-se pela geração, e devesse a benção seguir o sangue; aquelle grande Deos não deixou de ahi affinalar a eleição da sua graça. Porque depois de haver escolhido a Abrahão do meio das Nações, e entre os filhos deste escolheu a Isaac; e os dous gemios de Isaac escolheu a Jacob, a quem deu o nome de Israel. ver Jacob teve doze filhos, que foram os doze Patriarchas, Authores das doze Tribus. Todos devisaõ entrar na Alliança; mas Judá foi escolhido entre todos os seus irmãos para ser o pai dos Reis do povo de Israel, e o Pai do Messias tanto prometido aos seus antepassados. ver Devia chegar o tempo em que separando-se dez Tribus do Povo de Deos, por causa da sua infidelidade, a posteridade de Abrahão não conservasse a sua antiga benção, isto he, a Religião, a terra de Chanaan, e a esperança do Messias, senão unicamente na Tribu de Judá, que devia dar o nome ao resto dos Israelitas, que se chamáraõ Judeos, e á todo o paiz que se chamou Judea. ver

Assim a eleição Divina se desco-  
 bria sempre naquelle povo carnal,  
 que se devia conservar por meio da  
 propagação ordinaria. *Gen. XLIX.*  
 Jacó viu em espirito o segredo  
 desta eleição. Como se achava pro-  
 ximo á morte, e seus filhos ao redor  
 da sua cama pediam a benção de hum  
 tão bom Pai; Deos lhe manifestou o  
 estado das doze Tribus quando estivessem  
 na terra da Promissão; explicou-o  
 em poucas palavras, e estas  
 mesmas poucas palavras comprehendem  
 innumeraveis mysterios.  
 Ainda que tudo o que diz dos ir-  
 mãos de Judá seja exprimido com  
 huma magnificencia extraordinaria,  
 e denote hum homem transportado  
 fóra de si mesmo pelo espirito de  
 Deos; quando chega a Judá se ele-  
 va ainda mais alto. Judá, lhe diz, *Ibid. 8.*  
*teus irmãos te louvarão; a tua mão*  
*será sobre o peçoço de teus inimigos;*  
*os filhos de teu Pai se prosternarão*  
*diante de ti. Judá bestium mago Leon.*  
*Mu filho, tu fostes ao depois. Tu*  
*teus descançado, como hum Leon;*  
*hum Leon. Quem se atreverá a cor-  
 dar-te o Ceptro, isto he a authori-  
 dade, não sabida de Judá, e sempre*  
*se*

se verá Capitães, e Magistrados, ou Juizes nascidos da sua estirpe, até que venha aquelle que deve ser enviado, e que fará a esperança dos povos, ou como trás outra lição, que não he talvez menos antiga, e que em substancia não differe della, até que venha aquelle a quem as cousas são reservadas. E o resto como acabamos de referir.

A continuação da Profecia diz respeito literalmente á região que a Tribu de Judá devia occupar na terra Santa. Mas as ultimas palavras que havemos visto, por qualquer modo que se queirã tomar, não significão outra cousa mais, que aquelle que devia ser, o mandado por Deos, o Ministro, e o Interpreté das suas vontades, o complemento das suas promessas, e o Rei do novo povo, isto he, o Messias, ou o unguido do Senhor.

Jacob não falla disto expressamente, senão só com Judá, do qual este Messias devia nascer: comprehendendo no só destino de Judá, o de toda a nação, que depois da sua dispersão devia ver os restos das outras Tribus reunidas debaixo das bandeiras de Judá.

Todos os termos da Profecia são claros: nella não ha mais que a palavra Ceptro, que o uso da nossa lingua nos poderia fazer entender pela só dignidade real; quando em o idioma Santo significa em geral, o poder, a authoridade, a magistratura. Este uso da palavra Ceptro se acha em todas as paginas da Escripura. Vê-se do mesmo modo manifestamente na Profecia de Jacob, em que este Patriarcha quer dizer, que nos dias do Messias toda a authoridade cessará em a casa de Juda, o que leva consigo a ruina total de hum estado.

Assim os tempos do Messias são affinalados aqui por huma dobrada mudança. Pela primeira, o Reino de Juda, e o povo Judaico he ameaçado com a sua ultima ruina. Pela segunda, ha de elevar-se hum grande Reino, não de hum só povo, mas de todos os povos, dos quaes o Messias deve ser a cabeça, e a esperança.

No estylo da Escripura o povo Judaico he chamado em numero singular, e por excellencia, o povo ou o Povo de Deus, e quando se acha

*If. LXV.*

*Sc.*

*Rom. X.*

*21.*

*If. II. 2. 3.*

XLIX. 6. os povos, aquelles que são exercita-  
 18. LI. 4. dos nas Escripturas, entendem os  
 5. Sc. outros povos, que estavam também  
 promettidos ao Messias na Profecia  
 de Jacob.

Esta grande Profecia comprehen-  
 de em poucas palavras toda a histo-  
 ria do povo Judaico, e do Christo  
 que lhe he promettido. Assim a to-  
 da a continuacão do Povo de Deos,  
 e o seu effeito ainda durará.

Assim não pretendo fazer a Vossa  
 Alteza della hum Commentario de  
 que não necessita, pois que assina-  
 lando simplesmente a continuacão  
 do Povo de Deos, verá manifestar-  
 se per si mesmo o sentido do Ora-  
 culo, e que os successos sós são delles  
 os intrepetes.

---

CAPITULO III  
 Moyses, a Lei Escripta, e a introduc-  
 ção do Povo na terra promettida.

Depois da morte de Jacob o Po-  
 vo de Deos ficou em o Egypto  
 até o tempo da missão de Moyses,

isto he, perto de duzentos annos. Assim se passou 430 annos antes que Deos dresse ao seu Povo a terra que lhe havia promettido.

Queria acostumar os seus escolhidos a confiarem na sua promessa, seguros de que seria cumprida tarde, ou cedo, e sempre nos tempos assignalados pela sua eterna Providencia.

As iniquidades dos Amorrheos, *Gen. XV.* 16. das quaes lhe queria dar a terra, e os despojos, ainda não havia chegado, como elle declara a Abrahão, ao cumê em que as esperava, para os entregar á dura, e implacavel vingança, que queria exercer sobre elles, pelas mãos do seu povo escolhido.

Era preciso dar a este povo tempo para se multiplicar, a fim de que chegasse a estado de encher a terra que lhe era destinada, e occupalla por força, exterminando della aos seus habitantes amaldiçoados por Deos.

Queria que experimentassem no Egypto hum duro, e insupportavel cativoiro, a fim de que sendo delle livres por prodigios nunca ouvidos, amaf-

amassem o seu libertador, e celebrassem eternamente as suas misericordias.

Ex-aqui a ordem dos Concelhos de Deos, taes como elle mesmo nos tem revelado para nos ensinar a temello, a adorallo, a amallo, e a esperallo com fé, e paciencia.

Chegando o tempo ouve os gritos do seu povo cruelmente afflicto pelos Egypcios, e envia a Moysés para livrar os seus filhos da sua tyrannia.

Dá-se a conhecer a este grande homem, mais do que em tempo algum havia feito a algum outro vivente. Aparece-lhe em huma forma igualmente magnifica, e consoladora. Declara que elle he quem  
*Exod. III.* he. Tudo o que está adiante delle, não he mais que huma sombra. *Eu sou*, diz elle, *quem sou*. O ser, e a perfeição pertencem a mim só. Toma hum novo nome, que significa o ser, e a vida nelle, como na sua origem; e este he aquelle grande nome de Deos, terrivel, mysterioso, incommunicavel, debaixo do qual de ahi em diante quer ser servido,

*Ibid. 14.*

Naõ



Não relatarei a Vossa Alteza em particular as pragas do Egypto, nem o enlurecimento de Faraó, nem a passagem do mar vermelho, nem o fumo, os relampagos, a trombeta resonante, o ruído espantoso que ouviu o povo sobre o monte Sinai. Deos alli gravava com a sua mão sobre duas taboas de pedra os preceitos fundamentais da Religião, e da sociedade: e dictava o resto a Moysés em alta voz. Para sustentar esta Lei em o seu vigor, determinou formar huma Congregação veneravel de setenta Conselheiros, que podia ser chamada o Senado do Povo de Deos, e o Conselho perpetuo da Nação. Deos appareceo publicamente, e fez publicar a sua Lei na sua presença com huma demonstração pafinosa da sua magestade, e do seu poder.

Até então Deos nada havia dado por scripto que podesse servir de regras aos homens. Os filhos de Abraham tinham somente a Circumcisão, e as ceremonias que a acompanhavam por sinal da Alliança, que Deos havia contratado com a sua familia escolhida. Por este sinal eram separados dos povos que adoravam as fal-

*Exod.  
XXIV.  
& XI.*

III. 18.  
 19.  
 III. 18.  
 19.  
 N. box  
 18.  
 19.  
 18.  
 19.

sas Divindades: finalmente confer-  
 vam-se na Alliança de Deos pela lem-  
 brança que tinhaõ das promessas fei-  
 tas a seus Pais, e eraõ conhecidos,  
 como hum povo que servia ao Deos  
 de Abrahão, de Isaac, e de Jacob.  
 Deos estava taõ profundamente es-  
 quecido, que era preciso discerni-  
 lo pelo nome daquelles, que haviã  
 sido seus adoradores, e dos quaes  
 era tambem o protector declarado.

Este grande Deos naõ quiz aban-  
 donar por mais largo tempo a memo-  
 ria dos homens o mysterio da Reli-  
 gião, e de sua Alliança. Era tempo  
 de oppor mais fortes barreiras á Ido-  
 latria, que inundava todo o Gene-  
 ro humano, e acabava de extinguir  
 nelle os restos da luz natural.

Depois do tempo de Abrahão a  
 ignorancia, e a cegueira se haviãõ  
 prodigiosamente augmentado. No seu  
 tempo, e hum pouco depois, o co-  
 nhecimento de Deos ainda apparecia  
 na Palestina, e no Egipto. Melchi-  
 fedech Rei de Salem era o Pontifice  
 do Deos Altissimo, que creou o Ceo, e  
 a terra. Abimelec Rei de Gerare,  
 e seu succesor de mesmo nome, te-  
 miaõ a Deos, juravaõ em seu nome,

e

e adoravaõ o seu poder. As ameaças *Gen.*  
 deste grande Deos eraõ temidas por *XXI. 22.*  
 Faraõ, Rei do Egipto; mas no tem- <sup>23.</sup>  
 po de Moysès estas Naçoens se ha- *XXVI.*  
 viaõ pervertido. O verdadeiro Deos *28. 29.*  
 naõ era mais conhecido no Egipto *Gen. XII.*  
 como o Deos de todos os povos do *17. 18.*  
 mundo; mas como o *Deos dos He-*  
*breos.* Adorava-se até os brutos, e *Exod. V.*  
 os vis bichos. Tudo era Deos, e *1. 2. 3.*  
 excepto Deos mesmo; e o mundo, que *X. 1. &c.*  
 Deos havia creado para manifestar o *Exod. 8.*  
 seu poder, parecia haver-se conver- *26.*  
 tido em hum templo de Idolos. Che-  
 gou a cegueira do Genero humano  
 até a adorar os seus vicios, e as su-  
 as paixõens, o que naõ deve causar  
 admiraçaõ, porque naõ havia poder  
 mais inevitavel nem mais tyrannico  
 do que o seu. O homem acostumado  
 a julgar divino tudo o que era pode-  
 roso, como se sentia arrastado pelo vi-  
 cio por huma força invencivel, creo  
 facilmente que esta força estava fó-  
 ra delle, e della fez logo hum Deos.  
 Por esta razaõ he que o amor impu-  
 dico teve tantos Altares, e as impu-  
 rezas que fazem horror, começaraõ  
 a ser misturadas em os sacrificios.

Em o mesmo tempo a crueldade

se introduzio. O homem culpavel que era perturbado pelos remorsos do seu crime, e via a Divindade como inimiga, julgou não poder apaziguála se não pelas victimas ordinarias. Foi preciso derramar o sangue humano com o dos brutos: hum ce-go temor obrigava os pais a sacrificar os seus filhos, e a queimá-los em lugar de incenso. Estes sacrificios eraõ communs desde o tempo de Moysés, e não faziaõ senão huma parte daquellas horriveis iniquidades dos Amorrheos, dos quaes Deos commetteo a vingança aos Israelitas.

*Herod. lib.*

*II. Cæs. de*

*bello Gall.*

*VI. Diod.*

*lib. I. V.*

*Plin. lib.*

*XXX. A-*

*then. lib.*

*XIII. Por-*

*ph. de*

*Abß. lib.*

*II. Jorn.*

*de reb.*

*Get. &c.*

Mas não eraõ particulares a estes povos. Sabe-se que em todos os povos mundo, sem exceptuar algum, os homens tem sacrificado os seus semelhantes; e não houve algum lugar sobre a terra em que se não haja servido destas tristes, e horriveis divindades, cujo odio implacavel para o Genero humano pedia taes victimas.

No meio de tantas ignorancias chega o homem até a adorar a obra das suas mãos. Julgou poder comprehender o espirito Divino em as Estatuas, e tão profundamente se es-

que-

queceo de que Deos o havia feito, que creio do mesmo modo tambem poder fazer hum Deos. Quem o poderia crer, se a experiencia não o mostrasse, que hum erro tão crasso, e brutal naõ era sómente o mais universal, mas tambem o mais arreigado, e incorregivel entre os homens? Assim para confusam do Genero humano, deve-se reconhecer que a primeira das verdades, a que o mundo préga, aquella cuja impressãõ he a mais poderosa, era a mais distante da vista dos homens. A tradiçãõ que a conservava nos seus animos, ainda que clara, e se se olhar com attençaõ affaz presente, estava proxima a desvanecer-se; fabulas predigiosas, e tão cheias de impiedade, como de extravagancia occupavaõ o seu lugar. Havia chegado o momento em que a verdade, mal vista em a memoria dos homens, não se podia mais conservar sem ser scripta; e Deos, por outra parte havendo resolvido formar o seu povo para a virtude por meio de Leis mais expressas, e em maior numero, resolveo em o mesmo tempo de as dar por escripto.

Moyés foi chamado para esta

obra. Este grande homem recopilou a historia dos seculos passados, e de Adão, a de Noé, a de Abrahão, a de Isaac, a de Jacob, a de Joseph, ou antes, a de Deos mesmo, e dos seus admiraveis feitos.

Naõ lhe foi preciso desenterrar de longe as tradiçoens dos seus antepassados. Nasceo cem annos depois da morte de Jacob. Os velhos do seu tempo haviaõ podido communicar por muitos annos com este santo Patriarcha; a memoria de Joseph, e das maravilhas que Deos havia obrado por este grande Ministro dos Reis do Egypto, ainda estava fresca. A vida de tres ou quatro homens subia até Noé que havia visto os filhos de Adão, e tocava para fallar assim na origem das cousas.

Assim as tradiçoens antigas do Genero humano, e as da familia de Abrahão naõ eraõ difficeis para se recolherem; a sua memoria era viva; e naõ deve causar admiracão ver a Moysés em o Genesis fallar das cousas acontecidas nos primeiros seculos, como cousas conllantes, das quaes mesmo ainda se via nos povos

vifinhos, e na terra de Chanaan monumentos notaveis.

Nos tempos em que Abrahaõ, Isaac, e Jacob, haviaõ habitado esta terra nella haviaõ erigido por toda a parte monumentos das cousas que lhes tinhaõ acontecido. Alli ainda se mostrava os lugares em que elles haviaõ habitado; os poços que haviaõ aberto naquelles paizes secos, para darem de beber á sua familia, e aos seus rebanhos: os montes em que haviaõ sacrificado a Deos, e em que lhes havia apparecido: os padroens que haviaõ levantado, ou amontoado para servir de memorial á posteridade. As sepulturas em que descansavaõ as suas abençoadas cinzas. A memoria destes grandes homens era fresca, naõ sómente em todo o paiz, mas tambem em todo o Oriente, a onde muitas Naçoens celebres naõ tem jamais esquecido que procediaõ da sua familia.

Assim quando o povo Hebreo entrou em a terra promettida, tudo abi celebrava os seus antepassados, e as Cidades, e os Montes, e as mesmas pedras falavaõ daquelles homens maravilhosos, e das pasmosas

visões pelas quaes Deos os havia confirmado na antiga, e verdadeira crença.

Os que conhecem, ainda que pouco, as antiguidades sabem quanto os primeiros tempos erã curiosos de erigirem, e de conservarem taes monumentos, e quanto a posteridade cuidadosamente retinha na memoria as occasiões que lhos haviaõ feito levantar. Era esta huma das maneiras de escrever a historia; depois se lavraraõ, e puliraõ as pedras; e as Estatuas depois das columnas succederã ás massas grosseiras, e solidas que os primeiros tempos erigiaõ.

Tambem ha grandes razoens para crer, que na linha a onde se conservou o conhecimento de Deos, se conservava tambem por escripto as memorias dos antigos tempos. Porque os homens viverã sempre com este cuidado. Ao menos he certo que se faziaõ Canticos que os pais ensinavaõ aos seus filhos; Canticos que cantando-se nas festas, e nas Affembléas, ahi perpetuavaõ a memoria das açoens as mais brilhantes dos seculos passados.

De



De lá nasceo a Poesia, (\*) variada ao depois em muitas fórmas, das quaes a mais antiga ainda se conserva nas Odes, e nos Canticos empregados por todos os antigos, e ainda presentemente pelos povos que não tem uso das letras, em louvar a Divindade, e os grandes homens.

O estylo destes Canticos atrevido, extraordinario, natural com tudo no que he proprio para representar a natureza em os seus transportes, que por esta razão caminha por vivas, e impetuosas sahidas, livre das prizoens ordinarias que pede hum discurso unido, encerrado por outra parte em cadencias numerosas que augmentaõ a sua força, surprendẽ o ouvido, cativaõ a imaginaçaõ, e se imprimẽ mais facilmente na memoria.

Entre todos os povos do mundo, aquelle em que se tem usado mais de taes Canticos, tem sido o Povo de

C 5 Deos

---

(\*) Esta he a verdadeira, e a mais certa origem da Poesia, como se prova das Sagradas Letras, a onde se achaõ mais que em outra parte as suas Leis exactamente executadas. *Nota do Traductor.*

*Num.*  
*XXI.* 14.  
17. 18.  
27. &c.  
*Exod.*  
*XV.*

Deos. Moysés affinalia hum grande numero delles, que denota pelos primeiros versos porque o povo sabia o resto. Elle mesmo compôs dous desta natureza. O primeiro nos pbem diante dos olhos a passagem triunfante do mar vermelho, e os inimigos do Povo de Deos, huns ja affogados, e os outros meio vencidos pelo terror. Pelo segundo Moysés confunde a ingratitude do povo, celebrando as bondades, e as maravilhas de Deos. Os seculos seguintes o imitaraõ. Deos, e as suas maravilhozas obras eraõ quem fazia a materia das Odes que elles compozeraõ; Deos mesmo os inspirava, e propriamente naõ ha outro mais que o Povo de Deos, donde haja vindo a Poetia por Enthusiasmo.

*Deut.*  
*XXXII.*

Jacob havia pronunciado nesta lingua mystica os Oraculos que continhaõ o destino de seus filhos, a fim de que cada Tribo mais facilmente conservasse na memoria o que lhe tocava, e aprendesse a louvar aquelle, que naõ era menos magnifico em as suas predicçoens, que fiel em as cumprir.

Ex-aqui os meios de que Deos se  
ser-

fervio para conservar até Moysés a memoria das cousas passadas. Este grande homem instruido por todos aquelles meios, e altamente elevado pelo Espirito Santo, escreveu as obras de Deos com huma exactidão, e simplicidade que attrahe a crença, e a admiração, não para elle, mas para o mesmo Deos.

A juntou ás cousas passadas, que continhão a origem, e as antigas tradiçoens do Povo de Deos, as maravilhas que Deos obrava actualmente pela sua redempção. Disto não cita aos Israelitas outras testemunhas, mais que os seus olhos. Moyses não lhes conta cousas que se houvessem passado em retiros impenetraveis, e em profundas cavernas: não lhes falla sem fundamento: particulariza, e circunstancia todas as cousas, como hum homem que não teme ser desmentido. Funda todas as suas Leis, e toda a sua Republica sobre as maravilhas que tem visto. Estas maravilhas nada menos eraõ que natureza mudada de repente em diversas occasioens para os libertar, e para punir os seus inimigos; o mar separado em duas partes, e a terra aber-

pelo meio, hum paõ celeste, agoas abundantes tiradas dos rochedos a hum toque de vara, o Ceo que lhes dava hum sinal visível para mostrarlhes a sua marcha, e outros milagres simithantes que elles viraõ durar quarenta annos.

O povo de Israel naõ era mais intelligente, nem mais subtil que os outros povos, que havendo-se entregado aos seus sentidos, nam podiaõ conceber hum Deos invisível. Pelo contrario era grosseiro, e rebelde outro tanto, ou mais que outro algum povo. Mas este Deos invisível em a sua natureza, se tornava de tal sorte sensível por continuos milagres, e Moysés os inculcava com tanta força, que por fim este povo carnal se deixou tocar da idéa taõ pura de hum Deos que obra tudo pela sua palavra, de hum Deos que naõ era senaõ Espírito, razaõ, e intelligencia.

Desta sorte em quanto a Idolatria, taõ grandemente augmentada depois de Abrahaõ, cobria toda a face da terra, só a posteridade deste Patriarcha era della isenta. Os seus inimigos lhes davaõ este testemunho, e os

povos, em que a verdade da tradi-  
 ção não era ainda totalmente extin-  
 cta, exclamavaõ com assombro: *Nam*  
*se ve Idolo em Jacob: nam se ve pre-*  
*sagios supersticiosos: não se ve advi-*  
*nhaçoens, nem sortilegios, este he*  
*hum povo que se fia no Senbor seu Deos,*  
*cujõ poder he invencivel.*

*Num.*  
*XXIII.*  
*21. 22.*  
*23.*

Para imprimir nos coraçõens a  
 unidade de Deos, e a perfeita uni-  
 formidade que requeria no seu culto,  
 Moysés repete muitas vezes, que na  
 terra promettida aquelle Deos Unico  
 escolheria hum lugar, no qual só se  
 fariaõ as festas, os sacrificios, e to-  
 do o serviço publico. Esperando este  
 lugar desejado, em quanto o povo  
 vagava pelo deserto, Moysés fabri-  
 cou o Tabernaculo, Templo portat-  
 til, a onde os filhos de Israel apre-  
 sentavaõ os seus votos ao Deos que  
 havia creado o Ceo, e a terra, e  
 que não recusava, para dizêlo as-  
 sim, viajar com elles, e conduzi-  
 los.

*Deut.*  
*XII. XIV.*  
*XV. XVI.*  
*XVII.*  
*&c.*

Sobre este principio de Religiaõ,  
 sobre este fundamento sagrado estava  
 edificada toda a Lei; Lei santa, jus-  
 ta, benefica, honesta, sabia, pró-  
 yida, e simples, que ligava a so-  
 cie-

cidade dos homens entre si por meo da santa sociedade do homem com Deos.

*Deut.*  
*XXVII.*  
*XXVIII.*  
*Ec.*

A estas santas instituicoens elle ajuntou ceremonias magestosas, festas que renovavaõ a memoria dos milagres pelos quaes o povo de Israel havia sido libertado, e, o que a algum outro Legislador naõ se havia atrevido fazer, seguranças precisas de hum bom successo em tudo em quanto vivessem sujeitos á Lei, em lugar de que a sua desobediencia seria seguida de huma manifesta, e inevitavel vingança. Era preciso viver assegurado por Deos para dar este fundamento ás suas Leis, e o successo justificou que Moysés naõ havia fallado por si mesmo.

Em quanto áquelle grande numero de observancias, de que encarregou aos Hebreos, aindaque agora nos pareçaõ superfluas, eraõ naquelle tempo necessarias para separar o Povo de Deos dos outros povos, e serviaõ como de barreira contra a Idolatria, para que com os outros naõ arrastasse a este povo escolhido.

Pera manter a Religiaõ, e todas as tradiçoens do Povo de Deos, entre

tre as doze Tribos, huma he esco-  
lhida, á qual Deos dá em partilha,  
com os dizimos, e as oblaçoens, o  
cuidado das cousas sagradas: Levi,  
e seus filhos são consagrados a Deos  
como o dizimo de todo o povo. Em  
Levi Aarão he escolhido para ser o  
Soberano Pontifice, e o Sacerdocio  
se faz hereditario na sua familia.

Affim os Altares tem os seus Mi-  
nistros; a Lei tem seus defensores  
particulares, e a continuacão do Po-  
vo de Deos se acha justificada pela  
succesão dos seus pontifices, que  
vem sem interrupção desde Aarão o  
primeiro de todos.

Mas o que havia melhor nesta  
Lei he que preparava o caminho pa-  
ra huma Lei mais angusta, menos  
carregada de ceremonias, e mais fe-  
cunda em virtudes.

Moyfés para ter a este povo na es-  
perança desta Lei, lhe confirma a  
vinda daquelle grande Profeta que  
devia descender de Abraham, de Ila-  
ac, e de Jacob. Deos, diz elle, *Deut.*  
vos suscitará do meio da vossa Na- *XVIII.*  
ção, e da sombra de vossos irmãos, *15. 18.*  
hum Profeta semelhante a mim. Escu-  
taio. Este Profeta semelhante a Moy-  
fés,

fés, Legislador como elle, quem póde ser fenaõ o Messias, cuja doutrina devia algum dia regular, e santificar a todo o mundo?

*Deut.*  
*XXXIV.*  
*10.*

Até elle não devia levantar-se em todo o Israel hum Profeta semelhante a Moysés, a quem Deos fallou face a face, e que deu Leis ao seu povo. Tambem até o tempo do Messias o povo em todos os tempos, e em todas as difficuldades, não se funda fenaõ sobre Moysés. Como Roma reverenciava as Leis de Romulo, de Numa, e das doze taboas, Athenas recorria ás de Solon, como Lacedemonia conservava, e respeitava as de Licurgo, o povo Hebreo allegava continuamente as de Moysés. Finalmente o Legislador nellas havia tam perfeitamente regulado todas as cousas, que ja mais houve necessidade de alterar cousa alguma. Por esta razãõ he que o corpo do Direito Judaico não he huma recopilacãõ de diversas Leis feitas em tempos, e occasioens diferentes. Moysés illustrado pelo Espirito de Deos, havia tudo previsto. Não se vê Ordenacões, nem de David, nem de Salomãõ, nem de Josaphat, ou de Ezequi-

*3. Reg.*  
*II. &c.*



quias, ainda que todos muito zelosos da Justiça. Os bons Principes não tinhaõ mais, que fazer observar a Lei de Moysés, e se contentavaõ com recomendar a seus successores a sua observancia. Accrescentar-lhe, ou tirar-lhe algum artigo, era hum attentado que o povo veria com horror. A cada instante se precisava da Lei para regular, não sómente as festas, os sacrificios, as ceremonias, mas tambem todas as outras acçoens publicas, e particulares, os Juizos, os Contratos, os Matrimonios, as Successoens, os Funeraes, a mesma fórma dos vestidos, e em geral tudo o que diz respeito aos costumes. Não havia outro livro em que se estudasse os preceitos da boa vida. Era preciso folheá-lo, e meditá-lo de noite, e de dia, tirar delle sentenças, e trazê-las sempre diante dos olhos. Por este livro he que os meninos aprendiaõ a ler. A unica regra da educação que hera dada a seus pais, era ensinar-lhes, inculcar-lhes, fazer-lhes observar esta santa Lei, que só podia torná-los sabios desde a sua infancia. Assim devia estar entre as maõs de todos. A<sup>2</sup>lém

*Deut. IV.  
2. XII.  
32. &c.*

lêm da leitura continua que cada hum devia fazer nelle em particular, se fazia todos os sette annos em o anno solemne da remissaõ, e soccego, huma leitura publica, e como huma nova publicaçãõ na festa dos Tabernaculos, a onde todo o povo se ajuntava durante oito dias. Moysés fez depositar junto da Area, o original do Deuteronomio: era este hum compendio de toda a Lei: mas receando que pelo decurso dos tempos fosse alterada pela malicia, ou negligencia dos homens, além das copias que corriaõ entre o povo, della se fazia exemplares authenticos, que, cuidadosamente revistos, e guardados pelos Sacerdotes, e Levitas, faziaõ as vezes dos originaes. Os Reis ( porque Moysés havia bem previsto que este povo quereria por fim ter Reis como todos os outros ) os Reis, digo eu, eraõ obrigados por huma Lei expressa do Deuteronomio, a receberem das maõs dos Sacerdotes, hum daquelles exemplares tam religiosamente correctos, a fim de que o transcrevellem, e o lessem toda a sua vida. Os exemplares, assim revistos por authoridade publica, mere-

reciaõ singular veneraçãõ a todo o povo ; eraõ vistos como sahidos immediatamente das mãs de Moysés , taõ puros , e inteiros como Deos lhos havia dictado. Hum antigo volume desta severa , e religiosa correccãõ havendo sido achado na Casa de Senhor no reinado de Josias , e talvez era este o mesmo original que Moysés havia feito depositar junto da Arca , excitou a piedade daquelle santo Rei , e lhe deo occasiãõ de mover o seu povo á penitencia. Saõ innumeraveis os grandes effeitos que tem obrado em todos os tempos a leitura publica desta Lei. Em huma palavra era este hum livro perfeito , que sendo ajuntado por Moysés á historia do Povo de Deos , lhe ensinava ao mesmo tempo a sua origem , a sua Religiaõ , a sua politica , os seus costumes , a sua Filosofia , tudo aquillo que serve para regular a vida , tudo o que une , e fórma a sociedade , os bons , e os maõs exemplos , a recompensa de hums , e os rigorosos castigos que haviaõ seguido aos outros.

Por esta admiravel disciplina hum povo sahido da escravidãõ , e retido qua-

4. Reg.

XXII.

8. Sc.

2. Par.

XXIV.

14. 8. Sc.

1. Sc.

de XXX

1. Sc.

8. 11. V.

Deut.

XXXI.

*Deut.*  
*XXXII.*

quarenta annos em o deserto, chega todo formado á terra que deve occupar. Moysés o conduz para a porta; e advertido do seu fim proximo, encarrega a Josué o que falta para fazer. Mas antes de morrer compôs aquelle longo e admiravel Cantico que começa por estas palavras. *O' Ceos, ouvi a minha voz: dè a terra ouvidos ás palavras da minha boca.* Neste silencio de toda a natureza falla logo ao povo com huma força inimitavel, e prevendo as suas infidelidades, lhe descobre o seu horror. De repente sahe de si mesmo, como achando todo o discurso humano inferior a hum tão grande assumpto: refere o que Deos disse, e o faz fallar com tanta grandeza, e bondade, que se não sabe que he o que inspira mais, se o temor, e a confusão, se o amor, e a confiança.

*Deut.*  
*XXXI.*  
19. 32.

Por ordem de Deos, e de Moysés todo o povo aprendeo de memoria este Divino Cantico. Depois d'isto morreo contente este grande homem, como quem havia empregado toda a diligencia para conservar entre os seus a memoria dos benefici-  
os,

os, e preceitos de Deos. Deixou a seus filhos no meio dos seus Cidadãos sem distincão alguma, nem estabelecimento extraordinario. Tem sido admirado, não sómente pelo seu povo, mas ainda por todos os povos do mundo; e nenhum Legislador ja mais teve hum tão grande nome entre os homens.

Todos os Profetas que se lhe tem seguido na antiga Lei, e tudo o que nella tem havido de Escriptores sagrados, tem tido a gloria de serem seus Discipulos. Na verdade elle falla como mestre; descobre-se nos seus escriptos hum caracter todo particular, e não sei o que de original, que senão acha em algum outro escriptor: na sua simplicidade tem hum sublime tão magestoso, que nada o pôde igualar; e se ouvindo aos outros Profetas, se crê ouvir homens inspirados por Deos, he para dizer assim, Deos mesmo em pessoa que se crê ouvir na voz, e nos escriptos de Moysés.

Julga-se que elle escreveu o Livro de Job. A sublimidade dos pensamentos, e a magestade do estylo constituem esta Historia digna de  
Moy-

Moyfés. De medo de que os Hebreos se ensoberbessem attribuindo a si fós a graça de Deos, era bom fazer-lhes conhecer que este grande Deos tinha seus escolhidos, mesmo na familia de Esau. Que doutrina era mais importante? E que entertimento mais util podia dar Moyfés ao povo afflicto no deserto, que o da paciencia de Job, que entregue entre as maos de Satanaz para ser experimentado por toda a qualidade de trabalhos, se vê privado dos seus bens, dos seus filhos, e de toda a consolação sobre a terra? Imediatamente depois, ferido por huma horrivel enfermidade, agitado inteiramente pela tentação da blasfemia, e da desesperação, que com tudo permanecendo firme, mostra que huma alma fiel sustida pelo socorro Divino, no meio das experiencias as mais horriveis, e apezar dos mais abominaveis pensamentos que o espirito maligno pode suggerir, sabe, nam sómente conservar huma confiança invencivel, mas tambem elevar-se pelos seus proprios males á mais alta contemplação, e reconhecer nos trabalhos que padece com o nada do

ho-

Ex. l. 1.  
21. 1. 01

Job. l. 1.  
21. 2. 01

Job. l. 1.  
21. 3. 01

Job. XIII  
15. XIV.  
14. 15.  
XVI. 21.  
XXI. 23.  
Ec.

homem, o Supremo Imperio de De-  
 es, e a sua sabedoria infinita: exa-  
 cui o que ensina o Livro de Job. Pa-  
 ra observar o caracter do tempo vê-se  
 a fé do santo homem coroada por pres-  
 peridades temporaes; mas com tudo  
 o Povo de Deos ensina a conhecer  
 qual he a virtude das mortificaço-  
 ens, e a provar a graça que algum dia  
 havia de ser unida á Cruz.

Moyfés a havia provado quando  
 preferio as mortificaçoens, e a igno-  
 minia que devia padecer com o seu  
 povo, as delicias, e a abundancia  
 da casa do Rey do Egypto. Desde  
 entã Deos lhe-fez provar os oppro-  
 brios de Jesus Christo. Ainda mais  
 os experimentou na sua fugida preci-  
 pitada, e no seu desterro de quaren-  
 ta annos. Mas esgotou até o fundo o  
 Caliz de Jesus Christo quando esco-  
 lhido para salvar aquelle povo, lhe  
 foi preciso sepultar as suas rebelio-  
 ens continuas, em que estava em pe-  
 rigo a sua vida: soube o que custa a  
 salvar delle os filhos de Deos, e ma-  
 nifestou de longe o que hum mais al-  
 to livramento devia custar algum  
 dia ao Salvador do mundo.

*Exod. II.  
10. 11. 15.*

*Heb. II,  
24. 25. 26.*

*Num.  
XIV. 10.*

Este grande homem não teve a  
 con-

Rom.  
XV. 20.

consolação de entrar na terra promettida : do alto de hum monte sómente a vio , e não teve vergonha de escrever , que della era excluido por huma incredulidade , que ainda que parecia leve , mereceo ser castigada tão severamente em humi homem , cuja graça era tão eminente. Moysés servio de exemplo ao severo zelo de Deos , e ao juizo que elle exercita com huma tão terrivel exactidão sobre aquelles , que os seus dons obrigaõ a huma fidelidade mais perfeita.

Heb. 7.  
19.

Ibid. 11.  
33.

Mas hum mais alto mysterio se nos mostra na exclusão de Moysés. Este sabio Legislador , que não faz por tantas maravilhas mais que conduzir os filhos de Deos para a vizinhança da sua terra , elle mesmo nos serve de prova , que a sua Lei nada leva para a perfeição , e que sem nos poder dar o complemento das promessas , ella no-las-faz saudar de longe , ou , quando mais , nos conduz como para a porta da nossa herança : este he hum Josué , he hum Jesus , porque era este o verdadeiro nome de Josué , que por este nome , e pelo seu officio representava o Salvador do mun-



mundo: este he aquelle homem, taõ altamente elevado sobre Moysés em todas as cousas, e supèrior sòmente pelo nome que tem; este he aquelle, digo eu, que deve introduzir o Povo de Deos na terra Santa.

Pelas victorias deste grande homem, diante do qual o Jordão torna para trás, os muros de Jericó cahem per si mesmos, e o Sol pára no meio do Ceo; Deos estabalece os seus filhos na terra de Chanaan, da qual expulsa por seu meio os povos abominaveis. Pelo odio que infundia contra elles a seus fies, lhes inspirava hum extremo desvio da sua piedade; e o castigo que lhe deo pelo seu ministerio, os encheo de medo da Justiça Divina, da qual executava os Decretos. Huma parte destes povos que Josué lançou fóra da sua terra, se estabaleceo na Africa, aonde se achou muito tempo depois em huma descripção antiga o monumento da sua fugida, e das victorias de Josué. Depois que estas victorias milagrosas tiverão posto os Israelitas na posse da maior parte da terra promettida a seus pais, Josué, e Eleazar Soberano Pontifice, com os ca-

*Prop. lib.  
2. de bell.  
Vand.*

*Jos. 13.  
14. &*

D

*be. seq.*

- Num.* 36. beças das doze Tribus, lhe fizeram  
 53.34. a partilha, segundo a Lei de Moy-  
 17. sés, e assignaram á Tribu de Judá a  
*Jof.* 14. primeira, e a melhor sorte. Desde o  
 15. tempo de Moysés, ella se havia ele-  
*Num.* 2. vado sobre as outras em numero, em  
 3. 9. 7. valor, e em dignidade. Josué mor-  
 11. 10. reo, e o povo continuou a conquista  
 14. 1. da terra Santa. Deos quiz que a  
*Par.* 5.2. Tribu de Judá marchasse na frente,  
*Jud.* 1.2. e declarou que havia entregado o  
 paiz entre as suas mãos. Na verdade  
 ella destruiu os Chananéos, e to-  
*Ibid.* 4. 8. mou Jerusalem, que devia ser a Ci-  
 dade santa, e a capital do Povo de  
 Deos. Era esta a antiga Salem, em  
 que Melchisedech havia reinado no  
 tempo de Abraham, Melchisedech,  
*Heb.* 7. aquelle *Rei de justiça*, (porque isto  
 he o que quer dizer o seu nome) e  
 no mesmo tempo *Rei de paz*; pois  
 que *Salem quer dizer paz*, que Abra-  
 ham havia reconhecido pelo maior  
 Pontifice que houve no mundo, co-  
 mo se Jerusalem houvesse sido desde  
 então destinada para ser huma Cida-  
 de santa, e a Cabeça da Religião.  
 Esta Cidade foi logo dada aos filhos  
*Jud.* 1.21. de Benjamin, que fracos, e em pe-  
 queno numero, não poderaõ expul-  
 far

far os Jubeceos, antigos habitantes  
 do paiz, e ficaraõ entre elles. No  
 governo dos Juizes o Povo de Deos  
 he diversamente tratado segundo el-  
 le obrava bem, ou mal. Depois da  
 morte dos velhos, que haviaõ visto  
 os milagres da maõ de Deos, a me-  
 moria destas grandes obras se enfra-  
 queceo, e a prõpençaõ uniuersal do  
 Genero humano arrastou o povo para  
 a Idolatria. Tantas vezes nella cahe,  
 e tantas he castigado, e libertado to-  
 ndas as vezes que se arrepende. A fé  
 da Providencia, e a verdade das pro-  
 messas, e das ameaças de Moysés se  
 confirma cada vez mais no coraçãõ  
 dos fieis. Mas dellas ainda Deos pre-  
 parava maiores exemplos. O povo  
 oppedio hum Rei, e Deos lhe deo a  
 Saul, bem cedo reprovado por seus  
 peccados: resolveo por fim estabele-  
 cer huma Familia Real, de donde  
 sairia o Messias, e a escolheo em  
 Judá. David hum moço Pastor des-  
 cendente desta Tribu, o ultimo dos  
 filhos de Jessé, cujo merecimento,  
 nem seu pai, nem a sua familia co-  
 nhecia, mas a quem Deos achou se-  
 gundo o seu coraçãõ, foi consagrado  
 por Samuel em Bethlem; sua patria.

2. Reg.  
16.

## CAPITULO IV.

David, Salomaõ, os Reis, e os  
Profetas.

**A** Qui o Povo de Deos toma huma  
ma forma mais augusta. A co-  
rõa fica firme na Casa de David. Es-  
ta casa começa por dous Reis de ca-  
racter differente, mas ambos admi-  
raveis. David, Guerreiro, e Con-  
quistador, fugeita os inimigos do Po-  
vo de Deos, cujas armas faz temer  
por todo o Oriente; a Salomaõ fa-  
moso dentro, e fora d'elle pela sua  
sabedoria, torna o povo feliz por  
meio de huma paz profunda. Mas a  
continuaçaõ da Religiãõ nos pede a-  
qui algumas reflexoens particulares  
sobre a vida destes dous grandes  
Reis.

David desde logo reinou em Ju-  
dã, poderoso, e victorioso, e ao de-  
pois foi reconhecido por todo o Isra-  
el. Tomou aos Juctibeos a fortaleza  
de Siã, que era a Cidadela de Je-  
rusalem. Senhor desta Cidade, nella  
estabelecco por ordem de Deos a  
Cor-

2. Reg.

5. 6. 7. 8.

3. Par.

11. 6. 7. 8.

1. Par.

2. 16.

Corte da Magestade, e a da Religião. Sião foi a sua residencia: rodeou-a de edificios, e lhe deu o nome de Cidade de David. Joab, filho de sua irmaã, edificou o resto da Cidade, e Jerusaleem tomou huma nova fórma. Os de Judá occuparã todo o paiz; e Benjamin, pequeno em numero, ahi ficou misturado com elles.

A Arca da Alliança, fabricada por Moysés, aonde Deos descansava sobre os Cherubins, e em que as duas Taboas do Decalogo estavam guardadas, não tinha lugar fixo. David a levou em triunfo para Sião, cuja conquista havia feito, ajudado pelo Omnipotente soccorro de Deos, a fim de que Deos reinasse em Sião, e ahi fosse reconhecido como o protector de David, de Jerusaleem, e de todo o Reino. Mas o Tabernaculo em que o povo havia servido a Deos no deserto, estava ainda em Gabaon: e lá he que se offerciaõ os sacrificios sobre o Altar que Moysés havia levantado. Era isto só em quanto se esperava que houvesse hum Templo, aonde o Altar estivesse reunido com a Arca, e aonde se fizesse

2. Reg. 6.  
16.

1. Par.  
16. 39.  
21. 29.

2. Reg. 8.  
1. Par.  
18.

2. Reg.  
24. 25.  
1. Par.  
21. 22.  
E seq.  
Jo sep b.  
ant. 7. 10

todo o serviço. Quando David teve destruido todos os seus inimigos, e levado as conquistas do Povo de Deos até o Eufrates: pacifico, e victorioso voltou todos os seus pensamentos para o estabelecimento do culto Divino; e sobre o mesmo monte em que Abraham, prompto para sacrificar a seu filho unico, foi embaraçado pela maõ de hum Anjo, elle delineou por ordem de Deos o lugar do Templo.

3. Reg.  
6. 7. 8.

Fez todos os desenhos; ajuntou os ricos, e preciosos materiaes; para esta obra destinou os despojos dos povos, e dos Reis vencidos. Mas este Templo, que devia ser disposto pelo Conquistador, devia ser edificado pelo pacifico. Salomaõ o fundou sobre o modello do Tabernaculo. O Altar dos holocaustos, o Altar dos perfumes, o Candieiro de ouro, as Taboas dos paens da proposição, todo o resto dos moveis sagrados do Templo, foi formado sobre o modello das obras semelhantes, que Moysés havia feito fazer no deserto. Salomaõ nada lhe ajuntou mais que a magnificencia, e a grandeza. A Arca que o homem de Deos havia construido foi

2. Par. 3.  
4. 5 6. 7.

foi posta em o Santo dos Santos, lugar inaccessivel, symbolo da impenetravel Magestade de Deos, e do Ceo, prohibido aos homens até que Jesus Christo lhes houvesse aberto a entrada pelo seu sangue. No dia da Dedicacão do Templo, Deos alli se deixou ver na sua Magestade. Escolheu este lugar para nelle estabelecer o seu nome, e o seu culto. Prohibio que se sacrificasse em outra parte. A unidade de Deos foi mostrada pela unidade do seu Templo. Jerusalem veio a ser huma Cidade santa, imagem da Igreja, aonde Deos devia habitar como no seu verdadeiro Templo, e do Ceo, aonde nos tornará eternamente felizes pela manifestacão da sua gloria.

Depois que Salomaõ teve edificado o Templo, tambem edificou o Palacio dos Reis, cuja Architectura era digna de hum tam grande Principe. A sua casa de recreio que se chamou o bosque do Libano era igualmente soberba, e deliciosa. O Palacio que levantou para a Rainha foi hum novo ornamento para Jerusalem. Tudo era grande nestes edificios; as fallas, os corredores, as galari-

3. Reg 7.  
10.

Jarias, os passeios, o Throno do Rei, e o Tribunal em que se fazia a justiça: o cedro foi a unica madeira que empregou nestas obras. Em tudo resplandecia o ouro, e as pedras preciosas. Os Cidadãos, e os Estrangeiros admiravaõ a Magestade dos Reis de Israel. O resto correspondia a esta magnificencia: as Cidades, os Arsenaes, os Cavallos, os Carros, a guarda do Principe. O Commercio, a navegaçaõ, e a boa ordem, com huma paz profunda, haviaõ tornado a Jerusalem a mais rica Cidade do Oriente. O Reino estava soccegado, e abundante; tudo nelle representava a gloria Celeste. Nos combates de David viaõ-se os trabalhos pelos quaes se devia merecer, e via-se no reinado de Salomaõ quanto a sua posse era deliciosa.

Finalmente a elevaçãõ deste dous grandes Reis, e da familia Real foi o effeito de huma eleiçaõ particular. O mesmo David celebra a maravilha desta eleiçaõ por estas palavras: *Deos escolbeo os Principes na Tribu de Judá. Na Casa de Judá, escolbeo a casa de meu Pai. Entre os filhos de meu Pai, foi servido eleger-me para Rei*

3. Reg.  
1c.  
1. Par.!  
8. 9.

1. Par. 28.  
4. 5.



Rei do seu povo de Israel ; e entre os meus filhos ( porque o Senhor me deo muitos ) elegeo a Salomaõ para ser collocado sobre o Throno do Senhor , e para reinar sobre Israel.

Esta eleição Divina tinha hum objecto mais alto que o que á primeira vista parece. Este Messias , tantas vezes prometido como o filho de Abraham , devia tambem ser o filho de David , e de todos os Reis de Judá. Em attençaõ ao Messias , e ao seu reinado eterno foi que Deos prometteo a David que o seu Throno subsistiria eternamente. Salomaõ escolhido para lhe succeder , era destinado para representar a pessoa do Messias. Por esta razão he que Deos disse delle : eu sevei seu Pai , e elle será meu Filho ; cousa que com semelhante força ja mais disse de algum Rei , nem de algum homem.

2. Reg. 7.  
14.  
1. Par. 24  
20.

Tambem no tempo de David , e governando os Reis seus filhos , o misterio do Messias se declarou mais que nunca por Profecias magnificas , e mais claras que o Sol.

David o vio de longe , e o cantou nos seus Psalmos com huma magnificencia sem igual. Muitas v. zes naõ

*Math. 6. 29. 12. 42. Psalm. 71. 5. 11. 17.*  
 pensava senão em celebrar a gloria de Salomão seu filho; e de repente transportado fóra de si mesmo, e levado bem longe de si, vio aquelle *que he mais que Salomão na sua gloria, do mesmo modo que na sabedoria.* O Messias lhe appareceo assentado sobre hum Throno, mais duravel que o Sol, e a Lua. Vio a seus pes todas as Naçoens vencidas, e ao mesmo tempo abençoadas nelle, conforme a promessa feita a Abraham. Levantou os seus olhos ainda mais alto; elle o vio em os resplendores dos Santos, e antes da Aurova, sabindo eternamente do seio de seu Pai, Pontifice eterno, e sem successor, não succedendo tambem a pessoa alguma creada extraordinariamente, não segundo a ordem de Aram, mas segundo a de Melchisedech; ordem nova que a Lei não conhecia. Vio-o sentado á direita do Padre, vendo do mais alto dos Ceos a seus inimigos abatidos. He assombrado por hum tão grande espectaculo, e arrebatado pela gloria de seu filho, elle lhe chama seu Senbor.

Vio que era Deos a quem Deos havia ungido para o fazer reinar sobre toda

toda a terra pela sua doçura, pela sua *Psal. 41.*  
 verdade, e pela sua justiça. Assistio *3. 4. 5. 6.*  
 em espirito ao Concelho de Deos, e *7. 8.*  
 ouvio da propria boca do Padre E-  
 terno aquella palavra que elle enca-  
 minha a seu filho unico: *eu te gerei* *Pfal. 2.*  
*boje,* á qual Deos ajunta a promessa *7. 8.*  
 de hum Imperio perpetuo, que se es-  
 tenderá sobre todos os Gentios, e só-  
 tevá por limites os do mundo. Em *Ibid. 1. 2.*  
 esta murmuraõ os povos, e os Reis, e os *4. 9.*  
 Principes fazem conjuraçoens innute-  
 is. O Senhor se rio do alto dos Ce-  
 os dos seus insensatos projectos, e a  
 pesar delles estabeleceo o Imperio *Ibid. 10.*  
 do seu Christo. Sobre elles mesmos *&c.*  
 o estabeleceo; e he preciso que elles  
 sejaõ os primeiros subditos deste  
 Christo, cujo jugo queraõ sacudir.  
 E ainda que o reinado deste grande  
 Messias seja muitas vezes vaticinado  
 nas Escripturas debaixo de ideas ma-  
 gnificas, Deos não occultou a David  
 as ignominias deste abençoado fru-  
 cto das suas entranhas. Esta instruc-  
 çãõ era necessaria ao Povo de Deos.  
 Se este povo ainda enfermo necessi-  
 tava de ser attrahido pelas promes-  
 sas temporaes, por isso mesmo era  
 preciso não lhes deixar ver as gran-

dezas humanas como a sua soberana  
 felicidade, e a sua unica recompensa :  
 por esta razao he que Deos mostra  
 de longe este Messias por tantas  
 vezes promettido, e tao desejado,  
 o modello da perfeicao, e objecto  
 das suas complacencias, abysmado  
 em a dor. A Cruz apparece a David  
 como o Throno verdadeiro deste  
 grande Rei. Vê as suas mãos, e  
 pés, todos os seus ossos assinalados so-  
 bre a pelle; por todo o pezo do seu  
 corpo violentamente suspendido: os  
 seus vestidos repartidos, a sua tunica  
 posta em sorte, a sua lingua molhada  
 em fel, e vinagre, os seus inimigos  
 blasfemando ao redor delte, e facian-  
 do-se com o seu sangue. Mas vê no  
 mesmo tempo as gloriosas consequen-  
 cias das suas humilhaçoens, todos os  
 povos da terra lembrarem-se do seu De-  
 os, esquecido ha tantos seculos; os  
 pobres virem primeiramente á Mesa  
 do Messias, e depois os ricos, os po-  
 derosos, todos a adorá-lo, e abenço-  
 á-lo, presidindo-lhes na grande, e  
 numerosa Igreja, isto he, na Assem-  
 blea das Naçoens convertidas, e a-  
 hi annunciando a seus Irmaons o nome  
 de Deos, e as suas verdades eternas.

Da-

*Psal.* 21.  
 17. 18. 19.  
*Psal.* 68.  
 22.

*Psal.* 21.  
 8. 13. 14.  
 27. 21. 22.

*Mat.* 23.  
 1. 2. 12.  
 13. 14. 15.  
 16. 17. 18.  
 19. 20. 21.

*Mat.* 23.  
 1. 2. 12.  
 13. 14. 15.  
 16. 17. 18.  
 19. 20. 21.

David que vio estas cousas, reconheceo vendo-as que o Reino de seu filho não era deste mundo. Disto não se admira; porque sabe que o mundo passa; e hum Principe sempre tao humilde sobre o Throno, via bem que hum Throno não era hum bem, em que se devessem terminar as suas esperanças.

Os outros Profetas não tem menos visto o Mysterio do Messias. Nada há grande, nem glorioso que elles não tenham dito do seu reinado. Hum vê *Bethlem a mais pequena Cidade de Judá*, illustre pelo seu nascimento, e no mesmo tempo elevada mais alto; vê hum outro nascimento, pelo qual *sabe de toda a eternidade* do seio de seu Pai: outro vê a Virgindade de sua Mãe: hum *Manoel*, hum *Deos* comnosco sair deste seio Virginal, e hum filho admiravel a quem chama *Deos*. Este o vê entrar em o seu Templo; o outro o vê glorioso na sua *Sepultura*, aonde a morte tem sido vencida. Publicando as suas magnificencias, não calla os seus opprobrios. Elles o viraõ vendido, soberaõ o numero, e o emprego de *trinta dinheiros* pelos quaes

*Mich. 5. 2.*

*If. 7. 14.*

*Ibid. 9. 6.*

*Mal. 3. 1.*

*If. 12. 10.*

*53. 9.*

*Zach. 11.*

*foi 12. 13.*

*If. 52. 13.* foi vendido. Ao mesmo tempo em  
*53. 1.* que o tem visto grande, e elevado, o  
 virão desprezado, e desconhecido no  
 meio dos homens; o assombro do mun-  
 do, assim pela sua baixeza, como  
 pela sua grandeza; o ultimo dos bon-  
 ens, o homem das dores, carregado de  
 todos os nossos peccados, bemfeitor, e  
 desconhecido, desfigurado pelas suas  
 chagas, e com ellas sarando as nossas,  
 tratado como hum criminoso, levado  
 ao supplicio com os mãos, e entregan-  
 do-se como hum Cordeiro innocente,  
 pacificamente á morte; huma longa  
 posteridade nascer delle por este meio,  
 e a vingança soltada sobre o seu povo  
*Dan. 9.* incredulo. A fim de que nada faltas-  
 se á Profecia, contaraõ os annos até  
 á sua vinda, de maneira que só es-  
 tando cego he que se póde deixar de  
 o conhecer.

Não sómente os Profetas viaõ a  
 Jesus Christo, mas tambem eraõ a  
 sua figura, e representavaõ os seus  
 Mysterios, principalmente o da  
 Cruz. Quasi todos elles tem soffrido  
 perseguiçaõ pela justiça, e nos tem  
 figurado nas suas mortificaçoens a in-  
 nocencia, e a verdade perseguida  
 em Nosso Senhor, Vê-se Elias e Eli-  
 seu

seu sempre ameaçados. Quantas vezes Isaias foi o rizo do povo, e dos Reis, que por fim, como tráz a tradiçã constante dos Judeos, o sacrificaraõ ao seu furor? Zacharias filho de Joadá, he apedrejado: Ezechiel apparece sempre afflito e os males de Jeremias saõ contiunos, e inexplicaveis. Daniel se vê duas vezes no meio dos Leons. Todos tem sido contraditos, e mal tratados, e nos tem mostrado, pelo seu exemplo, que se a enfermidade do antigo povo pedia em geral ser sustida pelas bençoens temporaes, com tudo os fortes de Israel, e os homens de huma santidade extraordinaria, se sustentavaõ com o paõ da afflicçã, e bebiaõ anticipadamente para se santificarem no Caliz preparado para o Filho de Deos; Caliz outro tanto mais cheio de amargura, quanto a pessoa de Jesus Christo era mais santa.

Mas o que os Profetas viraõ mais claramente, e o que tambem declarã nos termos os mais magnificos, he a bençaõ derramada sobre os Gentios pelo Messias. *Este pimpolho de Jesse*, e de David appareceo no santo Profeta Isaias, como hum  
figural

*Ij. 11. 10.*  
*Ibd. 52.*  
*13. 14. 15.*  
*53.*  
 signal dado de Deos aos povos, e aos Gentios, a fim de que os invocassem. O homem de dores, cujas chagas deviaõ de fazer a nossa cura, era escolhido para lavar os Gentios por meio de huma sancta aspersão, que se reconhecía no seu sangue, e no bautismo. Os Reis occupados do respeito na sua presença, não se azeviaõ a abrir a boca diante d'elle. Os que nunca ouviraõ fallar d'elle, o viaõ; e aquelles por quem era desconhecido, são chamados para o contemplarem. Este he a testemunha dada aos povos; este he a cabeça, e o Mestre dos Gentios. Debaixo d'elle, hum povo desconhecido se ajuntará ao povo de Deos, e os Gentios para abi correrãõ de todas as partes. Elle he o justo de Siao, que se elevará como huma luz; este he o seu Salvador, que estará accendido como huma tocha. Os Gentios verãõ a este Justo, e os Reis conhecerãõ a este homem tao celebrado nas Profecias de Siao.

*Ibid. 42.*  
*1. 2. 3. 4. 5.*  
*6. 46. 9.*  
 Aqui está ainda melhor descripto, e com hum caracter particular. Hum homem de huma doçura admiravel, singularmente escolhido por Deos, e o objecto das suas complacencias, de-  
 clara,



*clara, aos Gentios o seu juizo: as  
 Ilhas esperão a sua Lei. Assim he que  
 os Hebreos chamaõ a Europa, e os  
 paizes distantes. Não fará algum es-  
 trondo: apenas será ouvido, tanto  
 será doce, e pacifico. Nam pizará  
 com os seus pés buma cana quebrada,  
 nem apagará buma minima parte de  
 hum panno queimado que fumeja. Lon-  
 ge de opprimir os enfermos, e os  
 peccadores, a sua voz caritativa os  
 chamará, e a sua benefica mão será  
 o seu apoio. Abrirá os olhos dos ce-  
 gos, e tirará os cativos da sua pri-  
 são. O seu poder não será menor que  
 a sua bondade. O seu caracter essen-  
 cial he ajuntar ao mesmo tempo a  
 doçura com a efficacia: por esta ra-  
 zão he que aquella voz tam doce  
 passará em hum momento de huma  
 extremidade do mundo para a outra,  
 e sem causar alguma sedição entre  
 os homens, ella excitará a toda a  
 terra. Não he aspero, nem impe-  
 tuoso, e aquelle que apenas era co-  
 nhecido quando apparecia na Ju-  
 dea, não será samente o fundamen-  
 to da Alliança do povo, mas tão-  
 bem a luz de todos os Gentios. De-  
 baixo do seu reinado admiravel, or  
 Af-*

*Affirios, e os Egipcios não formarão mais com os Israelitas senão hum mesmo povo de Deos. Tudo vem a ser Israel, e tudo vem a ser santo. Jερusalem não he mais huma Cidade particular; he a imagem de huma nova sociedade, aonde todos os povos se ajuntão: a Europa, a Africa, a Azia recebem os prégadores, nos quaes Deos por o seu final a fim de que descubraõ a sua gloria aos Gentios. Os escolhidos, até entã chamados pelo nome de Israel, terão outro nome, em que será afinalado o complemento das promessas, e hum amen bem aventurado. Os Sacerdotes, e os Levitas, que até entã nasciam de Aaraõ, nasceraõ dahi em diante do meio da Genti-  
*lidade: hum novo sacrificio mais puro, e agradavel, que os antigos, será substituido no seu lugar, e se saberá porque David havia celebra-  
do hum Pontifice de huma nova Or-  
dem. O justo descera do Ceo como hum orvalho; a terra produzirá seu pimpolho, e este será o Salvador, com o qual se verá nascer a justiça. O Ceo, e a terra se unitão para produzi-  
rem como de hum commum parto*  
aque-*

*If. 60. 1.  
 2. 3. 4. 11.  
 61. 61. 1.  
 2. 3. 11.  
 62. 1 2.  
 11. 65. 1.  
 2. 15. 16.  
 66. 19.  
 20. 21.*

*Malach.  
 1. 109. 41.*

*Psal. 10.  
 If 45. 8.  
 23. 24.*

aquelle que será ao mesmo tempo celeste, e terrestre: novas idéas de virtude appareceram ao mundo nos seus exemplos, e na sua doutrina, e a graça que elle derramar os imprimirá em os corações. Tudo se muda com a sua vinda, e Deos jurava per si mesmo, que todo o joelho se dobrará diante d'elle, e que toda a lingua reconhecera o seu Soberano poder.

Exaqui huma parte das maravilhas que Deos tem mostrado aos Profetas no tempo dos Reis, filhos de David, e a David antes de todos os mais. Todos escrevem anticipadamente a Historia do Filho de Deos, que tambem devia ser feito filho de Abrahaõ, e de David. Assim he que tudo he seguido na ordem dos concelhos Divinos. Aquelle Messias mostrado de longe como o filho de Abrahaõ, he tambem mostrado de mais perto como o filho de David. Hum exemplo eterno lhe he promettido, o conhecimento de Deos espalhado por todo o mundo, he notado com o final certo, e com o fructo da sua vinda; a converção dos Gentios, e abenção de todos

os povos do mundo promettida del-  
de, tão longos tempos a Abrahão,  
a Isaac, e a Jacob, he novamente con-  
firmada, e todo o Povo de Deos  
vive nesta esperança.

2. Reg.

7. 8. &

seq. 4

3. Reg.

9. 4. &

seq.

2. Par. 7.

17. & seq.

2. Reg.

11. 12.

& seq.

Entre tanto Deos continua em o  
governar por huma maneira admi-  
ravel. Faz hum novo pacto com Da-  
vid, e se obriga a proteger a elle,  
e aos Reis seus descendentes, se se  
regularem pelos preceitos que lhes  
deu por Moylés, se não lhes annun-  
cia rigorosos castigos. David, que  
se esquece por hum pouco de tem-  
po, os experimenta primeiro; mas  
havendo reparado a sua culpa pela  
sua penitencia, he carregado de  
bens, e proposto como modello de  
hum Rei perfeito. O Throno se fir-  
mon na sua casa. Salomão seu fi-  
lho he feliz em quanto imita a sua  
piedade, prevarica na sua velhice,  
e Deos que o poupa por amor do  
seu servo David, lhe annuncia que  
o castigará na pessoa de seu filho.  
Assim mostra aos pais que segundo  
a ordem occulta dos seus juizos,  
faz durar depois da sua morte as  
suas recompensas, ou os seus cas-  
tigos; e os conserva sujeitos ás su-  
as

4. Reg. 11.

as Leis pelo seu interesse o mais amado; isto he, pelo interesse da sua familia. Em execucao destes Decretos, Roboão temerario por si mesmo, he entregado a hum conselho incensato: o seu Reino fica com menos dez Tribus. Em quanto ellas dez Tribus rebeldes, e schismaticas se separaõ do seu Deus, e do seu Rei, os filhos de Judá, fieis a Deus, e a David, seu escolhido, permanessem na Alliança, e na fé de Abrahão. Os Levitas se juntaõ a elles com Beinjamin; o Reino do Povo de Deus subsiste por meio da uniaõ debaixo do nome do Reino de Judá; e a Lei de Moysés nelle se conserva inteiramente observada. A pezar das Idolatrias, e da espantosa corrupçaõ das dez Tribus separadas, Deus se lembra da sua Alliança com Abraham, Isaac, e Jacob. Não se extingue a sua Lei entre aquelles rebeldes: não cessa de os chamar para a penitencia por innumeraveis milagres, e pelas continuas advertencias que lhes envia pelos seus Profetas. Badurecidos em o seu crime, não os pôde mais suportar, e os expulsa da terra promet-

3. Reg. 12.

3. Reg. 12.  
 3. Reg. 12.  
 3. Reg. 12.  
 3. Reg. 12.  
 3. Reg. 12.  
 3. Reg. 12.  
 3. Reg. 12.  
 3. Reg. 12.  
 3. Reg. 12.  
 3. Reg. 12.

11. Reg. 17.

4. Reg. 17.  
 6. 7. 8.  
 seq.

mettida sem esperança de nella jamais serem restabelecidos.

Tob. 1. 5.  
6. 7.

A Historia De Tobias succedi-  
da naquelle mesmo tempo, e nos  
principios do cativeiro dos Israelitas,  
nos manifesta a conducta dos  
escolhidos de Deos, que ficaraõ nas  
dez Tribus separadas. Este santo ho-  
mem vivendo entre elles antes do  
cativeiro, soube naõ sómente con-  
servar-se puro das Idolatrias de se-  
us irmaõs, mas tambem praticar a  
fé, e adorar a Deos publicamente  
em o Templo de Jerusalem, sem  
que os máos exemplos, nem o me-  
do lhe servissem de embaraço. Ca-  
tivo, e perseguido em Ninive, pre-  
filiõ na piedade com a sua fami-  
lia: e a maneira admiravel porque  
elle, e seu filho saõ recompensa-  
dos da sua fé, ainda cá na terra,  
mostra que apezar do cativeiro, e  
da perseguiçaõ, Deos tinha meios  
ocultos para fazer sentir aos seus  
fervos as benções da Lei, e levan-  
do-os com tudo por males que ti-  
nham para soffrer a mais altos pen-  
samentos pelos exemplos de Tobias,  
e pelas suas santas advertencias, os  
Israelitas eraõ excitados a reconhe-  
rem,

cerem, ao menos debaixo da vara, a mão de Deus que os castigava; mas quasi todos persistião na obstinaçãõ: os de Judá em lugar de se aproveitarem dos castigos de Israel, imitavaõ os seus máos exemplos. Deus não cessa de os advertir pelos seus Profetas, que de repente lhes envia: *vellando de noite, e madrugando de manhã*, como elle mesmo diz para exprimir os seus cuidados paternos. Disgostoso pela sua ingratiçãõ, irrita-se contra elles, e os ameaça com hum tratamento igual ao que praticou com seus Irmaõs rebeldes.

4. Reg. 17.  
9. 23. 6.  
27.  
2. Par. 36.  
15.  
Jer. 29.  
19.

CAPITULO V.

*A vida, o Ministerio Profetico, e os Juizos de Deus declarados pelos Profetas.*

**N**ada ha mais notavel na Historia do Povo de Deus que este ministerio dos Profetas. Vê-se homens separados do resto do povo por hum *vida retirada*, e hum traje

1. Reg.  
28. 14.

par-

- particular. Tem habitações em que  
 são vistos viverem em huma espe-  
 cie de comunidade debaixo de  
 hum superior que Deos lhes dava.
3. Reg. 19. 19.  
 4. Reg. 1. 8.  
*If.* 20. 2.  
*Zach.* 13. 5.
- A sua vida pobre, e penitente era  
 a figura da mortificação, que devia  
 ser annunciada no Evangelho. Deos  
 se communicava a elles por hum mo-  
 do particular, e fazia brilhar aos  
 olhos do povo aquella maravilha-  
 sa communicação; mas jamais ella  
 brilhava com tanta força, como nos  
 tempos da desordem, nos quaes  
 parecia que a Idolatria hia abolir  
 a Lei de Deos. Nestes infelizes  
 tempos faziaõ os Profetas soar de  
 todas as partes, e de viva voz,  
 e por escripto as ameaças de Deos,  
 e o testemunho que davaõ á sua  
 verdade. Os escriptos, que faziaõ,  
 andavaõ entre as mãos de todo o  
 povo, e eraõ cuidadosamente con-  
 servados em memoria perpetua pa-  
 ra os seculos futuros. Os do povo  
 que pertiliaõ fies a Deos, se uniaõ  
 a elles; e até vemos que em Israel,  
 a onde reinava a Idolatria, quan-  
 tos fies haviaõ celebravaõ com os  
 Profetas o Sabbado, e as festas es-  
 tabellecidas pela Lei de Moyses.
- Exeod.* 17. 14.  
*If.* 30. 8.  
 34. 16.  
*Jer.* 22. 30. 26. 2.  
 11. 36.  
 2. Par. 36. 22.  
 1. *Esd.* 3. 1.
- Es-



Estes eraõ os que animavaõ a gente de bem a que permanecessem firmes na Alliança. Muitos destes soffreraõ a morte: e ao seu exemplo se vio nos peores tempos, isto he, no mesmo reinado de Manassés, huma infinidade de fieis derramarem o seu sangue pela verdade, de forte, que não tem existido hum só momento sem testemunho.

Assim a sociedade do Povo de Deos subsistia sempre: os Profetas nella viviaõ unidos; hum grande numero de fieis persistia altamente na Lei de Deos com elles, e com os *sacrificadores, filhos de Sadoch*, que como diz Ezequiel, *nos tempos da prevaricaçaõ, haviaõ persistido na observancia das ceremonias do Sanctuario.*

Com tudo a pezar dos Profetas; a pezar dos Sacerdotes fieis, e do povo unido com elles na pratica da Fé, a Idolatria que havia arruinado a Israel, arrastava taõbem frequentemente na Judéa os Princepes e a maior parte do povo. Aindaque os Reis se esquecessem do Deos de seus pais, elle supportou por muito tempo as suas iniquidades por

E.                      causã

causa de David seu servo. David sempre está presente aos seus olhos. Quando os Reis filhos de David, seguem os bons exemplos de seu pai, Deos obra pafmosos milagres em seu favor: mas elles sentem quando degeneraõ, a força invencivel da sua maõ, que sobre elles se descarrega. Os Reis do Egypto, o Rei da Syria, e sobre tudo os da Assyria, e de Babylonia, servem de instrumento á sua vingança. A impiedade se augmenta, e Deos suscita no Oriente hum Rei mais soberbo, e formidavel que todos os que até entã lhe haviaõ precedido: este he Nabuchodonosor, Rei de Babylonia, o mais terrivel dos Conquistadores. Elle o mostra de longe aos povos, e aos Reis como o vingador destinado para os punir. Aproxima-se, e o terror caminha diante del-le. Toma pela primeira vez a Jerusalem, e transporta para Babylonia huma parte dos seus habitantes. Nem os que ficãõ no paiz, nem os que saõ transportados, ainda que advertidos huns por Jeremias, outros por Ezequiel, fazem penitencia. Preferem a estes Santos Profetas,

*Jer. 25.  
Ec.  
Ezech.  
26. Ec.  
4. Reg.  
24. 1.*

tas, os que lhes pregavaõ illusões,  
e os lisongeavaõ nos seus crimes. O  
vingador volta para a Judéa, e o  
jugo de Jerusalem se agrava; mas  
naõ he totalmente destruida. Em fim  
a iniquidade chega ao seu cume;  
a soberba cresce com a fraqueza;  
Nabuchodonosor põe tudo em pó.

2. Par;

36.

Jer. 1. 4;

34.

1. Reg.

25.

Deos naõ poupa o seu Sanctuario.  
Este bello Templo, o ornamento do  
mundo, que devia ser eterno se  
os filhos de Israel hovessem perse-  
verado na piedade, foi consumido  
pelo fogo dos Assyrios. Em vaõ os  
Judeos diziam continuamente, o  
Templo de Deos, o Templo de Deos,  
o Templo de Deos, está entre nós,  
como se este Templo sagrado só fos-  
se obrigado a protegêlos. Deos havia  
resolvido mostrar-lhes que naõ esta-  
va ligado a hum edificio de pedra,  
mas que queria achar coraçõens si-  
eis. Assim destruiu o Templo de Je-  
rusalem, e deo á pilhagem os seus  
thesouros, e tantos ricos vasos con-  
sagrados pelos Reis piedosos, foraõ  
abandonados a hum Rei impio.

4. Reg. 21;

7. 8.

3. Reg.

9. 3.

Jer. 7.

Mas a queda do Povo de Deos  
devia ser a instrucção de todo o

o povo de Deos. E a instrucção de todo o

o povo de Deos. E a instrucção de todo o

mundo. Nós vemos na pessoa deste Rei impio, e junctamente victorioso, o que são os Conquistadores. Pela maior parte não são mais que os instrumentos da vingança Divina. Deos exercita por elles a justiça, e depois a exercita sobre elles mesmos. Nabuchodonosor revestido do poder Divino, e constituido invencivel por este ministerio, castiga a todos os inimigos do povo de Deos, destroe os Idomeneos, os Amonitas, e os Moabitas, e abate os Reis da Syria: o Egypto debaixo do poder do qual a Judéa havia tantas vezes gemido, he a preza deste Rei soberbo, e lhe vem a ser tributario: o seu poder não he menos fatal a Judéa mesma, que não sabe aproveitar-se das dilacões que Deos lhe dá. Tudo cahe, tudo he abatido pela Justiça Divina, da qual Nabuchodonosor he o ministro: elle cahirá a seu tempo, e Deos, que usa da mão deste Principe para castigar os seus filhos, e abater os seus inimigos, o reserva para a sua mão omnipotente.

4. Reg. 36.  
 7.

## CAPITULO VI.

*Juizos de Deos sobre Nabuchodonosor, sobre os Reis seus successores, e sobre todo o Imperio de Babylonia.*

**N**ÃO consentio que seus filhos ignorassem o destino daquelle Rei que os castigava, e do Imperio dos Caldeos, debaixo do qual devião ser cativos. Temendo que fossem allombrados pela gloria dos impios, e pelo seu reinado orgulhoso, os Profetas lhes annunciavaõ a sua curta duraçaõ. Ifaias que vio a gloria de Nabuchodonosor, e a sua louca soberba muito tempo antes do seu nascimento predisse a sua queda repentina, e a do seu Imperio. Babylonia não era quasi nada quando este Profeta vio o seu poder, e hum pouco depois a sua ruina. Assim as revoluções das Cidades, e dos Imperios, que atormentavaõ o Povo de Deos, ou se aproveitavaõ da sua perda, eraõ escriptas nas suas Profecias. Estes oraculos eraõ seguidos

*If. 12. 14.  
21. 4. 5.  
46. 47. 48.*

de humia prompta execuçaõ; e os Judéos taõ aspera mente castigados, vieraõ a cahir antes delles, ou com elles, ou hum pouco depois, segundo as predicções dos seus Profetas; naõ sómente Samaria, Idumêa, Gaza, Ascalon, Damasco, as Cidades dos Amonitas, e dos Moabitas seus perpetuos inimigos, mas tambem as Capitaes dos grandes Imperios, mas Tyro a senhora do mar, mas Tanais, mas Memphis, mas Thebas, a de cem portas com todas as riquezas do seu Sezostris, mas a mesma Ninive, a Corte dos Reis da Assyria, seus perseguidores, mas a soberba Babylonia, vencedora de todas as outras, e rica dos seus despojos.

He verdade que Jerusaleem acabou no mesmo tempo pelos seus peccados: mas Deos naõ a deixou sem esperança. Isaias, que havia profetizado a sua perda, havia visto o seu glorioso restabelecimento, e lhe havia mesmo nomeado Cyro seu libertador, duzentos annos antes que fosse nascido. Jeeremias cujas predicções haviaõ sido taõ precisas para assinalar a este povo ingra-

to a sua perda certa, lhe havia pro- *Dan. 2;*  
mettido a sua volta depois de se- *46.*  
tenta annos de cativoiro. No espaço *Dan. 4. 1;*  
destes annos aquelle povo abatido  
era respeitado em os seus Profetas;  
aquelles cativos pronunciavaõ aos  
Reis, e aos povos os seus terriveis *Ibib. 26.*  
destinos. Nabuchodenosor, que que- *Jer. 27.*  
ria fazer-se adorar, adora elle mes-  
mo a Daniel assombrado pelos segre-  
dos Divinos, que lhe descubria.  
Ouve da sua boca a sua sentença,  
a qual bem cedo vê executada. Este  
Principe glorioso triunfava em Ba-  
bylonia, a qual fez a maior Cidade,  
a mais forte, e a mais bella que o  
Sol ja mais vio. Lá era que Deos o  
esperava para aniquilar a sua sober-  
ba. Feliz, e invulneravel, para as-  
sim fallar, na frente dos seus ex-  
ercitos, e durante todo o curso das  
suas Conquistas, devia acabar na sua *Exod. 21;*  
casa segundo o Oraculo de Ezequi- *30.*  
el, quando admirando a sua gran-  
deza, e a formosura de Babylonia,  
se elleva sobre a humanidade, Deos  
o fere, o degrada de racional, e *Dan. 4.*  
o põe entre os brutos. Chega ao *32.*  
tempo assignallado por Daniel, e re-  
conhece o Deos do Ceo que lhe ha-

via feito sentir o seu poder: mas os successores não se aproveitão do seu exemplo. As cousas de Babylonia se confundem, e entre todas estas desordens chega o tempo affinalado pelos Profetas para o restabelecimento de Judá. Cyro apparece na frente dos Medos, e dos Persas: tudo cede a este formidavel Conquistador. Adianta-se lentamente para os Chaldeos, e a sua marcha he muitas vezes interrompida. As noticias da sua vinda vem de tarde em tarde, como havia profetizado Jeremias; emfim elle se determina. Babylonia muitas vezes ameaçada pelos Profetas, e sempre soberba, e impenitente, vê chegar o seu vencedor a quem ella despreza. Suas riquezas, suas altas muralhas, seu povo innumeravel, seu prodigioso recinto, que fechava todo hum grande paiz, como attestaõ todos os Antigos, e as suas provisões infinitas lhe inchaõ o coração. Situada durante hum longo tempo, sem sentir alguma incommodidade, ella se ri dos seus inimigos, e dos fossos que Cyro abria ao redor della: alli não se falla mais que de

fes-

*Herod.*  
*lib. 1.*  
*Xenoph.*  
*lib. 2. 3.*  
*Ec. Pa-*  
*dag.*  
*Jer. 51.*  
*46.*

*Herod.*  
*lib. 1.*  
*Xenoph.*  
*lib. 7. Pa-*  
*dag.*  
*Ar. 3.*  
*Yelit.*  
*01. 01.*

*Dan. V.*



festas, e de prazeres. O seu Rei Balthasar, neto de Nabuchodonosor, tão soberbo como elle, mas menos sabio, faz huma festa solemne a todos os Senhores. Esta festa he celebrada com excessos inauditos. Balthasar faz trazer os Vasos Sagrados, roubados do templo de Jerusalem, e mistura aprofanação com o luxo. A colera de Deos se declara; huma mão Celeste escreve palavras terriveis sobre a parede da sala, donde se fazia a festa. Daniel interpetra o seu sentido; e este Profeta, que havia profetizado a queda funesta do avô, tambem manifesta ao neto o raio que vai partir, para o consumir. Em execução do Decreto de Deos, Cyro abre de repente huma entrada em Babylonia. O Eufrates divertido em os fossos que lhe preparava havia muito tempo, lhe descobre o seu leito immenso, e entra por esta passagem inopinada. Assim foi entregada em preza aos Medos, e aos Persas, e a Cyro, como haviaõ dito os Profetas, aquella soberba Babylonia. Assim acabou com ella o Reino dos Caldeos, que havia destruido tantos outros Reinos,

e o martello que havia quebrado a  
 todo o mundo, foi tambem quebrado.  
 If. 14.5.6. Jeremias o hav a profetizado. O Se-  
 nhor rompeo a vara com que b. via  
 ferido a tantas Nações: Haia o ha-  
 via previsto. Os povos acostumados  
 ao jugo dos Reis Caldeos, os vem  
*Ibid.* 10. tambem debaixo do jugo. Vós exa-  
 qui, disserão elles, feridos como nós;  
 vós vistes a ser similtantes a nós;  
 vós que dizeis em vosso coração, eu  
*Ibid.* 21.9. elevarei o meu Throno sobre os Astros;  
 e ferei similtante ao Altissimo. Isto he  
 o que havia pronunciado o mesmo  
*Ibid.* 46.1. Haia. Cabe, cabe, como o havia  
 dito este Profeta, esta grande Ba-  
 bylonia, e os seus Idolos são despe-  
 daçados. Bel he lançado por terra; e  
 Nabú, seu grande Deus, do qual  
 os Reis tomavaõ o nome, cabe por  
 terra, porque os Persas seus inimi-  
 gos, adoradores do Sol, não soffri-  
 ão Idolos, nem Reis a quem se desse  
 o culto de Divindades. Mas como a-  
 cabou esta Babylonia? Como os Pro-  
 fetas o haviaõ declarado. Seccavaõ-  
 se as suas agoas, como havia pr-  
 fetizado Jeremias, para dar passa-  
 gem ao seu vencedor; embebedada,  
 adormecida, entregada pela sua pro-  
 pria

pria alegria, segundo o mesmo Profeta, acha-se no poder dos seus inimigos, e preza como em hum laço sem o saber. Passasse ao fio da espada todos os seus habitantes; porque os Medos, seus vencedores, como havia dito Isaías, não procuravaõ nem ouro, nem prata, mas a vingança, mas fartar o seu odio por meio da perda de hum povo cruel, a quem a sua soberba fazia inimigo de todos os povos do mundo. Os correios vinhaõ hum sobre outro annunciar ao Rei que o inimigo entrava na Cidade: Jeremias assim o havia notado. Os seus Astrologos em quem ella cria, e que lhe promettiaõ hum Imperio eterno, não a poderaõ salvar ao seu vencedor. He Isaías, e Jeremias os que de hum commum acordo o annunciaõ. Naquelle estpantoso estrago os Judeos advertidos de longe, somente escaparaõ á espada do vencedor. Cyro por meio desta conquista vindo a ser o Senhor de todo o Oriente, reconhece neste povo, tantas vezes vencido, não sei o que de Divino. Arrebatado dos Oraculos, que haviaõ vaticinado as suas victorias, confessa que deve o seu Imperio

7. Par. 36. perio ao Deos do Ceo, a quem os Ju-  
 22. deos serviaõ, e affinala o primeiro  
 1. Eslr. anno do seu reinado pelo restabele-  
 1. 2. cimento do seu Templo, e do seu  
 povo.

## CAPITULO VII.

*Diversidade dos Juizos de Deos: ju-  
 zo de vigor sobre Babylonia; ju-  
 zo de misericordia sobre Je-  
 rusalem.*

**Q**uem naõ admiraria aqui a Pro-  
 videncia Divina, taõ eviden-  
 temente declarada sobre os Ju-  
 deos, e sobre os Chaldeos, sobre  
 Jerusalem, e sobre Babylonia! Deos  
 quer castigar a estas duas Nações, e  
 a fim de que se naõ ignore que he el-  
 le quem o faz, he servido declaral-  
 lo por cem Profetas. Jerusalem, e  
 Babylonia ambas ameaçadas no mes-  
 mo tempo, e pelos mesmos Profe-  
 tas, cahem huma depois da outra  
 no tempo affinalado. Mas Deos de-  
 cobre aqui o grande segredo dos  
 dous castigos de que se serve; hum  
 cas.

castigo de rigor sobre os Chaldeos, hum castigo paternal sobre os Judeos; que são seus filhos. A soberba dos Chaldeos (este era o caracter da Nação, e o espirito de todo aquelle Imperio) fica para sempre abatida. *Cabio o soberbo, e não se levantará*, dizia Jeremias, e Isaías antes d'elle, *Babylonia a gloriosa, da qual os Chaldeos insolentes se ensoberbecião, tem sido feita semelhante a Sodoma, e Gomorra, a quem Deos não deixou algum recurso. Não succedeo assim aos Judeos: Deos os castigou como filhos desobedientes, que torna a reduzir á sua obrigação por meio do castigo; e depois penetrado pelas suas lagrimas se esquece dos seus crimes. Não temas, ó Jacob, diz o Senhor, porque eu sou comtigo; eu te castigarei com justiça, e não te perdoarei como se fosses innocente; mas não te destruirei como destruí as Nações, entre as quaes eu te espalhei. Por esta razão he que Babylonia, tirada para sempre aos Chaldeos, he entregada a outro povo, e Jerusaleem restabelecida por huma mudança maravilhosa, vê tornarem a vir seus filhos de todas as partes.*

## CAPITULO VIII.

*Redempção do Povo governando Zorobabel, Esdras, e Nehemias.*

**Z**orobabel da Tribu de Judá, e do sangue dos Reis, foi quem os resgatou do cativeiro. Os de Judá recothem-se em turba, e enchem a todo o paiz. As dez Tribus dispersas se perdem entre os Gentios, excepto aquelles, que debaixo do nome de Judá, e reunidos debaixo das suas bandeiras, entraõ na terra de seus pais.

Entre tanto o Altar novamente se erige, o Templo se restabelece, os muros de Jerusaleem se tornaõ a levantar. A inveja dos povos vizinhos he reprimida pelos Reis da Persia, que vem a ser os protectores do Povo de Deos. O Pontifice torna a entrar no exercicio com todos os Sacerdotes, que prováraõ a sua descendencia pelos registros publicos: os outros são regeitados. Esdras Sacerdote, e Doutor da Lei, e Nehemias Governador, reformaõ todos

os abusos que o cativoiro havia introduzido, e fazem observar a Lei em toda a sua pureza. O povo chora com elles as transgressões que lhes havia causado aquelles grandes castigos, e reconhece que Moysés os havia profetizado. Todos ao mesmo tempo lem nos santos Livros as ameaças do homem de Deus; vem o seu complemento: o Oraculo de Jeremias, e a redempção taõ promettida depois de setenta annos de cativoiro, os affombra, e os consola: adorã os Juizos de Deus, e reconciliados com elle, vivem em paz.

2. Esdr. 12

8. 9.

1. Esdr.

1. 1.

CAPITULO IX.

Deos prompto para fazer cessar as Profecias, derrama as suas luzes mais abundantemente.

**D**Eos, que obra tudo em o seu tempo, havia escolhido aquelle para fazer cessar os caminhos extraordinarios, isto he, as Profecias

no seu povo, desde então bastante-  
mente instruído. Faltava perto de  
quinhentos annos para chegar aos  
dias do Messias. Deos facultou á  
Mageslade de seu Filho o fazer cal-  
lar os Profetas durante todo este  
tempo, para ter o seu povo na espe-  
rança daquelle, que devia ser o  
complemento de todos os seus Ora-  
culos.

Mas para o fim dos tempos em  
que Deos havia resolvido pôr fim ás  
Profecias, parecia que queria der-  
ramar todas as suas luzes, e desco-  
brir todos os conselhos da sua Pro-  
videncia: tanto elle exprimio clara-  
mente os segredos dos tempos futu-  
ros.

*Dan. 2.* Durante o cativeiro, e principal-  
3-5-8-27. mente perto dos tempos em que ha-  
via acabar, Daniel venerado pela  
sua piedade, até pelos Reis inheis,  
e occupado pela sua prudencia nos  
maiores negocios do seu Estado, vio  
por ordem, por diversas vezes, e  
debaixo de figuras diferentes, qua-  
tro Monarquias, debaixo das quaes  
devião viver os Israelitas. Elle as  
affinalla pelos seus caracteres pro-  
pios. Vê-se pallar como huma tor-  
ren-

*Ib. 2. 7. 8.*  
10. 11.  
*Ib. 7. 6. 8.*  
21. 22.



rente o Imperio de hum Rei dos Gregos; este era o de Alexandre. Pela sua queda se vê estabelecer-se outro Imperio menor que o seu, e enfraquecido pelas suas divisões: este he o dos seus successores, entre os quaes ha quatro assignallados na Profecia: Antipatro, Seleuco, Ptolomeo, e Antígono, são visivelmente denotados. He constante pela historia, que elles foraõ mais poderosos que os outros, e os unicos, cujo poder tem passado a seus filhos. Vê-se as suas guerras, os seus zelos, as suas enganosas alianças; a dureza, e a ambição dos Reis da Syria; a soberba, e os outros finaes que denotaõ a Antiocho o Ilustre, implacavel inimigo do Povo de Deos; a brevidade do seu reinado, e o prompto castigo dos seus excessos. Por ultimo vê-se nascer para o fim, e como no feio das Monarquias o reinado do Filho do Homem. Por este nome V. Alteza reconhece a Jesus Christo, mas este reinado do Filho do Homem tambem he chamado o Reinado dos Santos do Altissimo. Todos os povos se sujeitaõ a este grande, e pacifico Reino, a eterni-

*Ib. 8. 2.*

*Ib. 11.*

*Dan. 2.*

*44. 45.*

*Ib. 7. 13.*

*14. 27.*

*vs. 8. 2. 3.*

*3. 7. 2. 3.*

*13. 01.*

*8. 0. 7. 01.*

*15. 14.*

nidade lhe he promettida, e deve ser o unico, do qual o poder não passará para outro Imperio.

Quando virá este Filho do Homem, e este Christo tão desejado, e como cumprirá a obra que lhe he comettida, isto he, a Redempção do Genero humano? Deos o descobre manifestamente a Daniel. Em quanto elle vive occupado com o cativeiro do seu povo em Babilonia, e com os setenta annos, aos quaes Deos o havia querido limitar, no meio dos votos que fazia para o resgate de seus irmãos, he elevado de repente a mysterios mais altos. Vê outro numero de annos, e outra redempção muito mais importante. Em lugar dos setenta annos profetizados por Jeremias, vê setenta semanas começando depois da Ordenação dada por Artaxerxes o Longimano no 20. anno do seu reinado, para reedificar a Cidade de Jerusalem. Lá he affinallada em termos precisos, sobre o fim destas semanas, a remissão dos peccados, o reinado eterno da justiça, o inteiro complemento das Profecias, e a Unção do Santo dos Santos. O Christo deve fazer

Dan. 9.  
23. &c.

Ibid. 24.

zer o seu cargo, e apparecer como *Conduçtor do povo depois de 69. semanas.* Depois de 69. semanas (porque o Profeta tambem o repete) *o Christo deve ser entregado á morte: 26.* deve morrer de morte violenta; he preciso que seja sacrificado para cumprir os mysterios. Huma semana he assinallada entre as outras, e esta he a ultima, e a 70. Esta he aquella, em que o Christo será sacrificado, em que *a Alliança será confirmada, e no meio da qual a Hostia, e os Sacrificios serão abolidos, sem duvida, pela morte do Christo; porque depois da morte do Christo he que esta mudança he assinallada. Depois desta morte do Christo, e abolição dos Sacrificios, não se vê mais que horror, e confusão: vê-se a ruina da Cidade santa, e do Sanctuario; 27.* hum povo, e hum Capitaõ que vem para perder tudo, a abominação em o Templo, a ultima, e irremediavel dissolação do povo ingrato para com o seu Salvador.

Temos visto, que estas semanas reduzidas a semanas de annos, segundo o uso da Escriptura, são 490. annos, e nos conduzem precisamen-

*Vede 7. e  
8. Epoca.  
Ann. 219.  
e 280. de  
Roma.*

te desde o 20. anno de Artaxerxes para a ultima semana: semana cheia de mysterios, na qual Jesus Christo sacrificado pde fim pela sua morte aos sacrificios da Lei, e dá cumprimento ás suas figuras. Os doutos fazem diversos computos para ajustarem exactamente este tempo. O que eu propuz a V. Alteza não tem embaraço algum. Em lugar de escurecer a historia dos Reis da Persia, elle a aclara; ainda que não deveria causar grande admiracão se ahi se achasse alguma incerteza nas datas destes Principes; e os poucos annos a respeito dos quaes poderia haver disputa sobre hum calculo de 490. annos, não farião já mais huma importante questãõ. Mas para que he discorrer mais? Deos cortou a difficuldade, se ahi a havia, por huma decisãõ que não soffre alguma replica. Hum successo manifesto nos dá a superioridade aos mais refinados calculos dos Chronologistas; e a ruina total dos Judeos, que seguiu de tão perto a morte de Nosso Senhor, faz ver aos menos prespicazes o complemento da Profecia.

Não resta mais que fazer reflectir

Ëtir a V. Alteza sobre huma circum-  
 stancia. Daniel nos descobre hum no-  
 vo mysterio. O Oraculo de Jacob  
 nos havia ensinado, que o Reino de  
 Judá devia cessar com a vinda do  
 Messias; mas não nos dizia que a  
 sua morte seria a causa da queda des-  
 te Reino. Deos revelou este segredo  
 importante a Daniel, e lhe declara,  
 que a ruina dos Judeos será a conse-  
 quencia da morte de Christo, e de  
 o haverem desconhecido. Faça Vos-  
 sa Alteza, se lhe parece, reflexões  
 sobre este lugar; a consequencia dos  
 successos lhe fará bem depressa hum  
 excellente Commentario.

---

### CAPITULO X.

*Profecias de Zacharias, e de Aggeo.*

**V**E V. Alteza o que Deos mos-  
 trou ao Profeta Daniel hum  
 pouco antes das victorias de Cyro,  
 e do restabelecimento do Templo.  
 No tempo em que este se reedificava  
 suscitou os Profetas Aggeo, e Za-  
 charias, e logo depois enviou a Ma-  
 la-

laquias, que devia fechar as Profecias do antigo povo.

Zach. 15. Que não vio Zacharias? poderia dizer-se, que o livro dos Decretos Divinos tem sido aberto a este Profeta, e que nelle tem lido toda a Historia do Povo de Deos desde o cativo.

As perseguições dos Reis da Syria, e as guerras que elles fazem a Judá, lhe são inteiramente descobertas. Vê a Jerusalem tomada, e saqueada; huma pilhagem espantosa, e desordens infinitas; o povo em fugida pelo deserto, incerto da sua condição, entre a morte, e a vida, em vespera da sua ultima desolação; huma nova luz apparecer-lhe de repente. Os inimigos são vencidos, os Idolos detribados por toda a terra Santa: vê-se a paz, e a abundancia na Cidade, e no paiz, e o Templo he venerado em todo o Oriente.

Zach. 14. 14. Huma circumstancia memoravel destas guerras he revelada ao Profeta; *a mesma Judá combaterá, diz elle, contra Jerusalem*, isto he, que Jerusalem devia ser entregada por seus filhos, e que entre os seus inimigos se acharião muitos Judeos.

Al-

Algumas vezes elle vê huma longa serie de prosperidades: Judá se enche de força; os Reinos que a tem opprimido são humilhados; os vizinhos, que não têm cessado de a atormentarem, são punidos; alguns são convertidos, e incorporados no Povo de Deos. O Profeta vê a este Povo cheio dos beneficios Divinos, entre os quaes lhe conta o triumpho tão modesto, como glorioso *do Rei pobre, do Rei pacífico, do Rei Salvador, que entra montado sobre hum jumento pela sua Cidade de Jerusaleem.*

Zach. 117

10.

Zach. 102

6.

Ibid. 11

Zach. 9:

1.2.3. &c.

Depois de haver contado as prosperidades, torna a tomar desde a sua origem toda a serie dos males. Vê de repente o fogo em o Templo, todo o paiz arruinado com a Cidade capital; homicidios, violencias, hum Rei que as authoriza. Deos tem piedade do seu povo desamparado: elle mesmo se constitue o seu Pastor; e a sua protecção o sustem. Por fim accende guerras civis, e as cousas vão em decadencia. O tempo desta mudança he assinalado por hum caracter certo, e tres Pastores, isto he, segundo o estylo antigo, tres Principi-

Zach. 11;

*Zach. 11.* cipes, degradados no mesmo mez,  
8. mostrab o seu principio.

No meio destas infelicidades ainda apparece outra maior desgraça. Hum pouco depois destas divisões,  
*Ibid. 15.* e nos tempos da decadencia, Deos  
16. 17. *be comprado por trinta dinheiros* pelo seu povo ingrato; e o Profeta vè tudo até o *Campo do Olheiro, ou do Escultor*, em que he empregado esse dinheiro. Dahi se seguem as extremas desordens entre os Pastores do povo; por fim elles saõ allucinados, e o seu poder he destruido.

*Zach. 13.* Que direi eu da maravilhosa vi-  
7. *Zach. 12.* saõ de Zacharias, que vè o Pastor  
10. *ferido, e as ovelhas espalhadas?* que direi eu do respeito com que vè o povo ao seu Deos a quem tem iraspassado, e das lagrimas que lhe faz derramar huma morte mais lamentavel, que a do Filho unico, e a de Josias? Zacharias vio todas estas cousas; mas o que vio maior, *be o Senbor mandado pelo Senbor para habitar em Jerusalem, de donde chama os Gentios para os agregar ao seu povo, e ficarem no meio delles.*

*5. Esdr. 3.* Aggeo diz menos cousas, mas o  
12. que diz he admiravel. Em quanto se  
edi-



edifica o segundo Templo, e os velhos que haviã visto o primeiro fundamento com lagrimas, comparando a pobreza deste ultimo edificio com a magnificencia do outro; o Profeta que vê mais ao longe, publica a gloria do segundo Templo, e o prefere ao primeiro. Explica de donde virã a gloria desta nova casa; he, disse, que o *dezejado dos Gentios chegarã*; aquelle Messias promettido á dous mil annos, e desde a origem do mundo, como o Salvador dos Gentios, apparecerã neste novo Templo. *A paz abi serã estabelecida; todo o mundo movido darã testemunho á vinda do seu Redemptor; não ha mais que hum pouco de tempo para esperar, e os tempos destinados para esta esperanza estão no seu ultimo periodo.*

## CAPITULO XI.

*A Profecia de Malaquias, que he o ultimo dos Profetas, e a consummação do segundo Templo.*

**E**M fim o Templo se acaba: as victimas são sacrificadas; mas os Judeos avarentos offerecem Hostias defeituosas. Malaquias, que disto os reprehende, he elevado a huma mais alta consideração; e por occasião das offertas immundas dos Judeos, vê a offerta sempre pura, e jámais manchada, que será apresentada a Deos, não já sómente, como no tempo antigo, em o Templo de Jerusalem, mas depois do Nascente do Sol até o Poente, não já pelos Judeos, mas pelos Gentios, entre os quaes prediz, que o nome de Deos será grande.

*Mal. 1.  
21.*

Vê tambem, como Aggeo, a gloria do segundo Templo, e o Messias que o honra na sua presença; mas vê no mesmo tempo que o Messias he o Deos a quem este Templo he dedicado. *Eu envio o meu Anjo,*  
diz

*Mal. 5.1.*

diz o Senhor, para me preparar os caminhos, e de improvizo vereis chegar em o seu santo Templo o Senhor que procurais, e o Anjo da Alliança que desejais.

Hum Anjo he hum enviado; mas ex-aqui hum enviado de huma dignidade maravilhosa; hum enviado que tem hum Templo; hum enviado que he Deos, e que entra no Templo como na sua propria morada; hum enviado desejado por todo o povo, que vem fazer huma nova Alliança, e por esta razã he chamado o Anjo da Alliança do Testamento.

Era pois em o segundo Templo, que este Deos enviado por Deos devia apparecer; mas outro enviado o precede, e lhe prepara os caminhos. Lá vemos o Messias precedido pelo seu Precursor. O caracter deste Precursor he tambem mostrado ao Profeta. Este deve ser hum novo Elias, notavel pela sua Santidade, pela austeridade da sua vida, pela sua authoridade, e pelo seu zelo.

Assim o ultimo Profeta do antigo povo affinalla o primeiro Profeta, que devia vir depois d'elle, isto

Mal. 3. c.  
4. 5. 6.  
1. 2. 3.

1. 2. 3.

he, aquelle *Elias*, Precursor do Senhor, que devia apparecer. Até este tempo o Povo de Deos não tinha que esperar algum Profeta; a Lei de Moysés lhe devia bastar; e por esta razão he que Malaquias acaba com estas palavras: *Lembrái-vos da Lei, que dei sobre o monte Horeb a Moysés meu servo, para todo o Israel. Eu vos enviarei o Profeta Elias, que unirá os corações dos pais com os dos filhos, que mostrará a estes o que tem esperado aquelles.*

*Mal. 3. 4.  
5. 6.*

A esta Lei de Moysés Deos tinha ajuntado os Profetas que haviaõ fallado conformemente a ella, e a Historia do Povo de Deos feita pelos mesmos Profetas, na qual eraõ confirmadas por experiencias sensiveis as promessas, e as ameaças da Lei. Tudo estava cuidadosamente escripto; tudo era ordenado segundo o curso dos tempos; e ex-aqui o que Deos deixou para a instrucção do seu povo, quando fez cessar as Profecias.

## CAPITULO XII.

Os tempos do segundo Templo. Fru-  
ctos dos castigos, e das Profecias  
precedentes: cessação da Ido-  
latria, e dos falsos Pro-  
phetas.

**T**Aes instrucções obraraõ huma  
grande mudança nos costumes  
dos Israelitas. Não tinhaõ mais ne-  
cessidade, nem de apparição, nem  
de predicção manifesta, nem da-  
quelles prodigios inauditos que Deos  
obrava tanto a miudo para a sua sal-  
vação. Bastava-lhes os testemunhos  
que haviaõ recebido, e a sua incre-  
dulidade, não sómente convencida  
pelo successo, mas tambem tão fre-  
quentemente punida, por fim os ha-  
via tornado dóceis.

Por esta razão he que depois des-  
te tempo, não foraõ vistos voltarem-  
se mais para a Idolatria, á qual eraõ  
tão estranhamente inclinados. Sen-  
tiaõ muito haverem deixado o Deos  
de seus pais. Lembravaõ-se sempre  
de Nabuchodonosor, e da sua ruina

por tantas vezes vaticinada em todas as suas circunstancias, e com tudo succedida mais cedo do que se havia crido. Não viviaõ menos admirados do seu estabelecimento feito contra toda a apparencia em o tempo, e por aquelle que se lhes havia sido mostrado. Já mais punhaõ os olhos no segundo Templo sem se lembrarem, porque o primeiro havia sido destruido, e como este havia sido restabelecido: assim se confirmavaõ na fé das suas Escripturas, ás quaes todo o seu estado dava testemunho.

Não se vê mais entre elles falsos Profetas. Haviaõ perdido ao mesmo tempo a propensão que tinhaõ para os acreditarem, e da que tinhaõ para a Idolatria. Zacharias havia vaticinado por hum mesmo Oraculo, que estas duas cousas lhes aconteceriaõ. A sua Profecia teve hum manifesto complemento. Os falsos Profetas cessaraõ no tempo do segundo Templo: o povo desgostado dos seus enganos já não queria dar-lhes ouvidos. Os verdadeiros Profetas de Deos eraõ continuamente lidos, e relidos: não lhes era preciso Comen-

men-

mentario; e as cousas que aconteciaõ todos os dias em execuçaõ das suas Profecias; eraõ os seus fidelissimos interpretes.

miradas do seu estabelecimento

tempo e por aquelle que se lhes

os olhos no tempo do templo

*A longa paz de que gozaõ por quem foi profetizada.*

via

via

**N**A verdade todos os Profetas

lhês haviãõ promettido huma

paz profunda. Lê-se tambem com

alegria a bella pintura que fazem

Isaias, e Ezequiel, dos bemaven-

turados tempos que deviaõ seguir-

se ao cativoiro de Babylonia. Todas

as ruinas saõ reparadas, as Cidades;

e as Aldêas saõ magnificamente rec-

dificadas, o povo he innumeravel,

os inimigos saõ abatidos, nas Cida-

des, e no campo entra a abundancia;

ahi se vê a alegria, o descanso, e

em fim todos os fructos de huma lon-

ga paz. Deos promette conservar o

seu Povo em huma duravel, e per-

feita tranquillidade. Gozaõ della de-

baixo dos Reis da Persia. Em quan-

*Is. 41. 11.*

*12. 13. 43.*

*18. 19. 49.*

*18. 19. 20.*

*21. 52. 1.*

*27. 54.*

*55. Sc.*

*Ezech.*

*36. 38. 11.*

*12. 13. 14.*

*Jer. 44.*

*27.*

to este Imperio se sustenta, os favo-  
 ráveis Decretos de Cyro, que era o  
 seu fundador, asseguraram o socoço  
 dos Judeos. Ainda que tenham sido  
 ameaçados com a sua ultima ruina  
 governando Assueo, qualquer que  
 elle seja, Deos aplacado pelas suas  
 lagrimas, mudou de repente o cora-  
 ção do Rei, e lhe fez dar huma vin-  
 gança brilhante de Aman seu inim-  
 go. Fôra desta conjuntura, que pas-  
 sou bem depressa, viverão sempre  
 sem temor. Instruidos pelos seus  
 Profetas em obedecerem aos Reis,  
 a quem Deos os havia sujeitado, a  
 sua fidelidade foi inviolavel. Tam-  
 bém foram sempre tratados com do-  
 çura. A custa de hum tributo mui-  
 to leve que pagavam aos seus Sober-  
 ranos, que eram antes seus Protecto-  
 res, que seus senhores, viviam con-  
 forme as suas próprias Leis: o po-  
 der Sacerdotal foi conservado em  
 toda a sua inteireza: os Pontifices  
 dirigiam o povo: o Concelho publi-  
 co estabelecido primeiramente por  
 Moyses, tinha toda a sua authorida-  
 de, e exerciam entre si o poder de  
 vida, e de morte, sem que pessoa  
 alguma se misturasse nos seus procedi-  
 di-



dimentos. Os Reis affirmo ordena-  
 vaõ. A ruina do Imperio dos Persas  
 naõ mudou os seus negocios. Ale-  
 xandre respeitou os seus Templos,  
 admitou as suas Profecias, e aug-  
 mentou os seus Privilegios. Tiverão  
 hum pouco que soffrerõ governando  
 os seus primeiros successores. Ptolomeo,  
 filho de Lagus, surpredeo a  
 Jerusalẽm, e de lá para o Egypto  
 trouxe cem mil cativos, mas logo  
 cessou de os aborrecer. Para melhor  
 dizer, naõ os aborreceo jámais: naõ  
 queria mais que tirallos aos Reis da  
 Syria seus inimigos. Com effeito logo  
 que os sujeitou, os fez Cidadãos  
 de Alexandria, Capital do seu Rei-  
 no, ou antes lhes confirmou o di-  
 reito que Alexandre, fundador des-  
 ta Cidade, ahi lhes havia já dado;  
 e nada achando em todo o seu estado  
 mais fiel que os Judeos, delles en-  
 cheo os seus exercitos, e lhes con-  
 fiou as suas Praças as mais importan-  
 tes. Se os Lagides os attenderão,  
 ainda foraõ mais bem tratados pelos  
 Seleucides, debaixo de cujo Impé-  
 rio viviaõ. Seleuco Nicanor, cabe-  
 ça desta familia, os estabeleceo em  
 Antiochia, e Antiocho o Deos, seu

1. Esdr. 7.

25. 26.

J. sepb.

Ant. 11 8.

2. cont.

App. idem

ant. 12. 1.

2. 2. cont.

App.

2. 1. 13

e. 8

2. 2. 10

2. 1. 11

2. 1. 11

2. 2. 10

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

2. 2. 11

*Josepb.  
praef. ant.  
& lib. 12.  
2 & 2.  
cont. App.*

neto, havendo-os feito receber em todas as Cidades da Azia menor, nós os havemos visto espalharem-se por toda a Grecia, ahi viverem segundo a sua Lei, e gozarem dos mesmos direitos como os outros Cidadãos, do mesmo modo que fazião em Alexandria, e em Antiochia. Entre tanto a sua Lei he vertida em Grego pelos cuidados de Ptolomeo Philadelfo, Rei do Egypto. A Religião Judaica he conhecida entre os Gentios; o Templo de Jerusalem he enriquecido pelos dons dos Reis, e dos povos: os Judeos vivem em paz, e em liberdade debaixo do poder dos Reis da Syria, e naõ haviã gozado muito de semelhante tranquillidade debaixo dos seus proprios Reis.

*1. M. A. I.  
2. 17. 20.  
3. Mach.  
11. 11.  
12. 14.  
13. 16.  
14. 18.*

longe de nos Reis - quibus  
per litteras à manere das Grecoz  
e pretitae esse vas pompa à gloria  
solida, que lhes adquiria entre os  
seus Cidadãos a obsequencia das leis  
dos seus antepassados. Celebratã jo-  
gos, como os Gentios. Esta novidade  
deceou os olhos do povo, e a lio-  
garia revelida della manifestava  
parece della a manes Indes. A  
estas mudanças se misturã as d'as  
CA.

## CAPITULO XIV.

*Interrupção, e restabelecimento da paz; divisão neste povo santo; perseguição de Antiocho; tudo isto profetizado.*

**P**arecia esta paz dever ser eterna se elles mesmos a não tivessem perturbado com as suas dissensões. Havia trezentos annos que gozavaõ deste soccego, tanto vaticinado pelos seus Profetas, quando a ambição, e os zelos que se puzeraõ entre elles, se armaraõ para os perderem. Alguns dos mais poderosos foraõ traidores ao seu povo para lisongearem dos Reis; quizerãõ-se fazer illustres á maneira dos Gregos, e preferiraõ esta vã pompa á gloria solida, que lhes adquiriria entre os seus Cidadãos a observancia das Leis dos seus antepassados. Celebraraõ jogos, como os Gentios. Esta novidade cegou os olhos do povo, e a Idolatria revestida desta magnificencia, pareceo bella a muitos Judeus. A estas mudanças se misturaraõ as di-

1. Mal. I.  
12. 13. Sc.  
2. Macch.  
III. IV.  
Sc. 14.  
15. 16.  
Sc.

putas a respeito do Soberano Sacer-  
 docio, que era a dignidade princi-  
 pal da Nação. Os ambiciosos procu-  
 ravaõ o favor dos Reis da Syria para  
 chegarem a ella, e esta dignidade  
 Sagrada foi o premio da lifonja des-  
 tes Cortezãos. Os zelos, e as divi-  
 sões dos particulares naõ tardaraõ  
 em causar, segundo o costume, gran-  
 des desgracas a todo o povo, e á Ci-  
 dade Santa. Entaõ aconteceo o que  
 temos notado haver predicto Zecha-  
 rias: *a mesma Judá combateo contra*  
*Jerusalem, e a esta Cidade foraõ os*  
*seus Cidadãos traidores.* Antiocho  
 o Illustre Rei da Syria, concebeo o  
 intento de perder este povo dividido  
 para se aproveitar das suas riquezas.  
 Este Principe appareceo entaõ com  
 todos os caracteres que Daniel havia  
 assinallado, ambicioso, avarento,  
 artificioso, cruel, insolente, im-  
 pio, incensato, inchado com as suas  
 victorias, e depois irritado com as  
 suas perdas. Entra em Jerusalem  
 com animo de tudo emprender: os  
 partidos dos Judeos, e naõ as suas  
 proprias forças, o animavaõ, e Da-  
 niel assim o havia previsto. Exerci-  
 ta crueldades inauditas: a sua sober-  
 ba

Dan. VII.  
 22. 23. 24.

Dan. VIII.  
 12. 13. 14.

Zach.  
 XIV. 14.

Dan. VII.  
 24. 25.

VIII. 9.  
 10. 11. 12.

23. 24. 25.  
 Pelyb lib.

XXVI. &  
 XXXI. in

excerp. &  
 ejus A-  
 ib. lib. 10.

Dan. X.  
 VIII. 24.

ba o leva aos últimos excessos, e vomita blasfemias contra o Altíssimo, como o havia vaticinado o mesmo Profeta. Em execução destas profecias, e por causa dos peccados do povo, a força lhe he dada contra o sacrificio perpetuo. Profana o Templo de Deos, que os Reis seus ascendentes haviaõ venerado; pilha-o, e repara com as riquezas que nelle acha, as ruinas do seu thesouro esgotado. Debaxo do pretexto de tornar conformes os costumes dos seus vassallos, e na realidade, para faltar a sua avareza saqueando toda a Judéa, ordena aos Judeos que adorem os mesmos deoses dos Gregos; principalmente quer que se adore a Jupiter Olympico, cujo Idolo pbe no mesmo Templo, e mais impio que Nabuchodonosor, emprende destruir as Festas, a Lei de Moyses, os Sacrificios, a Religiãõ, e todo o Povo. Mas os successos deste Principe tinhaõ os seus limites allinallados pelas Profecias. Mathathias se oppõe ás suas violencias, e reune as gentes de bem. Judas Macabeo seu filho, com hum punhado de gente, obra façanhas inauditas, e purifica

Dan. VII.  
8. 11. 25.  
VIII. 25.

Dan.  
VIII. 11.  
12. 13. 14.

1. Mach.  
I. 43. 46.  
57.

2. Mach.  
VI. 1. 2.

Dan. VII.  
25. XII.  
7. 11. 11.

*Ysepb.*  
*Proi. lib.*  
*de bell.*  
*Jud. &*  
*lib. 1. 1.*  
*VI. 11.*  
*If. LXII.*  
*1. Mach.*  
*IV. 15. V.*  
*3. 26. 28.*  
*36. 54.*  
*Dan.*  
*VIII. 14.*

*1. Mach.*  
*VI.*  
*2. Mach.*  
*IX.*

*Dan.*  
*VIII. 25.*

o Templo de Deos tres annos e meio depois da sua profanação, como havia prediçto Daniel. Persegue os Idomeneos, e todos os outros Gentes que se ajuntão a Antiocho, e havendo-lhes tomado as melhores praças, recolhe-se victorioso, e humilde, tal como o havia visto Isaias, cantando os louvores de Deos, que havia entregado entre as suas mãos os inimigos do seu povo, e ainda todo tinto do seu sangue. Continua as suas victorias, a pesar dos exercitos prodigiosos dos Capitães de Antiocho. Daniel não havia dado mais *que seis annos* a este Principe impio para atormentar o Povo de Deos, e aqui no termo prefixo, elle ensina a Ecbatanes os factos heroicos de Judas. Cahe em huma profunda melancolia, e morre como havia profetizado o santo Profeta, miseravel, *mas não pela mão do bonem* depois haver reconhecido, mas muito tarde, o poder do Deos de Israel. Não me he preciso mais contar a V. Alteza de que sorte os seus successores continuaraõ a guerra contra a Judéa, nem a morte de Judas seu libertador, nem as victorias dos seus

dous

dous irmãos Jonathas, e Simão, successivamente Soberanos Pontifices, cujo valor restabeleceo a gloria antiga do Povo de Deos. Estes tres grandes homens virão os Reis da Syria, e todos os povos vizinhos conjurados contra si; e o que era mais deploravel, virão por diversas vezes os mesmos de Judá armados contra a sua patria, e contra Jerufalem, cousa até então nunca ouvida; mas como se tem dito, expressamente notada pelos Profetas. No meio de tantos males, a confiança que tiveram em Deos, os tornou intrepidos, e invenciveis. O povo foi sempre feliz debaixo da sua direção; e em fim no tempo de Simão libertado do jugo dos Gentios, sujeitou-se a elle, e a seus filhos, com consentimento dos Reis da Syria.

Mas o acto pelo qual o Povo de Deos transfere em Simão todo o poder publico, e lhe concede os direitos reaes, he notável. O decreto diz, que gozará delle, e a sua posteridade, até que venha hum fiel, e verdadeiro Profeta.

Hum povo acostumado desde a sua origem ao governo Divino, e sa-

Zach.  
XIV. 14.

1. Mach.  
I. 12. IX.

XI. 20.

21. 22.

XVI.

2. Mach.

4. 22. &

seq. M. 2

XI

1. Mach.

XIV. 4.

ben.

bendo que depois do tempo em que David havia sido posto sobre o Throno por ordem de Deos, o Soberano poder pertencia á sua casa, á qual devia por fim ser restituído no tempo do Messias, ainda que por huma maneira mais mysteriosa, e mais alta do que senaõ esperava: pôs expressamente esta restricção no poder que deo aos seus Pontifices, e continuou em viver debaixo do seu governo na esperança daquelle Christo tantas vezes promettido.

Affim he que o Reino absolutamente livre usou do seu direito, e deo providencia ao seu governo. A posteridade de Jacob, pela Tribu de Judá, e pelos restos que se alistaram debaixo das suas bandeiras, se conservou em corpo de Estado, e gozou independente, e soccegradamente da terra que lhe havia sido assignado.

Em virtude do Decreto do povo de que vimos de fallar, Joaõ Hyreano, filho de Simaõ, succedeo a seu pai. No seu tempo os Judeos se augmentaõ por meio de conquistas consideraveis. Sujeitaõ a Samaria: (Ezequiel, e Jeremias o haviaõ pro-

*Ezech.*



profetizado) domão os Idomeneos, os Filisteos, e aos Amonitas seus perpetuos inimigos, e estes povos abraçã a sua Religião: (Zacharias o havia profetizado.) Fim fim a pezar do odio, e dos zelos dos povos que os cercaõ, debaixo da authoridade dos seus Pontifices, que por fim vem a ter seus Reis, fundaõ o novo Reino dos Asmoneos, ou dos Machabeos, mais extenso que nunca, se se exceptuaõ os tempos de David, e de Salomaõ.

Destá maneira he que o Povo de Deos subsistio sempre entre tantas mudanças; e este povo, ora castigado, ora consolado nas suas infellicidades, pelos diferentes tratamentos que recebe segundo os seus merecimentos, dá hum testemunho publico á Providencia que governa o mundo.

XVI. 53.  
55. 61.  
Jer.  
XXXI. 5.  
1. Macb.  
X. 30.  
Josepb.  
ant. XIII.  
8. 17. 18.  
Zach. IX.  
12. & seq.

Em virtude do Decreto de povos  
de que vimos de fallar, José Hyr-  
vano, filho de Simão, succedeo a  
seu pai. No seu tempo os Judéos se  
aumentarõ por meio de conduzi-  
das. Sujeitos a Samaris:  
(Bacurci e Jeremias o haviaõ

## CAPITULO XV.

A esperança do Messias sobre que he fundada: preparaçõ para o seu

Reinado: e para a vinda

do Messias dos Genticos.

**M**As em qualquer estado em que se achasse, vivia sempre na esperança dos tempos do Messias, nos quaes esperava novas graças maiores que todas as que havia recebido; e naõ ha pessoa que naõ veja, que esta Fé do Messias, e das suas maravilhas, que dura ainda hoje entre os Judeos, lhe veio dos seus Patriarchas, e dos seus Profetas desde a origem da sua naçã. Porque nesta longa serie de annos, em que elles mesmos reconheciam, que por hum conselho da Providencia naõ se levantava mais entre elles algum Profeta, e que Deos naõ lhes fazia novas predicções, nem novas promessas, esta Fé do Messias que devia vir, era mais viva que nunca. Achou-se b tambem estabelecida, quando o segundo Templo foi edifi-

ca-

*Josepb. I.  
cont. Ap-  
pion.*

cado, que não foi mais preciso Profeta para nella confirmar o povo. Viu sobre a Fé das antigas Profecias haviaõ visto cumprir-se tão precisamente com os seus olhos em tantos lugares: o resto, depois deste tempo, não lhes tem parecido duvidoso, e não tinhaõ dificuldade em crer, que Deos tão fiel em tudo, cumpriria ainda no seu tempo o que respeitava ao Messias, isto he, a principal das suas promessas, e o fundamento de todas as outras.

Na verdade toda a sua Historia; tudo o que lhes acontecia de dia em dia não era mais que hum perpetuo descobrimento dos Oraculos, que o Espirito Santo lhes havia deixado. Se, restabelecidos na sua terra depois do cativeiro, gozaraõ pelo espaço de trezentos annos de huma paz profunda; se o seu Templo foi venerado, e a sua Religiaõ honrada em todo Oriente; se finalmente a sua paz foi perturbada pelas suas dissensões; se aquelle soberbo Rei da Syria fez esforços inauditos para os destruir; se prevaleceo algum tempo; se hum pouco depois foi punido; se a Religiaõ Judaica, e

todo o Povo de Deos foi levantado com hum resplendor mais maravilhoso que nunca, e o Reino de Judá augmentado no fim dos tempos por novas conquistas, vio-se que tudo isto se achava escripto nos seus Profetas. Sim, tudo ahi era notado, até o tempo que devia durar as perseguições, até os lugares em que se deram os combates, até as terras que devia ser conquistadas.

Tenho relatado a V. Alteza em grosso alguma cousa destas Profecias: particularizá-las seria materia de hum mais longo discurso; mas sufficientemente as vê para ficar convencido destas famosas predicções, que fazem o fundamento da nossa crença: mais se profunda, mais verdade se acha nellas, e as Profecias do Povo de Deos pelo espaço de todos estes tempos tem tido hum complemento tão manifesto, que depois quando os mesmos Pagãos, quando hum Porfirio, quando hum Juliano Apostata, por outra parte inimigos das Escripturas, quizerão dar exemplos das predicções Profeticas, elles as tem buscado entre os Judeos.

*Porph. de  
abstin lib.  
IV.  
Id. Porph.  
& Jul. a-  
pud Cyr.  
lib. V. &  
VI. in  
Julian.*

E eu posso tambem dizer a V. Al-  
te-

teza com verdade, que se pelo espaço de quinhentos annos o Povo de Deos viveo sem Profeta, todo o estado destes tempos era Profetico: a obra de Deos se adiantava, e insensivelmente os caminhos se preparavão para o inteiro complemento dos antigos Oraculos.

A sahida do cativeiro de Babilonia não era mais que huma sombra da liberdade, e maior, e mais necessaria, que o Messias havia trazer aos homens cativos pelo peccado. O povo disperso por diversos lugares na alta Azia, na Azia menor, no Egypto, na mesma Grecia, começava a fazer brilhar entre os Gentios, o nome, e a gloria do Deos de Israel. As Escripturas que devião algum dia ser a Luz do mundo, forão vertidas na lingua a mais conhecida do Universo: a sua antiguidade he reconhecida. Em quanto o Templo he venerado, e as Escripturas espalhadas entre os Gentios, Deos dá alguma idéa da sua conversão futura, e lança de longe os seus fundamentos.

O que tambem se passava entre os Gregos era huma especie de preparação para o conhecimento da verda-

Porp. de  
 aslin lib.  
 II.  
 Id. Porp.  
 E. Jul. n.  
 pag. Cy.  
 lib. V. 8.  
 vi. in  
 Julian.

dade. Os seus Filósofos conheceraõ, que o mundo era regido por hum Deos bem diferente dos que o vulgo adorava, e aos quaes elles mesmos serviaõ com o vulgo. As historias Gregas daõ fé de que esta bella Filosofia vinha do Oriente, e dos lugares por donde os Judeos se haviaõ espalhado; mas de qualquer lugar de que ella tenha vindo, huma verdade taõ importante espalhada entre os Gentios, ainda que combatida, ainda que mal seguida, mesmo pelos que a ensinavaõ, começava a despertar o Genero humano, e anticipadamente furnecia provas certas aos que algum dia o deviaõ tirar da sua ignorancia.

---

### CAPITULO XVII.

*Prodigiosa cegueira da Idolatria antes da vinda do Messias.*

**C**omo com tudo a conversão da gentilidade era huma obra reservada para o Messias, e o proprio caracter da sua vinda; o erro, e a

im-

impiedade prevalecia por toda a parte. As Nações mais perspicazes, e mais sabias, os Chaldeos, os Egypcios, os Fenicios, os Gregos, os Romanos eraõ os mais ignorantes, e cegos na Religião: tanto he certo, que para entrar nella se precisa de huma graça particular, e de huma sabedoria mais que humana. Quem se atreveria a contar as ceremonias dos Deoses immortaes, e os seus mysterios impuros? Seus amores, suas crueldades, seus zelos, e todos os seus outros excessos eraõ o assumpto das suas festas, dos seus sacrificios, dos hymnos que se lhes cantava, e das pinturas que se lhes consagrava nos seus Templos. Assim o crime era adorado, e reconhecido necessario ao culto dos Deoses. O mais grave dos Filozofos prohibe beber com excesso, excepto nas festas de Baccho, e em honra deste Deos. Outro depois de haver severamente condemnado todas as imagens deshonestas, exceptua as dos Deoses, que queriaõ ser honrados por estas infamias. Naõ se pôde ler sem assombro as honras que se devia dar a Venus, e as prostituções que

*Plat. de  
Leg. VI.  
Arist.  
VII. Po-  
lit.*

*Baruch.  
VI. 10.  
42. 43.  
Herod. lib.  
1. Strab.  
lib. 25.*

*Athen.  
lib. XIII.*

eraõ estabelecidas para a adorar. A Grecia toda pulida, e sabia como era, havia recebido estes mysterios abominaveis. Nos casos apertados os particulares, e as Republicas votavaõ a Venus as Cortezans, e a Grecia naõ se envergonhava de attribuir a sua salvaçaõ ás supplicas que ellas faziaõ á sua Deosa. Depois da derrota de Xerxes, e dos seus formidaveis exercitos, pôs-se no Templo hum quadro em que estavaõ representados os seus votos, e as suas procissões com esta inscripçaõ de Simonides Poeta famoso. *Estas tem rogado á Deosa Venus, a qual por sua intercessãõ tem salvado a Grecia.*

*Ibid.*

Se era preciso adotar o amor, devia ser só o amor honesto; mas naõ era assim. Solon, quem o poderia crer, e escaparia de hum taõ grande nome huma taõ grande infamia? Solon, digo eu, estabeleceo em Athenas o Templo de Venus a prostituta, ou do amor impudico. Toda a Grecia estava cheia de Templos consagrados a este Deos, e o amor conjugal naõ tinha hum em todo o paiz.

Com tudo detestavaõ o adulterio  
nos



nos homens, e nas mulheres: a sociedade conjugal era sagrada entre elles. Mas quando se applicavaõ á Religião pareciaõ como possuidos por hum espirito estranho, e a sua luz natural os desamparava.

A gravidade Romana naõ tem tratado a religião mais seriamente, pois que consagrava á honra dos Deoses as impurezas do theatro, e os sanguinolentos espectaculos dos gladiadores; isto he, tudo o que se podia imaginar de mais corrupto, e barbaro.

Mas naõ sei se as loucuras ridiculas que se misturavaõ na Religião eraõ ainda mais perniciosas, pois que lhe conciliavaõ tanto desprezo. Podia-se guardar o respeito que he devido ás cousas divinas no meio das impertinencias que continhaõ as fabelas, cuja representaçãõ, ou lembrança faziaõ huma taõ grande parte do Culto divino? Todo o serviço publico naõ era mais que huma continua profanaçãõ, ou antes huma derisaõ do nome de Deos; e era forçoso que para isto concorresse alguma potencia inimiga deste nome Sagrado, que, havendo emprendido en-

vilicello, impelisse os homens ao empregarem em cousas tão desprezíveis, e até em o darem prodigamente a sujeitos tão indignos.

*Xenoph.  
mem. lib.  
2.*

*Plat. de  
Leg. V.*

*Apol. Soc.  
apud  
Plat. &  
Xenoph.*

*Ep. 2. ad  
Dionys.*

He verdade que os Filósofos tinham por fim reconhecido que havia outro Deos diferente daquelle que o vulgo adorava; mas não se atreviam a confessá-lo. Pelo contrario Sócrates dava por maxima, que cada hum seguisse a religião do seu paiz. Platao seu discipulo, que via a Grecia, e todos os Paizes do mundo cheios de hum culto nescio, e escandaloso, não deixa de pôr como hum fundamento da sua Republica, *que nada se deve mudar na Religião que se acha estabelecida, e que pensar nisto he haver perdido o juizo.* Filósofos tão graves, e que disserão tão bellas cousas sobre a natureza divina, não se tem atrevido a oppor-se ao erro publico, e tem perdido a esperança de o poderem vencer. Quando Sócrates foi accusado de negar os Deoses que o publico adorava, disto se defendeu como de hum crime; e Platao fallando do Deos que havia formado o mundo, diz, que he difficel achá-lo, e que he prohibido de-  
cla-

clará-lo ao povo. Protesta ja mais  
naõ fallar delle senaõ em Enigma,  
receando expôr huma taõ grande  
verdade á zombaria.

Em que abyfmo estava o Genero  
humano, que naõ podia supportar a  
menor idéa do Verdadeiro Deos? A-  
thenas a mais formosa, e sabia de  
todas as Cidades Gregas, tomava  
por Atheistas os que fallavaõ das  
coufas intellectuaes, e esta he huma  
das razoes que havia feito condem-  
nar a Socrates. Se alguns Filofofos  
se atreviaõ a ensinar que as estatuas  
naõ eraõ Deofes como entendia o  
vulgo, viaõ-se obrigados a desfizer-  
se: ainda depois d'isto eraõ banidos,  
como impios, por sentença do A-  
reopago. Toda a terra estava possuida  
do mesmo erro: a verdade naõ se a-  
trevia a apparecer nella. O Deos,  
Creador do mundo naõ tinha Tem-  
plo nem culto senaõ em Jerufalem.  
Quando os Gentios para ahi envia-  
vaõ as fuas offertas, naõ faziaõ ou-  
tra honra ao Deos de Ifrael, mais  
que a de o ajuntarem aos outros De-  
fes. Sõmente a Judéa conhecia o feu  
Santo, e fevero zelo, e sabia que  
G 2 repar-

*Diog.  
Laert.  
l. II. Soc.  
III. Plat.*

*Id. lib. 2.  
Soc.*

*Apoc.  
huq  
l. III.  
Apoc.*

*Ep.  
Dion.*

repartir a Religião entre elle, e os  
outros Deoses, era destruí-la.

## CAPITULO XVII.

*Corruptoens, e superstiçoens entre os  
Judeos; falsas doutrinas dos Fariseos.*

**C**Om tudo no fim dos tempos, os  
mesmos Judeos que o conheci-  
aõ, e que eraõ depositarios da Reli-  
gião, começaraõ (tanto os homens  
vaõ sempre enfraquecendo a verda-  
de) naõ a esquecerem-se do Deos de  
seus pais, mas a misturarem na Reli-  
gião superstiçoens indignas da sua  
grandeza. No reinado dos Asmone-  
os, e desde o tempo de Jonathas, a  
feita dos Fariseos começou entre os  
Judeos. Logo adquiriraõ hum gran-  
de credito pela pureza da sua doutri-  
na, e pela exacta observancia da  
Lei; ajuntando-se a isto ser o seu  
procedimento doce, ainda que regu-  
lar, e viverem entre si em grande u-  
niãõ. As recompensas, e os castigos  
da vida futura, que elles sustinhaõ  
com

*Josepb.  
Ant. XII.  
9.*

*Ibid. 18.*

*Idem lib.  
II. de  
bell.  
Jud. 7.*

com zelo, lhes adquiriaõ muita honra. Por fim a ambiçaõ se introduzio entre elles. Quizerãõ governar, e com effeito arrogaraõ a si hum poder absoluto sobre o povo: constituirãõ-se os Arbitros da doutrina, e da Religiãõ, que insensivelmente commutaraõ em praticas supersticiosas, uteis ao seu interesse, e á dominaçaõ que queriaõ estabelecer sobre as consciencias: e o verdadeiro espirito da Lei estava proximo a perderse.

A estes males se ajuntou hum maior mal, a soberba, e a presumpçaõ; mas huma presumpçaõ, que se dirigia a attribuir-se a si mesma o dom de Deos. Os Judeos acostumados aos seus beneficios, e illustrados por tantos seculos do seu conhecimento, esqueceraõ-se de que a sua bondade só os havia separado dos outros povos, e viraõ a sua graça como huma divida. Estirpe escolhida, e sempre abençoada depois de dous mil annos, elles se julgaraõ só dignos de conhecerem a Deos, e se acreditaraõ de especie diferente dos outros homens que viaõ privados do seu conhecimento. Sobre este fundamento olharaõ para os Gentios com hum

insu-

Joseph  
lib. II. m. 11  
e  
lib. II. m. 11  
e  
lib. II. m. 11  
e  
lib. II. m. 11  
e

insupportável desprezo. Ser descendente de Abraham segundo a carne, lhes parecia huma distincão que os punha naturalmente sobre todos os outros: e inchados por huma tão bella origem, julgavañ-se santos por natureza, e não por graça: erro que dura ainda entre elles. Os Fariseos foraõ os que buscando glorificar-se das suas luzes, e da exacta observancia das ceremonias da Lei, introduziraõ esta opiniãõ no fim dos tempos. Como não cuidavaõ mais que em distinguir-se dos outros homiẽs, multiplicaraõ sem limites as praticas exteriores, e venderaõ todos os seus pensamentos ainda que contrarios fossẽm á Lei de Deos, como tradiçoens authenticas.

XI. d. 19.

d. 7. 8.

Sc.

1796.

1797.

1798.

1799.

1800.

1801.

1802.

1803.

1804.

1805.

1806.

1807.

CAP.

## CAPITULO XVIII.

Continuaçãõ das corrupçoens entre os  
 Judeos: final da sua decadencia  
 segundo Zaccharias o havia  
 Profetizado.

**A**inda que estes dictames não  
 houvessem passado por Decreto  
 publico em dogma da Synagoga,  
 corriaõ incensivelmente entre o po-  
 vo, que se fazia inquieto, turbulen-  
 to, e sedicioso. Em fim as diviso-  
 ens que deviaõ ser segundo os seus  
 Profetas, o principio da sua deca-  
 dencia, se augmentaraõ na occasiaõ  
 das alteraçõens sobrevindas na casa  
 dos Asmoneos. Apenas faltavaõ ses-  
 senta annos até Jesus Christo, quan-  
 do Hyrcano, e Aristobulo, filhos de  
 Alexandre Janeo, entraraõ em guer-  
 ra pelo Sacerdocio, ao qual a digni-  
 dade Real era annexa. Este he o  
 momento fatal em que a Historia af-  
 finalla a primeira causa da ruina dos  
 Judeos. Pompeo, a quem os dous ir-  
 maõs chamaraõ para os regular, os  
 sujeitou a ambos, no mesmo tempo

Zach. IX.  
 6. 7. 8.  
 &c.

Joseph.  
 ant. XIV.  
 8 XX. 8.  
 1. bell.  
 Jud. 4. 5.  
 Appian.  
 bell. Sir.  
 Mithrid.  
 & Liv.  
 lib. 5.

em que elle desapossou a Antiocho ; chamado o Aziatico , ultimo Rei da Syria. Estes tres Principes degradados juntamente , e como por hum só golpe , foraõ o final da decadencia , assinalada em termos precisos pelo Profeta Zacharias. He certo pela Historia , que esta mudança das couzas da Syria , e da Judéa foi feita no mesmo tempo por Pompeo , quando depois de ter acabado a guerra de Mithridates , prompto para tornar para Roma , regulou os negocios do Oriente. O Profeta não denotou mais que o que respeitava a ruina dos Judeos ; que de dous irmãos que tinhaõ visto Reis , viraõ hum delles prisioneiro servir ao triunfo de Pompeo , e o outro ( este he o fraco Hyrcano ) a quem o mesmo Pompeo tirou com o diadema huma grande parte do seu dominio , não conservar mais que hum vao titulo de authoridade , que perdeu bem cedo. Entaõ foi que os Judeos foraõ feitos tributarios dos Romanos ; e a ruina da Syria trouxe consigo a sua , porque este grande Reino reduzido a Provincia na sua vizinhança , ali augmentou de tal fórma o poder dos

Ro-

Zach. XI.  
8.

Veja-se  
acima  
cap. 10.



Romanos, que ninguem podia deixar de lhe obedecer. Os Governadores da Syria fizeram continuas emprezas sobre a Judéa: os Romanos della se fizeram senhores absolutos, e em muitas cousas enfraqueceram o seu governo. Por elles em fim o Reino de Judéa passou das mãos dos Asmoneos, a quem era ~~sugeito~~, para as de Herodes estrangeiro, e Idome-neo. A politica cruel, e ambiciosa deste Rei, que não professava mais que em apparencia a Religião Judaica, mudou as maximas do governo antigo. Não são mais estes Judeos senhores da sua sorte debaixo do vasto Imperio dos Persas, e dos primeiros Seleucidos, a onde não tinham mais que viver em paz. Herodes, que á pouco os tem sujeitado ao seu poder, embrulha todas as cousas, confunde ao seu arbitrio a successão dos Pontifices, enfraquece o Pontificado que faz arbitrario, diminue a authoridade do Concelho da Nação, que nada mais pôde: todo o poder publico passa para as mãos de Herodes, e dos Romanos, dos quaes elle he escravo; e abala os fundamentos da Republica Judaica.

Os Fariseos, e o povo, que não ouvia mais que os seus sentimentos, soffrião este estado com impaciencia. Quanto mais se sentião opprimidos do jugo dos Gentios, mais desprezo, e odio conceberão para com elles. Não quizerão mais Messias que não fosse guerreiro, e formidavel ás potencias que os cativavaõ. Assim esquecendo-se tanto das Profecias que lhes fallavaõ tão expressamente das suas humiliações, não tiverão mais olhos, nem ouvidos, senão para aquellas, que lhes annunciaõ triunfos, ainda que bem diferentes dos que elles queriaõ.

## CAPITULO XIX.

*Jesus Christo, e a sua Doutrina.*

**N**A declinação da Religião, e das cousas dos Judeos no fim do reinado de Herodes, e no tempo em que os Fariseos introduzião tantos abusos, Jesus Christo he enviado sobre a terra para restabelecer o Reino na Casa de David, por hu-

ma maneira mais alta que os Judeos  
 carnaes não entendião, e para prégar  
 a doutrina que Deos havia resolvido  
 fazer anunciar a todo o mundo. *If. IX. 6.* Es-  
 te admiravel menino chamado por  
 Israel o Deos forte, o pai do seculo  
 futuro, e o Author da paz, nasceu  
 de huma Virgem em Bethlem, e ahi  
 vem a reconhecer a origem da sua  
 familia. Concebido do Espirito San-  
 to por seu nascimento, só digno de  
 reparar o vicio do nosso, recebe o  
 nome do Salvador, porque nos de-  
 via salvar dos nossos peccados. Logo *Matth. I.*  
 depois do seu nascimento, huma <sup>21.</sup>  
 nova estrella, figura da luz que de-  
 via dar aos Gentios, se deixa ver no  
 Oriente, e conduz ao Salvador ainda  
 menino as premissias da Gentilidade  
 convertida. Hum pouco depois este  
 Senhor tão desejado, entra no seu  
 santo Templo aonde Simeão o vê,  
 não sómente como a gloria de Israel, *Ibid. II.*  
 mas tambem como a Luz das Na- <sup>32.</sup>  
 ções infieis. Quando chegou o tempo  
 de prégar o seu Evangelho, S. João  
 Baptista, que lhe devia preparar os  
 caminhos, chamou a todos os pec-  
 cadores para a penitencia, e fez re-  
 tumbar os seus gritos por todo o de-

certo, aonde havia vivido desde os  
 seus primeiros annos com tanta au-  
 teridade como innocencia. O povo  
 que depois de quinhentos annos não  
 havia visto Profetas, reconheceu a  
 esse novo Elias, prompto para o to-  
 mar pelo Salvador, tanto a sua fan-  
 tidade pareceo admiravel! mas elle  
 mesmo mostrava ao povo aquelle,  
*cujos sapatos era indigno de desatar.*  
 Em fim Jesus Christo começa a pré-  
 gar o seu Evangelho, e a revelar os  
 segredos que desde toda a Eternida-  
 de via no seio de seu Pai. Põe os  
 fundamentos da sua Igreja por meio  
 da vocação de doze Pregadores, e  
 põe a S. Pedro na frente de todo o  
 rebanho, com huma prerogativa tão  
 manifesta, que os Evangelistas, que  
 na innumeração que fazem dos A-  
 postolos, não guardão alguma ordem  
 certa, se resolvem a nomear a S. Pe-  
 dro antes de todos os outros como o  
 primeiro. Jesus Christo corre toda a  
 Judéa, que enche de seus benefi-  
 cios; caritativo com os enfermos,  
 misericordioso com os peccadores,  
 dos quaes se mostra o verdadeiro  
 Medico, pelo accesso que lhes dá,  
 fazendo sentir aos homens huma au-  
 tho-

*Joan. I.*  
 27.

*Matth. X.*  
 2.

*Marc. III.*  
 16.

*Luc. VI.*  
 14.

*Act. I.*  
 13.

*Matth.*  
*XVI. 18.*

*Joan. I.*  
 27.

thoridade, e huma doçura que nunca se havia visto senão na sua pessoa. Annuncia altos mysterios; mas os confirma com grandes milagres: e recommenda grandes virtudes, mas dá no mesmo tempo grandes luzes, grandes exemplos, e grandes graças. Assim apparece tambem *o beio de graça, e de verdade, e nós recebemos tudo da sua plenitude.*

*Joan. 1. 14. 15. 16.*

Tudo se sustenta na sua pessoa; a sua vida, a sua doutrina, os seus milagres. A mesma verdade ahi respluz por toda a parte: tudo concorre para fazer ver ao Senhor do Genero humano, o modello da perfeição. Elle só vivendo no meio dos homens, e á vista de todo o mundo, pode dizer sem temer ser desmentido: *qual de vós me arguirá do peccado? E tambem: eu sou a Luz do mundo: o meu sustento he executar a vontade de meu Pai; o que me enviou vive comigo, e não me deixa só; porque sempre faço o que lhe agrada.*

*Joan. 8. 46. Ibid. 12. 29. 4. 34.*

Os seus milagres são de huma ordem particular, e de hum novo caracter. Não são *signos no Céo*, taes como os Judeos pedião: obra quasi

*Matth. 16. 1.*

para curar as suas enfermidades. Todos estes milagres tem mais bondade do que poder, e de tal forte admirado aos que os vem obrar, que os tocab no fundo dos seus corações; elle os obra com imperio; os demônios, e as enfermidades lhe obedecem; com a sua palavra recebem vista os que nascerao cegos; os mortos sahem da sepultura, e os peccados saõ perdoados. O principio destas maravilhas he elle mesmo; correm da fonte. *Eu sinto*, diz elle, *que huma virtude sabe de mim.* Tambem nenhuma pessoa havia feito tao grandes prodigios, nem em tao grande numero; e com tudo promette que os seus discipulos faraõ em seu nome ainda maiores cousas, tanto he fecunda, e inextinguivel a virtude que träs consigo.

*Luc. 6. 19.*  
*8. 46.*

*Joan. 14.*  
*12.*

Quem não admiraria a condescendencia com que tempera a altura da sua doutrina? Esta he leite para os meninos, e paõ ao mesmo tempo para os fortes. Vê-se cheio de Decretos de Deos, mas não se vê admirado disto como os outros mortaes a quem Deos se communica; falla delles naturalmente como sendo

do nascido naquelle segredo, e na- *Joan. 3<sup>o</sup>*  
 quella gloria; e o que elle tem sem *34<sup>o</sup>*  
 medida, o espalha com medida a fim  
 de que a nossa fraqueza possa com  
 o seu pezo. *Joan. 3<sup>o</sup>*  
 Ainda que seja enviado para to-  
 do o mundo, não caminha logo se-  
 ão para as ovelhas perdidas na ca-  
 sa de Israel, para as quaes era tam-  
 bem principalmente enviado; mas  
 prepara o caminho para a conver-  
 são dos Samaritanos, e dos Genticos.  
 Huma mulher Samaritana o reco- *Joan. 4<sup>o</sup>*  
 nhece pelo Christo que a sua Nação *21. 25<sup>o</sup>*  
 esperava do mesmo modo que a dos  
 Judeos, e aprende delle o mysterio  
 do novo culto, que não seria mais  
 adstrieto a hum certo lugar. Huma  
 mulher de Chananea, e idolatra, *Matth.*  
 lhe arranca, para dizer assim, ain- *XV.*  
 da que desprezada a cura de sua fi- *Matth.*  
 lha. Em diver os lugares reconhece *8. 10. 18<sup>o</sup>*  
 os filhos de Abrahão entre os Gen-  
 tios, e falla da sua doutrina como  
 devendo ser prégada, contradicta,  
 e recebida por toda a terra. O mun-  
 do nada em tempo algum tinha vis-  
 to semelhante, e os seus Apostolos  
 são admirados. Não occulta aos seus  
 as rigorosas experiencias porque de-  
 vem

vem passar; faz-lhes ver as violências, e a feduçaõ empregadas contra elles, nas perseguições, nas falças doutrinas, nos falsos firmãos, a guerra interior, e exterior, a fé provada por todas estas experiencias, no fim dos tempos, o enfraquecimento desta fé, e o esfriamento da caridade entre os seus discipulos; no meio de tantos perigos, a sua Igreja, e a verdade sempre invenciveis.

*Luc.* 8.8.

*Matth.*

14. 12.

*Matth.*

16. 18.

Exaqui pois huma nova conduta, e huma nova ordem de cousas: não se falla mais aos filhos de Deos das recompensas temporaes; Jesus Christo lhes mostra huma vida futura, e tendo-os suspensos nesta esperança, lhes ensina a soltare-se de todas as cousas sensiveis. A Cruz, e a paciencia vem a ser os seus bens sobre a terra, e o Ceo lhes he proposto como devendo ser levado por força. Jesus Christo que mostra aos homens este novo caminho nelle entra primeiro, prega verdades puras que enchem de pafmo os homens grosseiros, e com tudo soberbos: descobre a soberba oculta, e a hypocrizia dos Fariseos,

*Matth.*

11. 12.



e dos Doutores da Lei que a corrompiam com as suas interpretações. No meio destas reprehensões honra o seu ministerio, e a cadeira de Moyses em que está assentado. Frequentava o Templo, cuja santidade faz respeitar, e envia aos Sacerdotes os Leprosos que elle curou. Por este modo ensina aos homens como devem reprehender, e reprimir os abusos sem prejuizo do ministerio estabelecido por Deos, e mostra que o corpo da Synagoga subsistia a pezar da corrupção dos particulares. Mas ella se inclina visivelmente para a sua ruina. Os Pontifices, e os Fariseos animavam contra Jesus Christo o Povo Judaico cuja Religião se voltava em superstiçãõ. Este povo não pode soffrer o Salvador do mundo, que o chama para praticas solidas, mas difficeis. O mais Santo, e o melhor de todos os homens, a santidade, e a mesma bondade, vem a ser o mais invejado, e aborrecido. Não se disgosta, e continua em fazer bem aos seus Cidadães; mas vê a sua ingratiçãõ, e prediz o seu castigo com lagrimas, e denuncia a Jerusalema sua

Matth.

23. 2.

8.8. 34.3

. 31. 4.1

. 31. 4.1

. 31. 4.1

. 8.2. 0.1

. 31. 4.1

. 31. 4.1

sua queda proxima. Tambem prediz,  
 que os Judeos inimigos da verdade  
 que lhes annunciava, seriaõ entre-  
 gues ao erro, e viriaõ a ser ludibrio  
 dos falsos Profetas. Com tudo a in-  
 veja dos Fariseos, e dos Sacerdotes  
 o leva a hum supplicio infame; seus  
 discipulos o desamparaõ; hum del-  
 les o entrega; o primeito, e o ma-  
 is zeloso de todos o nega tres ve-  
 zes. Accusado diante do Concelho,  
 honra até o fim o ministerio dos Sa-  
 cerdotes, e responde em termos pre-  
 cisos ao Pontifice que o perguntava  
 juridicamente. Mas era chegado o  
 momento em que a Synagoga, de-  
 via ser reprovada. O Pontifice, e  
 todo o Concelho condemna a Jesus  
 Christo, porque se dizia ser o Chris-  
 to, Filho de Deos. He entregado a  
 Ponceo Pilatos, Presidente Romano:  
 a sua innocencia he reconhecida pe-  
 lo seu Juiz, a quem a politica, e  
 o interesse fazem obrar contra a sua  
 consciencia: o Justo he condemnado  
 á morte: o maior de todos os cri-  
 mes dá lugar á mais perfeita obe-  
 diencia que nunca houve: Jesus,  
 Senhor da sua vida, e de todas as  
 cousas, se entrega voluntariamente

ao furor dos máos, e offerece o Sacrificio que devia ser a expiação do Genero humano. Na Cruz vê nas Profecias o que lhe restava para fazer; elle o acaba, e diz por fim: *tudo está consummado.* A esta palavra *Joan.* tudo se muda no mundo; a Lei ces- *XIX. 30.* sa, as suas figuras passaõ, os seus sacrificios saõ abolidos por huma oblação mais perfeita. Isto feito, Jesus Christo expira dando hum grande grito: toda a natureza se abala: o Centurião que o guardava, assombrado por huma tal morte, grita que elle he verdadeiramente o Filho de Deos; e os circunstantes dahi fazem batendo nos peitos. No terceiro dia resuscita; apparece aos seus que o haviã delamparado, e que se obstinavaõ em naõ acreditarem a sua Resurreiçaõ. Elles o vem, elles lhe fallaõ, elles o tocaõ, elles saõ convencidos. Para confirmar a fé da sua Resurreiçaõ, se mostra por diversas vezes, e em diversas circunstantias. Os seus Discipulos o vem em particular, e tambem todos juntos; apparece huma vez a mais de quinhentos homens congregados. Hum Apostolo que o escreveo *1. Cor.* asse- *XV. 6.*

assegura que a maior parte delles vi-  
 viaõ ainda no tempo em que elle  
 escrevia. Jesus Christo Resuscitado  
 dá a seus Apostolos todo o tempo  
 que querem para o bem considera-  
 rem; e depois de se haver posto  
 entre as suas mãos em todas as ma-  
 neiras que elles o desejavaõ, de  
 sorte que não podesse mais ficat-  
 lhes a menor duvida, ordena-lhes  
 que dem testemunho do que tem  
 visto, do que tem ouvido, e do  
 que tem tocado. A fim de que se  
 não possa duvidar da sua boa fé,  
 do mesmo modo que da sua per-  
 suação, os obriga a sellarem o seu  
 testemunho com o seu sangue. Assim  
 a sua pregação não pôde ser com-  
 batida; o seu fundamento he hum  
 facto positivo attestado unanimemen-  
 te pelos que o tem visto. A sua sin-  
 ceridade he justificada pela mais for-  
 te experiencia que se possa imagi-  
 nar, que he a dos tormentos, e a  
 da mesma morte. Taes são as ins-  
 truccões que receberão os Aposto-  
 los. Sobre este fundamento doze Pré-  
 gadores emprenderão converter o  
 mundo inteiro que viaõ taõ oppo-  
 sito ás Leis que tinhaõ para lhe pres-  
 cre-

*Luc.*  
*XXIV.*  
*41.*

creverem, e ás verdades que tinhaõ <sup>4. AET. I. 8.</sup>  
 para lhes annunciarem. Tem ordem  
 de começarem por Jerusalem, e de  
 lá extenderem-se por toda a terra,  
 para *instruivem a todas as Nações,* e <sup>Matth.</sup>  
*as baptisarem em nome do Padre, e do* <sup>XXVIII;</sup>  
*Filho, e do Espirito Santo.* Jesus Chris- <sup>19. 20.</sup>  
 to lhes promette *estar com elles to-*  
*dos os dias até à consummação dos se-*  
*culos,* e assegura por esta palavra a  
 perpetua duração do ministerio Ec-  
 clesiastico. Dito isto, sobe aos Ceos  
 na sua presença.

As promessas vão-se cumprir: as  
 Profecias vão ter a sua ultima cla-  
 reza. Os Gentios são chamados para  
 o conhecimento de Deos pelas or-  
 dens de Jesus Christo Resuscitado:  
 huma nova cerimonia he instituida  
 pela regeneração de hum novo po-  
 vo; e os fieis conhecem que o Ver-  
 dadeiro Deos, o Deos de Israel, a-  
 quelle Deos unico, e indivisivel, ao  
 qual são consagrados pelo baptismo,  
 he ao mesmo tempo Pai, Filho, e  
 Espirito Santo.

Lá pois nos são propostas as  
 profundidades incomprehensíveis do  
 Ente Divino, a grandeza ineffavel  
 da sua Unidade, e as riquezas infi-  
 nitas

nitas daquella natureza, mais fecunda ainda interiormente do que exteriormente, capaz de se comunicar sem divisaõ a tres Pessõas iguaes.

Lá sãõ explicados os Mysterios que estavaõ encobertos, e como selados nas antigas Escripturas. Nós entendemos o segredo desta palavra:

*Gen. I. 26.* *Façamos o homem á nossa Imagem,* e a Triidade mencionada na creação do homem, e expressamente declarada na sua regeneração.

Conhecemos que cousa he aquella sabedoria concebida, segundo Salomão, antes de todos os tempos posta no Seio de Deus. Sabedoria que faz todas as suas delicias, e pela qual todas as suas obras sãõ ordenadas. Sabemos quem he aquelle que David

*Psal. CIX* viu gerado antes da Aurora; e o novo Testamento nos ensina que este he o Verbo, a palavra interior de Deus, e o seu pensamento eterno, que existe sempre no seu seio, e pelo qual todas as cousas tem sido creadas.

Por este meio respondemos á mysteriosa questão que he proposta nos Proverbios; *Dizei-me o nome de Deus,*

*Prov. XXX. 4.*

e o nome de seu Filho, se o sabeis. Porque nós sabemos que este nome de Deos tão misterioso, e occulto, he o nome do Pai, entendido naquelle sentido profundo que o faz conceber na eternidade, Pai de hum Filho igual assy, e que o nome do Filho he o nome do Verbo; Verbo que gera eternamente contemplando-se a si mesmo, que he a expressão perfeita da sua verdade, sua imagem, seu Filho unico, o resplendor da sua claridade, e a estampa da sua substancia.

Com o Pai, e o Filho conhecemos tambem o Espirito Santo, o amor de hum, e de outro, e a sua eterna uniaõ. Este Espirito santo he que faz os Profetas, e que existe nelles para descobrirem os Conselhos de Deos, e segredos futuros: Espirito do qual he escripto: O Senhor me enviou, e o seu Espirito, que he distincto do Senhor, e que tambem he o mesmo Senhor; pois que envia os Profetas, e lhes descobre cousas futuras. Este Espirito que falla aos Profetas, e que falla por elles he unido ao Pai, e ao Filho, e entrevem com elles na

con-

confagração do novo homem.

*If. VI.* Assim o Pai, o Filho, o Espírito Santo, hum só Deos em tres peſſos, mostrado mais eſcuramente e nosſos Pais, he claramente revelado em a nova aliança. Inſtruidos de hum tão alto myſterio, e aſſombrados pela ſua profundidade incompreheſivel, cubrimos a noſſa face diante de Deos com os Seraſims que vio Iſaias, e adoramos com elles o que he tres vezes Santo.

*Joan. I. 18.* Competia ao Filho unico, que estava no Sejo do Pai, e que ſem ſahir delle vinha para nós; a elle he que pertencia deſcobrir plenamente aquelles admiraveis ſegredos da natureza Divina de que Moyses e os Profetas ſó fallavaõ com pouca extenſão.

*Id. lib. 2. Sec.* A elle he que pertencia fazer-nos conhecer de donde vem que o Meſſias, promettido como hum homem que devia ſalvar os outros homens, era no meſmo tempo mostrado como Deos em o numero ſingular, e absolutamente pela maneira, pela qual o Creador nos he denotado: e iſto he tambem o que elle fez inſinuando-nos que ainda que  
filho



filho de Abrahaõ, *existia antes que* Joan. 8.  
*Abrahaõ nascesse, que desceo do Ceo,* 58. ib. 3.  
*e com tudo está no Ceo; que he Deos,* 13.

Filho de Deos, e juntamente homem,  
 o Filho do homem o verdadeiro Ma-  
 noel, Deos com nosco; em huma pa-  
 lavra o Verbo feito carne, unindo  
 na sua Pessoa a natureza humana com  
 a Divina, a fim de reconciliar todas  
 as cousas em si mesmo.

Assim nos são revelados os dous  
 principaes Mysterios; o da Trinda-  
 de, e o da Encarnação. Mas aquelle  
 que no-los tem revelado, nos faz  
 achar a sua imagem em nós mes-  
 mos, a fim de que nos sejaõ sem-  
 pre presentes; e que reconheçamos  
 a dignidade da nossa natureza.

Na verdade se impomos silencio  
 aos nossos sentidos, e por hum pou-  
 co de tempo nos fechamos no fun-  
 do da nossa alma, isto he, naquella  
 parte em que a verdade se faz ou-  
 vir, nós ahi veremos alguma ima-  
 gem da Trindade que adoramos. O  
 pensamento que sentimos nascer co-  
 mo a haste do nosso espirito, como  
 o Filho da nossa intelligencia, nos  
 dá alguma idéa do Filho de Deos  
 concebido eterna mente na intel-  
 ligencia

*Greg.*  
*Naz.*  
*Orat. 36.*  
*Aug. de*  
*Trin. 9.4.*  
*S. seq. S.*  
*in Joan.*  
*Ev. Tr. 1.*  
*Sc. de*  
*Civ. 11.*  
 26. 27. 28.

ligencia do Pai celeste. Por esta razão he que o Filho de Deos toma o nome de Verbo, a fim de que conheçamos que nasce do Seio do Pai, não como nascem os corpos; mas como nasce em nossa alma aquella palavra interior que nella sentimos quando contemplamos a verdade.

Mas a fecundidade do nosso espirito não se termina nesta palavra interior, neste pensamento intellectual, nesta imagem da verdade que fórma em nós. Amamos esta palavra interior, e o espirito em que ella nasce; e amando-a sentimos em nós alguma coisa que nos não he menos preciosa que o nosso espirito, e o nosso pensamento que he o fructo de hum, e de outro, que os une, e que se une a elles, e não faz com elles mais que huma mesma vida.

Assim á proporção da relação que se póde achar entre Deos, e o homem, assim, digo eu, se produz em Deos o amor eterno que sahe do Pai, que pensa, e do Filho que he o seu pensamento, para fazer com elle, e o seu pensamento, huma mesma natureza igualmente feliz, e perfeita.

Em



separação, e se incluem huma na outra: conhecemos que existimos, e que amamos, e amamos o existir, e o conhecer. Quem o pôde negar, se se conhece per si mesmo; e não sómente huma destas cousas não he melhor que a outra; mas todas tres juntas não são melhores que huma dellas em particular, pois que cada huma comprehende o todo, e nas tres consiste a felicidade, e a dignidade, da natureza racional. Assim, e infinitamente superior he perfeita, inseparavel, huma na sua essencia, e em fim igual em todo o sentido, a Trindade a quem servimos, e á qual somos consagrados pelo nosso baptismo.

Mas nós mesmos que somos a imagem da Trindade, nós mesmos, a outro respeito somos tambem a imagem da Incarnação. A nossa alma de huma natureza espiritual, e incorruptivel tem hum corpo incorruptivel que lhe he unido, e da uniaõ de huma, e outra cousa resulta hum todo, que he o homem, espirito, e corpo ao mesmo tempo incorruptivel, e corruptivel, intelligente, e puramente bruto. Estes attributos convém ao todo em relação

*Aug. Ep.*  
*3. ad*  
*Volut.*  
*c. 3. de*  
*Civ. 10.*  
*29 Cypr.*  
*Ep. ad*  
*Valerian.*  
*p. 3. Conc.*  
*Eph. Sc.*  
*Simb.*  
*Atb. Sc.*

lação

Iacã a cada huma das suas partes: assim o Verbo Divino, cuja virtude sustenta a tudo, se une de huma maneira particular, ou antes vem a ser elle mesmo, por huma perfeita uniaõ, aquelle Jesus Christo, Filho de Maria, aquelle que faz que elle seja Deos, e homem juntamente gerado na Eternidade, e gerado em tempo, sempre vivo no seio do Pai, e morto sobre a Cruz para nos salvar.

Mas a onde Deos se acha misturado, sempre as comparaçoens tiradas das cousas humanas não são sennão imperfeitas. A nossa alma não existe antes do nosso corpo, e alguma cousa lhe falta quando he separada d'elle. O Verbo perfeito em si mesmo desde a Eternidade não se une a nossa natureza mais que para a honrar. Esta alma que preside ao corpo, e nelle faz diversas mudanças, tambem ella sofre outras. Se o corpo he movido pelo preceito, e segundo a vontade da alma, esta se inquieta, se afflige, e agita por mil maneiras molestas, ou agradaveis, segundo as disposiçoens do corpo; de forte que como a alma ele-

Aug. Ep.  
3. ad  
Volu.  
c. 3. de  
Civ. 10.  
29. Q. 1.  
Ep. 22.  
Valerian.  
p. 3. Com.  
Ep. 2.  
Simb.  
lib. 2. c.

va o corpo a si governando-o, ella se lhe humilha pelas cousas que lhe sofre. Mas em Jesus Christo o Verbo preside a tudo, o Verbo tem tudo debaixo da sua maõ. Assim o homem he elevado, e o Verbo naõ se abaixa por algum modo: immutavel, e inalteravel, domina em tudo, e por tudo a natureza que lhe he unida.

Daqui vem que em Jesus Christo o homem, absolutamente sujeito á direcção intima do Verbo que o eleva a si, naõ tem senaõ pensamentos, e movimentos Divinos. Tudo o que pensa, tudo o que quer, tudo o que diz, tudo o que occulta dentro em si, tudo o que mostra exteriormente he animado pelo Verbo, derigido pelo Verbo, digno do Verbo, isto he, da mesma sabedoria, e da verdade mesma. Por esta razã he que tudo he luz em Jesus Christo; a sua conducta he huma regra, os seus milagres saõ instrucçoens, as suas palavras saõ espirito, e vida.

Naõ he concedido a todos o entender bem estas sublimes verdades, nem o ver perfeitamente em si mes-

mo aquella maravilhosa imagem das cousas Divinas, que S. Agostinho, e os outros Padres tem crido tão certa. Os sentidos nos governão demasiadamente, e a nossa imaginação, que se quer misturar em todos os nossos pensamentos, não nos permite sempre que nos demoremos sobre huma luz tão pura. Não conhecemos a nós mesmos; nós ignoramos as riquezas que trazemos no fundo da nossa natureza; e só os olhos mais puros he que as podem perceber. Mas por pouco que nós entremos neste segredo, e que saibamos considerar em nós a imagem dos dous mysterios que fazem o fundamento da nossa fé, isto basta para nos elevar sobre tudo, e nada mortal nos poderá mais tocar.

Tambem Jesus Christo nos chama para huma gloria immortal, e este he o fructo da fé que nós temos nos mysterios.

Este Deos homem, esta verdade, e esta sabedoria encarnada, que nos faz crer tão grandes cousas sobre a sua só authoridade, nos promete na Eternidade a sua clara, e bemaventurada visão, como a recompensa certa da nossa fé. H 4 Desta

Desta sorte, a Missão de Jesus  
 Christo he infinitamente superior a  
 de Moyses. Moyses era enviado para acor-  
 dar, por meio das recompensas tem-  
 poraes, os homens censuaes, e em-  
 brutecidos. Pois que elles se havião  
 todos reduzido a corpo e carne,  
 era preciso logo move-los pelos fen-  
 tidos, inculcar-lhes por este meio  
 o conhecimento de Deos, e o hor-  
 ror da Idolatria, para a qual o Ge-  
 nero humano tinha huma inclina-  
 ção tão extraordinaria. Tal era o ministerio de Moyses;  
 estava reservado para Jesus Christo  
 o inspirar ao homem pensamentos ma-  
 is altos, e fazer-lhe conhecer em hu-  
 ma plena evidencia a dignidade, e a  
 immortalidade, e a felicidade eter-  
 na da sua alma. Durando os tempos da ignorancia,  
 isto he, nos tempos que precederão  
 a Jesus Christo, e que a alma conhe-  
 cia da sua dignidade, e immortali-  
 dade, a induzia as mais das vezes para  
 errar. O culto dos homens mortos fa-  
 zia quasi todo o fundo da Idolatria;  
 quasi todos os homens sacrificavaõ aos  
 Manes, isto he, ás almas dos mor-  
 tos.

Casar de  
 bello  
 Gall. VII.



tos. Tam antigos erros nos mostrão na verdade quanto era antiga a crença da immortalidade da alma e nos manifesta que ella deve ser collocada entre as primeiras tradiçoens do Genero humano. Mas o homem, que desfigurava tudo, della havia estranhamente abusado, pois que o encaminhava a sacrificar aos mortos. Tambem se caminhava até áquelle excessão de sacrificar homens vivos: matavaõ-se os seus escravos, e até suas mulheres, para os irem servir no outro mundo. Os Gallos o praticavaõ com muitos outros povos; e os Indios, notados pelos Authores Pagaõs, entre os primeiros defensores da immortalidade da alma, tambem tem sido os primeiros em introduzirem sobre a terra, debaixo do pretexto da Religião, estes homicidios abominaveis. Os mesmos Indios se matavaõ a si mesmos para adiantarem a felicidade da vida futura; e esta deploravel cegueira dura ainda hoje entre aquelles povos: tanto he perigoso ensinar a verdade por huma ordem differente daquella que Deos seguiu, e explicar claramente ao homem tudo o que elle he, antes

*Caesar de bello Gall. VII.*

que tenha conhecido a Deos perfeita-  
 mente. Por falta do conhecimento de  
 Deos, era que a maior parte dos Fi-  
 losofos não poderaõ crer a alma im-  
 mortal sem a crerem huma porção da  
 Divindade, huma Divindade mes-  
 ma, hum Ente eterno, increado do  
 mesmo modo que incurruptivel, e  
 que não tinha mais principio que fim.  
 Que direi daquelles que criaõ na  
 transmigração das almas, que as fa-  
 ziaõ correr dos Ceos á terra, e de-  
 pois da terra para os Ceos; dos ani-  
 maes para os homens, e dos homens  
 para os animaes; da felicidade para  
 a miseria, e da miseria para a felici-  
 dade, sem que estas revoluções ti-  
 vessem ja mais nem termo, nem or-  
 dem certa, quanto vivia escurecida  
 a justiça, a Providencia, a bonda-  
 de Divina entre tantos erros. E quan-  
 to era necessario conhecer a Deos,  
 e as regras da sua sabedoria, antes de  
 conhecer a alma, e a sua natureza  
 immortal.

Por esta razão he que a Lei de  
 Moyses não dava ao homem mais que  
 huma primeira noção da natureza da  
 alma, e da sua felicidade. Temos  
 visto a alma no principio creada pe-  
 lo

lo poder de Deos, do mesmo modo  
 que as outras creaturas; mas com es-  
 te caracter particular, que hera crea-  
 da á sua imagem, e por sua inspira-  
 ção a fim de que ella conhecesse a  
 quem pertence por essencia, e de  
 que ja mais se não acreditasse da mes-  
 ma natureza que os corpos, nem for-  
 mada do seu concurso. Mas as con-  
 sequencias desta doutrina; e as ma-  
 ravilhas da vida futura, não foraõ  
 entãõ universalmente manifestadas,  
 e no dia do Messias he que esta gran-  
 de Luz devia apparecer claramente.  
 Deos havia della espalhado algu-  
 mas faiscas nas antigas Escripturas.  
 Salomãõ tinha dito, que *como o cor- Eccl. XII.*  
 po torna para a terra da qual foi crea- 7.  
 do, o Espirito torna para Deos que o  
 deo. Os Patriarchas, e os Profetas  
 tem vivido nesta esperança, e Dani- *Dan. XII.*  
 el havia predicto que viria hum tem- 2. 3.  
 po em que aquelles que dormem na po-  
 eira acordariaõ, huns para a vida  
 eterna, e os outros para huma eter-  
 na confusão, a fim de viverem sempre.  
 Mas no mesmo tempo em que estas  
 cousas lhe são reveladas, lhe he or-  
 denado sellar o Livro, e conservalla *Ibid. 4.*  
 fechado até o tempo ordenado por Deos,

a fim de nos fazer conhecer que o pleno conhecimento destas verdades, pertencia a outro tempo, e a outro seculo.

Ainda pois que os Judeos tivessem nas suas Escripturas algumas promessas das felicidades eternas, e que para os tempos do Messias, em que deviaõ ser declaradas, fallassem dellas muito mais, como se mostra pelos livros da Sabedoria, e dos Machabeos; com tudo esta verdade fazia tam pouco hum dogma formal, e universal do antigo povo, que os Saduceos, sem a conhecerem, naõ sómente eraõ admittidos na Synagoga, mas ainda elevados ao Sacerdocio. Põr por fundamento da Religiaõ a fé da vida futura, he hum dos caracteres do povo novo; e este devia ser o fructo da vinda do Messias.

Por esta razã he que naõ contente com haver-nos dito que huma vida eternamente bemaventurada era reservada para os filhos de Deos, nos disse em que ella consistia. A vida bemaventurada he viver com elle na Gloria de Deos seu Pai: a vida bemaventurada, he ver a Gloria que elle tem no Seio do Pai desde a origemem

gem do mundo: a vida bemaventurada, he que Jesus Christo viva em nós como nos seus membros, e que o amor eterno que o Pai tem a seu Filho, extendendo-se sobre nós, nos enche dos mesmos dons: a vida bemaventurada, em huma palavra, he conhecer o unico Verdadeiro Deus, e a Jesus Christo que elle mandou; mas conhecê-lo daquela maneira, que se chama de clara vista, *a vista face a face*, e descobertamente, a vista que reforma em nós, e ahi acaba a imagem de Deus, segundo o que diz S. Joã, *que nós lhe seremos semelhantes, porque o veremos tal como elle he.*

1. Cor.  
XIII.  
9. 12.

1. Joan.  
III. 2.

Esta vista será seguida de hum amor immenso, de huma alegria inexplicavel, e de hum triunfo sem fim. Hum *Alleluia* eterno, e hum *Amen* eterno, cujo som retumba na Celeste Jerusaleem, fazem ver todas as misérias desterradas, e todos os desejos satisfeitos; alli não ha mais que louvar a bondade Divina.

Apoc. VII.  
12. XIX.  
1. 2. 3. 4.  
5. 6.

Com taõ novas recompensas era preciso que Jesus Christo propozesse tambem novas idéas de virtude, praticas mais perfeitas, e mais apu-

III. 2.

radas. O fim da Religião, a alma das virtudes, e o compendio da Lei he a caridade. Mas até Jesus Christo pôde-se dizer que a perfeição, e os effeitos desta virtude, não erã inteiramente conhecidos. Jesus Christo propriamente he quem nos ensina a nos contentar-mos com Deos só. Para estabelecer o reinado da caridade, e nos descobrir todas as suas obrigações, nos propõe o amor de Deos, até nos aborrecermos a nós mesmo, e perseguir, sem froxidão, o principio da corrupção que temos todos no coração. Propõe-nos o amor do proximo até estender sobre todos os homens esta inclinação benefica sem exceptuar os nossos perseguidores: elle nos propõe a moderação dos desejos sensuaes, até cortar totalmente os nossos proprios membros, isto he, o que caminha mais viva, e inteiramente para o nosso coração: propõe-nos a submissão ás ordens de Deos, até a nos alegrar-mos com as mortificações que elle nos envia, propõe-nos a humildade até a amarmos os opprobrios pela Gloria de Deos, e a crer-mos que nenhuma injuria nos pôde pôr tão baixos diante dos

dos homens, que nós não sejamos, ainda mais baixos diante de Deus pelos nossos peccados. Sobre este fundamento da caridade, aperfeiçoa todos os estados da vida humana. Por ella he que o matrimonio he reduzido á sua fórma primitiva: o amor conjugal não he mais dividido: huma tão santa sociedade não tem outro fim mais que o da vida; e os filhos não veni mais expulsar a sua mãe para pôr no seu lugar huma madrasta. O Celibato he mostrado como huma imitação da vida dos Anjos, unicamente occupados de Deus e das castas delicias do seu amor. Os superiores aprendem que são servos dos outros, e dedicados ao seu bem; os inferiores reconhecem a ordem de Deus nos poderes legitimos; e então mesmo quando abusam da sua authoridade, este pensamento adoça os trabalhos da sujeição, e debaixo de amos rigorosos a obediencia não he mais custosa ao verdadeiro Christo.

A estes preceitos ajunta conselhos de perfeição eminente: renunciar a todo o prazer; viver no corpo como se vivesse sem corpo; deixar tudo, dar tudo aos pobres, para não

possuir mais que sómente a Deos, viver de pouco, e quasi de nada, e esperar este pouco da Providencia Divina.

Mas a Lei a mais propria ao Evangelho he a de levar a sua Cruz. A Cruz he a verdadeira experiencia da Fé, o verdadeiro fundamento da Esperança, a purificação da Caridade, em huma palavra, o caminho do Ceo. Jesus Christo morreo na Cruz, levou a sua Cruz toda a sua vida, na Cruz he que elle quer que o figão; e põe a vida eterna neste preço. O primeiro a quem elle promette em particular o descanso do seculo futuro, he hum companheiro da sua Cruz. *Tu serás*, lhe diz elle, *boje comigo no Paraiso*. Logo que elle expirou na Cruz, o Véo que cobria o Santuario foi despedaçado de alto abaixo, e o Ceo foi aberto ás almas santas. Ao sahir da Cruz, e dos horrores do seu supplicio, he que appareceo aos seus Apostolos, Glorioso, e vencedor da morte, a fim de que comprehendessem que pela Cruz he que elle devia entrar na sua gloria, e que não mostrava outro caminho a seus filhos.

As

*Luc.*  
*XXIII.*  
43.



Affim foi dada ao mundo, na Pessoa de Jesus Christo, a Imagem de huma verdade completa, que nada tem, e nada espera sobre a terra, que os homens não recompensam senão por continuas perseguições, que não cessa de lhes fazer bem, e a quem os seus propios beneficios atrahem o ultimo supplicio. Jesus Christo morre sem achar reconhecimento naquelles que lhe vivião obrigados, nem fidelidade nos seus amigos, nem equidade nos seus Juizes. A sua innocencia, ainda que reconhecida, não o livra; seu mesmo Pai, em quem só havia posto as suas esperanças, retira todos os finaes da sua protecção: o Justo he entregado a seus inimigos, e morre desamparado por Deos, e pelos homens.

Mas hera preciso mostrar ao homem de bem, que nas maiores extremidades, não tem necessidade, nem de alguma consolação humana, nem mesmo de algum final sensivel do soccorro Divino: que ama sómente, e que se confia, seguro de que Deos cuida nelle, sem lhe dar disto algum final, e que huma eter-

na

*Soc. apud  
Plat.  
Dial. II.  
de Reg.*

na felicidade lhe he reservada.

O mais sabio dos Filozofos procurando a idéa da virtude, achou que como de todos os máos seria mais máo aquelle que soubesse também cubrir a sua malicia, que passasse por hum homem de bem, e por este meio gozasse de todo o credito que póde dar a virtude; assim o mais virtuoso deve sem duvida ser aquelle para quem a sua virtude por causa da sua perfeição attrahe a inveja de todos os homens, desorte que não haja a seu favor mais que a sua consciencia, e que elle se veja exposto a toda a qualidade de injurias, até a ser posto sobre a Cruz, sem que esta virtude lhe possa dar aquelle fraco soccorro de o exemir de hum tal supplicio. Não parece que Deos tem posto esta maravilhosa idéa da virtude no coração de hum Filozofos, só para a tornar affectiva na pessoa de seu Filho, e fazer ver que o Justo tem huma outra gloria, hum outro descanso, em fim huma outra felicidade que não he aquella que se póde possuir sobre a terra?

Estabelecer esta verdade, e mostrála completa tão visivelmente em si mes-

mésmo á custa da sua propria vida ;  
era a maior obra que pode fazer  
hum homem ; e Deos havia achado  
taõ grande , que a reservou para  
aquelle Messias por tantas vezes pro-  
mettido , para aquelle homem que  
elle fez ser a mesma Pessoa como seu  
Filho unico.

Com effeito , que cousa maior se  
podia reservar para hum Deos que  
viesses a terra ? e que podia elle ahi  
fazer mais digno de si , do que mos-  
trar a virtude em toda a sua pureza,  
e a felicidade eterna para onde a  
conduzem os males mais extremos ?

Mas se vimos a considerar o que  
ahi ha mais alto , e mais intimo no  
Mysterio da Cruz , que discurso hu-  
mano o poderá comprehender ? Lá  
nos são mostradas as virtudes que o  
só Homem Deos podia praticar. Qual  
outro como elle se podia pôr no lu-  
gar de todas as victimas antigas , abo-  
lidas , substituindo-lhes huma victi-  
ma de huma dignidade , e de hum  
merecimento infinito , e fazer que  
de ahi em diante não houvesse mais  
que elle só para offerecer a Deos ?  
Tal he o Acto da Religião que Jesus  
Christo exercita na Cruz. O Eterno

Pai podia achar, ou entre os Anjos, ou entre os homens huma obediencia igual áquella que lhe dá seu muito amado Filho, quando nada, podendo arrancar-lhe a vida, elle a deo voluntariamente para lhe agradar? Que direi eu da perfeita uniaõ de todos os seus desejos com a Divina vontade, e do amor pelo qual se conserva unido a Deos que vivia, reconciliando consigo o mundo? Nesta uniaõ incomprehensivel abraça o Genero humano, pacifica o Ceo, e a terra, mergulha-se com hum ardor immenso naquelle diluvio de sangue

*2. Cor. V. 19.* em que devia ser baptisado com todos os seus, e faz sahir das suas chagas o fogo do Amor Divino, que devia abraçar a toda a terra. Mas ex-aqui o que excede a toda a intelligencia; a justiça praticada por este Deos Homem, que se deixa condemnar pelo mundo, a fim de que o mundo fique eternamente condemnado pela enorme iniquidade deste Juizo. Agora o mundo he julgado, e o Principe deste mundo vai ser expulso d'elle, como o pronuncia Jesus Christo mesmo. O Inferno, que havia sugarado o mundo, o vai perder: atacando o In-

*Luc. XII. 4. 9. 50.*

*Joan. XII. 31.*

nocente, será constringido a largar  
 os culpaveis que tinha cativos: a  
 desgraçada obrigação pela qual era-  
 mos entregues aos Anjos rebeldes,  
*he anniquilada.* Jesus Christo a pren- *I. Cor. II.*  
*deo á sua Cruz,* para ahi ser apagada *13. 14. 15.*  
 pelo seu sangue: geme o inferno des-  
 pojado: a Cruz he hum lugar de  
 Triunfo para o nosso Salvador, e as  
 potencias inimigas seguem tremendo  
 o carro do vencedor. Mas hum mai-  
 or triunfo apparece aos nossos olhos:  
 a mesma justiça Divina he vencida;  
 o peccador que lhe era devido como  
 a sua victima, he arrancado das su-  
 as mãos. Achou huma cauçaõ capaz  
 de pagar por elle hum preço infinito.  
 Jesus Christo une a si eternamente os  
 escolhidos, para os quaes se dá: el-  
 les são seus membros, e seu corpo  
 o Pai Eterno não os pôde mais ver  
 senão na sua cabeça: assim estende  
 sobre elles o amor infinito que tem  
 a seu Filho. He o seu mesmo Filho  
 quem lho pede: elle não quer ser  
 separado dos homens que resgatou.  
*Joan.*  
*XVII. 24.*  
*25. 26.*  
 O meu Pai, eu quero, diz elle,  
 que elles vivão commigo: serão chei-  
 os do meu Espirito, gosaráõ da mi-  
 nha Gloria, teráõ parte commigo  
 até no meu Throno. *Apoc. III.*  
*21.*  
 De-

*Just. E.  
1<sup>st</sup>. ad  
Diog.*

Depois de hum taõ grande beneficio, naõ ha mais que gritos de alegria, que possaõ exprimir os nossos conhecimentos. O' maravilha! exclama hum grande Filosofo, e hum grande Martyr, o' troca incomprehenfivel, e pasmo artificioso da sabedoria Divina! Hum só he ferido, e todos saõ livres. Deos fere a seu Filho innocente por amor dos homens culpaveis, e perdoa a estes por amor de seu Filho innocente. O Justo paga o que naõ deve, e desobriga aos peccadores do que devem; por que quem he que melhor podia cobrir os nossos peccados do que o sua Justiça? Como podia ser melhor purgada a rebelião dos servos, que pela obediencia do Filho? A iniquidade de muntos he occultada em hum só Justo, e a justiça de hum só faz que muitos sejaõ justificados. A que pois naõ devemos nós aspirar?

*Rom. V.  
6. 7. 8. 9.  
10.*

Aquelle que nos amou sendo peccadores até a dar a sua vida por nós, que nor negará elle depois que nos reconciliou, e justificou pelo seu sangue? Tudo nos pertence por Jesus Christo, a graça, a santidade, a vida, a gloria, a bemaventurança: O Reino do Filho de Deos he a nossa herança;

rada ha sobre nós, com tanto sómen-  
que não nos façamos vis.

Em quanto Jesus Christo enche os  
nossos desejos, e passa muito além  
das nossas esperanças, consumma a  
obra de Deos começada debaixo dos  
Patriarchas, e na Lei de Moysés.

Então Deos queria fazer-se co-  
nhecer por experiencias sensiveis: e  
mostrava-se magnifico em as prome-  
ças temporaes, bom enchendo os  
seus filhos dos bens que lisongeão os  
sentidos, poderoso livrando-os das  
maãs dos seus inimigos: fiel condu-  
zindo-os para a terra promettida a  
seus pais; justo pelas recompensas,  
e castigos que lhes mandava clara-  
mente segundo as suas obras.

Todas estas maravilhas prepara-  
vão os caminhos para as verdades  
que Jesus Christo vinha ensinar. Se  
Deos he bom até a dar-nos o que pe-  
dem os nossos sentidos, quanto mais  
facilmente nos dará elle o que pede  
o nosso espirito feito á sua Imagem?  
Se he tão terno, e benefico para com  
seus filhos, fechará elle o seu amor,  
e as suas liberalidades nestes poucos  
annos que compõem a nossa vida?  
Não dará áquelles que ama mais que  
hum

hum sombra de felicidade, e huma terra fertil em graos, e em azeite? não haverá hum paiz a onde espalhe com abundancia os bens verdadeiros?

Haverá hum sem duvida, e Jesus Christo no lo vem mostrar. Porque em fim o Omnipotente não teria feito senão obras pouco dignas de si, se toda a sua magnificência não se terminasse mais que a grandezas expostas aos nossos lentidos enfermos. Tudo o que não he eterno não corresponde, nem á Magestade de hum Deos Eterno, nem ás esperanças de hum homem, a quem elle fez conhecer a sua Eternidade, e esta immutavel fidelidade que guarda aos seus servos, não terá ja mais hum objecto que lhe seja proporcionado, até que se extenda a alguma cousa de immortal, e permanente.

Heb. XI.  
8. 9. 10.  
13. 14. 15.  
16.

Era preciso pois que por fim Jesus Christo nos abrisse os Ceos para ahi descobrir á nossa fé *aquella Cidade permanente* a que devemos ser recolhidos depois desta vida. Faz-nos conhecer que se Deos toma por seu titulo eterno o nome de Deos de Abraham, de Isaac, e de Jacob, he por-



porque estes santos homens estão sempre vivos diante d'elle. *Deos não he o Deos dos mortos*; não he digno d'elle, não fazer, como os homens, mais que acompanhar os seus amigos á sepultura, sem lhes deixar álem della alguma esperança; e ser-lhe-hia vergonhoso dizer-se com tanta força o Deos de Abrahão, senão houvesse fundado no Ceo huma Cidade eterna, em a qual Abrahão, e seus filhos podessem viver felizes.

Assim he que as verdades da vida futura nos são descobertas por Jesus Christo. Na mesma Lei no-las mostra. A verdadeira terra prometida he o Reino Celeste. Por esta bemaventurada Patria he que suspiravaõ Abrahão, Isaac, e Jacob: A Palestina não merecia terminar todos os seus votos, nem ser o unico objecto de huma tão longa esperança de nossos pais.

O Egypto de donde elle deve sair, o Deserto por onde deve passar, a Babilonia cujas prizoens deve romper para entrar, ou para tornar a recolher-se á nossa Patria, he o mundo com os seus prazeres, e as suas vaidades: lá he que nós fo-

*Matth. XXII. 32.*  
*Luc. 21. 38.*

*Heb. XI. 24. 15. 16.*

*IX. 24. 8*  
*21. 12*  
*21.*

mos verdadeiramente cativos, e errantes, enganados pelo peccado, e seus appetites, he-nos preciso facer este jugo para acharmos na Jerusalem, e na Cidade do nosso Deos a liberdade verdadeira, e hum Sanctuario, *naõ feito pela mão do homem*, no qual nos appareça a gloria do Deos de Israel.

2. Cor. V.  
3.

Por esta doutrina de Jesus Christo o segredo de Deos nos he descoberto, a Lei he toda espiritual, as suas promessas nos introduzem nas do Evangelho, e lhe servem de fundamento. Huma mesma luz nos apparece por toda a parte: ella se levanta debaixo dos Patriarchas, debaixo de Moysés, e dos Profetas se augmenta: Jesus Christo, maior que os Patriarchas, mais authorisado que Moysés, mais illustrado que todos os Profetas, no-la mostra em toda a sua grandeza.

A este Christo, a este Homem Deos, a este Homem que occupa sobre a terra, como falla Santo Agostinho, o lugar da verdade, e a faz ver pessoalmente residente no meio de nós, a elle, digo eu, estava reservado o mostrar-nos toda a verdade,

de, isto he, a dos Mysterios, a das virtudes, e das recompensas, que Deos destinou para aquelles que elle ama.

Eraõ taes grandezas as que os Judeos deviaõ buscar no seu Messias. Nada nelle ha taõ grande, como trazer em si mesmo, e descobrir aos homens esta verdade toda inteira que os sustenta, que os dirige, e que purifica os seus olhos até os constituir capazes de verem a Deos.

No tempo em que a verdade devia ser mostrada aos homens, com aquella plenitude, estava tambem ordenado que seria annunciada por toda a terra, e em todos os tempos. Deos naõ deo a Moysés mais que hum só povo, e hum tempo determinado; todos os seculos, e todos os povos do mundo saõ dados a Jesus Christo: por toda a parte tem os seus escolhidos, e a sua Igreja espalhada por todo o mundo naõ cessará em tempo algum de os produzir. *Ide, diz elle, ensinai a todos as Nações, baptizando-as em nome do Padre, e do Filho, e do Espirito Santo, e ensinando-lhes a observar tudo o que vos*

*Matt.  
XXVIII.  
19. 20.*

abre v a abos 2 I 2 isthem o ob or 2

ob

ordenei ; ex-aqui eu sou comvosco todos os dias até o fim dos seculos.

---

CAPITULO XX.

*A descida do Espirito Santo, o estabelecimento da Igreja; os Juizos de Deos sobre os Judeos, e sobre os Gentios.*

**P** Ara se espalhar por todos os lugares, e por todos os seculos taõ altas verdades, e para se pôr em vigor no meio da corrupção praticas taõ purificadas, era precisa huma virtude mais que humana. Por este motivo he que Jesus Christo promete enviar o Espirito Santo para fortificar os seus Apostolos, e animar eternamente o corpo da Igreja.

Esta força do Espirito Santo, para se declarar mais, devia apparecer na enfermidade, *eu vos enviarei*, diz Jesus Christo aos seus Apostolos: *Aquelle que meu Pai prometteo*, isto he, o Espirito Santo; *esperando o, ponde-vos em socego em Jerusalem; nada imprehendais até*  
que

que sejaes revestidos da força Divina.

Para se conformarem com esta ordem, vivem fechados por espaço de quarenta dias: o Espirito Santo desce no tempo determinado; as linguas do fogo, cahidas sobre os Discipulos de Jesus Christo, denotão a efficacia da sua palavra; a pregação começa; os Apostolos dão testemunho a Jesus Christo; põem-se promptos para soffrerem tudo por sustentarem que o tem visto resuscitado. Os milagres seguem às suas palavras; em duas Pregações de S. Pedro, oito mil Judeos se convertem, e chorando o seu erro, são lavados no sangue que haviaõ derramado.

Assim a Igreja he fundada em Jerusaleem, e entre os Judeos, a pezar da incredulidade do grosso da Nação. Os Discipulos de Jesus Christo fazem ver ao mundo huma caridade, e huma força, e huma doçura que em nenhuma sociedade ja mais havia tido. A perseguição se levanta; a Fé se augmenta; os filhos de Deos aprendem cada vez mais a não desejarem mais que o

Ceo ; os Judeos pela sua malicia obstinada , attrahem a vingança de Deos , e adiantão os males extremos com que erão ameaçados ; o seu estado , e os seus negocios vão a peor. Em quanto Deos continúa em separar delles hum grande numero que põe entre os seus escolhidos , S. Pedro he enviado para baptisar a Cornelio Centurião Romano. Conhece primeiramente por huma celeste visã , e depois pela experiencia , que os Gentios são chamados para o conhecimento de Deos. Jesus Christo , que os queria converter , falla do Ceo a S. Paulo , que devia ser o seu Doutor ; e por hum milagre até entã nunca ouvido , em hum instante , de perseguidor o faz não sómente defensor , mas tambem zeloso Prégador da Lei : elle lhe descobre o segredo profundo da vocaçã dos Gentios pela reprovaçã dos Judeos ingratos , que se tornã cada vez mais indignos do Evangelho. S. Paulo estende as mãs aos Gentios : trata com huma força maravilhosa estas importantes questões :

*Se o Christo devia soffrer , e se era o primeiro que devia começar a verdade*

*de*

de ao povo, e aos Gentios, depois de ser resuscitado dos mortos: prova a affirmativa por Moysés, e pelos Profetas, e chama aos Idolatras para o conhecimento de Deos em nome de Jesus Christo resuscitado. Em multidão se convertem: S. Paulo mostra que a sua vocação he hum effeito da Graça, que não distingue mais nem os Judeos, nem os Gentios. O furor, e a inveja transporta os Judeos; fazem conjurações terriveis contra S. Paulo, escandalizados principalmente de que elle pregue aos Gentios, e os encaminhe para o verdadeiro Deos, por fim o entregam aos Romanos, como lhes haviaõ entregado a Jesus Christo. Todo o Imperio se move contra a Igreja nascente, e Nero, perseguidor de todo o Genero humano, foi o primeiro perseguidor dos fieis. Este Tyranno faz morrer a S. Pedro, e a S. Paulo. Roma he consagrada pelo seu sangue; e o Martyrio de S. Pedro, Principe dos Apostolos, estabelece na Capital do Imperio o aliento principal da Religião. Entretanto o tempo chegava em que a vingança Divina devia brilhar sobre

os Judeos impenitentes: a desordem se põe entre elles; hum falso zelo os cega, e os torna odiosos a todos os homens; seus falsos Profetas os encantão pelas promessas de hum Reino imaginario. Enganados por estas mentiras, não podem mais soffrer algum imperio legitimo; e não dão alguns limites aos seus attentados. Deos os entrega ao sentimento reprovado. Elles se rebelião contra os Romanos que os opprimem: o mesmo Tito, que os arruina, reconhece que não faz mais que emprestar a sua mão a Deos irritado contra elles. Adriano acaba de os exterminar: elles acabaõ com todos os fines da vingança Divina: expulsados da sua terra, e escravos por todo o mundo, não tem mais nem Templo, nem Altar, nem Sacrificio, nem paiz; e não se vê na Judéa alguma forma de Povo.

*Philost.*

*vii. Apoll.*

*Tyan. lib.*

*6.*

*Joséph. de*

*viii. Jud.*

*lib. 7. 16.*

Deos com tudo havia dado providencia á eternidade do seu culto: os Gentios abrem os olhos, e se unem em espirito aos Judeos convertidos. Por este meio entraõ na familia de Abrahão; e vindo a ser seus filhos pela fé, herdaõ as promessas que lhe ha-



haviaõ sido feitas. Hum novo povo se fórma, e o novo Sacrificio, taõ celebrado pelos Profetas, começa a se offerecer por toda a terra.

Assim foi cumprindo de ponto em ponto o antigo Oraculo de Jacob: Judá he multiplicado desde o principio mais que seus irmãos; e havendo sempre conservado huma certa preeminencia, recebe por fim a dignidade Real como hereditaria. Ao depois o Povo de Deos he reduzido á sua unica familia; e comprehendido na sua Tribu, toma o seu nome. Em Judá se continúa aquelle grande povo promettido a Abraham, a Isaac, e a Jacob; nelle se perpetuaõ as outras promessas, o Culto de Deos, o Templo, os Sacrificios, a posse da terra promettida, que não se chama mais que a Judea. A pezar dos diversos estados, os Judeos ficaõ sempre no corpo de povo regulado, e de Reino, usando das suas Leis. Não se vé ahi nascer sempre Reis, ou Magistrados, e Juizes, até que o Messias venha: elle chega, e o Reino de Judá pouco a pouco cahê em ruina. He totalmente destruido, e o povo Judai-

co he expulſado ſem eſperança da terra de ſeus pais. O Meſſias vem a ſer a eſperança das Nações, e reina ſobre hum novo povo.

Mas para guardar a ſucceſſão, e a continuação era preciso que eſte novo povo foſſe enxertado, para dizer aſſim, ſobre o primeiro, e como diz S. Paulo, *a Oliveira brava ſobre a manſa Oliveira; a fim de participar do ſeu bom ſucco.* Tambem ſuccedeo que a Igreja, eſtabelecida primeiramente entre os Judeos, recebeu por fim os Gentios para fazer com elles huma meſma arvore, hum meſmo corpo, hum meſmo povo, e tornallos participantes das ſuas graças, e das ſuas promeſſas.

Rom. 11.  
27.

O que acontece depois aos Judeos incredulos governando Veſpaziano, e Tito não diz respeito mais á continuação do Povo de Deos. Iſto he hum caſtigo dos rebeldes, que pela ſua infidelidade para com a ſemente promettida a Abrahão, e a David, não ſão mais Judeos, nem mais filhos de Abrahão que ſegundo a carne, e renunciaõ a promeſſa pela qual as Nações devem ſer abençoadas.

Assim esta ultima, e espantosa  
 dissolação dos Judeos não he mais  
 huma transmigração, como a de Ba-  
 bylonia; não he huma suspensão do  
 governo, e do estado do povo de De-  
 os, nem do serviço solemne da Re-  
 ligião; o novo povo, ja formado,  
 e continuado com o antigo em Jesus  
 Christo, não he transportado; ex-  
 tende-se, e dilata-se sem interrup-  
 ção desde Jerusalem, aonde devia  
 nascer, até ás extremidades da ter-  
 ra. os Gentios aggregados aos Jude-  
 os vem a ser dahi em diante os ver-  
 dadeiros Judeos; o verdadeiro Rei-  
 no de Judá opposto ao de Israel Scis-  
 matico, e separado do Povo de Deos,  
 o verdadeiro Reino de David pela  
 obediencia que dão ás Leis, e ao  
 Evangelho de Jesus Christo Filho de  
 David.

Depois do estabelicimento deste  
 novo Reino, não he para admirar  
 que tudo acabe na Judéa. O segun-  
 do Templo não servia mais de nada  
 depois que o Messias ahi completa  
 o que era affinalado pelas Profecias.  
 Este templo tinha tido a gloria que  
 lhe era promettida, quando o deze-  
 jado das Nações para ahi tivesse vin-

do. A Jerusaleem visivel havia feito o que lhe restava para fazer, pois que a Igreja ahi tinha tomado o seu nascimento, e que de lá extendia todos os dias os seus ramos por toda a terra. A Judéa não he mais nada para Deos nem para a Religião do mesmo modo que os Judeos; e he justo que em castigo do seu endurecimento as suas ruínas sejaõ espalhadas por toda a terra.

Isto he o que lhes devia acontecer no tempo do Messias segundo Jacob, segundo Daniel, segundo Zacharias, e segundo todos os Profetas: mas como devem voltar em algum dia para esse Messias que tem desconhecido, e o Deos de Abraham ainda não tem esgotado as suas misericordias sobre a familia, ainda que infiel, deste Patriarcha, elle tem achado hum meio, do qual não ha no mundo mais que este só exemplo, de conservar a os Judeos fóra do seu paiz, e na sua ruina, ainda por mais longo tempo que os povos que os tem vencido. Não se vê mais algum resto nem dos antigos Assyrios, nem dos antigos Medos, nem dos antigos Persas, nem dos antigos Gregos, nem até dos antigos

Ro-

Romaños. Perderão-se os seus vestígios, e são confundidos com os outros povos. Os Judeos, que tem sido a preza destas antigas Nações tão celebres nas Historias, lhes tem sobrevivido; e Deos conservando-os, nos põe na esperança do que ainda quer fazer dos infelices restos de hum povo em outro tempo tão favorecido. Com tudo o seu endurecimento serve para a salvação dos Gentios, e lhes dá aquella vantagem de acharem nas mãos não suspeitas as Escripturas que tem predicto Jesus Christo, e os seus mysterios. Vemos entre outras cousas nestas Escripturas a cegueira, e as desgraças dos Judeos que as conservabão tão cuidadosamente: assim nos aproveitamos da sua desgraça: a sua infidelidade faz hum dos fundamentos da nossa Fé; elles nos ensinão a temer a Deos, e nos são hum espectáculo eterno dos Juizos que exercita sobre os filhos ingratos, a fim de que nós aprendamos a não nos glorificarmos das graças feitas a nossos pais.

Hum mysterio tão maravilhoso, e util a instrução do Genero humano, merece ser bem considerado.

mas

*2. A*  
*2. A*  
*If. 6. 52.*  
*53. 65.*  
*Dan. 9.*  
*Matth.*  
*Joan. 12.*  
*Act. 28.*  
*Rom. 11.*

mas não temos necessidade dos discursos humanos para o entendermos: o Espírito Santo tomou o cuidado de no-los explicar pela boca de S. Paulo, e rogo a V. Alteza que ouça o que este Apostolo delle escreveo aos Romanos.

*Rom. 11.  
2. 2. &c.* Depois de haver fallado do pequeno numero dos Judeos, que tinha recebido o Evangelho, e da cegueira dos outros, entra em huma profunda consideração do que deve vir a ser hum povo honrado com tantas graças, e nos descobre ao mesmo tempo o proveito, que tiramos da sua queda, e os fructos que produzirá algum dia a sua conversão.

*Ibid. 11.  
&c.* Os Judeos pois cabirão, diz elle, para não se levantarem mais? Deos não o permita. Mas a sua queda deo occasião á salvação dos Gentios, a fim de que a salvação dos Gentios lhes causasse huma emulação, que os fizesse entrar em si mesmo. Que se a sua queda tem sido a riqueza dos Gentios, que se tem convertido em tão grande numero, que graça não veremos reluzir quando elles tornarem de todo! Se a sua reprobção tem sido a reconciliação do mundo, a sua

revocação não será buma resurreição da morte para a vida? Que se as premicias tiradas deste povo são santas, a massa o he tambem; se a raiz he santa, os ramos o são tambem, e se alguns dos ramos tem sido cortados, e que tu, Gentio, que não eras mais que buma Oliveira silvestre, tu te ubas sido enxertado entre os ramos que ficavaõ sobre a Oliveira mansa, de sorte tu participas do succo que corre da raiz, guarda-te de te levantares contra os ramos naturaes. Que se tu te levantas, considera que não he tu que trazes a raiz, mas he a raiz que te traz. Tu dirás talvez: os ramos naturaes tem sido cortados a fim de que eu fosse enxertado no seu lugar. He verdade, a incredulidade causou este corte, he a tua Fé que te sustenta. Toma pois sentido em não te inchares, mas vive no temor: porque se Deos não tem poupado os ramos naturaes, deves temer que elle ainda menos te não poupe.

Quem não tremaria ouvindo estas palavras ao Apostolo! podemos nós não ser assombrados pela vingança que brilha depois de tantos seculos tão terrivelmente sobre os Judeos,

pois que S. Paulo nos adverte da  
 parte de Deos, que a nossa ingrati-  
 dad nos pôde attrahir hum similhan-  
 te tratamento? Mas ouçamos a con-  
 tinuação deste grande mysterio. O  
 Apóstolo continua em fallar aos Gen-  
 tios convertidos: *considerai*; he diz  
 elle, *a clemencia, e a severidade de*  
*Deos*; *a sua severidade para com*  
*aquelles que são descabidos da sua gra-*  
*ça, e a sua clemencia para convos-*  
*co, se com tudo persistis firmes no es-*  
*tado em que a sua bondade vos pôz; de*  
*outro modo sereis cortados como elles.*  
*Se elles cessão de serem incredulos,*  
*serão enxertados de novo, porque De-*  
*os, que os cortou, he bastantemen-*  
*te poderoso para os fazer ainda pegar.*  
*Porque se vós tendes sido separados da*  
*Oliveira silvestre, nonde a nature-*  
*za vos havia feito nascer, para seres*  
*enxertado na Oliveira mansa contra a*  
*ordem natural, quanto mais facilmen-*  
*te os ramos naturaes da mesma Olivei-*  
*ra serão enxertados sobre o seu proprio*  
*tronco? Aqui o Apóstolo se eleva*  
*sobre tudo o que vem de dizer, e*  
*entrando nas profundidades dos con-*  
*selhos de Deos, profegue assim o*  
*seu dilcurso: eu não quero, meus*  
ir.



irmãos, que vós ignoreis este myste- *Ibid. 25.*  
 rio, a fim de que aprendaes a não pre- *3.º seq.*  
 sumir de vós mesmo: este he que huma  
 parte dos Judeos cabio na cegueira, a  
 fim de que a multidão dos Gentios en-  
 trasse entre tanto na Igreja, e que  
 por este modo todo o Israel fosse sal-  
 vado segundo se acha escripto, sabi-  
 rá de Sião hum libertador que dester-  
 rará a impiedade de Jacob; e ex-aquí  
 a Alliança que eu farei com elles *If. 59. 20.*  
 quando tiver apagado os seus peccados.

Este lugar de Isaías, que S. Pau-  
 lo cita aqui segundo os setenta, co-  
 mo tinha por costume por causa de  
 que a sua versão era conhecida por  
 toda a terra, he ainda mais forte no  
 original, e tomado em toda a exten-  
 são. Porque o Profeta ahí prediz an-  
 tes de todas as cousas a conversão  
 dos Gentios por estas palavras: *If. 59. 20.*  
*Os do Occidente temarão o nome do Senhor,*  
*e os do Oriente verão a sua gloria.*  
 Depois debaixo da figura de hum rio  
 rapido impellido por hum vento impe-  
 tuoso, Isaías vê de longe as perse-  
 guições que farão crescer a Igreja.  
 Em fim o Espirito Santo lhe ensina o  
 que virão a ser os Judeos, e lhes de-  
 clara, *If. 59. 20.*  
*que o Salvador virá a Sião,*  
*e se 21.*

e se aproximarão aos de Jacob, que então se converterão dos seus peccados, e ex-aqui diz o Senhor, a Alliança que eu farei com elles. O meu Espirito que está em ti, ó Profeta, e as palavras que paz na tua boca persistirão eternamente, não somente na tua boca, mas também na de teus filhos, e dos filhos de teus filhos, agora, e para sempre, disse o Senhor.

Faz-nos saber pois claramente, que depois da conversão dos Gentios, o Salvador, a quem Siaõ havia desconhecido, e que os filhos de Jacob haviaõ regeitado, se voltará para elles, apagará os seus peccados, e lhes dará a intelligencia das Profecias que elles terão perdido durante hum longo tempo, para passar successivamente, e de mão em mão em toda a posteridade, e não ser mais esquecida até o fim do mundo, e outro tanto tempo como Deos for servido fazella durar depois deste maravilhoso successo.

Assim os Judeos se reduzirão algum dia, e se reduzirão para não se apartarem ja mais; mas não serão reduzidos senão depois que o Oriente, e o Occidente, isto he, todo o mundo

do tiver sido cheio de temor, e do conhecimento de Deos.

O Espirito Santo mostra a S. Paulo que aquella feliz reduçãõ dos Judeos serã o effeito do amor que Deos tem tido a seus pais. Por esta razãõ he que acaba assim o seu discurso. *Em quanto ao Evangelho, diz elle, Rom. IX. que vos prégamos agora, os Judeos são inimigos por amor de vós, se Deos os reprovou, isto tem sido, ó Genticos para vos chamar; mas em quanto á eleição, pela qual elles erã escolhidos desde o tempo da Alliança jurada com Abrahã, sempre os amou por causa de seus pais; porque os dons, e a vocaçã de Deos não soffrem arrependimento. E como vós não crestes em outro tempo, e tendes agora alcançado misericordia por causa da increãulidade dos Judeos, Deos tendo querido escolher-vos para vos pôr no seu lugar, assim os Judeos não tem crido que Deos vos haja querido fazer misericordia, a fim de que algum dia elles a recebaõ: porque Deos tudo tem comprehendido na incredulidade para usar de Misericordia com todos, e a fim de que todos conhecessem a necessidade que*

tem

tem da sua graça. A profundidade dos thesouros da sabedoria, e da sciencia de Deos! Quanto os seus Juizos são incomprebensiveis, e os seus caminhos impenetraveis! Porque quem conhece os designios de Deos, ou quem tem entrado nos seus conselhos? Quem lhe tem dado o primeiro para delle tirar o premio; pois que he delle, e por elle, e nelle que existem todas as cousas? A gloria lhe seja dada pelo espaço de todos os seculos.

Ex-aqui o que diz S. Paulo sobre a eleição dos Judeos, sobre a sua queda, sobre a sua redução, e em fim sobre a conversão dos Gentios, que são chamados para occuparem o seu lugar, e para os conduzirem no fim dos seculos para a benção promettida a seus pais, isto he, ao Christo a quem elles com pertinacia negaram. Este grande Apóstolo nos faz conhecer a graça que passa de povo em povo para conter a todos os povos no temor de a perderem, e nos mostra a sua força invencivel em que depois de haver convertido os Idolatras, reserva para si por ultima obra convencer o endurecimento, e a perfidia Judaica.

Por

Por este profundo conselho de Deos, os Judeos ainda subsistem no meio das Naçoens, pelas quaes andão dispersos, e cativos; mas subsistem com o caracter da sua reprobacão, descahidos visivelmente, pela sua infidelidade, das promessas feitas a seus Pais, desterrados da terra promettida, até não tendo terra alguma para cultivar, escravos por toda a parte aonde se achão, sem honra, sem liberdade, sem alguma figura de povo.

Cahirão neste estado trinta e oito annos depois que crucificáráo a Jesus Christo, e depois de haverem empregado em perseguirem os seus discipulos, o tempo lhes havia sido deixado para se reconhecerem. Mas em quanto o antigo povo he reprovado pela sua infidelidade, o novo povo se augmenta todos os dias entre os Gentios: a Alliança feita em outro tempo com Abrahão, se estende segundo a promessa a todos os povos do mundo que se haviaõ esquecido de Deos: a Igreja Christã chama para si a todos os homens; e socegada por espaço de muitos seculos, entre perseguiçoens

ens inauditas, lhes mostra que não espera a sua felicidade sobre a terra.

Este era, Serenissimo Senhor, o mais digno fructo do conhecimento de Deos, e o effeito daquella grande benção que o mundo devia esperar por Jesus Christo. Elle hia-se derramando todos os dias de fama em familia, e de povos em povos; os homens abrião os olhos cada vez mais para conhecerem a cegueira em que a Idolatria os havia mergulhado; e a pezar de todo o poder Romano vião-se os Christãos sem rebellião, sem fazerem alguma desordem, e sómente soffrendo toda a qualidade de deshumanidades, mudar a face do mundo, e se extenderem por toda a parte.

A promptidão nunca ouvida com que se fez esta grande mudança, he hum milagre visível. Jesus Christo havia prediço que o seu Evangelho seria bem cedo pregado por toda a terra: esta maravilha devia acontecer logo depois da sua morte; e elle tinha dito que *depois que o tivessem levantado da terra*; isto he, depois que o tivessem pregado

Joan. 8.

28. 12. 32.

do na Cruz, *atravaria para si todas as cousas.* Os seus Apostolos não tinhaõ ainda acabado a sua carreira, e S. Paulo dizia já aos Romanos, *que a sua Fé era annunciada em todo o mundo.* Dizia aos Colossenses, *que o Evangelho era ouvido por toda a creatura que vivia debaixo do Ceo; que era pregado, que fructificava, que crescia por todo o mundo.* Huma tradição constante nos ensina, e que S. Thomé o levou aos Indios, e os outros, a outros paizes distantes. Mas não se precisa de historias para confirmar esta verdade: o effeito falla, e affaz se vê com quanta razaõ S. Paulo applica aos Apostolos aquelle lugar do Psalmista: *a sua voz se faz ouvir por toda a terra, e a sua palavra tem sido levada até ás extremidades do mundo.* No tempo dos seus Discipulos, quasi que não havia paiz por mais remoto, e desconhecido que fosse, no qual o Evangelho não tivesse penetrado. Cem annos depois de Jesus Christo, S. Justino contava já entre os fieis muitas Naçoens barbaras, e até povos vagabundos que andavaõ de huma parte para outra sobre carros sem terem

Rom. 1. 8.

Col. 1. 5. 6.

23.

Grg.

Naz. Orat.

25.

Rom. X.

19.

Just. Apol.

2. 8. adv.

Triph.

8. 11. 81.

81. 11. 81.

têrem morada fixa. Não era isto huma  
 ma vam exaggeraçãõ; era hum factõ  
 constante, e notorio, que constava  
 na presença dos Imperadores, e na  
 face de todo o mundo. S. Ireneo vem  
 hum pouco depois, e vê-se crescer o  
 enumeramento que se fazia das Igrejas.  
 A sua concordia era admiravel: o que se  
 cria nas Gallias, nas Hespanhas, na  
 Germania, se cria no Egypto, e no Oriente;  
 e como não havia mais que hum mes-  
 mo Sol em todo o mundo, via-se em  
 toda a Igreja, desde huma extremi-  
 dade do mundo, até á outra, a mes-  
 ma luz da verdade.

*Tertull.  
 ad Jud. 7.  
 Apolog.  
 37.*

*Orig. Tr.  
 28. in  
 Matth.  
 hom. in  
 Ezech.  
 Arn. lib.  
 11.*

Por pouco que se ptofiga, pas-  
 ma-se á vista dos progressos que se  
 vê. No meio do terceiro seculo Ter-  
 tuliano, e Origines fazem ver na  
 Igreja povos inteiros que hum pou-  
 co antes nella se não viãõ. Os que  
 Origines exceptuava, que erãõ os  
 mais distantes do mundo conheci-  
 do, ahi são postos hum pouco de-  
 pois por Arnobio. Que podia ter  
 visto o mundo para se entregar taõ  
 promptamente a Jesus Christo? Se  
 vio milagres, Deos se misturou vi-  
 sivelmente nesta obra; e se se po-  
 dia



dia fazer que não os houvesse visto, não seria isto hum novo milagre, *Aug. XXI. de Civ. 7. XXII. 5.*  
 maior, e mais incrível que aquelles que se não quer acreditar, *Aug. XXI. de Civ. 7. XXII. 5.*  
 ver convertido o Mudo sem milagre, haver feito entrar a tantos ignorantes em mysterios tão altos, haver inspirado a tantos sabios huma humilde submissão, e haver persuadido a incredulos tantas cousas increíveis.

Mas o milagre dos milagres, se pôde fallar desta sorte, he que com a Fé dos mysterios, as virtudes as mais eminentes, e as praticas as mais custosas se espalharão por toda a terra. Os discipulos de Jesus Christo, o seguirão nos caminhos os mais difficéis. Soffrer tudo pela verdade tem sido entre os seus filhos hum exercicio ordinario; e para imitarem ao seu Salvador, correrão aos tormentos com mais ardor do que os mais correm para as delicias. Não se pôde contar exemplos, nem dos ricos que se empobrecerão para ajudarem os pobres, nem dos pobres que preferirão a pobreza ás riquezas, nem das virgens que imitaram na terra a vida dos Anjos, nem

K

dos

dos Pastores caritativos, que se fizeram todos para todos, sempre promptos para darem ao seu rebanho, não sómente as suas vigílias, e os seus trabalhos, mas também as suas proprias vidas. Que direi eu da penitencia, e da mortificação? Os Juizes não exercitam mais severamente a Justiça sobre os criminosos, do que os peccadores penitentes a tem exercitado sobre si mesmos. Muito mais os innocentes tem punido em si com hum rigor incrível aquella extraordinaria inclinação que temos para o peccado. A vida de S. João Baptista, que pareceo tão admiravel aos Judeos, veio a ser commua entre os fieis; os desertos tem sido povoados dos seus imitadores; e nelles bouve tantos solitarios, que os mais perfeitos tem sido constringidos a procurarem solidões mais profundas; tanto se fugio ao mundo, tanto se gostou da vida contemplativa.

Taes eraõ os fructos preciosos que devia produzir o Evangelho. A Igreja não he menos rica em exemplos, do que em preceitos, e a sua doutrina pareceo santa, produzindo

duzindo huma infinidade de Santos. Deos que sabe que as mais fortes virtudes nascem entre as mortificações, a fundou por meio do martyrio, e a conservou por espaço de trezentos annos neste estado, sem que tivesse hum só momento para descansar. Depois que mostrou por huma longa experiencia que não tinha necessidade de socorro humano, nem das potencias da terra para estabelecer a sua Igreja, por fim chamou aos Imperadores, e fez do grande Constantino hum protector declarado do Christianismo. Depois deste tempo os Reis tem corrido de todas as partes para a Igreja; e tudo o que estava escripto nas profecias concernente á sua gloria futura, se tem cumprido á vista de toda a terra.

Se tem sido invencivel contra os esforços exteriores, ella não o he menos contra as divisoens intestinas. Aquellas heresias tão predictas por Jesus Christo, e pelos seus Apostolos, são chegadas, e a Fé perseguida pelos Imperadores, soffria no mesmo tempo dos hereges huma perseguição mais perigosa. Mas

esta perseguição nunca tem sido mais violenta como no tempo em que se vio cessar a dos Pagãos. Então fez o Inferno os seus maiores esforços para destruir per si mesma aquella Igreja, cuja firmeza havia feito ataques dos seus mais declarados inimigos. Apenas ella começava a respirar pela paz que lhe deu Constantino; e ex aqui Arrio, aquelle infeliz Sacerdote lhe suscita as maiores inquietações que não havia em tempo algum soffrido. Constancio, filho de Constantino, enganado pelos Arrianos, cujo dogma authoriza, atormenta os Catholicos por toda a terra; novo perseguidor do Christianismo, e outro tanto mais formidavel, porque debaixo do Nome de Jesus Christo faz a guerra a Jesus Christo mesmo. Por cume de infelicidades a Igreja assim dividida cahe entre as mãos de Juliano Apostata, que põe tudo em obra para destruir o Christianismo, e não acha melhor meio que fomentar as facções, pelas quaes era despedaçada. Depois d'elle vem hum Valentiniano, tão apaixonado pelos Arrianos como Constancio, mas mais violento. Outros

Im-

Imperadores protegem outras here-  
 fias com hum semelhante furor. A  
 Igreja conhece por tantas experien-  
 cias, que não tem menos que sof-  
 frer debaixo dos Imperadores Chris-  
 taõs, do que havia soffrido no tem-  
 po dos Infiéis, e que deve derra-  
 mar o seu sangue para defender,  
 não sómente todo o corpo da sua  
 doutrina, mas tambem cada artigo  
 particular. Com effeito não ha al-  
 gum que ella não tenha visto ata-  
 cado pelos seus filhos. Mil seitas,  
 e mil heresias sahidas do seu seio,  
 se levantaráo contra ella. Mas se  
 as tem visto levantarem-se segun-  
 do as predicçoens de Jesus Christo,  
 ella as tem visto cahir todas se-  
 gundo as suas promessas, ainda que  
 muitas vezes sustidas pelos Impera-  
 dores, e pelos Reis. Os seus verda-  
 deiros filhos tem sido, como diz  
 S. Paulo, reconhecidos por esta ex-  
 periencia; a verdade não tem fei-  
 to mais que fortificar-se quando tem  
 sido contestada; e a Igreja ficou im-  
 movel.

## CAPITULO XXI:

*Reflexões particulares sobre o castigo dos Judeos, e sobre as predicções de Jesus Christo que o haviaõ assignalado.*

**E**M quanto eu trabalhei em mostrar a V. Alteza sem interrupção a continuação dos Conselhos de Deos na perpetuidade do seu povo, passei rapidamente sobre muitos factos, que merecem reflexões profundas. Seja-me permittido tornar a ellas para não deixar perder a V. Alteza tão grandes cousas.

E primeiramente, Serenissimo Senhor, vos rogo que considereis com humia attenção mais particular a queda dos Judeos, da qual todas as circumstancias dão testemunho ao Evangelho. Estas circumstancias nos são explicadas pelos Authores infieis, pelos Judeos, e pelos Pagãos, que sem esperarem a continuação dos Conselhos de Deos, nos tem contado os factos importantes, pelos quaes a foi servido declarar.

Te-

Temos Josepho, Author Judeo, Historiador muito fiel, e muito instruido nos negocios da sua Nação, da qual tambem illustrou as antiguidades por huma obra admiravel. Elle escreveu a ultima guerra, em que ella acabou, depois de haver sido presente a tudo, e ter elle mesmo nella servido o seu paiz com hum commandamento consideravel.

Os Judeos nos furnecem tambem outros Authores antiquissimos, cujos testemunhos verá V. Alteza. Tem antigos Commentarios sobre os Livros da Escriptura, e entre outros as Parafrazes Caldaicas que imprimem com suas Biblias. Tem o seu Livro a que elles chamaõ Talmud, isto he, doutrina, que não respeitã menos que a mesma Escriptura. Este he huma Collecção de tratados, e sentenças dos seus antigos mestres; e ainda que as partes, das quaes esta obra he composta, não sejaõ todas da mesma antiguidade, os ultimos Authores, que ahi são citados viverã nos primeiros seculos da Igreja. Entre huma infinidade de fabulas impertinentes que se vê começarem pela maior parte depois do tempo de

Nosso Senhor, alli se achão bellos restos das antigas tradiçoens do povo Judaico, e das provas para o convencer.

E na verdade he certo, pela confissão dos Judeos, que a vingança Divina nunca foi declarada mais terrivel, nem manifestamente, do que na sua ultima dissolação.

He huma tradiçãõ constante, attestada no seu Talmud, e confirmada por todos os seus Rabinos, que quarenta annos antes da ruina de Jerusalem, o que com pouca differença vem a cair no tempo da morte de Jesus Christo, via-se continuamente no Templo cousas estranhas. Todos os dias nelle appareciaõ novos prodigios, de sorte que hum famoso Rabino gritou em hum dia: *ó Templo, ó Templo, quem te abala, e porque fazes tu medo a ti mesmo.*

Que ha ahi mais notavel de que aquelle estrondo horrivel que foi ouvido pelos Sacerdotes no Sanctuario no dia do Pentecostes, e aquella voz manifesta que sahio do fundo daquelle lugar Sagrado: *saiamos daqui, saiamos daqui?* Os Santos Anjos,

Joan. filho de Zebede. Tr. de fest. expiat.

Joan. filho de Zebede. Tr. de fest. expiat.



jos, protectores do Templo, declarã  
 em alta voz que elles o abandonavaõ,  
 porque Deus que nelle havia estabe-  
 lecido a sua mmorada por espaço de  
 tantos seculos, o havia reprovado.  
 Josepho, e o mesmo Tacito tem  
 contado este prodigio. Naõ foi per-  
 cebido senã pelos Sacerdotes. Mas  
 ex-aqui outro prodigio que tem bri-  
 lhado diante dos olhos de todo o  
 povo, e já mais outro algum povo  
 nada tinha visto semelhante: qua-  
 tro annos antes da guerra declara-  
 da, hum Paizano, diz Josepho, se  
 pôz a gritar: hum voz sabio da  
 parte do Oriente, hum voz sabio da  
 do Occidente, hum voz sabio da  
 parte dos quatro ventos: voz con-  
 tra Jerusalem, e contra o Templo,  
 voz contra os novos casados, e as  
 novas casadas, voz contra todo o  
 povo. Depois deste tempo, nem de  
 dia, nem de noite cessou de gritar.  
 Desgraçada, desgraçada Jerusalem. Do-  
 brava os seus gritos nos dias de fes-  
 ta. Outra alguma palavra naõ sahia  
 da sua bocca: os que o lamentavaõ,  
 os que o injuriavaõ, os que lhe ex-  
 punhaõ as suas necessidades, naõ  
 lhe ouviraõ já mais senã aquella

*Joseph.*  
*lib. VII.*  
*de. bell.*  
*Jud. c. 12.*  
*Tact.*  
*hist. lib.*  
*V. c. 13.*  
*Lib. VII.*  
*de bell.*  
*Jud. c. 12.*

*manuscript*  
*scribo*  
*scribo*  
*scribo*  
*scribo*

terrivel palavra: *desgraçada Jerusa-  
lem*. Foi prezo, perguntado, e con-  
demnado a açoutes pelos Magistra-  
dos: a cada pergunta, e a cada aç-  
oute, respondia sem nunca se quei-  
zar, *desgraçada Jerusaleem*. Solto co-  
mo hum incensato corria todo o pa-  
iz, repetindo continuamente a sua  
triste perdicção. Pelo espaço de sete  
anos continuou em gritar desta  
forte, sem se cançar, e sem que a  
sua voz se enfraquecesse. No tem-  
po do ultimo sitio de Jerusaleem,  
fechou-se na Cidade girando infati-  
gavelmente ao redor das muralhas,  
e gritando com toda a força: *des-  
graçado o Templo, desgraçada a Ci-  
dade, desgraçado todo o povo*. Por fim  
accrefcentou: *desgraçado de mim mes-  
mo*, e no mesmo tempo foi morto  
por huma pedra lançada por huma  
maquina.

Não se diria, Serenissimo Senhor,  
que a vingança Divina se havia mos-  
trado como visivel neste homem,  
que não subsistia mais que para pro-  
nunciar as suas sentenças; que ella  
o havia enchido da sua força, a fim  
de que pudesse igualar as desgraças  
do povo pelos seus gritos; e que em  
fim.

fim devia acabar por hum effeito desta vingança, que havia por tão longo tempo annunciado, a fim de a tornar mais sensivel, e mais presente, quando della seria, não sómente o Profeta, e a testemunha, mas tambem a victima.

Este Profeta das desgraças de Jerusaleem se chama Jesus. Parecia que o Nome de Jesus, nome de salvação, e de paz, devia voltar aos Judeos, que o desprezavaõ na pessoa do nosso Salvador, para hum funesto presagio; e que estes ingratos havendo regeitado hum Jesus, que lhes annunciava a graça, a misericordia, e a vida, Deos lhe envia hum outro Jesus, que não tinha que lhes annunciar mais que os males irremediaveis, e o inevitavel decreto da sua proxima ruina.

Passemos mais adiante nos Juizos de Deos, debaixo da conducta das suas escripturas: Jerusaleem, e o seu Templo tem sido por duas vezes destruidos; huma por Nabuchodonosor, outra por Tito. Mas em cada hum destes dous tempos a Justiça de Deos se declarou pelos

mesmos caminhos, ainda que mais claramente no ultimo.

Para melhor entender esta ordem dos Conselhos de Deos, ponhamos antes de todas as cousas esta verdade tantas vezes estabelecida nas santas letras, que hum dos mais terribes effeitos da vingança Divina he quando em castigo dos nossos peccados antecedentes, ella nos entrega ao nosso sentido reprovado, de sorte que sejamos surdos a todas as sabias advertencias, cegos aos caminhos da salvaçaõ, que nos são mostrados, promptos para crer tudo o que nos perde, com tanto que nos lisonjee; e atrevidos em emprender tudo, sem jámais medirmos as nossas forças com as dos inimigos que irritamos.

Assim acabaraõ pela primeira vez, debaixo da mão de Nabuchodonosor, Rei de Babilonia, Jerusaleem, e os seus Principes. Fracos, e sempre abatidos por este Rey victorioso, tinhaõ muitas vezes experimentado que não faziaõ contra elle mais que vãos esforços, e tinhaõ sido obrigados a lhe jurarem fidelidade. O Profeta Jeremias lhes declarava da parte

te de Deos, que o mesmo Deos os  
 havia entregado a este Principe, e  
 que só podia ser salvos fugeitan-  
 do-se ao seu jugo. Elle dizia a Sede-  
 cias, Rei de Judéa, e a todo o seu  
 povo: *fugeitai-vos a Nabuchodonosor,*  
*Rei de Babylonia, a fim de que*  
*vós vivais: porque vazaõ quereis vós*  
*morrer, e fazer desta Cidade huma so-*  
*lidaõ?* Naõ deraõ credito á sua pa-  
 lavra. Em quanto Nabuchodonosor  
 os tinha bloqueado pelos extraordi-  
 narios trabalhos com que tinha cer-  
 cado a sua Cidade, elles se deixavaõ  
 encantar pelos seus falsos Profetas,  
 que lhes enchiaõ o coração de victo-  
 rias imaginarias, e lhes diziaõ em  
 nome de Deos, ainda que Deos naõ  
 os houvesse mandado: *eu quebrei o*  
*jugo do Rei de Babylonia: vós naõ*  
*tendes mais que dois annos para sop-*  
*portar este jugo, e depois vereis este*  
*Principe constrangido a vos entregar*  
*os vasos Sagrados, que tem roubado*  
*do Templo.* O povo enganado por es-  
 tas promessas, soffria a fome, e a se-  
 de, e as mais duras extremidades,  
 e obrou tanto pela sua audacia in-  
 censata, que para elle naõ houve  
 mais misericordia. A Cidade foi des-  
 trui-

*Jer.*  
*XXVII.*  
 12. 17.

*Jer.*  
*XXVIII.*  
 2. 3.

*4. Reg.*  
*XXV.*

truida, o Templo queimado, tudo perdido.

Por estes fins os Judeos conheceraõ, que a mã de Deos estava sobre elles. Mas a fim de que a vingança Divina lhes fosse taõ manifesta na ultima ruina de Jerusaleõ, como o havia sido na primeira, tem-se visto em huma, e outra a mesma seducçaõ, a mesma temeridade, e o mesmo endurecimento.

Ainda que a sua rebelliã tenha attrahido sobre elles as armas Romanas, e elles sacudissem temerariamente hum jugo, debaixo do qual todo o mundo tinha curvado, Tito naõ queria perdellos; pelo contrario elle lhes fez muitas vezes offerrecer perdaõ, naõ sómente no principio da guerra, mas ainda quando naõ podiaõ mais escapar das suas mãos. Tinha já levantado ao redor de Jerusaleõ huma longa, e vasta muralha, fortificada de Torres, e de Fortes, taõ fortes como a mesma Cidade, quando lhes enviou Josepho seu Cidadãõ, hum dos seus Capitães, hum dos seus Sacerdotes, que havia sido cativado nesta guerra defendendo o seu paiz. Que lhes naõ

disy

disse elle para os mover ? Por quantas razões fortes os convidou elle para tornarem a entrar na obediencia ? Fez-lhes ver o Ceo , e a terra conjurados contra elles , a sua perda inevitavel na resistencia , e ao mesmo tempo a sua salvaçãõ na clemencia de Tito. *Salvai*, lhe dizia elle, *Josepb. VII. de bell. Jud. 4.*  
*a Cidade Santa; salvai vos a vós mesmos; salvai aquelle Templo , a maravilha do mundo , que os Romanos respeitaõ , e que Tito contra vontade vè acabar.* Mas que meio para salvar gentes taõ oblinadas em se perderem ? Enganados pelos seus falsos Profetas , naõ ouviaõ estes sabios discursos. Estavaõ reduzidos ao maior extremo : a fome matava mais delles do que a guerra , e as mãis comiaõ os seus filhos. Tito compadecido dos seus males , tomava os seus Deoses por testemunha , de que elle naõ era a causa da sua perda. Durando estas infelicidades davaõ credito ás falsas predicções , que *Josepb. 11.*  
 lhes promettiaõ o Imperio do mundo. Apenas a Cidade era tomada , o fogo abi andava já por todas as partes ; e estes incensatos ainda criaõ os falsos Profetas , que lhes assegura-  
 vaõ 2

vaõ, que ó dia da salvaçaõ era chegado, a fim de que resistissem sempre, e de que naõ houvesse mais para elles misericordia. Com effeito tudo foi morto, a Cidade foi totalmente destruida, e excepto alguns restos de torres, que Tito deixou para servirem de monumento á posteridade, ahi naõ ficou pedra sobre pedra.

Vê pois V. Alteza brilhar sobre Jerusaleem a mesma vingança, que em outro tempo havia apparecido no reinado de Sedecias. Tito naõ era menos enviado por Deos que Nabuchodonosor: os Judeos acabaraõ da mesma sorte. Vê-se em Jerusaleem a mesma rebelliã, a mesma fome, as mesmas extremidades, nos mesmos caminhos da salvaçaõ abertos, a mesma seducçaõ, o mesmo endurecimento, a mesma queda; e a fim de que tudo seja semelhante, o segundo Templo he queimado governando Tito, no mesmo mez, e no mesmo dia, em que havia sido o primeiro no Imperio de Nabuchodonosor: era preciso que tudo fosse assignalado, e que o povo naõ pudesse duvidar da vingança Divina.

*Ibid.* 9. 10.

Como



Com tudo ha entre estas duas quedas de Jerusaleem, e dos Judeos memoraveis differenças, mas todas se encaminhaõ a mostrar na ultima huma Justica mais rigorosa, e declarada. Nabuchodonosor fez pôr fogo ao Templo: Tito de nada se esqueceo para o salvar, ainda que os seus Conselheiros lhe representassem, que em quanto elle subsistisse, os Judeos que nelle punhaõ o seu destino, nunca cessariaõ de ser rebeldes. Mas era chegado o dia fatal; era este o decimo de Agosto, *Ibid.* que tinha já visto queimar o Templo de Salomaõ. A pezar das prohibições de Tito, pronunciadas á vista dos Romanos, e dos Judeos, e da inclinaçãõ natural dos soldados, que os devia encaminhar antes a saquear, que a consumir tantas riquezas, hum soldado impellido, diz Josepho, por *humã inspiraçãõ Divina*, *Ibid.* se faz levantar pelos seus companheiros a huma janella, e põe o fogo naquelle Templo augusto. Tito corre, Tito ordena que se vá depressa apagar a chamma nascente *or. e. liã* ella corre por toda a parte em hum instante, e aquelle admiravel edificio he reduzido a cinzas. Se

*Josepb.  
lib. VI.  
VII.*

Se o endurecimento dos Judeos no tempo de Sedecias era o effeito mais terrivel, e o final mais certo da vingança Divina, que diremos da cegueira que appareceo no tempo de Tito? Na primeira ruina de Jerusaleem os Judeos se entendiaõ ao menos entre si: na ultima Jerusaleem sitiada pelos Romanos, era despedaçada por tres partidos inimigos. Se o odio que tinhaõ todos aos Romanos chegava até os enfurecer, elles naõ eraõ menos encarniçados huns contra os outros: os combates de fóra custavaõ menos sangue aos Judeos que os de dentro. Hum momento depois dos assaltos sustidos contra o Estrangeiro, os Cidadãos tornavaõ a começar a sua guerra intestina; a violencia, e a pilhagem reinava por toda a parte na Cidade. Ella acabava, naõ era mais que hum grande campo coberto de corpos mortos, e com tudo os cabeças dos partidos ahi combatiaõ a favor do Imperio. Naõ era isto huma imagem do Inferno, aonde os condemnados naõ se aborrecem menos huns aos outros, do que aborrecem os demõnios, que saõ seus inimigos communs,

mans, e aonde tudo he cheio de soberba, de confusão, e de raiva? Confessemos pois, Serenissimo Senhor, que a Justiça que Deos fez sobre os Judeos por Nabuchodonosor, não era mais que huma sombra daquella de que Tito foi o ministro. Que Cidade jámais vio morrer hum milhaõ e cem mil homens no tempo de sete mezes, e em hum só sitio? Isto he o que virão os Judeos no ultimo sitio de Jerusalem. Os Chaldeos nada semelhante lhes havião feito soffrer. No tempo destes o seu cativo não durou mais que setenta annos, e ha mais de mil e seiscentos annos que elles são escravos por todo o mundo, e ainda não achão algum adoçamento para a sua escravidão.

Não he para admirar, que Tito victorioso, depois da tomada de Jerusalem, não quizesse receber as congratulações dos povos vizinhos, nem as Coroas que lhe enviavaõ para honrar a sua victoria. Tantas memoraveis circumstancias, a colera de Deos taõ affinalada, e a sua mão que ainda via taõ presente, o retinhaõ em hum profundo affombro, e isto

isto he o que lhe fez dizer o que V. Alteza tem ouvido, que elle não era o vencedor, que elle não era mais que hum fraco instrumento da vingança Divina.

Elle não sabia inteiramente o seu segredo: a hora não era ainda chegada, em que os Imperadores devião conhecer a Jesus Christo. Este era o tempo das humilhações, e das perseguições da Igreja. Por esta razão he que Tito, sufficientemente illustrado para conhecer que a Judéa acabava por hum effeito manifesto da justiça de Deos, não conheceo que crime havia querido punir tão terrivelmente. Este era o maior de todos os crimes; crime até então nunca ouvido, isto he, o deicidio, que tambem deo lugar a hum a vingança, da qual o mundo ainda não tinha visto algum exemplo.

Mas se abrimos hum pouco os olhos, e se consideramos a serie das cousas, nem o crime dos Judeos, nem o seu castigo nos poderão ser occultados.

Lembremo-nos somente do que Jesus Christo lhe havia predicto. Elle havia profetizado a inteira ruina de

de Jerusaleem, e do Templo. Não ficava, diz elle, pedra sobre pedra. *Matth: XXIV. 1. 2.*  
 Havia predicto o modo, porque esta Cidade ingrata seria sitiada, e aquella horrivel circumvalação que a devia rodear. Havia predicto a- *Marc. XIII. 1. 2. Luc. XXI. 5. 6.*

quella horrorosa fome, que devia atormentar os seus Cidadãos, e não se tinha esquecido dos falsos Profetas, pelos quaes deviaõ ser enganados. Havia advertido aos Judeos, que estava proximo o tempo da sua desgraça. Havia dado sinaes certos, que deviaõ assinalar a sua hora precisa; havia-lhes explicado a longa serie dos crimes, que lhes deviaõ attrahir hum tal castigo. Em huma palavra, havia feito toda a historia do sitio, e dessolação de Jerusaleem.

E notai, Serenissimo Senhor, que elle lhes fez estas predicções perto do tempo da sua Paixão, a fim de que melhor conhecessem a causa de todos os seus males. A sua Paixão se aproximava quando elle lhes disse: *A sabedoria Divina vos enviou Profetas, Sabios, e Doutores; vós matareis buns, crucificareis a outros, vós os acoutareis nas vossas Synagogas, los perseguireis da Cidade*

em Cidade, a fim de que todo o sangue  
 innocente que tem sido derramado so-  
 bre a terra, caia sobre vós, depois do  
 sangue do Justo Abel, até o de Za-  
 charias, filho de Barachias a quem  
 matastes entre o Templo, e o Altar.  
 Eu vos digo na verdade, todas estas  
 coujas virão sobre a familia que está  
 presente. Jerusalem, Jerusalem, que  
 matas aos Profetas, e que apedrejas  
 aquelles que te são mandados, quan-  
 tas vezes tenho eu querido ajuntar os  
 teus filhos como buma gallinha ajunta  
 os seus pintos debaixo das suas azas,  
 e tu não o tens querido? Chega o tem-  
 po em que as vossas casas ficarão de-  
 sertas.

Ex aqui a historia dos Judeos.  
 Elles tem perseguido o seu Messias  
 na sua pessoa, e na dos seus: tem  
 abalado todo o mundo contra os seus  
 Discipulos, e não os tem deixado  
 em socego em alguma Cidade: tem  
 armado os Romanos, e os Impera-  
 dores contra a Igreja nascente; ape-  
 drejárao a Santo Estevão, matárao  
 aos dous S. Tiagos, aos quaes a sua  
 santidade constituia veneraveis até  
 entre elles, sacrificárao a S. Pedro,  
 e a S. Paulo pela espada, e pelas  
 mãos

mãos dos Gentios. *H*er eis o que todos morraõ. Tanto fangue misturado com o dos Profetas, a quem elles matáraõ, grita vingança diante de Deus: *as suas casas, e a sua Cidade vai ser deserta: a sua desolação não será menor que o crime; Jesus Christo os advertio delle; o tempo está próximo: todas estas cousas virão sobre a familia que está presente; e ainda esta geração não passará sem que estas cousas aconteçaõ, isto he, que os homens que entaõ viviaõ dellas deviaõ ser as testemunas.*

*Matth: XXIV.*

*34.*

*Marc:*

*XIII. 30.*

*Luc. XIX*

*32.*

Mas ouçamos a continuação das predicções do nosso Salvador. Como fazia a sua entrada em Jerusalem, alguns dias antes da sua morte, compadecido dos males que esta morte devia attrahir para esta infeliz Cidade, elle a vê chorando: *ah, diz elle, Cidade desgraçada, se tu conhecesses ao menos naquelle dia, que ainda te he dado para te arrependeres, o que te poderia trazer a paz! Mas agora tudo isto se occulta aos teus olhos. Virá tempo em que os teus inimigos te cercarão com trincheiras, e te fecharão, e te encerrarão de todas*

*Luc. XIX. 41.*

das as partes, e te destruirão inteiramente a ti, e a teus filhos, e não deixarão em ti pedra sobre pedra; porque não tens conhecido o tempo em que Deus te visitou.

Era isto assinalar assás claramente a maneira do sitio, e os ultimos effeitos da vingança. Mas não devia Jesus Christo ir ao supplicio sem annunciar a Jerusalem quanto seria algum dia castigada do indigno tratamento que lhe fazia. Como hia para o Calvario levando sobre os seus hombros a sua Cruz, era seguido de huma grande multidão de povo, e de mulheres, que batiaõ nos peitos, e choravaõ a sua morte. Pateou; voltou-se para ellas, e lhes disse estas palavras: Filhas de Jerusalem não choreis sobre mim, mas chorai sobre vós mesmas, e sobre vossos filhos; porque he chegado o tempo, no qual se dirá: felices as estereis! Felices as entranhas que não tem trazido filhos, e os peitos que não os têm sustentado! começaráõ então a dizer aos montes, cabi sobre nós; e aos oiteiros, cobri-nos. Porque se o madeiro verde he assim tratado, como o será o secco? Se o innocente, se o justo soffre hum  
taõ

Luc.  
XXIII.  
27.



taõ rigoroso castigo, que devem esperar os culpados?

Jeremias jámais chorou mais amargamente a perda dos Judeos? Que palavras mais fortes podia empregar o Salvador para lhes fazer conhecer as suas desgraças, e a sua exasperaçãõ, e aquella horrivel fome funesta aos filhos, funesta ás mãis que viãõ seccar-se os seus peitos, que naõ tinhaõ mais que lagrimas para darem a seus filhos, e que commessem o fructo das suas entranhas?

---

CAPITULO XXII.

*Duas memoraveis predicções de Nosso Senhor são explicadas, e o seu cumprimento he justificado pela Historia.*

**T**As são as predicções que elle tem feito a todo o Povo. As que fez em particular a s seus Discipulos, ainda merecem mais attenção. Ellas são comprehendidas naquelle longo, e admiravel discurso, em que ao mesmo tempo ajunia a

L rui-

ruina de Jerusaleem com a do mundo. Este ajuntamento não he sem mysterio, e ex-aqui o seu designio.

*Matth. XXIV.*  
*Marc. XIII.*  
*Luc. XXI.* Jerusaleem, Cidade bemaventurada que o Senhor havia escolhido, em quanto persistio na Alliança, e na fé das promessas, foi a figura da Igreja, e a figura do Ceo, no qual Deos se deixa ver aos seus filhos.

Por esta razão he que vemos muitas vezes os Profetas ajuntarem na continuação do mesmo discurso o que respeita a Jerusaleem, ao que respeita á Igreja, e ao que respeita á Gloria celeste. Este he hum dos segredos das Profecias, e huma das chaves que abrem a sua intelligencia: mas Jerusaleem reprovada, e ingrata para com o seu Salvador, devia ser a imagem do Inferno. Os seus pérfidos Cidadãos deviaõ representar os condemnados; e o juizo terrivel que Jesus Christo devia exercitar sobre elles, era a figura do que exercitará sobre todo o mundo, quando vier no fim dos seculos na sua Magestade, julgar os vivos, e os mortos. Este he hum costume da Escriptura, e hum dos meios de que se serve para imprimir os Mysterios nos corações,

ções, misturar para nossa instrucção a figura com a verdade, assim Nosso Senhor misturou a historia de Jerusaleem desfolada com a do fim dos seculos; e isto he o que apparece no discurso de que fallamos.

Não julgemos com tudo, que estas cousas sejaõ de tal modo confundidas, que não possamos discernir o que pertence a huma, e a outra. Jesus Christo as distinguio por caracteres certos, que eu poderia facilmente affinalar, se nisto houvesse questaõ. Mas basta fazer conhecer a V. Altezaõ que diz respeito á desfolaçãõ de Jerusaleem, e dos Judeos.

Os Apostolos (isto era ainda no tempo da Paixãõ) congregados ao redor de seu Mestre lhe mostravaõ o Templo, e os edificios circumvizinhos: admiravaõ as suas pedras, a ordenaçãõ, a belleza, a solidez; e elle lhes diz: *vedes vós estes grandes edificios? Não ficará pedra sobre pedra.* Admirados desta palavra, lhe perguntãõ o tempo de hum taõ terrivel successo; e elle que não queria que elles fossem sorprendidos em Jerusaleem quando ella fosse liqueada,

Matth.  
XXIX.  
Luc.  
XXI.

Matth.  
XXIV.  
1. 2.

Marc.  
XIII. 2.  
Luc. XXI.  
5. 6.

(porque queria que houvesse no fa-  
que desta Cidade huma imagem da  
ultima separaçã dos bons, e dos  
mãos) começou a contar-lhes todas  
as desgraças como deviaõ acontecer  
huma depois da outra.

*Matth.*  
*XXIV. 7.*

*Marc.*  
*XIII. 8.*  
*Luc. XXI*  
*9.*

*Matth.*  
*XXIV.*  
*6. 7.*

*Marc.*  
*XIII. 7.*  
*Luc. XXI*  
*9. 10.*

Primeiramente affinala-lhes *as pestes, as fomes, e os terremotos*, e os Historiadores portã por fé, que jámais estas cousas haviaõ sido mais frequentes, nem mais notaveis do que o foraõ durando estes tempos. Accrescenta, que haveria por todo o mundo *desordens, motins de guerra, guerras sanguinolentas; que todas as Nações se sublevariaõ humas contra as outras*. E que se veria toda a terra em agitaçã, e podia elle melhor representar-nos os ultimos annos de Nero; quando todo o Imperio Romano, isto he, todo o mundo, taõ locegado depois da victoria de Augusto, e debaixo do poder dos Imperadores, começou a abalar-se, e quando se vio as Gallias, as Hespanhas, todos os Reinos, dos quaes o Imperio era composto, moverem-se de repente, quatro Imperadores levantarem-se quasi no mesmo tempo contra Nero, e huns contra os outros:

tros: os Esquadrões Prétoriannos,  
 os exercitos da Syria, da Germa-  
 nia, e todos os outros que estava  
 espalhados no Oriente, e no Occi-  
 dente, entre si combaterem, e atra-  
 vessarem-se, debaixo do comman-  
 damento dos seus Imperadores, de  
 huma extremidade do mundo á ou-  
 tra, para decidirem a sua querella  
 por sanguinolentas batalhas? Ex aqui  
 os grandes males, diz o Filho de  
 Deos; *mas isto não será ainda o fim.*  
 Os Judeos soffrerão como os outros  
 nesta commoção universal do mun-  
 do; mas logo depois lhe vierão males  
 mais particulares, e *isto aqui não se-  
 rá mais que o principio das suas dores.*  
 Accrescenta, que a sua Igreja,  
 sempre afflicta desde o seu estabele-  
 cimento veria, durando estes tem-  
 pos, accender-se contra ella a perse-  
 guição mais violenta que nunca.  
 Tem visto V. Alteza, que Nero nos  
 seus primeiros annos, emprendeo a  
 perda dos Christãos, e fez morrer a  
 S. Pedro, e a S. Paulo. Esta perse-  
 guição excitada pelos zelos, e vio-  
 lencias dos Judeos, adiantava a sua  
 perda, mas ainda não affinalava o  
 seu termo preciso.

d. v. a. v.  
 T. XIX  
 1711  
 8. 111K  
 Matt. 24  
 XXIV. 6. 8.  
 Marc. 13.  
 XIII. 8.  
 Luc. XXI  
 9.  
 Matt. 24  
 XXIV. 9.  
 Marc.  
 XIII. 9.  
 Luc. XXI  
 12.

A vinda dos falsos Christos, e dos falsos Profetas parecia ser hum mais proximo encaminhamento para a ultima ruina: porque o destino ordinario dos que recusaõ dar ouvidos á verdade, he serem arrastados para a sua perda por Profetas enganadores. Jesus Christo naõ occulta aos seus Apostolos que esta desgraça aconteceria aos Judeos. *Levantar-se-  
ba*, diz elle, *hum grande numero de falsos Profetas, que enganarãõ muita gente; e tambem tomari sentido nos falsos Christos, e nos falsos Profetas.*

*Matth.**XXIV.**11.23.24.**Marc.**XIII. 22.**23.**Luc.**XXI. 8.*

Naõ se diga que isto era huma cousa facil para advinhar a quem conhecia o humor da naçaõ: porque pelo contrario eu tenho mostrado a V. Alteza, que os Judeos desgostosos destes impostores, que por tantas vezes haviaõ causado a sua ruina, e principalmente no tempo de Sedecias, de tal modo se haviaõ delles desabusado, que cessaraõ de os ouvir. Mais de 500. annos se passaraõ sem que apparecesse algum falso Profeta em Israe!. Mas o Inferno que os inspira, se despertou na vinda de Jesus Christo; e Deos que sustem a reia, em quanto lhe pa-  
re-

rece, dos espiritos enganadores, lhe  
 larga a mão a fim de enviar no mes-  
 mo tempo este castigo aos Judeos,  
 e esta experiencia aos seus fieis. Nun-  
 ca apparecerão tantos falsos Profetas  
 como nos tempos que se seguirão á  
 morte de Nosso Senhor. Sobre tudo *Joseph.*  
 perto do tempo da guerra Judaica, *ant. XX.*  
 e reinando Nero que a começou. Jo- *6 de bell.*  
 sepho nos mostra huma infinidade *II. 23.*  
 destes impostores, que attrahião o  
 povo para o deserto por vaõs encan-  
 tamentos, e segredos de Magica,  
 promettendo-lhes hum prompto, e  
 milagroso livramento. Por esta razaõ  
 tambem he que o deserto he assigna-  
 lado nas predicções de Nosso Senhor *Matth.*  
 como hum dos lugares aonde vivi- *XXIV.*  
 rião escondidos estes falsos liberta- *16.*  
 dores, que V. Alteza tem visto por  
 fim arrastarem o povo para a sua ulti-  
 ma ruina. Póde V. Alteza crer que  
 o nome de Christo sem o qual não ha  
 livramento perfeito para os Judeos,  
 estava misturado nas promessas ima-  
 ginarias, e verá adiante de que se  
 convencer.

A Judéa não foi a unica Provin-  
 cia exposta a estas illuções. Ellas fo-  
 raõ commuas em todo o Imperio.

Não ha tempo algum em que todas as historias não fação apparecer hum maior numero destes impostores, que se jaclão de advinharem o futuro, e enganão os povos com as suas ilusões. Hum Simão Magico, hum Elymas, hum Apoloniô Tyaneo, hum numero infinito de outros encantadores de que se faz menção nas historias Santas, e profanas, se levantãrão durante este seculo, no qual o Inferno parecia fazer os seus ultimos esforços para suster o seu Imperio abalado. Por esta razão he que Jesus Christo assignala neste tempo, principalmente entre os Judeos, aquelle numero extraordinario de falsos Profetas. Quem reflectir nas suas palavras, verá que elles se devião multiplicar antes, e depois da ruina de Jerusalem, mas nestes tempos; e que então seria que a sedueção, fortificada por falsos milagres, e falsas doutrinas, seria ao mesmo tempo tão subtil, e poderosa, que os mesmos escolhidos, se fosse possível, abiterião cabido.

Não digo que no fim dos seculos não deva tambem acontecer alguma cousa semelhante, e mais perigosa;

po-

*Matth.*  
XXIV.

14.

*Marc.*

XIII. 22.



pois que mesmo vimos de ver, que o que se passa em Jerusaleem he a figura manifesta daquelles ultimos tempos: mas he certo, que Jesus Christo nos deo esta sedueção, como hum dos effeitos sensiveis da colera de Deos sobre os Judeos, e como hum dos sinaes da sua perda. O successo justificou a sua Profecia: tudo aqui he attestado por testemunhas irreprehensiveis. Nós lêmos a predicção dos seus erros no Evangelho: nós vemos o seu cumprimento nas suas historias, e principalmente na de Josepho.

Depois que Jesus Christo predisse estas cousas com o designio que tinha de tirar os seus das desgraças de que Jerusaleem estava ameaçada, volta para os sinaes proximos da ultima desolação desta Cidade.

Deos não dá sempre aos seus escolhidos, semelhantes sinaes. Naquelles terriveis castigos que fazem sentir o seu poder ás Nações inteiras, muitas vezes fere o Justo com o culpado: porque tem melhores meios de os separar do que aquelles que apparecem aos nossos sentidos. Os mesmos golpes que quebrão a palha

Aug. 1. de  
Civ. Dei  
c. 8.

separaõ o bom grãõ, o ouro se purifica no mesmo fogo em que a palha he consumida, e debaixo dos mesmos castigos, pelos quaes os mãos saõ extirminados, os fieis se purificaõ. Mas na desfolaçãõ de Jerusaleem, a fim de que a imagem do Juizo final fosse mais expressa, e a vingança Divina mais assinalada sobre os incredulos, naõ quiz que os Judeos, que haviaõ recebido o Evangelho, fossem confundidos com os outros, e Jesus Christo deo a seus Discipulos finaes certos, pelos quaes podessem conhecer, quando seria o tempo de sahirem daquella Cidade reprovada. Fundou-se, segundo o seu costume, sobre as antigas Profecias, das quaes era o interprete do mesmo modo que o fim; e tornando a passar pelo lugar aonde a ultima ruina de Jerusaleem foi mostrada tão claramente a Daniel, disse estas palavras: quando vós vires a abominação da desfolaçãõ que Daniel tenh profetizado, aquelle que le entenda; quando a vires estabelecida no lugar santo, ou como se acha em S. Marcos, no lugar, em que ella naõ deve estar, entãõ os que estaõ na Judea

Mattb.  
XXV. 13.

N. ro.  
A III. 14.  
Luc. XXI.  
2c. 21.

fr.

fujão para os montes. S. Lucas conta a mesma cousa em outros termos: Quando vives os exercitos rodearem a Jerusaleem, sabei que a desolação se aproxima; então os que estão na Judea, se retirem para o montes.

Hum dos Evangelistas explica o outro; e conferindo estes lugares, nos he facil perceber, que esta abominação profetizada por Daniel, he o mesmo, que os exercitos ao redor de Jerusaleem. Os Santos Padres o tem assim entendido, e a razão d'isto nos convence.

A palavra abominação no uso da lingua santa significa Idolo: e quem não sabe, que os exercitos Romanos traziaõ nas suas insignias as imahens dos seus Deoses, e dos seus Cesares, que eraõ os mais respeitadõs de todos os seus Deoses? Estas insignias eraõ para os soldados hum objecto de culto; e porque os Idolos, segundo as ordens de Deus, não deviaõ ja mais apparecer na terra santa, as insignias Romanas eraõ della banidas. Tambem vemos nas historias que tanto que ficáraõ os Romanos pouco consideraveis para com os Judeos, ja mais fizeraõ apparecer as

Orig. Tr.  
29. in  
Matth.  
Aug. Ep.  
80. ad Hebr.  
Iych.

81128  
XX  
111-6  
XX. ou I  
12. 28

*Josepb. 31*  
*ant. 8.2.7.* insignias Romanas na Judéa. Por ic-  
 to he que Vitelio, quando passou  
 por aquella provincia para ir fazer a  
 guerra a Arabia, fez marchar as su-  
 as tropas sem insignias, porque ainda  
 entáo se venerava a Religiáo Judaica,  
 e não se queria obrigar aquelle  
 povo a soffrer cousas tão contrarias  
 á sua Lei. Mas no tempo da ultima  
 guerra Judaica, pôde-se bém crer  
 que os Romanos não poupavão hum  
 povo que querião destruir. Assim  
 quando Jerusalem foi sitiada, e era  
 cercada de tantos Idolos, como ha-  
 via de insignias Romanas, era abomi-  
 nação não appareceo jamais tanto  
*aonde não devia estar,* isto he, na  
 terra santa, e ao redor do Tem-  
 plo.

He este pois, se dirá, aquelle  
 grande final que Jesus Christo devia  
 dar? Era o tempo de fugir quando  
 Tito sitiou a Jerusalem, e com tan-  
 to aperto fechou as suas entradas,  
 que não havia meio algum de esca-  
 par? Aqui he que está a maravilha  
 da Profecia. Jerusalem foi sitiada  
 duas vezes nestes tempos: a pri-  
 meira por Cestio Governador da Sy-  
 ria, no anno de 68. de Nosso Se-  
 nhor;

*Josepb. 2.*  
*de bell.*  
*Jud. c. 23.*  
 24.

nhor: a segunda por Tito quatro *Ibid. lib.*  
 annos depois, isto he, no anno de *c. 76. 111*  
 72. No ultimo sitio não havia mais  
 meio de se salvar. Tito fazia esta  
 guerra com muito ardor; surprendeo  
 toda a nação fechada em Jerusalem  
 durante a festa da Pascoa; sem que  
 pessoa alguma escapasse, e aquella  
 horrivel circumvalação, que fez ao  
 redor da Cidade, não deixava es-  
 perança alguma aos seus habitantes;  
 Mas nada havia semelhante no sitio  
 de Cestio; estava acampado em dis- *Joseph.*  
 tancia de 50. estádios, isto he, de *lib. 2. c.*  
 seis milhas de Jerusalem. O seu ex- *23. 24.*  
 ercito se espalhava todo ao redor,  
 mas sem ahi formar trincheiras: e  
 fazia a guerra tão negligentemente,  
 que não se aproveitou da occasião  
 de tomar a Cidade, da qual o ter-  
 ror, as sedicções, e até as suas in-  
 telligencias lhe abrião as portas. Nes-  
 te tempo, ainda que o retiro fosse  
 impossível, a historia assegura ex-  
 pressamente, que muitos Jude-  
 os se retiráão. Então he que era *Joseph.*  
 preciso sair; este era o sinal, que *ibid.*  
 o Filho de Deos dava aos seus. Tam-  
 bem distinguio elle clarissimamente  
 os dous sitios: hum em que a Cida- *Luc. 19.*  
 de *41.*

de feria rodeada de fossos, e de fortalezas, não haveria mais que morte para todos os que nella estivessem fechados: outro em que seria sómente cercada pelo exercito, e antes investida, do que formalmente sitiada, então he que era preciso fugir, e retirar-se para os montes.

Luc. 21.  
20. 21.

Euseb. 3.  
Hist. Ecel.  
c. 5.  
Epiph.  
har. 7.  
Nazareni  
& lib. de  
pond. &  
mens.

Os Christãos obedecerão á palavra de seu Mestre. Aindaque delles houvesse milhares em Jerusalem, e na Judéa, não lemos, nem em Josepho, nem em outros Historiadores, que se haja achado algum na Cidade, quando foi tomada. Pelo contrario, he constante pela historia Ecclesiastica, e por todos os monumentos dos nossos antepassados, que se retiráram para a pequena Cidade de Pella, em hum paiz de montes vizinho do deserto, nos confins da Judéa, e da Arabia.

Por isto se póde conhecer quanto precisamente elles havião sido advertidos; e nada ha mais notavel que esta separação dos Judeos incredulos dos Judeos convertidos ao Christianismo, huns ficando em Jerusalem, para ahi padecerem o casti-

tigo da sua infelicidade, e os outros havendo-se retirado, como Lot sahido de Sodoma, para huma pequena Cidade: aonde consideravão com tremor os effeitos da vingança Divina, que Deos havia sido servido livrallos.

Além das predicções de Jesus Christo, houve as predicções de muitos dos seus Discipulos; entre outras a de S. Pedro, e a de S. Paulo. Como se arrastava para o supplicio aquellas duas fieis testemunhas de Jesus Christo resuscitado, elles denunciaraõ aos Judeos, que os entregavaõ aos Gentios, a sua perda proxima: elles lhes disseraõ, que *Jerusalem* *seria totalmente destruida, que elles morre-rião de fome, e de desesperação, que para sempre seriaõ desterrados da terra de seus pais, e postos em cativeiro por toda a terra; que o termo não estava longe, e que todos estes males lhes succederiaõ por haverem insultado com tão cruéis zombarias ao muito amado Filho de Deos, que se havia declarado a seu favor por meio de tantos milagres.* A piedosa antiguidade nos conferyou esta predicção dos Apostolos, que devia ser

*Phleg. lib.*  
*13. & 14.*  
*Chron. a-*  
*puđ Orig.*  
*lib. 2. cont.*  
*esf.*

fer seguida de hum taõ prompto cumprimento. S. Pedro havia feito outras muitas, ou por huma inspiraçaõ particular, ou explicando as palavras de seu Mestre, e Phlegon, author pagaõ, cujo testemunho produz Origines, escreveu, que tudo o que aquelle Apostolo havia prediõto, se havia cumprido inteiramente.

Assim nada acontece aos Judeos que naõ lhes haja sido profetizado. A causa da sua desgraça nos he claramente affinalada no desprezo, que tem feito de Jesus Christo, e dos seus Discipulos. O tempo das graças era passado, e a sua perda era invencivel.

Era pois em vaõ, Serenissimo Senhor, que Tito queria salvar Jerusalem, e o Templo. A sentença tinha vindo do Ceo; e naõ devia ahi ficar pedra sobre pedra. Se hum Imperador Romano em vaõ intentou impedir a ruina do Templo, outro Imperador Romano ainda mais em vaõ empredeco restabelecello. Juliano o Apostata, depois de haver declarado a guerra a Jesus Christo, se julgou sufficientemente poderoso pa-



ra anniquilar as suas predicções. No intento que tinha de sulcitar de todas as partes inimigos aos Christãos, abaixou-se até a procurar os Judeos, que eraõ o refugio do mundo. Elle os excitou para reedificarem o seu Templo; deo-lhes sommas immensas, e lhes assistio com toda a força do Imperio. Ouvi qual foi o successo, e vede como Deos confunde os Princes soberbos. Os Santos Padres, e os Historiadores Ecclesiasticos, o referem de hum commum acordo, e o justificaõ pelos monumentos, que restavaõ ainda no seu tempo. Mas era preciso que isto fosse attestado pelos mesmos Pagaõs. Ammiano Marcelino, Gentio de Religiaõ, e zeloso defensor de Juliano, o contou nestes termos: *Em quanto Ali-<sup>Ibid.</sup>*

*pio ajudado pelo Governador da Provincia, adiantava a obra, quanto lhe era possível, terriveis globos de fogo sabirãõ dos fundamentos, que tinãõ antecedentemente abalado por impulsos violentos; os Artifices, que tornãraõ a começar muitas vezes a obra, foraõ queimados por diversas occasiões; e o lugar veio a ser inac-  
cessivel, e a empresa cessou.*

Orat. 3.  
in Judæ-  
43.

Os Authores Ecclesiasticos mais exactos em representarem hum successo tão memoravel, ajuntão o fogo do Ceo ao fogo da terra. Mas em fim, a palavra de Jesus Christo ficou firme. S. João Chrysoftomo exclama: elle fundou a sua Igreja sobre a pedra, nada a tem podido derribar; lançou por terra o Templo; nada o tem podido levantar; *ninguem póde abater o que Deos levanta; ninguem póde levantar o que Deos abate.*

Não fallemos mais de Jerusalem, nem do Templo. Lancemos os olhos sobre o mesmo povo, em outro tempo povo vivo de Deos, e agora o objecto do seu odio. Os Judeos são mais abatidos, que o seu Templo, e que a sua Cidade. O Espirito da verdade não vive mais entre elles; a Profecia ahí he extinta; as promessas, sobre as quaes fundavão a sua esperança, são desvanecidas; tudo he destruido neste povo, e não fica ahí pedra sobre pedra.

E vede até que ponto são entregues ao seu erro: Jesus Christo lhes havia dito: *Eu vim para vós em nome de meu Pai, e vós não me tendes*

Joan. V.  
43.

re-

recebido ; outro virá em seu nome ,  
 e vós o recebereis. Desde este tempo  
 o espirito da seducção reina de tal  
 modo entre elles , que ainda estão  
 promptos para se lhe entregarem a  
 cada instante. Não era bastante que  
 os falsos Profetas houvessem entregado a  
 Jerusaleem entre as mãos de  
 Tito , os Judeos ainda não eram banidos da  
 Judéa , e o amor que tinham a Jerusaleem  
 havia obrigado a muitos a escolherem a sua  
 morada entre as suas ruinas. Ex-aqui hum  
 falso Christo , que vai acabar de os  
 perder. Cincoenta annos depois da  
 tomada de Jerusaleem , no seculo da  
 morte de Nosso Senhor , o infame  
 Borchochebas , hum ladrao , hum  
 facinoroso , porque o seu nome significa  
 o filho da estrella , se dizia ser a  
 Estrella de Jacob predicta no livro dos  
 Numeros , e se inculcou pelo Christo.  
 Akibas o mais authorizado de todos os  
 Rabinos , e ao seu exemplo todos aquelles  
 a quem os Judeos chamavao seus sabios ,  
 entrarao no seu partido , sem que o  
 impostor lhes desse outro algum final  
 da sua Missão , mais que Akibas dizia ,  
 que o Christo não podia tardar  
 mui-

Num. 24.

17.

Euseb.

Hist. Eccl.

4. 6. 8.

Talm.

Hier.

tract. de

*Jejun. &  
in vet.  
com. sup.  
Lam. Je-  
rem. Mai-  
monid. de  
Jure Reg.  
c. 12.  
2. Tess. 1.  
20.*

muito. Os Judeos se levantárao por todo o Imperio Romano debaixo da conducta de Barchochebas, que lhes promettia o Imperio do mundo. Adriano matou seiscentos mil; o jugo destes desgraçados se fez pezado, e para sempre foraõ banidos da Judea.

Quem naõ vê que o espirito da seducção se fez senhor do seu coração? O amor da verdade, que lhes trazia a salvação, nelles se extinguiu: Deos lhes havia mandado *buma efficacia de erro*, que os fazia dar credito á mentira. Naõ havia impostura taõ grosseira, que naõ os enganasse. Em os nossos dias hum impostor disse ser o Christo no Oriente: todos os Judeos começavaõ a congregar-se ao redor delle: nós os temos visto na Italia, na Hollanda, na Alemanha, e em Metz; prepararem-se para tudo venderem, para tudo largarem para o seguirem. Elles imaginavaõ ja que vinhaõ a ser os senhores do mundo, quando souberaõ que o seu Christo se havia feito Turco, e havia abandonado a Lei de Moysés.

## CAPITULO XXIII.

*A continuação dos erros dos Judeos ;  
e a maneira porque elles explicão  
as Profecias.*

**N**inguem se deve admirar, de que elles tenhaõ cahido em taes erros, nem de que a tempestade os haja feito naufragar depois que tem deixado a sua derrota. Este caminho lhes era assinalado nas suas Profecias, principalmente nas que davaõ a conhecer o tempo do Christo. Deixáraõ passar aquelles preciosos momentos sem se aproveitarem delles: por esta razaõ he que ao depois foraõ vistos entregues á mentira, e naõ sabem mais a que haõ de dar credito.

Dai-me ainda hum momento para vos referir a continuação dos seus erros, e todos os passos que tem dado para se affogarem no abyfmo. Os caminhos por onde tem andado errantes, tem sempre hum grande caminho, e considerando aonde o erro começou, caminha-se mais se-

guramente pela direita estrada.

Temos visto, Serenissimo Senhor, que duas Profecias assinalavaõ aos Judeos o tempo do Christo, a de Jacob, e a de Daniel. Ambas ellas assinalavaõ a ruina do Reino de Judá no tempo em que o Christo viria: mas Daniel explicava, que a total destruição deste Reino devia ser huma consequencia da morte do Christo: e Jacob dizia claramente, que na decadencia do Reino de Judá, o Christo, que viria então faria a *esperança dos povos*, isto he, que seria o seu Libertador, e que fundaria para si hum novo Reino composto, não de hum só povo, mas de todos os povos do mundo. As palavras da Profecia não podem ter outros sentidos, e era a tradiçãõ constante dos Judeos, que se deviaõ entender desta sorte.

Daqui vem aquella opiniaõ espalhada entre os antigos Rabinos, e que se vê ainda no seu Talmud, que no tempo em que o Christo viesse não haveria mais Magistratura: de sorte que nada shi havia mais importante para conhecerem o tempo do seu Messias, do que observarem quan-

Gen. Tr.  
Sanbed.  
c. 11.

quando elles cahirão neste estado  
infeliz.

Com effeito elles haviaõ bem co-  
meçado; e senão tivessem tido o co-  
ração occupado das grandezas mun-  
danas, que querião achar no Mes-  
sias, a fim de terem parte nellas de-  
baixo do seu Imperio, não teriaõ  
podido desconhecer a Jesus Christo.  
O fundamento que haviaõ posto era  
certo; porque logo que a tyrannia  
do primeiro Herodes, e a mudança  
da Republica Judaica, que aconte-  
ceo no seu tempo, lhes fez ver o  
momento da decadencia assignalada  
na Profecia, não duvidáram que o  
Christo devesse vir, e que viesse  
benzendo aquelle novo Reino, em  
que se deviaõ reunir todos os po-  
vos.

Huma das cousas, em que elles  
reflectiram he, que o poder da vida,  
e da morte lhes foi tirado. Era isto  
hum grande mudança, pois que el-  
le lhes havia sido conservado até en-  
tão, a qualquer dominação que fos-  
sem sujeitos, e até na Babylonia du-  
rante o seu cativoiro. A historia de  
Susanna o faz sufficientemente ver,  
e isto he huma tradição constante

*Talm. Hie-  
rosol. Sa-  
nbed.*

*Dan. 13.*

*x. Efd. 7.  
25. 26.*

entre elles. Os Reis da Persia, que os restabelecerão, lhes deixaráo este poder por hum Decreto expresso, que temos visto no seu lugar; e temos visto tambem, que os primeiros Seleucides haviaõ antes augmentado que restringido os seus privilegios. Não necessito de fallar aqui ainda outra vez do reinado dos Machabeos, no qual foraõ não sómente libertados, mas poderosos, e formidaveis aos seus inimigos. Pompeo, que os enfraqueceo pela maneira que temos visto, contente com o tributo, que lhes impoz, e com os pôr em estado em que o povo Romano em occasiã de necessidade se podesse servir delles, lhes deixou seu Principe com toda a jurisdicção. Sabe-se affaz, que os Romanos usavaõ delles affim, e não tocavaõ no governo interior em os paizes, aos quaes deixavaõ seus Reis naturaes.

Em fim, os Judeos convém, em que perderão aquelle poder de vida, e de morte, sómente quarenta annos antes da dessolação do segundo Templo: e não se póde duvidar, que seja o primeiro Herodes quem tenha começado a fazer esta chaga á sua  
li-



liberdade. Porque depois que para se vingar do Sanhedrino, aonde havia sido obrigado a comparecer pessoalmente antes que fosse Rei, e depois para adquirir toda a authoridade para si só, teve atacado esta Assembleia, que era como o Senado fundado por Moysés, e o Conselho perpetuo da Nação, no qual se exercitava a suprema jurisdicção, pouco a pouco este grande corpo perdeu o seu poder, e bem pouco lhe restava delle quando Jesus Christo veio ao mundo. Os negocios foram a peor governando os filhos de Herodes, quando o Reino de Archeláu, do qual Jerusalem era a Capital, reduzido a Provincia Romana, foi governado pelos Presidentes, que os Imperadores mandavam. Neste infeliz estado, os Judeos usaram tão pouco do poder de vida, e de morte, que para fazerem morrer a Jesus Christo, a quem por qualquer preço que fosse queriam matar, lhes foi preciso recorrerem a Pilatos; e este fraco Governador tendo lhes dito, que elles mesmos o matasem, lhe responderam todos de huma voz: *Nós não temos o poder de matar a*

M

pes- 31.

*Joan. 18;*

*Act. 12. 1.* *2. 3.* *peſſoa alguma.* Tambem foi pelas  
 mãos de Herodes que fizeram morrer  
 a S. Tiago, irmão de S. Joaõ, e que  
*Act. 18.* *24.* puzeram a S. Pedro na prizaõ. Quan-  
 do tiveraõ resolvido a morte de S.  
 Paulo, elles o entregáraõ entre as  
 mãos dos Romanos, como haviaõ  
 feito a Jesus Christo; e o voto sacri-  
 lego dos ſeus falſos zelosos, que ju-  
 ráraõ naõ beberem, nem comerem  
 até que tivessem morto eſte Santo  
 Apoſtolo, bem mostra que elles ſe  
 julgavaõ deſcahidos do poder de o  
 fazerem morrer juridicamente. Se  
*Act. 7.* *56. 57.* elles apedrejáraõ a Santo Eſtevaõ,  
 foi tumultuariamente, e por hum  
 effeito daquelles furores ſedicioſos,  
 que os Romanos naõ podiaõ ſempre  
 reprimir naquelles, que ſe diziaõ  
 entaõ os zeladores. Deve-ſe logo ter  
 por certo, tanto por eſtas Hiſtorias,  
 como pelo conſentimento dos Ju-  
 deos, e pelo eſtado dos ſeus nego-  
 cios, que para os tempos de noſſo  
 Senhor, e ſobre tudo nos em que  
 começou a exercer o ſeu miniſterio,  
 elles perderaõ inteiramente a autho-  
 ridade temporal. Naõ poderáõ ver  
 eſta perda ſem ſe lembrarem do an-  
 tigo Oraculo de Jacob, que lhes  
 pre-

predizia, que no tempo do Messias  
 não haveria mais entre elles, nem  
 poder, nem authoridade, nem ma-  
 gistratura. Hum dos seus mais anti-  
 gos Authores o nota, e tem razão  
 para confessar, que o Sceptro não  
 estava entã mais na Judéa, nem a  
 authoridade nos Chefes do povo;  
 pois que o poder publico lhes era  
 tirado, e o Sanhedrino era degrada-  
 do, os membros deste grande corpo  
 não eraõ mais considerados como  
 Juizes, mas como simples Douto-  
 res. Assim, segundo elles mesmos,  
 era o tempo em que o Christo appa-  
 receo. Como viaõ este final certo da  
 proxima chegada deste novo Rei,  
 cujo Imperio devia extender-se so-  
 bre todos os povos, elles creraõ que  
 com effeito elle hia apparecer. Esta  
 fama se espalhou pelas vizinhanças,  
 e todo o Oriente foi persuadido,  
 que se não passaria muito tempo sem  
 ver sahir da Judéa aquelle que rei-  
 naria sobre toda a terra.

Tacito, e Suetonio referem esta  
 fama como estabelecida por huma  
 opiniaõ constante, e por hum anti-  
 go Oraculo, que se achava nos li-  
 vros Sagrados do povo Judaico. Jo-

*Tract.  
 voc. mag-  
 na Gen.  
 seu com.  
 in Gen.*

*Suet. Vesp.  
 pas. Tacit.  
 lib. V. hist.  
 c. 1.*

*Joseph. de  
bell. Jud.  
7. 12. He-  
gesip. de  
Excid.  
Jerem. V.  
44.*

Josepho recita esta Profecia nos mes-  
mos termos, e diz como elles, que  
ella se achava nos santos Livros. A  
authoridade destes livros, cujas pre-  
dicções se tinha visto tão visivel-  
mente completas em tantas occa-  
sões, era grande em todo o Orien-  
te, e os Judeos mais attentos que  
os outros em observarem as conjun-  
cturas, que erã principalmente es-  
criptas para sua instrucção, reco-  
nheceraõ o tempo do Messias, que  
Jacob havia assinalado na sua deca-  
dencia. Assim as reflexões que fize-  
raõ sobre o seu estado foraõ justas;  
e sem se enganarem sobre o tempo  
do Christo, conhecerã que devia  
vir no tempo em que com effeito  
veio. Mas ó fraqueza do coração  
humano, e vaidade, fonte inevita-  
vel da cegueira! a humildade do  
Salvador occultou a estes soberbos  
as verdadeiras grandezas, que de-  
viaõ procurar no seu Messias. Que-  
riaõ que este fosse hum Rei similhan-  
te aos Reis da terra. Por esta razaõ  
he que os lisongeiros do primeiro  
Herodes, cegos da grandeza, e da  
magnificencia deste Principe, que  
todo tyranno como elle era, não dei-

*Epiph.  
lib. 1. her.  
21. Hero-  
dian.*

xou de enriquecer a Judéa, differaõ que elle mesmo era aquelle Rei taõ promettido. Isto he tambem o que deo lugar á Seita dos Herodianos, dos quaes se tem fallado tanto no Evangelho, e que os Pagãos tem conhecido; pois que Perlio, e o seu Escoliastes nos ensinaõ, que ainda no tempo de Nero, o nascimento do Rei Herodes era celebrado pelos seus Seclarios com a mesma solemnidade que o Sabbado. Josepho cahio em hum semelhante erro. Este homem instruido, como diz elle mesmo, nas Profecias Judaicas, como sendo Sacerdote, e descendente da familia Sacerdotal, reconheceo na verdade, que a vinda deste Rei promettido por Jacob, convinha ao tempo de Herodes, aonde elle mesmo nos mostra com tanto cuidado hum principio manifesto da ruina dos Judeos; mas como naõ vio nada na sua nação que enchesse aquellas ambiciosas idéas que ella tinha concebido do seu Christo, levou hum pouco mais adiante o tempo da Profecia; e applicando-a a Vespasiano, assegurou, que aquelle Oraculo da Escrip-  
tura significava aquelle Principe de-

Matth.  
22. 6.  
Marc. 3. 6.  
12. 13.  
Perf. &  
vet. sebol.  
Sat. V. 11.  
180.  
Joseph.  
de bell.  
Jud. 3. 14.

Lib. 3. de  
bell. Jud.  
14. 7. 12.

*clarado Imperador na Judéa.*

Assim he que elle voltava a Escripura para authorizar a sua lisonja cega, que transportava para os Estrangeiros a esperanza de Jacob, e de Judá, que procura em Vespasiano o filho de Abrahaõ, e de David, e attribuia a hum Principe Idolatra o titulo daquelle, cujas luzes deviaõ retirar os Gentios da Idolatria.

A conjunctura dos tempos o favorecia. Mas em quanto attribuia a Vespasiano o que Jacob havia dito do Christo, os zelosos, que defendiaõ a Jerusalem, o attribuiaõ a si mesmos. Sómente sobre este fundamento he que elles se promettiaõ o Imperio do mundo, como Josepho o conta, mais racionavel do que elle, em que ao menos elles naõ sahiaõ da naçaõ para procurarem o cumprimento das Profecias feitas a seus pais.

*Joseph.  
lib. VII.  
de bell.  
Jud.*

Como naõ abririaõ elles os olhos ao grande fructo que fazia desde entaõ, entre os Gentios, a prégação do Evangelho, e áquelle novo Imperador, que Jesus Christo estabelecia por toda a terra? Que cousa ha mais bella, que hum Imperio em  
que

que a piedade reinava, aonde o verdadeiro Deos triunfava da Idolatria, aonde a vida eterna era annunciada ás Nações infieis? e o mesmo Imperio dos Cesares não era huma vã pompa em comparação deste? Mas este Imperio não era sufficientemente brilhante aos olhos do mundo.

Quanto he preciso ser desabusado das grandezas humanas para conhecer a Jesus Christo! Os Judeos conheceraõ os tempos; os Judeos viaõ os povos chamados para o Deos de Abrahão, segundo o Oráculo de Jacob por Jesus Christo, e por seus Discipulos: e com tudo elles o desconheceraõ, aquelle Jesus que lhes era declarado por tantos sinais. E ainda que durante a sua vida, e depois da sua morte confirmou a sua Missão por tantos milagres, estes cegos o regeitáraõ, porque nelle não havia mais que a solida grandeza destituida de todo o aparato, que penetra os sentidos, e porque vinha antes para condemnar que para co-roar a sua ambição cega.

E com tudo obrigados pelas conjuncturas, e circumstancias do tem-

po, a pezar da sua cegueira parecia algumas vezes fahir das suas prevenções. Tudo se dispunha de tal sorte no tempo de Nosso Senhor para a manifestação do Messias, que suscitáraõ que S. Joaõ Baptista bem o podia ser. O seu modo de vida austero, extraordinario, e pasmoso os penetrou; e por falta das grandezas do mundo, appareceraõ querendo logo contentar-se com o resplendor de huma vida taõ prodigiõsa. A vida simples, e commua de Jesus Christo desgostou aquelles corações grosseiros do mesmo modo que soberbos, que naõ podiaõ ser cativados senaõ pelos sentidos, e que por outra parte distantes de huma conversação sincera, nada queriaõ admirar mais, que aquillo que viaõ como inimitavel. Desta sorte S. Joaõ Baptista, que foi julgado digno de ser o Christo, naõ foi acreditado quando mostrou o Christo verdadeiro; e Jesus Christo, a quem se devia imitar quando nelle se cria, pareceo muito humilde aos Judeos para ser seguido.

Com tudo a impressaõ que tinhaõ concebido de que o Christo devia ap-

*Luc. XIII*

*15.*

*Joan. I.*

*19. 20.*

*ap. p. 10*

*m. 10*



apparecer neste tempo , era taõ forte , que persistio entre elles por mais de hum seculo. Elles creraõ , que o cumprimento das Profecias podia ter huma certa extençaõ , e naõ era sempre todo comprehendido em hum ponto preciso: de sorte que depois de cem annos naõ se fallava entre elles mais que dos falsos Christos , que se faziaõ seguir , e dos falsos Profetas , que os annunciavaõ. Os seculos precedentes nada tinhaõ visto semelhante ; e os Judeos naõ forã prodigos em darem o nome de Christo , nem quando Judas Machabeo alcançou sobre o seu tyranno tantas victorias , nem quando seu irmaõ Simaõ os libertou do jugo dos Gentios , nem quando o primeiro Hyrcano fez tantas conquistas. Os tempos , e os outros sinaes naõ convinhaõ ; e só no seculo de Jesus Christo he que se tem começado a fallar de todos estes Messias. Os Samaritanos , que liaõ no Pentatheuco a Profecia de Jacob , constituirã Christos do mesmo modo que os Judeos , e hum pouco depois de Jesus Christo , reconhecerã o seu Dositheo. Simaõ o Mago do mesmo paiz

*Matth. com. 14. in Joan. I. cont. Cels.* fe jaſtava tambem de ſer o Filho de Deos, e Menandro ſeu diſcipulo, dizia que era o Salvador do mundo. Desde a vinda de Jeſus Chriſto, a Samaritana tinha crido que o Meſſias vinha brevemente: tanto era conſtante em a nação, e entre todos aquelles que liaõ o antigo Oraculo de Jacob, que o Chriſto devia apparecer neſtas conjuncturas.

*Jer. I. 20. 21. Joan. IV. 25.* Quando o termo foi aſſim paſſado, de forte que não houve mais que eſperar, e os Judeos tiveraõ viſto por experiencia, que todos os Meſſias que haviaõ ſeguido, em lugar de os tirarem dos ſeus males, não haviaõ feito mais que mergulhallos mais nelles, entaõ eſtiveraõ por muito tempo ſem que appareceſſe entre elles novos Meſſias, e Barchochebas he o ultimo que elles tem reconhecido por tal naquelles primeiros tempos do Chriſtianismo; mas a antiga impreſſaõ não foi inteiramente apagada. Em lugar de ererem que o Chriſto havia apparecido, como haviaõ feito ainda no tempo de Adriano, no dos Antoninos, ſeus ſucceſſores, elles ſe reſolveraõ a dizer, que o ſeu Meſſias

estava no mundo, posto que ainda não apparecesse, porque esperava o Profeta Elias, que o devia vir sagrar. Este discurso era commum entre elles no tempo de S. Justino; e achamos tambem no seu Talmud a doutrina de hum dos seus mais antigos mestres, que dizia, que o Christo tinha vindo segundo era expressado nos Profetas, mas que se conservava occulto em alguma parte em Roma entre os pobres mendicantes.

Hum tal loucura não pode entrar nos corações; e os Judeos contrangidos por fim a confessarem que o Messias não havia vindo no tempo em que elles tinham razão de o esperarem, segundo as suas antigas Profecias, cahiram em outro abysmo. Pouco foi preciso, para que renunciassem a esperança do seu Messias, que lhes faltava em o tempo; e muitos seguiram a hum famoso Rabino, cujas palavras se acham ainda conservadas no Talmud. Este vendo o termo passado de tão longe, concluiu, que os Israelitas não tinham mais Messias que esperar; porque lhes havia sido dado na pessoa do Rei Ezequias.

*Justin.  
adv.  
Tryph.  
R. Juda:  
filius Le-  
vi. Gen.  
Sam. XI.*

*R. Hillai.  
ibid.  
Is. Abran.  
de Cap.*

Na verdade esta opiniaõ em lugar de prevalecer entre os Judeos, entre elles tem sido detestada. Mas como nãõ conhecem mais nada nos tempos que lhes sãõ affinalados pelas suas Profecias, e nãõ sabem por donde hãõ de sahir deste labyrintho, fizeram hum Artigo de Fé daquella palavra, que lemos no Talmud: *todos os termos que eraõ affinalados para a vinda do Messias, sãõ passados.* E pronunciarãõ de hum commum acordo: *Malditos sejaõ aquelles, que calcularem os tempos do Messias, como se vê em huma tempestade, que tem desviado a nãõ muito longe do seu rumo, o piloto desesperado abandonar o seu calculo, e ir por donde a fortuna o leva.*

*Gen.  
Sanc. XI.  
Moses  
Maimon.  
in Epit.  
Talm. If.  
Abran. de  
cap. fidei.*

Depois deste tempo todo o seu estudo tem sido illudir as Profecias em que o tempo do Christo era affinalado. Cuidarãõ em destruir todas as tradições de seus pais, com tanto que podessem tirar aos Christãos aquellas admiraveis Profecias; e chegarãõ até a dizer, que a de Jacob nãõ dizia respeito ao Christo.

*Gen. Tr.  
Sanc. c.  
XI.*

Mas os seus antigos livros os desmentem. Esta Profecia he entendi-  
da.

da do Messias no Talmud, e a maneira pela qual nós explicamos se acha nas suas Parafrases, isto he nos Commentarios os mais authenticos, e os mais respeitados que se achão entre elles.

*Paraph**Onkelos**Johanan**& Jerosol;**vide**Polyg.**Aug.*

Nós ali achamos em proprios termos que a casa, e o Reino de Judá, ao qual se devia reduzir algum dia toda a posteridade de Jacob, e todo o povo de Israel, produziria sempre *Juizes, e Magistrados* até á vinda do Messias, debaixo do qual se formaria hum Reino composto de todos os povos.

Este he o testemunho que davaõ até aos Judeos nos primeiros tempos do Christianismo os seus mais celebres Doutores, e os mais bem recebidos. A antiga tradiçãõ taõ firme, e estabelecida, naõ podia ser logo extincãta; e ainda que os Judeos naõ applicassem a Jesus Christo a Profecia de Jacob, naõ se tinhaõ ainda atrevido a negar que ella conviesse ao Messias. Naõ chegarãõ a este excessõ sennãõ muito tempo depois, e quando, apertados pelos Christãos, tem por fim percebido que a sua propria tradiçãõ era contra elles.

Em

Em quanto á Profecia de Daniel na qual a vinda do Christo era comprehendida no termo de 490. annos a contar de; ois do vigesimo anno de Artaxerxes o Longimano : como este termo conduzia para o fim do quarto milenario do mundo , tambem era huma tradiçãõ muito antiga entre os Judeos , que o Messias appareceria perto do fim deste quarto milenario , e quasi dous mil annos depois de Abrahãõ. Hum Elias , cujo nome he grande entre os Judeos , ainda que este não seja o Profeta , havia assim ensinado antes do nascimento de Jesus Christo ; e a sua tradiçãõ se tem conservado no livro do Talmud. V. Alteza tem visto este termo cumprido na vinda de Nosso Senhor , pois que com effeito appareceo perto de dous mil annos depois de Abrahãõ , e perto do anno de 4000. do mundo. Com tudo os Judeos não o tem conhecido ; e frustrados da sua esperança , tem dito que os seus peccados haviaõ retardado o Messias , que devia vir. Mas com tudo as nossas datas são certas pela sua propria confissãõ ; e he huma grande cegueira fazer depender dos homens hum

*Gen. Tr.  
Sanc. c.  
XI.*

hum termo que Deos tem assinalado taõ precisamente em Daniel.

He tambem para elles hum grande embaraço ver que este Profeta faça ir o tempo do Christo antes do da ruina de Jerusaleem: de sorte que sendo cumprido este ultimo tempo, o que o precede o deve ser tambem.

Josepho aqui se enganou muito grosseiramente. Contou bem as semanas que deviaõ ser seguidas da dessolaçaõ do povo Judaico: e vendo-as cumpridas no tempo em que Tito pôz o sitio a Jerusaleem, naõ duvidou que fosse chegado o momento da perda desta Cidade. Mas naõ considerou que esta dessolaçaõ devia ser precedida da vinda do Christo, e da sua morte, de sorte que naõ entendeu mais que ametade da Profecia.

*Ant. X. c. 2  
init. de  
bell. Jud.  
VII. 4.*

Os Judeos que vieraõ depois del-  
le tem querido supprir este defeito.  
Elles nos tem forjado hum Agripa  
descendente de Herodes, que os Ro-  
manos ( dizem elles ) fizeraõ mor-  
rer hum pouco antes da ruina de Je-  
rusaleem; e querem que este Agripa,  
Christo por seu titulo de Rei, seja  
o Christo de que se tem fallado em

Da

Daniel: nova prova da sua cegueira: Porque além de que este Agripa não pôde ser nem o Justo, nem o Santo dos Santos, nem o fim das Profecias, tal como devia ser o Christo, que Daniel assinalava naquelle lugar; além de que a morte deste Agripa, da qual os Judeos eraõ innocentes, não podia ser a causa da sua dissolucãõ, como devia ser a morte do Christo de Daniel: o que dizem aqui os Judeos he huma fabula. Este Agripa descendente de Herodes, foi sempre do partido dos Romanos; foi sempre bem tratado pelos seus Imperadores, e reinou em hum cantão da Judéa muito tempo depois da tomada de Jerusaleem, como o attesta Josepho, e os Authores contemporaneos.

Assim tudo o que inventaõ os Judeos para illudirem as Profecias os confunde. Elles mesmos não se fiaõ em invençoens taõ grosseiras, e a sua melhor defeza está naquella Lei que tem estabelecido, de não calcular mais os dias do Messias. Por causa della fechaõ os olhos á verdade voluntariamente, e renunciaõ as Profecias, aonde o mesmo Es-

pi-

*Joseph.*  
*lib. VII.*  
*de bell.*  
*Jud. Jus-*  
*tus Tiber.*  
*Biblio*  
*Phot. Cod.*  
33.



pirito Santo tem contado os annos : mas em quanto a ellas renunciaõ , elles as cumprem , e fazem ver a verdade do que ellas dizem da sua cegueira , e da sua queda.

Respondaõ elles o que quizerem ás Profecias , a dessolaçaõ que ellas prediziaõ lhes he acontecida no tempo assignalado ; o successo he mais forte que todas as suas subtilezas ; e se Jesus Christo naõ veio nesta fatal conjunctura , os Profetas em quem elles esperaõ os tem enganado.

---

#### CAPITULO XXIV.

*Circunstancias memoraveis da queda dos Judeos : continuacão das suas falsas interpretaçoens.*

**E** Para acabar de os convencer, considere V. Alteza duas circunstancias que acompanháraõ a sua queda , e a vinda do Salvador do mundo : huma , que a successaõ dos Pontifices , perpetua , e inalteravel depois de Aaram , acabou entaõ ;

ou-

outra, que a distincão das Tribus, e das familias, sempre conservada até este tempo, ali acabou pela sua propria confusão.

Esta distincão era até o tempo do Messias. De Levi deviaõ nascer os ministros das cousas Sagradas. De Aaram deviaõ sahir os Sacerdotes, e os Pontifices. De Judá devia sahir o mesmo Messias. Se a distincão das familias não houvesse subsistido até á ruina de Jerusalem, e até á vinda de Jesus Christo, os sacrificios Judáicos teriaõ acabado antes do tempo, e David fora frustrado da gloria de ser reconhecido pelo Pai do Messias. He chegado o Messias? O Sacerdocio novo, segundo a ordem de Melchisedech, tem começado na sua pessoa, e a nova Monarquia, que não era deste mundo, tem apparecido? Não se tem mais necessidade de Aaram, nem de Levi, nem de Judá, nem de David, nem das suas familias. Aaram não he mais necessario em hum tempo em que os Sacrificios deviaõ cessar conforme Daniel. A casa de David, e de Judá tem cumprido o seu destino, quando o Christo de Deos della sahio; e como os mesmos

*Dan. IX.*  
27.

mos Judeos renunciavaõ a sua esperança, elles se esquecem precisamente neste tempo da successão das familias até entãõ taõ cuidadosa, e religiosamente conservada.

Naõ omittamos hum dos sinaes da vinda do Messias, e talvez o principal, se o sabemos bem entender, ainda que faça o escandalo, e o horror dos Judeos. Esta he a remissaõ dos peccados annunciada em nome de hum Salvador, que padece, de hum Salvador humilhado, e obediente até á morte. Daniel havia assignalado entre as suas semanas, a semana mysteriosa que temos observado, em que o Christo devia ser sacrificado, em que a Alliança devia ser confirmada pela sua morte, em que os antigos sacrificios devião perder a sua virtude. Ajuntemos Daniel com Isaias, nós acharemos todo o fundo de hum taõ grande Mysterio; veremos o *homem de doves*, *que he carregado com as iniquidades de todo o povo, que dá a sua vida pelo peccado, e o cura por meio das suas chagas.* Abri os olhos, incredulos; naõ he verdade, que a remissaõ dos peccados vos tem sido pré-

*Dan. IX.*

*26. 27.*

*Is. LIII.*

prégada em nome de Jesus Christo crucificado? Conheci-se em algum tempo hum tal mysterio? Outro algum que não fosse Jesus Christo, ou antes d'elle, ou depois tem-se glorificado de lavar os peccados com o seu sangue? se haveria elle feito crucificar expressamente para adquirir huma honra vã, e cumprir em si mesmo huma tão funesta Profecia? devem-se calar, e adorar no Evangelho huma doutrina que até não poderia vir ao pensamento de algum homem, senão fosse verdadeira.

O embaraço dos Judeos he extremo neste lugar; elles achão nas suas Escripturas muitas authoridades, em que se tem fallado das humiliaçoens do seu Messias. Que maior embaraço lhes farão aquellas, em que se tem fallado da sua gloria, e dos seus triunfos? A intelligencia natural he que elle virá para os triunfos pelos combates, e para a gloria pelos martyrios. Couza incrível: os Judeos tem antes querido fazer dous Messias. Vemos no seu Talmud, e nos outros livros de huma similhante antiguidade, que elles

*Tr. Sueca  
& C. five  
Paraph.  
sup. cant.  
c. 7. v. 3.*

elles esperão hum Messias pacien-  
 te, e outro cheio de gloria; hum  
 morto, e resuscitado, outro sem-  
 pre feliz, e sempre vencedor; hum  
 a quem convém todas as authori-  
 dades, em que se tem fallado de fra-  
 queza, outro a quem convém to-  
 das aquellas, em que se tem fallado  
 de grandeza; hum em fim, filho de  
 Jozé: porque não se tem podido  
 negar-lhe hum dos caracteres de Je-  
 su Christo, que tem sido reputado  
 filho de Jozé, e outro filho de Da-  
 vid; sem já mais quererem enten-  
 der, que aquelle Messias, filho de  
 David, devia, conforme David, *Ps. CIX.*  
*ber da torrente antes de levantar a*  
*cabeça, isto he, ser afflicto antes de*  
*ser triunfante, como o disse o mes-*  
*mo filho de David: ó incensatos, e*  
*pezados do coração, que não pode-*  
*is crer o que disserão os Profetas!*  
*Luc. XXIV. 25. 26.*  
*não era preciso que o Christo soffres-*  
*se estas cousas, e que entrasse na sua*  
*gloria por este meio?*

Finalmente se entendemos do  
 Messias este grande lugar, em que  
 Isaías nos representa taõ vivamen-  
 te o homem de dor ferido pelos nos-  
 sos peccados, e desfigurado como hum  
*Is. LIII.*  
 le-

*Gem. Tr.*  
*Sanbed.*  
*lib. XI.*

*Ibid.*

*Ibid.*

*Matth.*  
*XVI. 2.*  
*3. 4.*  
*Luc. XII.*  
*55.*

*leproso*, nós ainda somos sustidos nesta explicação do mesmo modo que em todas as outras pela antiga tradição dos Judeos; e a pezar das suas prevenções, o capitulo tantas vezes citado do seu Talmud nos ensina que *aquelle leproso carregado dos peccados do povo será o Messias*; as dores do Messias, que lhe serão causadas pelos nossos peccados, são celebres no mesmo lugar, e nos outros livros dos Judeos. Muitas vezes ahi se tem fallado da entrada tão humilde como gloriosa, que elle devia fazer em Jerusalem, montado sobre hum jumento, e aquella celebre Profecia de Zacharias lhe he applicada. De que tem que se queixar os Judeos? Tudo lhes era affinalado em termos precisos nas suas Profecias: a sua antiga tradição tinha conservado a explicação natural destas celebres Profecias; e nada ha mais justo, que aquella reprehensão que lhes faz o Salvador do mundo: *Hypocritas, vós sabeis julgar pelos ventos, e pelo que vos apparece no Ceo, se o tempo será sereno, ou chuvoso; e não sabeis conhecer por tantos sinais, que vos*

*vos são dados, o tempo em que estaes!*

Concluamos pois, que os Judeos tem tido verdadeiramente razão de dizerem, que *todos os termos da vinda do Messias são passados*. Judá não he mais hum Reino nem hum Povo: outros Póvos tem reconhecido o Messias, que devia ser mandado. Jesus Christo tem sido mostrado aos Gentios: por este final elles tem corrido para o Deus de Abrahão, e a benção deste Patriarcha se estende por toda a terra. O homem de dores tem sido prégado, e a remissão dos peccados tem sido annunciada pela sua morte. Todas as semanas correm; a dessolação do povo, e do Sanctuario, justo castigo da morte de Christo, teve o seu ultimo cumprimento; em fim, o Christo appareceo com todos os caracteres que a tradição dos Judeos ahi reconhecia, e a sua incredulidade não tem desculpa.

Tambem nós vemos depois deste tempo sinaes indubitaveis da sua reprovação. Depois de Jesus Christo, elles não fizeraõ mais que mergulhar-se cada vez mais na ignorancia, e na miseria, de donde a multidaõ

tidaõ extrema dos seus males, e a vergonha de haverem tantas vezes vivido sujeitos ao erro, os fará fahir, ou antes a bondade de Deos, quando o tempo, determinado pela sua providencia para punir a sua ingraticadaõ, e domar a sua soberba, for cumprido.

Com tudo, elles ficaõ sendo o Indubrio dos póvos, e o objecto da sua averfaõ, sem que hum taõ longo cativoiro os faça entrar em si, ainda que devesse bastar para os convencer; porque em fim como lhes diz S. Jeronymo, *que esperas tu ó Judeo incredulo? Tu tens committido muitos crimes durante o tempo dos Juizes: a tua Idolatria te fez escravo de todas as Naçoens vizinhas; mas Deos teve bem cedo piedade de ti, e não tem tardado de te enviar Salvadores. Tu multiplicaste as tuas Idolatrias debaixo dos teus Reis; mas as abominaçoens em que cabiste debaixo de Achaz, e de Manassés não tem sido castigadas se não por setenta annos de cativoiro. Veio Cyro, e elle te entregou a tua Patria, o teu templo, e os teus sacrificios. Por fim tens sido opprimido por Vaspasiano, e*  
por

*Hier. Ep.  
ad Dan.  
tom. 3.  
Epist.*



por Tito. Cincoenta annos depois, Adriano acabou de te exterminar, e ba-  
 quatrocentos annos que vives na op-  
 pressão. Isto he o que dizia S. Jerony-  
 mo. O argumento depois se fortifi-  
 cou, e mil e duzentos annos tem  
 sido accrescentados á desolação do  
 povo Judaico. Digamos-lhes pois em  
 lugar de quatrocentos annos, que  
 dezaseis seculos tem visto durar o  
 seu cativoiro, sem que o seu jugo ve-  
 nha a ser mais leve. *Que tens tu  
 feito ó povo ingrato? Escravo em to-  
 dos os paizes, e de todos os Princi-  
 pes, não serves aos Deoses estrangei-  
 ros? Como Deos que te havia escolbi-  
 do, se esqueceo de ti, e que vierão  
 a ser as suas antigas misericordias?  
 Que crime, que attentado maior que  
 a Idolatria te faz sentir hum casti-  
 go que já mais te haviaõ adquirido  
 as tuas Idolatrias? Tu te calas; tu  
 não podes comprehender o que te tor-  
 na Deos tão inexoravel? Lembra te* *Matth.*  
*daquella palavra de teus pais: o seu* *XXVII.*  
 *sangue seja sobre nós, e sobre os nos-* *26.*  
 *sos filhos: e ainda nós não temos Rei* *Joan.*  
 *mais que Cesar. O Messias não será* *XIX. 15.*  
 *teu Rei; guarda bem o que tens es-*  
 *colhido: fica escravo de Cesar, e dos* *Rom. XI.*  
 N Reis 1.

Reis até que seja entrada a plenitude dos Gentios, e que em fim todo o Israel seja salvo.

### CAPITULO XXV.

*Reflexões particulares sobre a conversão dos Gentios. Profundo Conselho de Deus que os queria converter pela Cruz de Jesus Christo. Discurso de S. Paulo sobre este modo de os converter.*

**E** Sta conversão dos Gentios era a segunda cousa, que devia acontecer no tempo do Messias, e o final mais seguro da sua vinda. Temos visto como os Profetas o haviaõ claramente predicto, e as suas promessas saõ verificadas nos tempos de Nosso Senhor. He certo, que entãõ sómente, e nem antes, nem mais tarde, o que os Filosophos naõ se atrevem a intentar, o que os Profetas, nem o povo Judaico, quando tem sido mais protegido, e fiel, naõ tem podido fazer, doze peccadores enviados por Jesus Christ.

Christo, e testemunhas da sua Ressurreição, o tem cumprido. Isto he que a conversão do mundo não devia ser obra nem dos Filósofos, nem mesmo dos Profetas: estava reservada para o Christo, e este era o fructo da sua Cruz.

Era preciso na verdade que este Christo, e os seus Apostolos sahisses dos Judeos, e que a prégação do Evangelho começasse em Jerutalem. *Hum Monte levantado devia If. II. 23*  
*aparecer nos ultimos tempos, segun-*  
*do Isaias: este era a Igreja Christã. Ibid. 2.3.*  
*Todos os Genticos para abi deviaõ vir,*  
*e muitos povos nelle se deviaõ ajuntar. Ibid. 17.*  
*Neste dia o Senhor devia só ser eleva-*  
*do, e os Idolos deviaõ ser totalmen-*  
*te quebrados. Mas Isaias, que vio*  
*estas cousas, vio tambem no mes-*  
*mo tempo que a Lei que devia jul-*  
*gar os Genticos sabiria de Siao, e*  
*que a palavra do Senhor, que devia Joan. IV.*  
*corrigir os Povos sabiria de Jeru-*  
*salem; o que fez dizer ao Salva-*  
*dor, que a salvação devia vir dos*  
*Judeos. E era conveniente que a no-*  
*va luz, pela qual os povos mer-*  
*gulhados na Idolatria, deviõ algum*  
*dia ser illustrados, se espalhasse por*  
*todo*

todo o mundo do lugar em que havia sempre estado. Era em Jesus Christo, Filho de David, e de Abraham, que todas as nações deviaõ ser abençoadas, e santificadas. Nós o temos muitas vezes notado. Mas não temos ainda observado a causa, pela qual este Jesus paciente, este Jesus crucificado, e anniquilado devia ser o unico Author da conversão dos Gentios, e o unico vencedor da Idolatria.

S. Paulo nos tem explicado este grande Mysterio no 1. Cap. da 1. Epistola aos Corinthios: e he bom reflectir sobre este bello lugar em

*1. Cor. I. toda a sua extençãõ. O Senhor, diz  
17.18.19. elle, me enviou para pregar o Evan-  
20. gelho, não por meio da sabedoria, e  
do discurso humano, temendo tornar  
inutil a Cruz de Jesus Christo; porque  
a pregação do Mysterio da Cruz he  
loucura para aquelles que se perdem,  
e não parece hum effeito do poder de  
Deos, senão para os que se salvaõ, isto  
he, para nós. Com effeito, acha-se es-  
cripto; eu destruirei a sabedoria dos  
14. XXXIII. Sabios, e regeitarei a sciencia dos dou-  
18. tos. Aonde estaõ agora os sabios?  
A onde estaõ os Doutores? Que vie-  
raõ*

vão a ser aquelles que procuravaõ as sciencias deste seculo? Deos não tem convencido de loucura a sabedoria deste mundo? Sem duvida, pois que ella não tem podido tirar os nomes da sua ignorancia. Mas exaqui a razã que disto dá S. Paulo. He que Deos vendo que o mundo com a sabedoria humana não o havia reconhecido pelas obras da sua sabedoria, isto he, pelas creaturas que tinha taõ perfeitamente ordenado, elle tomou hum differente caminho, e resolveo salvar aos seus fiéis pela loucura da pregaçã, isto he, pelo Mysterio da Cruz, aonde a sabedoria humana nada pode comprehender.

Novo, e admiravel desígnio da Divina providencia! Deos tinha introduzido o homem no mundo, aonde para qualquer parte que voltasse os olhos a sabedoria do Creador resplandecia na grandeza, na riqueza, e na disposiçã de huma taõ bella obra. O homem com tudo o desconheceo; as creaturas que se apresentavaõ para elevarem mais alto o nosso pensamento, o tem demorado; o homem cego, e embru-

tecido as tem seguido; e não contente com adorar a obra das mãos de Deos, adorou a obra das suas proprias mãos. Fabulas, as mais ridiculas que as que se contaõ aos meninos, tem feito a sua Religião: esqueceo-se da razão: Deos lha quer fazer esquecer de outra sorte: huma obra, cuja sabedoria conhecia, não o penetrou; outra obra lhe he apresentada, aonde o seu discurso se perde, e aonde tudo lhe parece loucura; esta he a Cruz de Jesus Christo. Não he discorrendo que se entende este Mysterio; he cativando a sua intelligencia debaixo da obediencia da Fé; he desfruido os discursos humanos, e toda a altura que se levanta contra a sciencia de Deos

2. Cor. X.  
4. 5.

Com effeito, que comprehendemos nós neste Misterio, aonde o Senhor da gloria he carregado de opprobrios, aonde a sabedoria Divina he tratada de loucura, aonde aquelle que certo em si mesmo da sua natural grandeza, não creio attribuir a si munita, quando se disse igual a Deos, se anniquilou a si mesmo até tomar a forma de escravo, e a padecer a morte da Cruz? Todos os nos-

e los-

Phil. II.  
7. 8.

fos pensamentos se confundem; e, como dizia S. Paulo, nada ha que pareça mais insensato aos que não são illustrados por Deos.

Tal era o remedio que Deos preparava para a Idolatria. Elle conhecia o coração do homem, e sabia que não era por meio do discurso que se devia destruir hum erro que o discurso não tinha estabelecido. Ha erros em que cahimos discorrendo; porque o homem se confunde muitas vezes por força de discorrer; mas a Idolatria era vinda pela extremidade opposta; era extinguindo todo o discurso, e deixando dominar os sentidos, que querião tudo revestir de qualidades, das quaes são tocados. Por este motivo he que a Divindade veio a ser visivel, e grosseira. Os homens lhe derão a sua figura, e o que ainda era mais vergonhoso, os seus vicios, e as suas paixões. O Discurso não tinha parte em hum erro tão brutal. Isto era hum abuso da prudencia, hum delirio, hum frenesi. Discorrei com hum frenetico, e contra hum homem, a quem huma febre ardente faz variar, não faze-

is mais que irritallo, e tornar o mal irremediavel: he preciso buscar a causa, corrigir o temperamento, e acalmar os humores, cuja violencia causa taõ estranhos furores. Assim naõ deve ser o discurso quem cure o delirio da Idolatria. Que tem ganhado os Filozofos com os seus discursos pomposos, com o seu estylo sublime, com os seus pensamentos taõ artificialmente ordenados? Plataõ com a sua eloquencia que se julgou divina, tem destruido hum só Altar em que aquellas monstruosas Divindades eraõ adoradas? Pelo contrario, elle, e seus discipulos, e todos os Sabios do seculo tem sacrificado á mentira: Elles se perderãõ nos seus pensamentos; o seu coração insensato tem sido cheio de trevas, e debaixo do nome de Sabios, que deãõ a si, vierãõ a ser mais loucos que os outros, pois que contra as suas proprias luzes, tem adorado as creaturas.

Naõ he pois com razãõ que S. Paulo exclamou, em a nossa authoridade, *onde estaõ os sabios, onde estaõ os Doutores? Que tem obrado aquelles que buscavaõ as sciencias* des-

Rom. I.  
21. 22.

I. Cor. I.  
20.



deste seculo? Tem podido sómente destruir as fabulas da Idolatria? tem elles sómente suspeitado que he preciso oppôr-se claramente a tantas blasfemias, e soffrer, naõ digo o ultimo suplicio, mas a menor affronta por amor da verdade? em lugar de o fazerem elles tiveraõ a verdade cativa, e puzeraõ por maxima que em materia de Religiaõ se devia seguir o povo: o povo que elles desprezavaõ tanto, tem sido a sua regra na materia a mais importante de todas, e na qual os seus discursos pareciaõ os mais necessarios. De que tens pois servido, ó Filosofia! Deos naõ tem convencido a loucura da sabedoria deste mundo, como nos dizia S. Paulo; naõ tem destruido a sabedoria dos sabios; e mostrado a inutilidade da sciencia dos doutos.

Assim he que Deos tem mostrado pela experiencia, que a ruina da Idolatria naõ podia ser obra só do discurso humano. Em lugar de lhe incumbir a cura de huma tal molestia, Deos acabou de o confundir pelo Mysterio da Cruz, e

Rom. I.  
18.

1. Cor. I.  
19. 20.

I. moX  
ca. ix

1. Co. I.  
20.

no mesmo tempo applicou o remedio até á origem do mal.

A Idolatria, se a entendemos, tomava o seu nascimento daquelle profundo apego que temos a nós mesmos. Isto he o que nos havia feito inventar Deoses semelhantes a nós; Deoses que realmente não erã mais que homens fugeitos ás nossas paixões, ás nossas fraquezas, e aos nossos vicios: de sorte que debaixo do nome de falsas Divindades, os seus proprios pensamentos, os seus prazeres, e as suas fantasias era o que na realidade os Gentios adoravaõ.

Jesus Christo nos faz entrar em outros caminhos. A sua pobreza, as suas ignominias, a sua Cruz, o tornaõ hum objecto horrivel aos nossos sentidos. He preciso sair de si mesmo, renunciar a tudo, tudo crucificar para o seguir. O homem, apegado a si mesmo, e a tudo o que a corrupçaõ lhe fazia amar, vem a ser capaz de adorar a Deos, e a sua verdade eterna, da qual quer d'ahi em diante seguir as regras.

Lá acabaõ, e se deivanezem todos os Idolos, os que se adorava sobre os Altares, e aquelles a quem

cada hum servia no seu coração. Estes ali haviaõ elevado os outros. Adorava-se Venus, porque se deixava dominar ao amor sensual, e se amava o seu poder. Baccho o mais engraçado de todos os Deoses, tinha Altares, porque se abandonava, e se sacrificava, para dizer assim a alegria dos sentidos mais doce, que mais embebedava que o vinho. Jesus Christo pelo Mysterio da sua Cruz, vem imprimir nos corações o amor das mortificações em lugar do amor dos Prazeres. Os Idolos que se adoravaõ exteriormente foraõ dissipados, porque os que se adoravaõ interiormente não subsistiaõ mais: o coração purificado, como diz o mesmo Jesus Christo, he tornado capaz de ver a Deos; e o homem, em lugar de fazer hum Deos semelhante a si, cuida antes, em quanto o pôde soffrer a sua enfermidade, em vir a ser semelhante a Deos. *Matth. V. 3.*

O Mysterio de Jesus Christo nos fez ver como a Divindade podia sem se envelhecer ser unida á nossa natureza, e se revestir das nossas fraquezas. O Verbo encarnou: aquelle que tinha a *fôrma*, e a natureza de Deos, *N 6* sem

*Phil. II. 6.* sem perder o que era tomou a forma de escravo. Inalteravel em si mesmo, elle se une, e se apropia huma natureza estrangeira, O' homens, vós quereis Deoses que não fossem, a dizer a verdade, senão homens, e ainda homens viciosos! era isto huma grande cegueira; mas ex-aqui hum novo objecto de adoração, que se vos propõe; he hum Deos, e hum homem juntamente; mas hum Deos que nada tem perdido do que era, tomando o que nós somos. A Divindade fica immutavel, e sem se poder degradar, não pôde elevar o que unio comfigo.

Mas ainda, que he o que Deos tomou de nós? Os nossos vicios, e os nossos peccados? Deos tal não permitta; não tomou do homem senão o que nelle fez, e he certo, que nelle não havia feito nem o peccado, nem o vicio. Havia feito a natureza; elle a tomou. Póde-se dizer que havia feito a mortalidade com a enfermidade que a acompanha; porque ainda que ella não fosse do primeiro designio, era o justo castigo do peccado, e nesta qualidade era obra da justiça Divina. Tambem

Deos não tem recusado tomallo ; e tomando a pena do peccado sem o mesmo peccado , mostrou que era , não hum culpado que se punia ; mas o justo que pagava os peccados dos outros.

Destá sorte em lugar dos vicios que os homens punhão nos seus Deuses , todas as virtudes tem apparecido neste Deos Homem , e a fim de que nelle apparecessem nas ultimas próvas , ahi tem apparecido no meio dos mais horriveis tormentos. Não procuremos mais outro Deos visível depois deste : elle só he digno de abater a todos os Idolos ; e a victoria que delles devia alcançar , he annexa á sua Cruz. Isto he , que he annexa a huma loucura apparente , porque os Judeos , profegue S. Paulo , pedem milagres , pelos quaes Deos movendo milagrosamente toda a natureza , como fez na sahida do Egypto , os ponha visivelmente sobre os seus inimigos : e os Gregos , e os Gentios procuraõ a sabedoria , e os discursos regulados , como os do seu Plataõ , e do seu Socrates. E nós , continua o Apostolo , nós pregamos Jesus Christo crucificado , escandalo

aos.

aos Judeos, e não milagre: loucura para os Gentios, e não sabedoria: mas que he para os Judeos, e Gentios, chamados para o conhecimento da verdade, o poder, e a sabedoria de Deos, porque em Deos o que he louco, he mais sabio, que toda a sabedoria humana; e o que he fraco he mais forte que toda a força humana. Ex-aqui o ultimo golpe que era preciso dar á nossa soberba ignorancia. A sabedoria para onde nos guião he tão sublime, que parece loucura a nossa sabedoria; e as suas regras são tão altas, que tudo ahi nos parece confusão.

Mas se esta Divina sabedoria nos he impenetravel em si mesma, ella se declara pelos seus effeitos. Huma virtude sahe da Cruz, e todos os Idolos são abalados. Nós os vemos cair por terra, ainda que sustidos por todo o poder Romano. Não são os sabios, não são os nobres, não são os poderosos que tem feito hum tão grande milagre. A Obra de Deos tem sido seguida, e o que havia começado pelas humiliações de Jesus Christo, elle o tem consummado pelas humiliações dos seus Discipulos:

1. Cor. I.  
26. 27.  
28. 29.

Conr

*Considerai, meus irmãos, assim he*  
*que S. Paulo acaba o seu admiravel*  
*discurso, considerai aquelles que Deos*  
*tem chamado para vós, e dos q aes*  
*compôz aquella Igreja victoriosa do*  
*mundo. Abi ha poucos daquelles sa-*  
*bios, que o mundo admira, ha pou-*  
*cos poderosos, e poucos nobres; mas*  
*Deos escolheo o que he louco, segundo*  
*o mundo, para confundir os sabios;*  
*escolheo o que era fraco, para con-*  
*fundir os poderosos; escolheo o que*  
*havia mais desprezível, e mais vil,*  
*e em fim o que não existia, para des-*  
*truir o que existia, a fim de que ne-*  
*mbum homem se glorifique diante delle.*  
*Os Apostolos, e seus Discipulos, o*  
*refugo do mundo, e o mesmo nada,*  
*olhando para elles com olhos huma-*  
*nos, tem prevalecido a todos os Im-*  
*peradores, e todo o Imperio. Os*  
*homens haviaõ-se esquecido da crea-*  
*ção, e Deos a renovou tirando des-*  
*te nada a sua Igreja, que tornou*  
*Omnipotente contra o erro. Com os*  
*Idolos confundio toda a grandeza hu-*  
*mana que se interessava em os defen-*  
*der; e fez huma grande obra, como*  
*havia feito o mundo, pela unica*  
*força da sua palavra.*

## CAPITULO XXVI.

*Diversas formas de Idolatria : os sentimentos, o interesse, a ignorancia, hum falso respeito da antiguidade, a Politica, a Filosofia, e as heresias vem em seu socorro : a Igreja triunfa de tudo.*

**A** Idolatria nos parece a mesma fraqueza, e custa-nos a comprehender que haja sido precisa tanta força para a destruir. Mas pelo contrario a sua extravagancia mostra a difficuldade que havia para a vencer; e huma tão grande prevaricação do bom discurso mostra assaz quanto o principio era diminuto. O mundo tinha envelhecido na Idolatria; e encantado pelos seus Idolos, veio a ser surdo á voz da natureza que contra elles gritava. Que poder era preciso para trazer á memoria dos homens o verdadeiro Deos tão profundamente esquecido, e apartar o Genero humano de hum tão prodigioso adormecimento?



Todos os sentidos, todas as paixões, todos os interesses combatião a favor da Idolatria. Ella era feita para o prazer, os divertimentos, os espectáculos, e em fim a mesma licença, ahi faziaõ huma parte do Culto Divino. As Festas naõ eraõ mais que jógos, e naõ havia algum lugar da vida humana em que o pejo fosse banido com mais cuidado, do que o era dos Mysterios da Religiaõ. Como se haviaõ acostumar corações taõ corruptos á regularidade da Religiaõ verdadeira, casta, severa, inimiga da sensualidade, e unicamente ligada aos bens invisiveis? S. Paulo falava a Felis, Governador da Judea, *da justiça, da castidade, e do Juizo futuro. Este homem atemoriza-* <sup>Act. XXIV. 25.</sup>  
do, *lbe diz, veirai-vos em quanto ao presente, eu vos mandarei chamar quando for preciso.* Estes discursos eraõ incommodos para hum homem que queria gozar sem escrúpulo, por qualquer preço que fosse dos bens da terra.

Quer V. Alteza ver remover-se o interesse, aquella poderosa maquina que dá movimento ás cousas humanas? neste grande discredito da  
Ido-

ACT. XIX.  
24.

Idolatria, que começava a causar em toda a Azia as pregações de S. Paulo, os Artifices, que ganhavaõ a sua vida, fazendo pequenos Templos de prata da Diana de Efeso, se ajuntarãõ: e o mais acreditado entre elles lhe representou que o seu ganho hia acabar-se: *E não somente*, diz elle, *corremos perigo de perder tudo, mas o Templo da grande Diana vai cabir em o desprezo, e a magestade daquella que he adorada em toda a Azia, e até em todo o mundo, se aniquilarãõ pouco a pouco.*

Quanto o interesse he poderoso, e atrevido quando se pôde cobrir com o pretexto da Religião! não foi preciso mais para mover aquelles Artifices. Sahiraõ todos juntos gritando, como furiosos, *a grande Diana dos Efezinos*, e arrastando os companheiros de S. Paulo para o Theatro, aonde toda a Cidade se havia ajuntado. Entãõ os gritos se dobraraõ, e por espaço de duas horas a Praça publica retumbava com estas palavras: *a grande Diana dos Efezinos*. S. Paulo, e os seus companheiros foraõ com trabalho arrancados das mãos do Povo pelos Ma-

Magistrados, que temerão que acontecesse maiores desordens neste tumulto. Ajuntai ao interesse dos particulares o dos Sacerdotes, que hiaõ cahir com os seus Deoses. Ajuntai a tudo isto o interesse das Cidades, que a falsa Religiaõ tornava illustres, como a Cidade de Efeso, que devia ao seu Templo os seus privilegios, e logo os estrangeiros pelos quaes era enriquecida; que tempestade se devia levantar contra a Igreja nascente; e devemos nós admirar de ver os Apostolos tantas vezes accommettidos, apedrejados, e deixados por mortos no meio da plebe! mas hum maior interesse vai mover huma maior maquina; o interesse do Estado vai fazer obrar o Senado, o povo Romano, e os Imperadores.

Havia ja muito tempo que as Ordenações do Senado prohibiaõ as Religioes estrangeiras. Os Imperadores eraõ entrados na mesma Politica; e naquella bella deliberaçaõ em que se tratava de reformar os abusos do Governo, hum dos principaes regulamentos que Mecenas propoz a Augusto, foi impedir as novidades na

Re-

XIX. BR.

Lib.

XXXIX.

&c.

Orat. Mæ-

cen. apud

Dion. III.

Tertul.

Apol. 5.

Euseb.

Hist. Eccl.

1.º 2.º

Religião, que sempre causavaõ perigosos movimentos nos Estados. A maxima era verdadeira: porque, que ha que mova mais violentamente os corações, e os leve a excessos mais estranhos? Mas Deos queria mostrar que o estabelicimento da Religião verdadeira não excitava taes desordens; e esta he huma das maravilhas que mostra que elle obrava nesta obra. Porque quem não se admiraria de ver que pelo espaço de trezentos annos inteiros que a Igreja tem tido para soffrer tudo o que a raiva dos perseguidores podia inventar de mais cruel, entre tantas sedições, e tantas guerras civis, entre tantas conjurações contra a pessoa dos Imperadores, não se tinha ja mais achado hum só Christão, nem bom, nem máo? Os Christãos desafião aos seus maiores inimigos para que lhes nomeem hum só: não houve ja mais algum, tanta veneração inspirava a doutrina Christãa para o poder publico, e tão profunda foi a impressão que fez em todos os corações aquella palayra do Filho de Deos: *Dai a Cesar o que he de Cesar, e a Deos o que he de Deos.*

*Tertul. A-*  
*pol. 35.36.*  
*&c.*

*Matth.*  
*XXII.21.*

Esta bella distincão introduzio nos coraçõs huma luz tão clara, que nunca os Christãos deixaraõ de respeitar a imagem de Deos nos Príncipes perseguidores da verdade. Este caracter de submissãõ resplandecia de tal fórma em todas as suas Apologias, que ellas inspiraõ ainda hoje aos que as lem o amor da ordem publica, e mostra que naõ esperavaõ senãõ de Deos o estabelicimento do Christianismo. Estes homens tão de-  
*Tert. A<sub>2</sub>*  
*pol.*  
 terminados para a morte, que en-  
 chiaõ todo o Imperio, e todos os exercitos, naõ escapar huma só vez durante tantos seculos de mortificações; elles prohibiaõ a si mesmos, naõ sómente as acções sediciofas, mas tambem as murmurações. O dedo de Deos estava nesta obra, e nenhuma, outra maõ senãõ a sua pode reter os coraçõs que se encaminhavaõ a destrui-illos por meio de tantas injustiças.

Na verdade lhes era duro o serem tratados como inimigos publicos, e inimigos dos Imperadores, aquelles que naõ respiravaõ mais que a obediencia, e cujos votos os mais ardentes tinhaõ por objecto a salva-  
 çãõ

caõ dos Principes , e a felicidade do Estado. Mas a politica Romana se julgava atacada nos seus fundamentos , quando se desprezava os seus Deoses. Roma se jaõtava de ser huma Cidade santa por sua fundaçaõ , consagrada desde a sua origem pelos auspicios Divinos , e dedicada pelo seu Author ao Deos da guerra. Pouco faltou para que , naõ julgasse Jupiter mais presente no Capitolio , que no Ceo. Ella julgava ter as suas victorias na sua Religiaõ. Por isto he que ella havia domado as Naões , e os seus Deoses , porque se discortia assim neste tempo ; de sorte que os Deoses Romanos deviaõ ser os senhores dos outros Deoses , como os Romanos eraõ os senhores dos outros homens. Roma subjugando a Judéa tinha contado o Deos dos Judeos entre os Deoses que ella havia vencido: querê-llo fazer reinar , era destruir os fundamentos do Imperio , isto era abortecer as victorias , e o poder do povo Romano. Assim os Christãos , inimigos dos Deoses , eraõ vistos no mesmo tempo , como inimigos da Republica. Os Imperadores empregavaõ mais cuidado em

*Cic. Orat.  
pro Flaco.*

*Orat.*

*Lynn. ad*

*Imp. Val.*

*Theod. &*

*Arc. ap.*

*Amb.*

*tom. V.*

*L. V. Ep.*

*30.*

*Zozim.*

*hist. lib. 2.*

*6. Sc.*

os exterminarem do que em exterminarem aos Parthos, aos Marcomanos, e aos Dacios: o Christianismo abatido apparecia nas suas inscrições com tanta pompa, como os Sarmatas destruidos. Mas elles se jactavaõ injustamente de haverem destruido huma Religião que se augmentava debaixo do ferro, e do fogo. Em vaõ se ajuntãõ as calumnias á crueldade. Os homens que praticavaõ virtudes superiores ao homem, eraõ accusados de vicios, que fazem horror á natureza. Accusava se de incesto aquelles, cuja castidade fazia as delicias. Accusava-se de comer os seus proprios filhos, aquelles que eraõ beneficos para com os seus perseguidores. Mas, a pezar do odio publico, a força da verdade tirava da boca dos seus inimigos testemunhos favoraveis. Todos sabem o que escreveu Plinio o moço a Trajano sobre os bons costumes dos Christãos. Elles foraõ justificados, mas naõ foraõ isentos do ultimo supplicio; porque ainda lhes foi preciso esta ultima setta para acabar nelles a imagem de Jesus Christo crucificado, e deviaõ, como elle, caminhar para

*Plin. lib.  
X. Ep. 97*

ra a Cruz com huma declaração publica da sua innocencia.

A Idolatria não punha toda a sua força na violencia. Ainda que o seu fundo fosse huma ignorancia brutal, e huma inteira depravação do sentido humano, ella se queria ornar de algumas razões. Quantas vezes procurou disfarçar-se, e em quantas maneiras se tem transformado para cobrir a sua vergonha? Fingia algumas vezes que respeitava a Divindade. Tudo o que he Divino, dizia ella, he desconhecido: não ha mais que a Divindade que se conheça a si mesma: não nos pertence discorrer sobre cousas tão altas; por esta razão he que devemos dar credito aos antigos, e cada hum deve seguir a Religião que acha estabelecida no seu paiz. Por estas maximas os erros tão grosseiros como impios que enchão a toda terra, eraõ irremediaveis; e a voz da natureza, que annunciava o verdadeiro Deos, era soffocada.

Havia muito para pensar que a fraqueza da nossa razão errante necessita de huma authoridade que a reduza ao principio; e que da antigui-



guidade he que se deve aprender a Religiaõ verdadeira. Tambem tem V. Alteza visto a sua continuação immutavel desde a origem do mundo. Mas de que antiguidade se podia jactar o Paganismo, que não podia ler as suas proprias historias sem nellas achar a origem, não sómente da sua Religiaõ, mas ainda dos seus Deoses? Varrãõ, e Cicero sem contar os outros Authores, o tem bem mostrado. Ou antes teriamos nós recurso a aquelles milhares infinitos de annos que os Egypcios enchiaõ de fabulas confusas, e impertinentes para estabelecerem a antiguidade de que se jactavaõ? Mas sempre ahi se via nascer, e morrer as Divindades do Egypto, e aquelle povo não se podia fazer antigo, sem assinalar o principio dos seus Deoses.

Ex-aqui huma outra fórma de Idolatria. Ella queria que se servisse a tudo o que passasse por Divino. A politica Romana, que prohibia tão severamente as Religiões estrangeiras, permittia que se adorasse os Deoses dos Barbaros, com tanto que os tivesse adoptado. Assim ella queria parecer justa para com todos os Deoses,

*Cic. de  
nat. Deor.  
lib. 1. 3.*

*Jud. Ep.  
ad Comm.  
Judeor.*

ses, do mesmo modo que para com todos os homens. Incensava algumas vezes o Deus dos Judeos com todos os outros. Nós achamos huma carta de Juliano Apostata, pela qual promette aos Judeos restabelecer a santa Cidade, e sacrificar com elles ao Deus Creador do mundo. Temos visto que os Pagãos querião voluntarios adorar o verdadeiro Deus, mas não o verdadeiro Deus só; e não importa aos Imperadores, que Jesus Christo mesmo, cujos Discipulos perseguiaõ, não tivesse Altares entre os Romanos.

Porque! os Romanos tem podido pensar em honrar como Deus aquelle a quem os seus Magistrados haviaõ condemnado ao ultimo supplicio, e que muitos dos seus Autores carregaraõ de opprobrios? Isto não deve causar admiraçãõ, a cousa he incontestavel.

Distinguamos primeiramente o que faz dizer em geral hum odio cego, dos factos positivos, dos quaes se crê ter a prova. He certo que os Romanos, ainda que tenhaõ condemnado a Jesus Christo, não lhe tem já mais lançado em rosto algum crime par-

particular. Tambem Pilatos o condemnou com repugnancia, violentado pelos gritos, e ameaças dos Judeos. Mas o que he bem mais maravilhoso, os mesmos Judeos, pela perseguição dos quaes elle tem sido crucificado, não tem conservado nos seus antigos livros a memoria de huma acção que notasse a sua vida, em lugar de lhe terem assinalado alguma que lhe tenha feito merecer o ultimo supplicio: por onde se confirma manifestamente o que lemos no Evangelho, que todo o crime de Nosso Senhor tem sido ter-se chamado o Christo Filho de Deos.

Com effeito, Tacito nos relata bem o supplicio de Jesus Christo de baixo de Poncio Pilatos, e durante o Imperio de Tiberio; mas não refere algum crime que lhe tenha merecido a morte, senão o de ser Author de huma Seita convencida de aborrecer o Genero humano, ou de lhe ser odiosa. Tal he o crime de Jesus Christo, e dos Christãos; e os seus maiores inimigos não tem já mais podido accusallos senão em termos vagos, sem já mais allegarem

Q 2

Ind. h. h. h.  
m. m. m.  
v. v. v.

Tacit.  
Ap. XV.  
44.

facto positivo que se lhes tenha podido imputar.

He a verdade, que na ultima perseguição, e 300. annos depois de Jesus Christo, os Pagãos, que não sabião cousa alguma que lhe lançarem rosto nem a elle, nem a seus Discipulos, publicáram os falsos actos de Pilatos, aonde pertendião que se visse os crimes, pelos quaes elle havia sido crucificado. Mas como não se ouve fallar destes Actos em todos os seculos precedentes, e nem debaixo de Nero, nem de Domiciano, que reinava na origem do Christianismo, por inimigos que delles fossem, se acha alguma cousa delles, parece que tem sido feitos ao gosto de quem os fez; e entre os Romanos ha tão poucas provas constantes contra Jesus Christo, que os seus inimigos tem sido reduzidos a inventallas.

Ex aqui pois hum primeiro facto, a innocencia de Jesus Christo sem reprehensão. Accrescentemos-lhe hum segundo, a santidade da sua vida, e da sua doutrina reconhecida. Hum dos maiores Imperadores Romanos, este he Alexandre Severo, ad-

Lampr. in  
Alex. Sev.  
c. 45. 50.

1818. F. 100.

30

admirava a N. Senhor, e fazia escrever nas obras publicas do mesmo modo que no seu Palacio, algumas sentenças do seu Evangelho. O mesmo Imperador louvava, e propunha por exemplo as santas precauções com que os Christãos ordenavaõ os Ministros das cousas sagradas. Isto não he tudo: via-se no seu Palacio huma especie de capella aonde se sacrificava desde manhaã. Ahi tinha consagrado as imagens das *Almas Santas*, entre as quaes punha com Orfeo Jesus Christo, e Abraham. *Ibid. c. 29. 31*  
 Havia outra capella, ou como se quizer traduzir a palavra latina *laryrium* de menor dignidade que a primeira, aonde se via a imagem de Achilles, e de alguns outros grandes homens; mas Jesus Christo estava posto no primeiro lugar. He hum Pagaõ quem o escreve, e cita por testemunha a hum Author do tempo de Alexandre. Ex-aqui pois duas testemunhas deste mesmo facto, e ex-aqui outro facto que não he menos admiravel.

Ainda que Porfirio abjurando o Christianismo, se-houvesse declarado seu inimigo, não deixa no livro *Anti-* *Porphyrii lib. de vit. Phil. per Orac. Euseb.*

dem. Ev.  
3. 8.  
Aug. de  
Civ. Dei.  
19. c. 23.

intitulado a *Filosofia dos Oraculos*, de confessar, que houve muitos delles muito favoraveis á santidade de Jesus Christo.

Não permitta Deos que aprendamos pelos Oraculos enganadores a gloria do Filho de Deos, que os fez callar nascendo. Estes Oraculos citados por Porfirio são puras invenções; mas he bom saber o que os Pagãos faziam dizer aos seus Deoses a respeito de N. Senhor. Porfirio pois nos allegura, q̄ houveram Oraculos, aonde Jesus Christo he chamado hum homem piedoso, e digno da immortalidade, e os Christãos pelo contrario homens impuros, e enganados. Elle recita depois o Oraculo da Deosa Hecates, aonde ella falla de Jesus Christo, como de hum homem illustre pela sua piedade, cujo corpo tem cedido aos tormentos, mas cuja alma está em o Ceo com as almas bemaventuradas. Esta alma, dizia a Deosa de Porfirio, por huma especie de fatalidade inspirou o erro ás almas a quem o destino não tem assegurado os dons dos Deoses, e o conhecimento do grande Jupiter; por esta razão he que são inimigos dos Deoses. Mas guardai-vos bem

bem de a criminares, profegue ella fallando de Jesus Christo, e compadecei-vos somente do erro daquelles, cujo desgraçado destino vos tenho contado. Palavras pomposas, e inteiramente vazias do sentido; mas que mostraõ que a gloria de N. Senhor obrigou aos seus inimigos a lhe darem louvores.

A'lem da innocencia, e santidade de Jesus Christo, ha tambem hum terceiro ponto que naõ he menos importante; este he os seus milagres. He certo que os Judeos naõ os tem jamais negado, e nós achamos no seu Talmud alguns daquelles que seus Discipulos fizeraõ no seu nome. Sõmente para os escurecerem, disseraõ que os havia feito por meio dos encantamentos que tinha aprendido no Egypto, ou tambem pelo nome de Deos, aquelle nome desconhecido, e ineffavel, cuja virtude pôde tudo segundo os Judeos, e que Jesus Christo havia descoberto, naõ se sabe como, no Sanctuario, ou em fim porque era hum daquelles Profetas affinalados por Moyses, cujos milagres enganadores deviaõ encaminhar o povo para a Idola-

Tr. de I.  
dolatr. &  
comm. in  
Ecel.

Tr. de  
Sabb. c.  
12. lib. ge-  
nera. Je-  
su, seu  
bist. Jesu  
Deut. 13.  
1. 2.

O 4

tria. Jesus Christo vencedor dos Idolos, cujo Evangelho tem feito reconhecer hum só Deos por toda a terra, não necessita de ser justificado desta reprehensão: os verdadeiros Profetas não tem menos pregado a sua Divindade, do que elle mesmo fez; e o que deve resultar do testemunho dos Judeos, he que Jesus Christo fez milagres para justificar a sua Missão.

Finalmente, quando lhe lançaõ em rosto que elle os obrou por Magica, deviaõ considerar que Moyses tem sido accusado do mesmo crime. Esta era a antiga opiniaõ dos Egypcios, que, admirados das maravilhas que Deos havia obrado no seu paiz por este grande homem, o haviaõ posto em o numero dos principaes Magicos. Põde-se ver tambem esta opiniaõ em Plinio, e em Apuleo, aonde Moyses se achã nomeado com Janeo, e Mandreo, aquelles celebres encantadores do Egypto de que falla S. Paulo, e que Moyses havia confundido pelos seus milagres. Mas a resposta dos Judeos era facil. As illusões dos Magicos não tem jamais hum effeito duravel, nem se

*Plin.*  
*XXX. 1.*  
*Apul. A-*  
*pulo.*

*2. Tim.*



se dirigem a estabelecer, como fez Moysés, o culto do Deos verdadeiro, e a santidade da vida: ajuntando que Deos sabe bem constituir-se mestre, e fazer obras que o poder inimigo não possa imitar. As mesmas razões põem a Jesus Christo sobre huma tão vã accusação, que desde como havemos notado, não serve mais que para justificar que estes milagres são incontestaveis.

Elles não são com effeito tão fortes, que os Gentios não podessem disconvir delles do mesmo modo que os Judeos. Celso, o grande inimigo dos Christãos, e que os ataca desde os primeiros tempos com toda a habilidade imaginavel, procurando com hum cuidado infinito tudo o que lhes podia ser nocivo, não tem negado todos os milagres de Nosso Senhor: elle se defende, dizendo com os Judeos, que Jesus Christo tinha aprendido os segredos dos Egypcios, isto he, a Magica, e que quiz attribuir a si a Divindade por maravilhas que obrou em virtude desta arte condemnavel. Pela mesma razão he que os Christãos passavam por Magicos, e temos hum lugar

Orig.  
cont. Cel.  
l. 2.

Orig. ibid.

AE.

Mart.

passim.

Jul. ap.

Cyr. lib.

Juliano Apostata, que despreza os milagres de Nosso Senhor, mas que não os põe em duvida. Voluziano, na sua Epistola a S. Agostinho, faz o mesmo; e este discurso era commum entre os Pagãos.

*Ap. Aug.  
tom. 2. Ep.  
3. 4.*

Não deve pois causar admiração, se, acostumados a fazerem Deoses de todos os homens, em quem brilha alguma cousa de extraordinario, quizerão pôr a Jesus Christo entre as suas Divindades. Tiberio sobre as relações que lhe vinhão da Judéa, propôz ao Senado o conceder a Jesus Christo as honras divinas.

*Tertul. A-  
pol. 1. Eu-  
seb. hist.  
Ecel. 2. 2.*

Não he este hum facto que se funda no ar, e Tertuliano o relata como publico, e notorio no seu Apologetico, que apresenta ao Senado em nome da Igreja, que não quiz enfraquecer huma tão boa causa como a sua, por cousas em que teria podido tão facilmente ser confundida. Se se quer o testemunho de hum Author Pagão, Lampridio nos dirá, que Adriano havia levantado a Jesus Christo os Templos, que se vião ainda no tempo em que elle escreveu, e que Alexandre Severo, depois de o haver reverenciado em particular, lhe que-

*Lamp. in  
Alex. c. 4.  
ibid.*

queria publicamente levantar Altares, e polo em o numero dos Deoses.

Ha certamente muita injustiça para não crer, tocante a Jesus Christo, senão o que delle eserevem aquelles que não são contados entre os seus Discipulos; porque isto he procurar a fe nos incredulos, aonde o cuidado, e a exacção naquelles, que occupados de cousas diversas, tinhaõ a Religião por indifferente. Mas he verdade, com tudo, que a gloria de Jesus Christo tem tido hum tão grande resplendor, que o mundo não se tem podido defender de lhe dar algum testemunho, e não posso referir a Vossa Alteza algum mais authentico, que o de tantos Imperadores.

Reconheço, com, tudo que elles tinhaõ hum differente delignio. A Politica se misturava nas honras que davaõ a Jesus Christo. Elles pertendiaõ, que por fim as Religiões se uniriaõ, e que os Deoses de todas as Seitas veriaõ a ser communs. Os Christãos não conheciaõ este culto misturado, e não desprezavaõ menos as condescendencias, que os rigores

da politica Romana. Mas Deos quiz  
 que outro principio fizesse regeitar  
 pelos Pagãos os Templos que os Im-  
 peradores destinavaõ para Jesus  
 Christo. Os Sacerdotes dos Idolos,  
 segundo a relação do Author Pagão  
 já citado tantas vezes, declaráraõ  
 ao Imperador Adriano *que se elle  
 consagrava estes Templos edificados ao  
 uso dos Christãos, todos os outros Tem-  
 plos seriaõ abandonados, e todo o  
 mundo abraçaria a Religião Christã.*  
 A Idolatria tambem sentia em a nossa  
 Religião huma força victoriosa, con-  
 tra a qual os falsos Deoses não podi-  
 aõ resistir, e ella mesma justificava a  
 verdade da quella sentença do Apos-  
 tolo *que convenção pôde haver entre  
 Jesus Christo, e Belial, e como se pô-  
 de concordar o Templo de Deos com o  
 dos Idolos?* *Aflin, pela virtude da Cruz, a  
 Religião Pagã confundida, e a  
 mesma cahia em ruina, e a unidade  
 de Deos se estabelecia de tal sorte,  
 que por fim a Idolatria não appare-  
 ceo della distante. Ella dizia, que a  
 natureza Divina tão grande, e tão  
 extensa, não podia ser exprimida,  
 nem por hum só nome, nem debai-*

2. Cor. 6.  
 13. 16.

xo de huma só forma; mas que Jupiter, e Marte, e Juno, e outros Deoses, não eraõ na realidade mais que o mesmo Deus, cujas virtudes infinitas eraõ explicadas, e representadas por tantos mezes diferentes. Quando depois era preciso ir ás historias impuras dos Deoses, ás tuas infames genealogias, aos seus impudicos amores, ás suas festas, e aos seus mysterios, que não tinhaõ outro fundamento mais que aquellas fabulas prodigiosas, toda a Religião se tornava em alegorias: o mundo, ou o Solhe que se achavaõ serem aquelle Deus unico; eraõ as Estrellas, eraõ o ar, e o fogo, a agoa, e a terra; e os seus diversos ajuntamentos que estavaõ occultados debaixo dos nomes dos Deoses, e nos seus amores. Fraco, e miseravel refugio! porque além de que as fabulas eraõ escandalosas, e todas as alegorias frias, e forçadas, que se achava por fim, se não que aquelle Deus unico que era o mundo com todas as suas partes, de sorte que o fundo da Religião era a natureza, e sempre a creatura adorada no lugar do Creador.

Estas fracas desculpas da Idolatria

Macrob:  
1. Sat.  
17. & seq.  
Apul. de  
Deo. l. 1.  
Aug. de  
Civ. 4.  
10. 11.

Orig.  
cont. Cels.  
lib. 5. 6.  
&c.

*Plat.*  
*Conv.*  
*Tim. &c.*  
*Porphyr.*  
*lib. 2. de*  
*abstin.*  
*Apul. de*  
*Deo loc.*  
*Aug. de*  
*Civ. 1.*  
*14. &*  
*seq. 18. 2*  
*22. 9.*  
*5. 6z*

*AugEp:*  
*3 ad v.*  
*inf.*  
*&c.*

tria, ainda que tiradas da Filosofia dos Stoicos, não contentavaõ ao Filoſofos. Celſo, e Porſirio procuravaõ novos ſoccorros na doutrina de Platon, e de Pithagoras, e ex-aqui como conciliavaõ a unidado de Deos com a multiplicidade dos Deos vulgares. Não havia, diziaõ elles mais que hum Deos Soberano: mas era taõ grande, que não ſe miſturava com as couſas pequenas. Contento com haver creado o Ceo, e os Aſtros, não ſe havia dignado de pôr a maõ neste baixo mundo, que tinha deixado formar aos ſeus ſubalternos; e o homem ainda que nacido para o conhecer, porque era mortal, não era huma obra digna das ſuas mãos. Tambem era elle inacceſſivel á noſſa natureza: vivia muito alto para nós: os Eſpiritos celeſtes que nos haviaõ creado, nos ſerviaõ de mediadores junto delle; e por eſta razão he que era preciso adorallos.

Não ſe trata de refutar eſtes ſonhos dos Platonicos, que tambem cahem per ſi meſmos. O Myſterio de Jeſus Chriſto os deſtruia pelo fundamento. Eſte Myſterio ensinava aos homens, que Deos, que os havia creado

ado

ado á sua imagem, não fazia caso de os desprezar: que se elles necessitavao de mediador, não era por causa da sua natureza, que Deos havia feito, como tinha feito, a todas as outras; mas por causa do peccado, do qual elles erao os unicos Authores: finalmente que a sua natureza os apartava tao pouco de Deos, que Deos não se dignava de se unir a elles fazendo-se homem, e lhes dava por mediador, não aquelles Espiritos celestes que os Filozofos chamavao demonios, e que a Escripura chamava Anjos; mas hum homem, que ajuntando a força de hum Deos á nossa natureza enferma, nos fez hum remedio da nossa fraqueza.

Se a soberba dos Platonicos não se podia abaixar até ás humilhações do Verbo feito carne, não deviao elles ao menos comprehendere que o homem por ser hum pouco abaixo dos Anjos, não deixava de ser como elles capaz de possuir a Deos de sorte que era antes seu irmao do que seu subdito, e não devia adorallos, mas adorar com elles em espirito de sociedade aquelle que os havia creado huns, e outros á sua similhança?

Era

Era isto pois, não sómente muita baixeza, mas também muita ingrati-  
 daõ para o Genero humano sacrifi-  
 car a outrem que não fosse a Deos;  
 e nada era mais cego que o Paganis-  
 mo, que, em lugar de lhe reservar  
 o culto supremo, o dava a tantos de-  
 monios.

Aqui he que a Idolatria, que pa-  
 recia estar destruida descobrio total-  
 mente a sua fraqueza. No fim das  
 perseguições, Porfirio apertado pe-  
 los Christãos, foi constrangido a di-  
 zer que o Sacrificio não era o culto  
 supremo, e vede até aonde elle le-  
 von a extravagancia. Este Deos al-  
 tissimo, dizia elle, não recebia sa-  
 crificio: tudo o que he material he  
 impuro para elle, e não lhe póde  
 ser offerecido. A mesma palavra não  
 deve ser empregada no seu culto,  
 porque a voz he huma cousa corpo-  
 ral; deve-se adorar em silencio, e  
 por simples pensamentos; todo ou-  
 tro culto he indigno de huma ma-  
 gestade tão alta.

Assim Deos era muito grande para  
 ser louvado. Era hum crime expri-  
 mir, como podemos, o que pensa-  
 mos da sua grandeza. O Sacrificio,  
 ainda

*Porph.  
 lib 2. de  
 abstina.  
 Aug. de  
 Civ. X.*



ainda que não seja senão huma maneira de declarar a nossa dependencia profunda, e hum reconhecimento da sua soberanidade, não era para elle. Porfirio o dizia assim expressamente; e isto, que outra cousa era mais que abolir a Religião, e deixar totalmente sem culto aquelle que se reconhecia por Deos dos Deoses?

Mas que era isto pois que aquelles Sacerdotes, que os Gentios offereciaõ em todos os Templos? Porfirio tinha achado o seu segredo. Ahi havia, dizia elle, espiritos impuros, enganadores, malfeitores, que por huma soberba insensata, querião passar por Deoses, e fazer-se servir pelos homens. Era preciso apasguá-los, temendo que nos fizessem mal. Huns mais alegres, e mais engraçados se deixavaõ ganhar pelos espectáculos, e pelos jogos: o humor mais sembrio dos outros queria o cheiro da gordura, e se satisfazia com os sacrificios sauguiolentos. De que serve refutar estas absurdidades? em fim os Christãos ganhavaõ a sua causa. Era tido por constante, que todos os Deoses a quem se-

*Prop. 22  
de abst. 2.  
Lab. apud  
Aug. 7. de  
Civ. 13.*

sacrificava entre os Genticos, eraõ  
 espiritos malignos, cuja soberba lhes  
 attribuia a Divindade; de sorte que  
 a Idolatria vendo a em si mesma,  
 parecia sómente o effeito de huma  
 ignorancia brutal; mas subindo á  
 sua origem, era huma obra trazida  
 de longe, levada para os ultimos ex-  
 cessos pelos espiritos maliciosos. Isto  
 he o que os Christãos haviãõ sempre  
 pertendido; isto he o que ensinava o  
 Evangelho; isto he o que cantava o  
 Psalmista: *todos os Deoses dos Genticos  
 são demonios, mas o Senhor tem feito  
 os Ceos.*

*Pf. XCV.  
 5.*

E com tudo, Serenissimo Senhor,  
 estranha cegueira do Genero huma-  
 no, a Idolatria reduzida á extren-  
 dade, e confundida per si mesma,  
 não deixava de se sustentar. Não era  
 preciso mais que revestilla de algu-  
 ma apparencia, e explicalla em pa-  
 lavras, cujo som fosse agradavel ao  
 ouvido, para a fazer entrar nos co-  
 rações. Porfirio era admirado. Jam-  
 blico seu Sectario passava por hum  
 homem Divino, porque sabia cobrir  
 os pensamentos de seu mestre com  
 termos que pareciaõ mysteriosos, a-  
 inda que na realidade nada significas-  
 sem,

fem. Juliano Apostata, todo fino como elle era, foi enganado por estas apparencias, os mesmos Pagãos o contaõ. Os encantamentos verdadeiros ou falsos, que estes Filozofos louvavaõ, a sua austeridade mal entendida, a sua abstinencia ridicula, que chegava até a fazer hum crime de comer os animaes, as suas purificações supersticiosas, em fim a sua contemplação que se evaporava em vãos pensamentos, e as suas palavras taõ pouco solidas como pareciaõ magnificas, enganavaõ ao mundo; mas não digo o principal. A santidade dos costumes Christãos, o desprezo dos prazeres, que ella recommendava, e mais que tudo isto a humildade, que fazia o fundo do Christianismo, offendia aos homens; e se o sabemos comprehender, a soberba, a sensualidade, e a libertinagem eraõ as unicas prohibições da Idolatria.

A Igreja a extirpava todos os dias por meio da sua doutrina, e ainda mais pela sua paciencia. Mas aquelles espiritos malignos, que não haviaõ jamais cessado de enganarem aos homens, e que os haviaõ mergulhado na Idolatria, não se esqueceraõ da sua

*Eunap.  
Maxim.  
Oribas  
Chrisant.  
Ep. Jul. ad  
Jamb.  
Amm.  
Marcel.  
lib 22.  
23. 24*

VOX. 12

Rom. 12.  
3.

Orig. lib.  
V. cont.  
Celf.

fua malicia. Suscitáraõ na Igreja a-  
quellas heresias que V. Alteza tem  
visto. Homens curiosos, e por isso  
vãos, e innovadores quizerãõ adqui-  
rir hum nome entre os fideis, e não  
se poderãõ contentar com aquella sa-  
bedoria sobria, e temperada que o  
Apostolo havia tanto recommendado  
aos Christãos. Entravaõ muito den-  
tro dos Mystérios, que queriaõ me-  
dir pelas nossas fracas percepções  
novos Filósofos, que misturavaõ os  
discursos humanos com a Fé, e em-  
prehendiaõ diminuir as difficuldades  
do Christianismo, não podendo de-  
gerir todo o rigor que o mundo acha-  
va no Evangelho. Assim successiva-  
mente, e com huma especie de me-  
thodo, todos os Artigos da nossa Fé  
forãõ atacados: a creação, a Lei de  
Moysés, fundamento necessario da  
nossa, a Divindade de Jesus Christo,  
a sua Incarnação, a sua Graça, os  
seus Sacramentos, tudo em fim deo  
materia a divisões escandalosas. Cel-  
so, e os outros nos reprehendiaõ del-  
las. A Idolatria parecia triumphar. El-  
la via o Christianismo como huma  
nova Seita de Filosofia, que tinha a  
sorte de todas as outras, como ellas  
se

se devidia em muitas outras Seitas. A Igreja não lhes parecia senão huma obra humana prompta para cahir per si mesma. Concluia-se que em materia de Religião não se devia subtilizar mais que os nossos antepassados, nem emprehender mudar o mundo.

Nesta confusão de Seitas que se jactavaõ de serem Christãs, Deos não faltou á sua Igreja. Soube-lhe conservar hum caracter de authoridade que as heresias não podião tomar: ella era Catholica, e Universal; abraçava todos os tempos: extendia-se por todas as partes: era Apostolica; a continuação, a successão, a cadeira da unidade, a authoridade primitiva lhe pertencia. Todos aquelles que a deixavaõ, a tinhaõ primeiramente reconhecido, e não podião apagar o caracter da sua novidade, nem o da sua rebellião. Os mesmos Pagaõs a viaõ como aquella que era a Astia, o todo de donde as pequenas partes se haviaõ separado, o tronco sempre vivo que os ramos cortados deixavaõ na sua inteireza. Celso, que reprehendia aos Christãos as suas divisões, entre tantas Igrejas

Scif-

*Iren. 3: 1. 2. 3. 4*

*Tertul. de præscript. 20. 21. 32. 36.*

*Orig. lib. 1. cont. V. 21.*

*Orig. lib.  
V.*

*Euseb.  
Hist. Eccl.  
lib. 7.*

*Amm.  
Marc.  
lib. 21.*

Scismaticas que via levantarem-se, affinalava huma Igreja distincta de todas as outras, e sempre mais forte, a qual por essa razaõ tambem chama-va a grande Igreja. Alguns ha, dizia elle, entre os Christãos, que não reconhecem o Creador, nem as tradições dos Judeos; elle queria fallar dos Marcionitas: mas, profegue elle, a grande Igreja os recebe. Na desordem que excitou Paulo de Samosate, o Imperador Aureliano não teve difficuldade em reconhecer a verdadeira Igreja Christã, á qual pertencia a casa da Igreja, ou que isto fosse o lugar da oração, ou a casa do Bispo. Julgou que pertencia áquelles que estavam em communhão com os Bispos da Italia, e o de Roma, porque via desde muito longo tempo a maior parte dos Christãos nesta Communhão. Quando o Imperador Constancio inquietava tudo na Igreja, a confusão que nella punha protegendo os Arianos, não pode impedir que Ammiانو Marcellino, todo Pagão como era, não reconhecesse que este Imperador se apartava do direito caminho da Religião Christã, simples, e precisa per si mesma nos seus dogmas,

e no

e no seu procedimento. Isto he que a Igreja verdadeira tinha huma magestade, e huma recta intençãõ, que as heresias não podião, nem imitar, nem escurecer; pelo contrario, sem quererem, ellas davaõ testemunho á Igreja Catholica. Constancio, que perseguia a S.<sup>ta</sup> Athanasio, defensor da antiga fé, *desfejava com ardor*, diz Ammiano Marcellino, *de o fazer condemnar pela authoridade que tinha o Bispo de Roma sobre os outros*. Procurando apoiar-se desta authoridade, fazia sentir aos mesmos Pagaõs o que faltava á Seita, e honrava a Igreja, da qual os Arrianos se haviãõ separado: allim os Gentios mesmos conheciaõ a Igreja Catholica. Se alguem lhes perguntava aonde ella tinha as suas congregações, e quaes erãõ os seus Bispos, nesta materia nunca se enganavaõ. Pelo que toca ás heresias, quaesquer que fossem, ellas não podião desfazer-se do nome dos seus Authores. Os Sabelianos, os Paulianistas, os Arrianos, os Pelagianos, e os outros em vão se offendiaõ do titulo de partido, que se lhes dava. O mundo, apezar de que elles o tivessem, queria fallar na-

naturalmente, e demonstrava a cada Seita por aquelle de quem tirava o seu nascimento. Pelo que respeita a grande Igreja, a Igreja Catholica, e Apostolica, não tem ja mais sido possível nomear-lhe outro Author, senão o mesmo Jesus Christo, nem afinalar-lhes os primeiros dos seus Pastores sem subir até os Apostolos, nem dar-lhe outro nome mais que aquelle que ella tomava. Assim, por mais que fizessem os hereges, não a podiaõ occultar aos Pagãos. Ella lhes abria o seu seio por toda a Terra: elles em chusma para ella corriaõ. Alguns destes se perdiaõ talvez em os caminhos contrarios: mas a Igreja Catholica era o grande caminho, aonde entrava sempre a maior parte daquelles que procuravaõ a Jesus Christo; e a experiencia tem mostrado, que a ella he que era dado o congregar os Gentios. Ella era tambem aquella a quem os Imperadores Infiéis atacavaõ com toda a sua força. Origines nos ensina, que poucos hereges tem tido que padecer pela Fé. S. Justino, mais antigo do que elle, tem notado que a perseguiçaõ poupava aos Marcionitas, e aos

*Orig.  
con. Cels.  
VII.  
Just. A-  
fol. 2.*



e aos outros hereges. Os Pagãos não perseguião mais que a Igreja, que viaõ extender-se por toda a terra, e não reconheciam mais que a ella só pela Igreja de Jesus Christo. Que importa que se lhe arrancasse alguns ramos? O seu bom succo por isto não se perdia: ella brutava por outros lugares, e o córte da madeira supertua, não fazia mais que tomar os seus fructos melhores. Com effeito, se se considera a Historia da Igreja, ver-se-ha que todas as vezes que huma heresia a tem diminuido, ella tem recuperado as suas perdas, extendendo por fóra, e augmentando por dentro a luz, e a piedade, em quanto se tem visto seccar em lugares desviados os ramos cortados. As obras dos homens tem acabado a pezar do Inferno, que as sustinha: a obra de Deos tem subsistido; a Igreja tem triunfado da Idolatria, e de todos os erros,

## CAPITULO XXVII.

*Reflexão geral sobre a continuação  
da Religião, e sobre a relação  
que ha entre os livros da Escri-  
ptura.*

**E**sta Igreja sempre atacada, e nunca vencida, he hum milagre perpetuo, e hum testemunho brilhante da immutabilidade dos conselhos de Deos. No meio da agitação das cousas humanas, ella se sustem sempre com huma força invencivel, de sorte que por huma continuação naõ interrompida depois de dezafete seculos, nós a vemos remontar, até Jesus Christo, no qual tem acolhido a successão do antigo povo, e se acha reunida aos Profetas, e aos Patriarchas.

Affim tantos milagres pasmosos, que os antigos Hebreos tem visto com os seus olhos, servem ainda hoje para confirmar a nossa Fé. Deos, que os tem obrado para dar testemunho á sua unidade, e á sua omnipotencia, que podia fazer authentico

tico para conservar a sua memoria,  
 do que deixar entre a maõs de todo  
 hum grande povo as Actas que os  
 attestaõ postos pela ordem dos tem-  
 pos? Isto he o que ainda vemos nos  
 livros do antigo Testamento, isto he,  
 nos livros os mais antigos, que ha  
 no mundo, nos livros que saõ os  
 unicos da antiguidade, aonde o co-  
 nhecimento do verdadeiro Deos he  
 ensinado, e o seu serviço ordena-  
 do, nos livros que o Povo Judai-  
 co tem sempre taõ religiosamente  
 guardado. Este povo he o unico que  
 tem reconhecido, desde a sua ori-  
 gem o Deos Creador do Ceo, e da  
 Terra, o unico por consequencia  
 que devia ser o depositario dos se-  
 gredos Divinos. Tambem os tem con-  
 servado com huma Religiaõ que naõ  
 tem exemplos. Os livros, que os  
 Egypcios, e os outros povos chama-  
 vaõ Divinos, perderaõ-se ha mui-  
 to tempo, e apenas nos resta del-  
 les alguma memoria confusa nas his-  
 torias antigas. Os livros sagrados dos  
 Romanos, em que Numa, Author  
 da sua Religiaõ, havia escripto os  
 seus mysterios, acabáraõ entre as  
 maõs dos mesmos Romanos, e o Se-

*lib. 40. c. 9.  
Varr. lib.  
de cult.*

*Decr. a-  
pud Aug.  
de Civ.  
VIII. 34.*

nado os fez queimar, como enca-  
minhados para destruirem a Religi-  
aõ. Estes mesmos Romanos tem por  
fim deixado perecer os livros Sibi-  
linos, por taõ longo tempo vene-  
rados entre elles como profeticos,  
e aonde queriaõ que se creffe que  
elles achariaõ os decretos dos Deo-  
ses immortaes sobre o seu Imperio,  
sem por tanto delles terem ja mais  
mostrado ao publico, naõ digo hum  
só volume, mas hum só oraculo.  
Os Judeos tem sido os unicos, en-  
tre os quaes as Escripturas Sagra-  
das tem estado em outra tanta mais  
veneraçã, porque ellas tem sido  
mais conhecidas de todos os povos  
antigos; elles saõ os unicos que tem  
conservado os monumentos primiti-  
vos da sua Religiã, ainda que  
fossẽm cheios de testemunhos da sua  
infidelidade, e da dos seus ascen-  
dentes. E ainda hoje este mesmo po-  
vo existe sobre a terra para levar  
a todas as Naçoens por onde tem  
sido espalhado, com a continuaçã  
da Religiã, os milagres, e as pre-  
diçoens, que a constituem immovel.  
Quando Jesus Christo veio; e  
mandado por seu Pai cumprir as pro-  
messas

messas da Lei, confirmou a sua Mis-  
 saõ, e a dos seus Discipulos por  
 milagres novos, elles tem sido es-  
 criptos com a mesma exacçaõ. As  
 Actas delles, tem sido publicadas  
 a toda a terra: as circumstancias  
 dos tempos, das pessoas, e dos lu-  
 gares, tem tornado o exame facil  
 a qualquer que tem sido cuidado-  
 so da sua salvaçaõ. O mundo he for-  
 mado, o mundo tem crescido; e  
 por pouco que se tenha considera-  
 do os antigos monumentos da Igreja,  
 se confessará que ja mais algum ne-  
 gocio naõ tem sido julgado com mais  
 reflexaõ, e conhecimento.

Mas na relaçaõ, que tem jun-  
 tamente os livros dos dous Testa-  
 mentos, ha huma differença para  
 considerar; e he que os livros do  
 antigo povo tem sido compostos em  
 diversos tempos. Outros saõ os tem-  
 pos de Moyses, outros os de Josué,  
 e dos Juizes; outros os dos Reis;  
 outros os em que o povo foi tira-  
 do do Egypto, e em que recebeu  
 a Lei; outros os em que conquistou  
 a terra promettida; outros os em  
 que foi restabelecido por milagres  
 vultuosos. Para convencer a incredu-  
 lida-

lidade de hum povo preocupado pelos sentidos, Deos tomou huma longa extensaõ de seculos, durante os quaes tem distribuido os seus milagres, e os seus Profetas, a fim de renovar repetidas vezes os testemunhos sensiveis, pelos quaes attestava as suas verdades santas. Em o novo Testamento seguiu huma diferente ordem. Nada mais quer revelar de novo á sua Igreja depois de Jesus Christo; nelle está a perfeiçãõ, e a plenitude; e todos os livros Divinos que tem sido compostos em nova alliança, o tem sido no tempo dos Apostolos.

Isto he, que o testemunho de Jesus Christo, e daquelles que o mesmo Jesus Christo se dignou escolher para testemunhas da sua resurreiçãõ, tem sido bastante para a Igreja Christãã. Tudo o que veio depois a tem edificado, mas ella não tem visto, como puramente inspirado por Deos, senãõ o que os Apostolos tem escripto, ou o que tem confirmado pela sua authoridade.

Mas nesta differença que se acha entre os livros dos dous Testamentos,

tos, Deos tem sempre guardado aquella ordem admiravel de fazer escrever as cousas nos tempos em que eraõ acontecidas, ou em que era fresca a sua memoria. Assim aquelles que as sabião as escreveraõ: os que as sabião tem recebido os livros, que dellas devaõ testemunho; huns, e outros as tem deixado a seus descendentes, como huma herança preciosa, e a piedosa posteridade as tem conservado.

Assim he que se tem formado o corpo das Escripturas santas, assim do antigo, como do novo Testamento: Escripturas que desde a sua origem tem sido vistas, como verdadeiras em tudo, como dadas pelo mesmo Deos, e que tambem tem sido conservadas com tanta Religiaõ, que se naõ tem podido crer poder sem impiedade alterar nellas huma só letra.

Assim he que chegaraõ ás nossas mãos, sempre santas, sempre sagradas, sempre inviolaveis; conservadas humas pela tradiçaõ constante do povo Judaico, e outras pela tradiçaõ do povo Christaõ, outro tanto mais certa por haver sido con-

firmada pelo sangue, e pelo martyrio, assim dos que tem escripto estes livros Divinos, como dos que os tem recebido.

*Aug. cont.* Santo Agostinho, e os outros Pa-  
*Faust. XI.* dres perguntã sobre a Fé de quem  
 2. nós attribuímos os livros profanos  
 XXXIII. a tempos, e a Authores certos. Ca-  
 21. da hum responde logo, que os li-  
 XXXIII. vros são distintos pelas diferentes  
 6. relações que tem com as Leis,  
*Iren. I. 2.* com os costumes, com as histórias,  
 17. *Tertul. ad* com hum certo tempo, pelo mes-  
*Marc. IV.* mo estylo que traz impresso o cara-  
 1. 4. 5. cter das idades, e dos Authores par-  
*Aug. de* ticulares: e mais que tudo isto, pela  
*utilit. cred.* Fé publica, e por huma tradiçã  
 3. 37. cont. constante. Todas estas cousas concor-  
*Faustum.* rem para estebelecer os livros Di-  
*Mani-* vnos, para distinguir os seus tem-  
*ebecum.* XXVIII. pos, para assinalar os seus Autho-  
 XXXII. res; e mais Religiã houve em os  
 XXXIII. conservar na sua inteireza, mais a  
*cont. adv.* tradiçã que no-los conserva he in-  
*leg. &* contestavel.  
*Parph. I.* 20. &c.

Tambem tem sido sempre reco-  
 nhecida, não sómente pelos Catho-  
 licos, mas tambem pelos hereges,  
 e até pelos inleis. Moyses tem pas-  
 sado iempre em todo o Oriente, e  
 de



depois em todo o mundo pelo Legislator dos Judeos, e pelo Author dos livros que elles lhe attribuem. Os Samarytanos que os tem recebido das dez Tribus separadas, os tem conservado taõ religiosamente com os Judeos: a sua tradiçaõ, e a sua historia he constante; e basta passar pelos olhos alguns lugares da primeira parte, para ver toda a sua continuacaõ.

Dous povos taõ oppostos naõ tem tomado hum do outro estes livros Divinos; ambos elles os tem recebido da sua origem commua desde o tempo de Salomaõ, e David. Os antigos caracteres Hebreos, que os Samarytanos ainda conservaõ, mostraõ sufficientemente, que elles naõ tem seguido a Esdras, que os mudou. Assim o Pentateuco dos Samarytanos, e dos Judeos saõ dous originaes completos, independentes hum do outro. A perfeita conformidade, que ahi se vê na substancia do Texto, justifica a boa fe dos dous povos. Isto saõ duas testemunhas fies que convêm sem serem entendidos, ou para melhor dizer, que concordãõ a pezar das suas inimi-

zidades, e que só a tradiçãõ immemorial de huma parte, e da outra, os tem unido no mesmo pensamento.

Aquelles pois, que tem querido dizer, ainda que sem alguma razão, que estes livros sendo perdidos, ou não tendo ja mais existido, tem sido, ou restabelecidos, ou compostos de novo, ou alterados por Esdras, além de que são desmentidos pelo mesmo Esdras, ou são também pelo Penthateuco, que se acha ainda hoje entre as mãos dos Samaritanos, tal como o tinhaõ Jido nos primeiros seculos Eusebio de Ceserea, S. Jeronymo, e os outros Authores Ecclesiasticos; tal como estes povos o tinhaõ conservado desde a sua origem: e huma Seita tão fraca parece não durar tão longo tempo, senão para dar este testemunho á antiguidade de Moyses.

Os Authores, que tem escripto os quatro Evangelhos, não recebem hum testemunho menos seguro do consentimento unanime dos Fieis, dos Pagãos, e dos Hereges. Aquelle grande numero de povos diversos  
que

que tem recebido, e traduzido estes livros Divinos, logo que foram feitos, concordão todos na sua data, e nos seus Authores. Os Pagãos não tem contraditado esta tradição. Nem Celfo, que tem atacado estes livros sagrados, quasi na origem do Christianismo; nem Juliano Apostata, ainda que nada tenha ignorado, nem nada omitido do que os podia desacreditar, nem outro algum Pagão tem já mais suspeitado que são suppostos, pelo contrario todos lhes tem dado os mesmos Authores, que os Christãos. Os hereges, ainda que opprimidos pela authoridade destes livros, não se atrevião a dizer que não fossem dos Discipulos de Nosso Senhor. Tem havido com tudo hereges, que tem visto os principios da Igreja, e diante dos olhos, dos quaes tem sido escriptos os livros do Evangelho. Assim o engano, se ali o pôde haver, tem sido aclarado de muito perto para ter effeito. He verdade que depois dos Apostolos, e quando a Igreja era já extendida por toda a terra, Marcian, e Manes, constantemente os mais temerarios e os mais ignorantes

de todos os hereses, apezar da tradiçãõ vinda dos Apostolos, continuada pelos seus Discipulos, e pelos Bispos, a quem tinhaõ deixado a tua cadeira, e o governo dos povos, e recelida unanimamente por toda a Igreja Christãã, se atreveraõ a dizer, que os tres Evangelhos eraõ suppletos, e que o de S. Lucas que preleriaõ aos outros, naõ se sabe porque, pois que naõ tinhaõ vindo por outro caminho, havia sido falsificado. Mas que provas disto davaõ elles? Puras visões, nenhuns factos positivos. Diziaõ por toda a razãõ, que o que era contrario aos seus sentimentos, devia necessariamente ter sido inventado por contrarios que naõ fossem os Apostolos, e allegavaõ por toda a prova as mesmas opinõens que se lhes contestava; opinõens por outra parte taõ extravagantes, e taõ manifestamente incoherentes, que ainda se naõ sabe como tem podido entrar no juizo humano. Mas certamente para accusar a boa Fe da Igreja, era preciso ter na mãõ originaes differentes dos seus, ou alguma prova constante. Interpolados para as produ-  
zirem

*Iren.  
Terul.  
Aug. loc.  
cit.*

zirem elles, e os seus Discipulos, ficaram mudos, e deixaram pelo seu silencio huma prova indubitavel de que no segundo seculo do Christianismo, em que elles escrevião, não havia somente hum indicio de falsidade, nem a menor conjectura que se podesse oppôr á tradiçã da Igreja.

Que direi eu do consentimento dos Livros da Escripura, e do testemunho admiravel que todos os tempos do Povo de Deus se dão hums aos outros? Os tempos do segundo Templo supõe os do primeiro, e nos encaminha para Salomão. A paz não veio senão por meio dos combates; e as conquistas do Povo de Deus nos fazem subir até os Juizes, até Josué, e até a saída do Egypto. Vendo todo hum povo sair de hum Reino em que era estrangeiro, qualquer se lembra como elle ali havia entrado. Os doze Patriarchas apparecem logo, e hum povo, que não he já mais victo, senão como huma só familia, nos conduz naturalmente para Abraham, que he o seu tronco. Este povo he mais sabio, e menos inclinado para a idolatria depois da re-

tirada de Babilonia? Este era o effeito natural de hum grande castigo, que os seus peccados passados lhe havião adquirido. Se este povo se gloria de haver visto durante muitos seculos milagres que os outros povos não temjá mais visto, elle se póde tambem glorificar de haver tido o conhecimento de Deos, que outro algum povo não tinha. Que se quer que signifique a Circumcisão, e a Festa dos Tabernaculos, e a Pascoa, e as outras festas celebradas em a nação por tempo immemoravel, senão as cousas que se achão assinaladas no livro de Moysés? Que hum povo distincto dos outros por huma Religião, e por costumes tão particulares, que conservaõ desde a sua origem, sobre o fundamento da criação, e sobre fé da Providencia, huma doutrina tão seguida, e tão elevada, huma memoria tão viva de huma tão longa continuação de factos tão necessariamente encadeados, de ceremonias tão reguladas, de costumes tão universaes, tenha existido sem huma historia, que lhe assinalasse a sua

origem, e sem huma Lei que lhe prescrevesse os seus costumes por espaço de mil annos, que ficou em o estado, e que Esdras tenha começado a querer-lhe dar de repente, debaixo do nome de Moysés com a historia das suas antiguidades, a Lei que formava os seus costumes, quando este povo vindo a ser cativo vio a sua antiga Monarquia totalmente destruida, que fabula mais incrivel se poderia já mais inventar? E pôde-se dar credito a isto sem ajuntar a ignorancia á blasfemia?

Para perder huma tal Lei, quando se tem huma vez recebido, he preciso que hum povo seja exterminado, ou que por diversas mudanças elle tenha vindo a não ter senão huma idéa confusa da sua origem, da sua Religião, e dos seus costumes. Se esta desgraça tem acontecido ao povo Judaico, e a Lei tão conhecida debaixo de Sedecias se tenha perdido sessenta annos depois a pezar dos cuidados, de hum Ezequiel, de hum Jeremias, de hum Baruch, de hum Daniel, que tem hum recurso perpetuo a ella Lei,

como

como ao unico fundameato da Religiaõ, e da Folicia do seu povo; se, digo eu, a Lei se perdeu a pezar destes grandes homens, sem contar os outros, e no tempo em que a mesm a Lei tinha os seus Martyres, como o mostrã as perseguiçoens de Daniel, e dos tres neninos; se com tudo a pezar de tudo isto ella se tem perdido em tão pouco tempo, e ficado tão profundamente esquecida, que seja permitido a Etdras restabelecella segundo a sua fantazia; isto não era o só livro que elle lhe era preciso fabricar. Era preciso compor no tempo todos os Profetas antigos, e novos, isto he, os que tinhaõ eteripto antes, e durante o cativeiro, os que o Povo tinha visto escrever, do mesmo modo que aquelles, dos quaes conservava a memoria; e não sómente os Profetas, mas tambem os livros de Salomão, e os Psalmos de David, e todos os livros de historia; pois que apenas se achará em toda esta historia hum só facto consideravel, e em todos aquelles outros livros hum só capitulo, que tirado de Moyses, tal como nos o



temos, possa subsistir hum só momento. Tudo ahi falla de Moysés, tudo ahi he fundado sobre Moysés, e isto devia ser assim, pois que Moysés, e a sua Lei, e a historia que elle escreveu era na realidade no povo Judaico todo o fundamento da conducta publica, e particular. Era na verdade para Esdras huma maravilhosa empreza, e bem nova no mundo, fazer fallar no mesmo tempo com Moysés tantos homens de character, e estylo differente, e cada hum por huma maneira uniforme, e sempre semelhante a si mesma; e fazer acreditar de repente a todo hum Povo, que estes sab os livros antigos, que sempre venerou, e os novos que vio fazer, como senão tivesse ja mais ouvido fallar de nada, e que o conhecimento do tempo presente, do mesmo modo que o do tempo passado fosse totalmente abolido. Tais sab os prodigios que se devem crer quando senão quer acreditar os milagres do Omnipotente, nem receber o testemunho, pelo qual he constante, que se tem dito a todo hum grande povo, que elle os tinha

na visto com os seus olhos.

Mas se este povo veio de Babilonia para a terra de seus pais tam novo, e taõ ignorante, que apenas se lembra de que tem existido, desorte que tenha recebido sem examinar tudo o que Esdras lhe tiver querido dar, como pois vemos nós no livro q̄ Edras escreveo, e no de Nehemias seu contemporaneo, tudo o que se diz nos livros Divinos? Quem teria podido ouvir fallar na Lei de Moysés em tantos lugares, e publicamente, como de huma cousa conhecida de todo o mundo, e que todo o mundo tinha entre as suas mãos? tiveram-se elles atrevido a regular por isto as Festas, os Sacrificios, as Ceremonias, a fórma do Altar reedificado, os Casamentos, a Policia, e em huma palavra todas as cousas, dizendo sem cessar que tudo se fazia *conforme estava escripto na Lei de Moysés servo de Deus*? Como se vê todo o povo obrar naturalmente em consequencia desta Lei, como tendo-a tido sempre presente? Como he que todo este povo podia dar ouyidos a Aggeo, a Zacharias, e a Malaquias, que entaõ profetizavã, os quaes com os outros

Pro-

1. *Esd.*  
III. VII.  
IX. X.  
2. *Esd.*  
V. VIII.  
IX. XII.  
XIII.  
1. *Esd.*  
III.  
2. *Esd.*  
VIII.  
XIII. &c.

Profetas seus predecessores, naõ lhes ptegravaõ senaõ a *Moyses*, e a *Lei que Deos lhe havia dado em Horeb*; e isto como huma cousa conhecida, e de todos os tempos em vigor em a naçaõ? Mas como se diz no mesmo tempo, e na vinda do povo, que todo este povo admirou o cumprimento do Oraculo de Jeremias tocante aos 70. annos do cativeiro? Este Jeremias, que Esdras vinha de formar com todos os outros Profetas, como tem elle de repente achado a crença? Porque artificio novo se tem pòdido persuadir a todo hum povo, e aos velhos, que tinhaõ visto a este Profeta, que elles tinhaõ sempre esperado o livramento milagroso, que elle lhes havia annunciado nos seus escriptos? Mas tudo isto será ainda supposto: Esdras, e Nehemias naõ teraõ escripto a historia do seu tempo, qual outro o teraõ feito debaixo do seu nome; e aquelles que tem fabricado todos os outros livros do antigo Testamento, teraõ sido taõ favorecidos da posteridade, que os outros falsarios lho teraõ supposto a elles mesmos, para darem crença a sua impostura.

Cau-

*Mal. IV.*  
*4. Par.*  
*XXXVI;*  
*22.*  
*1. Esdr.*  
*I. 1.*  
*Esdr.*  
*III. XII.*  
*IX. X.*  
*Esdr.*  
*N. VIII.*  
*IX. XII.*  
*XIII.*  
*1. Esdr.*  
*III.*  
*2. Esdr.*  
*VII.*  
*XIII. 2.*

Causáraõ vergonha sem duvida tantas extravagancias; e em lugar de dizer que Edras tem feito de repente apparecer tantos livros, taõ distinctos huns dos outros pelos caracteres do estylo, e do tempo, dir-se-ha que ahi terá podido ingerir milagres, e predicçoens que os fazem passar por Divinos: erro ainda mais grosseiro que o antecedente, pois que estes milagres, e estas predicçoens saõ de tal modo espalhados por todos aquelles livros; saõ de tal modo inculcados, e repetidos por tantas vezes, e com tantas frases diversas, e huma taõ grande variedade de fortes figuras; em huma palavra, fazem de tal fórma todo o seu corpo, que sómente he preciso naõ ter jamais aberto aquelles Santos livros, para naõ ver que ainda he mais facil confundillos, para assim dizer, totalmente do que ahi ingerir cousas que os incredulos se enfiadaõ tanto para nelles, as acharem. E quando mesmo se lhes teria concedido tudo o que elles pedem, o milagroso, e o Divino he de tal modo o fundo daquelles livros, que ainda assim mesmo ahi se acharia. Se se

quer

quer que Esdras ahi tenha accrescentado depois as predicçoens das cousas acontecidas no seu tempo, as que se cumprirão depois por exemplo, debaixo de Antiocho, e dos Machabeos, e tantos outros que se tem visto; quem as terá accrescentado? Deos terá, talvez, dado a Esdras o dom da Profecia, a fim de que a impostura de Esdras fosse mais verosimel; e antes se crerá que hum falsario fosse Profeta do que Isaias, ou que Jeremias, ou que Daniel: ou antes cada seculo terá trazido hum falsario feliz, a quem todo o povo terá dado credito; e novos impostores por hum zelo admiravel de Religião, terãõ continuamente accrescentado aos livros Divinos, mesmo depois que o seu Canon terá sido fechado, que elles se tiverãõ espalhado com os Judeos por toda a terra, e se houverem traduzido em tantas lingoas estrangeiras. Não teve isto sido, por força de querer estabelecer a Religião destruida pelos fundamentos? Hum povo todo deixa mudar tão facilmente o que crê ser Divino, ou o creia pela razaõ, ou pelo erro? Qualquer pôde esperar persu-

persuadir aos Christãos, ou mesmo aos Turcos, que accrescentem hum só Capitulo, ou ao Evangelho, ou ao Alcorão? Mas talvez que os Judeos eraõ mais doceis que os outros povos, ou menos religiosos em conservar os seus santos livros. Que monstruos de opinioens he preciso pôr no pensamento quando se quer facudir o jugo da authoridade Divina, não regular os seus sentimentos do mesmo modo que os seus costumes, mais que pela sua razaõ errada!

## CAPITULO XXVIII.

*As difficuldades que se formão contra a Escriptura são faceis de se vencerem por bom senso, bom Juizo, e de boa fé.*

**N**ÃO se diga que a disputa destes factos causa embarço: porque quando de tal natureza fosse, feria preciso, ou referillos a authoridade da Igreja, e á tradiçãõ de tantos seculos, ou levar o exame até o fim, e não crer que delle se estava deso-

desobrigado por dizer que pede mais tempo, que este se quer dar á sua salvaçaõ. Mas em substancia, sem revolver com hum trabalho infinito os livros dos dous Testamentos, naõ he preciso mais que ler o livro dos Psalmos, v aonde estaõ recopilados tantos antigos Canticos do Povo de Deos, para ahi ver na mais Divina poezia que nunca houve, os monumentos immortaes da Historia de Moysès, da dos Juizes, da dos Reis, impressos pelo canto, e pela medida na memoria dos homens. E pelo que toca ao novo Testamento, só as Epistolas de S. Paulo taõ vivas, e taõ originaes, taõ fortes do tempo dos negocios, e dos movimentos que entaõ havia, e em fim de hum caracter taõ affinallado; estas Epistolas, digo eu, recebidas pelas Igrejas, para as quaes eraõ dirigidas, e de lá communicadas ás outras Igrejas, bastariaõ para convencer os bons juizes, de que tudo he sincero, e original nas Escripturas, que os Apostolos nos deixarãõ.

Tambem se sustentãõ ellas humas ás outras com huma força inven-

vencivel. Os Actos dos Apostolos não fazem mais que continuar o Evangelho; as suas Epistolas o suppõe necessariamente: mas a fim de que tudo concorde, os Actos, e as Epistolas, e os Evangelhos, reclamam por toda a parte os antigos livros dos Judeos. S. Paulo, e os outros Apostolos não cessam de allegarem o que *Moyfés disse*, o que *escreveo*, o que os Profetas disseram, e escreveram depois de Moyfés. Jesus Christo chama em testemunho a *Lei de Moyfés, e os Profetas, e os Psalmos*, como testemunhas que depõe todas da mesma verdade. Se elle quer explicar os seus Mystérios, *começa por Moyfés, e pelos Profetas*, e quando diz aos Judeos que *Moyfés escreveo delle*, põe por fundamento o que havia mais constante entre elles, e os encaminha para a mesma fonte das suas tradiçoens.

Vejamos com tudo o que se oppõe a huma authoridade tão reconhecida, e ao consentimento de tantos seculos: porque pois que nos nossos dias tem havido grande atrevimento em publicar em toda a qualidade de linguas livros contra

a Ef-



a Escriptura, não se deve dissimular o que se diz para desacreditar as suas antiguidades, que se diz pois para authorisar a supposiçã do Pentateuco, e que objecçã se pôde formar contra huma tradiçã de tres mil annos, sustentada pela sua propria força, e pela successã das cousas? Nada seguido, nada positivo, nada importante; cavilaçoens sobre os numeros, sobre os lugares ou sobre os nomes; e taes observaçoens, que em outra qualquer materia não passariaõ quando muito senã por vans curiosidades incapazes de darem assalto ao fundo das cousas, nos saõ aqui allegadas como fazendo a decisaõ do negocio o mais serio que nunca houve.

Ha difficuldades, dizem, na Historia da Escriptura. Sem duvida as ha, e não as haveria se o livro fosse menos antigo, ou se tivesse sido supposto, como se atrevem a dizer, por hum homem sabio, e industrioso, se se tivesse sido menos religioso em o dar tal como se achava, e se se tivesse tomado a liberdade de ahi corrigir o que fazia duvida. Ha as difficuldades que faz

Q

hum

hum longo tempo quando os lugares tem mudado de nome, ou de estado; quando as datas são esquecidas, quando as genealogias não são mais conhecidas, que não ha mais remedio para as faltas que huma copia, muito ou pouco culta, introduzida tão facilmente em taes causas; ou que factos que escaparam á memoria dos homens deixem escuridade em alguma parte da historia. Mas em fim esta escuridade está na mesma continuação, ou no fundo do negocio? Por nenhum modo: tudo ahi he seguido, e o que resta escuro, não serve mais que para fazer ver nos livros santos huma antiguidade mais veneravel.

*Deut.*  
*XXVII.*  
4

Mas ahi ha alteraçoes no Texto: as antigas versoes não concordam entre si; o Hebreo em diversos lugares he diferente de si mesmo; e o Texto dos Samaritanos além da palavra que se lhes imputa haverem mudado expressamente em favor do seu Templo de Garizim, tambem differe em outros lugares do dos Judeos. E disto que se concluirá? Que os Judeos, ou Esdras terao adulterado o Pen-  
tha-

thateuco quando vieraõ do cati-  
veiro? He justamente pelo contra-  
rio, que tudo se deveria concluir.  
As differenças do Samaritano não  
servem mais que para confirmar o  
que havemos ja estabelecido, que  
o seu Texto he independente do dos  
Judeos. Tão longe se está de se po-  
der imaginar que os scismaticos te-  
nhaõ tomado alguma cousa dos  
Judeos, e de Esdras, que temos  
visto pelo contrario, que he em  
odio dos Judeos, e de Esdras, e  
em odio do primeiro, e do segundo  
Templo, que elles têm inventado  
a sua chimera de Garizim. Estes re-  
beldes que têm despresado a Esdras,  
e a todos os Profetas dos Judeos,  
com o seu Templo, e Salomaõ, que  
o havia edificado, do mesmo mo-  
do que David, que havia assignala-  
do o lugar, que elles têm respei-  
tado no seu Penthateuco, senão  
huma antiguidade superior não só-  
mente á de Esdras, e dos Profe-  
tas, mas também á de Salomaõ,  
e de David, em huma parva a  
antiguidade de Moysés, na qual os  
dous povos convém? Quanto pois  
he incontestavel a authoridade de

—sils

Q 2

Moy-

11XX

Moyfès, e do Penthateuco, a qual todas as objeçoens não fazem mais que fazela mais firme?

Mas de donde vem estas variedades de Textos, e de versoens? De donde vem ellas na realidade (e não da antiguidade do mesmo livro, que tem passado pelas mãos de tantos copistas depois de tantos seculos, que a lingua em que foi escripto tem cessado de ser commua? Mas deixemos as vans disputas, e cortemos em huma palavra a difficuldade pela raiz. Digafeme senão he constante que de todas as versoens, e de todo o Texto, qualquer que elle seja, resultará sempre as mesmas Leis, e os mesmos milagres, as mesmas predicçoens, a mesma continuação de historia, o mesmo corpo de Doutrina, e em fim a mesma substancia? Em que são nocivas depois disto as diversidades dos Textos? Que nos era preciso mais que este fundo inalteravel dos livros Sagrados; e que podiamos nós pedir mais á Divina Providencia? E pelo que respeita ás versoens, he hum final de suppozição, ou de novidade ser

a lingua da Escriptura tão antiga que se tenha perdido as suas delicadezas, e que se ache impedido de manifestar toda a sua elegancia, ou toda a sua força no ultimo rigor? Não he isto antes huma prova da maior antiguidade? E se se quer fazer caso de cousas pequenas, que se me diga, de tantos lugares em que se encontra embaraço, se acha hum só delles restabelecido pelo discurso, ou pela conjectura. Tem-se seguido a se dos exemplares; e como a tradição não tem já mais promettido que a santa Doutrina podesse ser alterada, julgou-se que os outros erros, se algum restava, não servirão mais que para provar que nada ahi se tem innovado pelo seu proprio juizo.

Mas, em fim, ex-aquí o forte da objecção, não ha cousas acrescentadas no Texto de Moyses, e de donde vem que se acha a sua morte no fim do livro que se lhe attribue? Que maravilha he, que aquelles que tem continuado a sua historia, tenham acrescentado o seu fim bemaventurado no fim das suas acçoens, a fim de fazerem de tudo

hum mesmo corpo? Pelo que toca ás outras adiçoens, vejamos o que são. He isto alguma Lei nova, ou alguma nova cerimonia, algum dogma, algum milagre, alguma predicção? Em tal se não foyha. Disto ali não ha a menor suspeita, nem o menor indicio: Isto tem sido acrescentado á Obra de Deus, a Lei o havia prohibido, e o escandalo; que se tem causado, tem sido horrivel. Porque pois! o ter-se ha continuado talvez huma genealogia começada, se terá talvez explicado hum nome de Cidade mudado pelo tempo; na occasião do Manná com que o povo se sustentou por espaço de quarenta annos, se terá assignalado o tempo em que cessou este sustento celeste, e este facto escripto depois em hum diferente livro, ficaria por nota em o de Moysés, como hum facto constante, e publico, do qual o povo era testemunha; quatro ou cinco notas desta natureza, feitas por Josué, ou por Samuel, ou por quaesquer outros Profetas de huma semelhante antiguidade; porque ellas não viaõ senão factos notorios, e aon-

de

*Dent. IV.*  
*3. 12. 12.*  
*Joseph.*  
*V. 11.*  
*Exod.*  
*XVI. 35.*

de constantemente não havia dificuldade; e teria naturalmente passado para o Texto; e a mesma tradição não los terá trazido com todo o resto; logo tudo será perdido; Esdras será o acusado, e ainda que Samaritano; e naonde estas notas se acham, nos mostra que ellas tem huma antiguidade não sómente superior á de Esdras, mas também ao schisma das dez Tribus. Não importa, he preciso que tudo caia sobre Esdras. Se estas notas viessem de mais alto, o Pentateuco seria também mais antigo do que he preciso, e não se poderia bastantemente venerar a antiguidade de hum livro, cujas notas mesmas terião huma tão grande idade. Esdras terá pois feito tudo; Esdras se terá esquecido de que queria fazer fallar a Moyses, e lhe terá feito esoter ver tão grosseiramente, como ja aconteceu aquillo que se passou depois d'elle. Toda a obra será convencida de supposiçãõ só por este lugar, a authoridade de tantos seculos, e a fé publica não lhe servirá mais de nada: como se pelo contrario não se vísse que estas no-

VI. 100  
 .21 .21 .3  
 .3  
 .11  
 .102  
 XVI 32

tas, das quaes se prevalece, sab hu-  
 ma nova prova da sinceridade e  
 da boa fé, não sómente naquelles  
 que as fizeram, mas também nos  
 que as transferiram? Tem-se já  
 mais julgado da authoridade, não  
 digo de hum livro Divino, mas de  
 qualquer livro que seja, por tão  
 ligeiras razões? Mas isto he, que a  
 Escriptura he hum livro inimigo do  
 Genero humano: elle quer obrigar  
 os homens a fugitarem o seu coração  
 a Deos, e a reprimirem as suas pa-  
 xões desordenadas: he preciso que  
 elle apabe; e por qualquer preço  
 que seja, deve ser sacrificado à li-  
 bertinagem.

Finalmente não acrediteis que  
 a impiedade se introduza sem ne-  
 cessidade em todos os absurdos que  
 tendes visto. Se, contra o testem-  
 nio do Genero humano, e contra  
 todas as regras da boa razão, se ella  
 se applica a tirarão Bentateuco,  
 e as Profecias os seus Auctores sem-  
 pre reconhecidos, e contestar as su-  
 as datas, isto he que as datas fa-  
 zem tudo nesta materia por duas ra-  
 zões. Primeiramente porque os li-  
 vros cheios de tantos factos mila-  
 gro-



grossos, que se tem revestido das suas circumstancias as mais particulares, e adiantados, não sómente como publicos, mas tambem como presentes, se tivessem podido ser desmentidos, terião levado consigo a sua condemnação; e em lugar de se susterem pelo seu proprio peso, terião cahido per si mesmos ha muito tempo. Em segundo lugar, porque as suas datas, sendo huma vez fixadas, não se pôde mais apagar o sinal infalivel da inspiração Divina, que trazem impressa no grande numero, e a longa continuacão das predicções memoraveis, das quaes se achão cheios.

Para evitarem estes milagres, e estas predicções he que os impios tem cahido em todas as absurdidades que tem feito admirar a V. Alteza. Mas porque não pensão elles escapar a Deus: elle tem reservado para a sua Escriptura hum final de Divindade, que não soffre algum afalto. Este he a relação dos dous Testamentos. Não se disputa ao menos que todo o antigo Testamento não seja escripto antes do novo. Não ha aqui o novo Esdras que tenha per-

suadido aos Judeos que inventem ;  
 ou falsifiquem a sua Escriptura em fa-  
 vor dos Chriſtãos a quem perſeguião.  
 Nada mais he preciso. Pela relação  
 dos dous Testamentos ſe prova, que  
 hum, e outro he Divino. Ambos  
 tem o meſmo dignio, he a meſma  
 ordem ; hum prepara o caminho pa-  
 ra a perfeição que o outro mostra cla-  
 ramente ; hum põe o fundamento,  
 e o outro acaba o edificio e em hu-  
 ma palavra, hum prediz o que o  
 outro faz ver cumprido.

Aſſim todos os tempos ſão gente  
 ſi unidos, e hum diſignio eterno da  
 Divina Providencia nos he revelado.  
 A tradição do povo Judaico, e a  
 do Povo Chriſtão, não fazem junta-  
 mente ſe não huma meſma continua-  
 ção de Religião, e as Eſcripturas  
 dos dous Testamentos não fazem tam-  
 bém ſe não hum meſmo corpo, e  
 hum meſmo livro.

Em que o Evangelho tem ſido pre-  
 dicado, e em que Chriſto apparece.  
 Eſtas tres cousas não ſe acham  
 nos tempos ; e eſtas tres cousas  
 ſão no orden dos conſelhos de Deos.  
 E aſſim ſe tem aſſim cumprido.

CAPITULO XXIX.

*As predicções reduzidas a três factos palpáveis; Parabola do Filho de Deus que estabelece o seu Reino; e a sua conjunção;*

**E** Porque a disputa das predicções é particulares, e ainda que seja cheia de luz, e depende de muitos factos que todo o mundo não pôde seguir igualmente. Deos entre elles escolheu alguns que tem feito sensíveis aos mais ignorantes. Estes factos illustres, e estes factos brilhantes, dos quaes todo o mundo he testemunha, são os factos que eu mate aqui eu dei em fazer seguir a V. Alteza; isto he, a desfolação do povo Judáico, e a conversão dos Gentios, chegados juntamente, e ambos precisamente no mesmo tempo em que o Evangelho tem sido pregado, e em que Jesus Christo appareceo.

Estas tres cousas unidas na ordem dos tempos, o eraõ ainda muito mais na ordem dos conselhos de Deos. V. Alteza as tem visto caminhar

Matth.  
XXI. 33.

juntas nas antigas Profecias; mas Jesus Christo fiel interprete dellas, e das vontades de seu Pai, nos tem ainda melhor explicado esta conexão no seu Evangelho. Elle o faz na Parábola da vinha tão familiar aos Profetas. O pai de familias havia plantado esta vinha, isto he, a Religião verdadeira, fundada sobre a sua alliança, e a havia dado para a cultivar aos seus Artifices, isto he, aos Judeos. Para colher os seus frutos, manda por diversas vezes os seus servos, que são os Profetas. Estes obreiros inícos os mata. A sua bondade o obriga a lhes mandar seu proprio Filho. Elles o tratao ainda peor do que os servos. Por fim elle lhes tira a sua vinha, e a dá a outros obreiros: tira-lhes a graça da sua alliança para a dar aos Gentios.

Estas tres cousas de vião logo concorrer juntas, a inviatura do Filho de Deos, a reprobção dos Judeos, e a vocação dos Gentios. Não he preciso mais Commentario para a Parábola, porque o successo a tem interpretado.

V. Alteza tem visto que os Judeos confessão que o reino de Judá, e

o estado da sua Republica tem come-  
 çado a cair nos tempos de Herodes,  
 e quando Jesus Christo veio ao mun-  
 do. Mas se as alterações que elles fa-  
 ziaõ na Lei de Deos lhes tem adqui-  
 rido huma diminuiçãõ tão visivel do  
 seu poder, na sua ultima desfolaçãõ,  
 que ainda dura, devia ser o castigo  
 de hum maior crime.

O crime he visivelmente o seu  
 desconhecimento para com o Messias,  
 que vinha instruillos, e libera-  
 talos. Tambem depois deste tempo  
 he que hum jugo de ferro está posto  
 sobre a sua cabeça, e feriaõ por el-  
 les opprimidos, se Deos naõ os re-  
 servalle para servirem algum dia a  
 quelle Messias que elles tem crucifi-  
 cado.

Ex-aqui pois já hum facto verifi-  
 cado, e publico, este he a ruina  
 total do estado do povo Judaico, no  
 tempo de Jesus Christo. A conversãõ  
 dos Gentios, que devia acontecer  
 no mesmo tempo, naõ he menos ve-  
 rificada. No mesmo tempo em que  
 o antigo culto he destruido em Jeru-  
 salem como o Templo, a Idolatria  
 he atacada por todas as partes; e os  
 povos, que depois de tantos milha-

res

.dmM  
LX

res de annos se havia esquecido do seu Creator, e despettao de hum taõ longo adormecimento.

E a fim de que tudo concorde, as promessas espirituaes são manifesta- das pela prégacao do Evangelho, no tempo em que o povo Judaico, que dellas não havia recebido mais, que as temporaes, e reprovado manifesta- mente por causa da sua incredulida- de, e cativo por toda a terra, não tem mais grandeza humana para es- perar. Entaõ o Ceo he promettido áquelles que soffrem perseguição pe- la Justiça; os segredos da vida futu- ra são prégados; e a verdadeira bem-aventurança he mostrada longe def- ta morada aonde reina a morte, e a- onde abunda o peccado, e todos os males.

Se aqui senaõ desobbre hum de- signio sempre sustido, e seguido: se senaõ vê huma mesma ordem dos conselhos de Deos, que prepara def- de a origem do mundo o que acaba no fim dos tempos, e que debaixo de diversos estados, mas com huma successão sempre constante, perpe- tua aos olhos de todo o mundo a san- ta sociedade em que elle quer ser

fervido, merecesse não ver nada, e ser entregue ao seu proprio endurecimento, como ao mais justo, e ao mais rigoroso de todos os castigos.

É a fim de que esta continuacão do Povo de Deos fosse clara aos menos perspicazes, Deos a torna sensivel, e palpavel por factos que nenhuma pessoa póde ignorar, senão fecha voluntariamente os olhos á verdade. O Messias he esperado pelos Hebreos, e elle chega, e chama aos Genticos, como havia predicto. O povo que o reconhece como vindo, he incorporado ao povo que o esperava, e sem que ahi haja entre ambos hum só momento de interrupção, este povo he espalhado por toda a terra; os Genticos não cessão de se aggregarem a elle; e aquella Igreja que Jesus Christo tem estabelecido sobre a pedra, apezar dos esforços do inferno, não tem já mais sido derribada.

colleitos de Deos, que predação  
de a origem do mundo a que acaba  
no fim dos tempos, e que se  
de divinas ephoras, mas com hum  
sucesso sempre constante, e perpe-  
tuos nos olhos de todo o mundo, e  
a faculdade em que elle se

leza

CA.

## CAPITULO XXX.

*Continuação da Igreja Catholica,  
a sua victoria manifesta sobre  
todas as Seitas.*

**Q**ue consolação para os filhos de Deos! mas que convicção da verdade, quando elles vem que de Innocencio XI. que enche hoje tão dignamente a primeira Sé da Igreja, se sobe sem interrupção até S. Pedro, estabelecido por Jesus Christo Principe dos Apostolos, de donde trazendo á memoria os Pontifices que tem servido debaixo da Lei, se vai até Aarã, e até Moyses, de lá até os Patriarchas, e até á origem do mundo! Que continuação, que tradição, que encadeamento maravilhoso! se o nosso entendimento, naturalmente incerto, e por estas incertezas vindo a ser o ludibrio dos seus proprios discursos, tem necessidade nas questões em que para a salvação deve ser fixado, e determinado por alguma authoridade certa, que maior authoridade que a da Igre-



ja Catholica, que reúne em si mesma toda a authoridade dos seculos passados, e as antigas tradições do Genero humano até á sua primeira origem.

Affim a sociedade que Jesus Christo, esperado por todos os seculos passados, tem por fim fundado sobre a pedra, e aonde S. Pedro, e seus successores deviaõ presidir pelas suas ordens, se justifica a si mesma pela sua propria continuacão, e tráz na sua eterna duracão o caracter da mão de Deos.

He tambem esta successão, aquella que nenhuma heresia, nenhuma Seita, nenhuma outra sociedade senão só a Igreja de Deos tem podido apropriar a si. As falsas religiões poderã imitar a Igreja em muitas cousas, e principalmente a imitaõ dizendo, como elle, que he Deos quem as tem fundado: mas este discurso na sua boca não he mais que hum discurso aereo. Porque se Deos tem creado o Genero humano; se creando-o á sua imagem, sempre se dignou de lhe ensinar o meio de o servir; e de lhe agradar, toda a Seita que não mostra a sua successão de

de a origem do mundo, e não he de Deos. Aqui cahem aos pés da Igreja todas as sociedades, e todas as Setas, que os homens tem estabelecido dentro, ou fóra do Christianismo. Por exemplo, o falso Profeta dos Arabes, tem podido muito bem dizer que era enviado por Deos; depois de haver enganado povos no ultimo gráo ignorantes, e pode aproveitar-se das divisões da sua vizinhança, para nella estender pelo uso das armas huma Religião toda sensual, mas não se tem atrevido a suppor que haja sido esperado, nem por fim pode dar ou á sua pessoa, ou á sua Religião alguma connexão real, ou apparente com os seculos passados. O expediente que achou para se levantar disto, he novo. Temendo que se quizesse procurar nas Escripturas dos Christãos testemunhos da sua Missão, semelhantes aos que Jesus Christo achava nas Escripturas dos Judeos, disse que os Christãos, e os Judeos tinham falsificado todos os seus livros. Os seus sequazes ignorantes deram credito á sua palavra seiscentos annos depois de Jesus Christo; e elle se annunciou a si mesmo, não somente sem

sem alguma testemunha precedente, mas ainda sem que nem elle, nem os seus se tenhaõ atrevido, ou a supôr, ou a prometter algum milagre sensivel, que podesse authorisar a sua Missãõ. Do mesmmodo os Hereticos que tem fundado as Seitas novas, entre os Christãos, poderã tornar a Fé mais facil, e no mesmo tempo menos submissã, negando os Mysterios, que vencem a nossa comprehensãõ. Bem poderã cegar os homens pela sua eloquencia, e por huma apparencia de piedade, comovellos pelas suas paixões, obrigallos pelos seus interesses, attrahilos pela novidade, e pela libertinagem, ou pela do coraçã, ou mesmo pela dos sentidos; em huma palavra poderã facilmente ou enganar-se, ou enganar aos outros, porque nada ha mais humão: mas além de que elles não tem podido jactar-se de haverem feito algum milagre em publico, nem reduzido a sua Religiãõ a factos positivos, dos quaes os seus sequazes fossem testemunhas, ahi ha sempre hum facto desgraçado para elles, que já mais não tem podido cobrir, e este he o da sua novidade: sempre appare-

ce-

cerá aos olhos de todo o mundo, que elles, e a Seita que tem estabelecido, será solta deste grande corpo, e desta Igreja antiga, que Jesus Christo fundou, na qual S. Pedro, e os seus successores occupavão o primeiro lugar, no qual todas as Seitas os tem achado estabelecidos. O momento da separação será tão constante, que os mesmos hereses não o poderão negar, e não se atreverão sómente a intentar de se fazerem descender da origem por huma continuação que se não tenha já mais visto interromper. Esta he a fraqueza inevitavel de todas as Seitas que os homens tem estabelecido. Nenhum pôde mudar os seculos passados, nem dar a si predecessores, ou fazer que os tenha achado em posse. Só a Igreja Catholica enche todos os seculos precedentes por huma continuação que lhe não tem podido ser contestada. A Fé vem diante do Evangelho; a successão de Moysés, e dos Patriarchas não faz mais que huma mesma successão com a de Jesus Christo, ser esperado, vir, e ser reconhecido por huma posteridade que dura ou tanto tem

po como o mundo, he o caracter do  
 Messias, em que nós cremos. *Jesus Hebr.*  
*Christo* existe hoje, existia hontem, *XIII. 8*  
 e existirá nos seculos futuros.

Assim além da vantagem que tem  
 a Igreja de Jesus Christo de ser só  
 fundada sobre factos milagrosos, que  
 Divinos, que altamente se tem escri-  
 pto, e sem temor de serem desmen-  
 tidos no tempo em que acontecerão,  
 ex aequo em favor daquelles, que  
 não tem vivido naquelles tempos,  
 hum milagre sempre subsistente,  
 que confirma a verdade de todos os  
 outros; este he a continuacão da  
 Religião sempre victoriosa dos er-  
 ros que tem cuidado em destruirem.  
 Ah! póde V. Alteza ajuntar tambem  
 huma outra continuacão, he esta he  
 a continuacão visivel de hum conti-  
 nuo castigo sobre os Judeos que não  
 tem recebido o Christo prometido a  
 seus pais.

Elles, com tudo ainda o esperão,  
 e a sua esperança sempre frustrada,  
 faz huma parte do seu castigo. Elles  
 o esperão, e esperando por elle  
 mostrão que sempre tem sido espera-  
 do. Condemnados pelos seus propri-  
 os livros, assegurão a verdade da

Re-

Religião, elles trazem, para dizer  
 affirm, toda a sua continuacão escri-  
 pta sobre o seu rosto: e huma só  
 vista de olhos se vê o que tem sido,  
 porque são taes como se vê e para  
 que são reservados. Assim quatro  
 ou cinco factos  
 authenticos, e mais claros que a  
 luz do Sol, fazem ver a nossa Re-  
 ligião tão antiga como o mundo. El-  
 les mostram por consequencia, que  
 não tem outro Author mais que o  
 que fundou o mundo, que tendo tu-  
 do na sua mão, pode só começar,  
 e conduzir hum desígnio, no qual to-  
 dos os seculos são comprehendidos.

Ninguém se deve logo admirar,  
 como se faz ordinariamente, de que  
 Deos nos proponha para termos tan-  
 tas cousas tão dignas delle, e ao  
 mesmo tempo tão impenetraveis ao  
 entendimento humano: mas antes  
 nós devemos admirar de que tendo  
 estabelecido a Fé sobre huma autho-  
 ridade tão firme, e manifesta, ain-  
 da haja no mundo cegos, e incre-  
 dulos.

As nossas paixões desordenadas,  
 o nosso apego aos nossos sentidos, e  
 a nossa soberba indomavel são a cau-  
 sa

fadisto. Queremos antes arriscar tudo do que nos contradizemos; queremos antes envelhecer em a nossa ignorancia do que confessalla, queremos antes satisfazer huma vã curiosidade, e sustentar em o nosso juízo indocil a liberdade de pensar tudo o que nos agrada, do que sujeitarmo-nos debaixo do jugo da auctoridade Divina. <sup>quod dicitur deus</sup> Dahi vem que ha outros tantos incredulos, e Deos o permite assim para instrucção de seus filhos. Sem os cegos, sem os rusticos, sem os Infieis que restão, e no seyo mesmo do Christianismo, nós não conheceriamos sufficientemente a corrupção profunda da nossa natureza, nem o abysmo de donde Jesus Christo nos tem tirado. Se a sua santa verdade não fosse contradita, nós não veriamos a maravilha que a tem feito durar entre tantas contradicções, e nos esqueceriamos por fim de que fomos salvados pela Graça. Presentemente a incredulidade de huns humilha aos outros, e os rebeldes que se oppõe aos designios de Deos, fazem brilhar o poder pelo qual, sem dependencia de outra qualquer causa,

sa, elle cumpre as promessas que tem feito á sua Igreja.

Que esperamos nós pois para nos fugeitarmos? Esperamos que Deos faça sempre novos milagres, que elle os torne inuteis continuando-os, que a elles acostume os nossos olhos, como o saõ ao curso do Sol, e a todas as outras maravilhas da natureza? Ou antes esperamos que os impios, e os teimosos se calem, que a gente de bem, e os libertinos dem hum igual testemunho á verdade, que todo o mundo de hum commum acordo a prefira á sua paixã, e que a falsa sciencia, a quem a só novidade faz admirar, cesse de enganar aos homens? Não he bastante que vejamos que senã póde combater a Religiaõ sem mostrar por extraordinarios erros que se tem destruido o juizo, que senã defende mais que por presumpçaõ, ou por ignorancia? A Igreja victoriosa dos seculos, e dos erros não poderá vencer em os nossos discursos piedosos que se lhe oppõe, e as promessas Divinas, que todos os dias vemos completar-se, não poderão ellas elevar-nos sobre os sentidos?



E que se nos diga que as suas promessas estão ainda suspensas, e que como ellas se extendem até o fim do mundo, não será senão no fim do mundo que nos poderemos jaclar de havermos visto o seu complemento. Porque pelo contrario, o que se tem passado nos assegura do futuro: tanto as antigas predicções tão visivelmente cumpridas, nos mostram que nada haverá que se não cumpra, e que a Igreja, contra a qual o Inferno, segundo a promessa do Filho de Deus, não pôde já mais prevalecer, será sempre subsistente até á consummação dos seculos, pois que Jesus Christo verdadeiro em tudo, não tem dado outros limites a sua duração.

As mesmas promessas nos assegurarão a vida futura, Deus que se tem mostrado tão fiel cumprindo o que respeita ao seculo presente, não o será menos cumprindo o que diz respeito ao seculo futuro, do qual tudo o que vemos não he mais que huma preparação; e a Igreja será sobre a terra sempre immutavel, e invencivel, até que os seus filhos sendo ajuntados, ella seja toda in-

teira transportada para o Ceo, que he a sua morada verdadeira.

Pelo que toca aquelles que se rão excluidos desta Cidade Celeste, hum rigor eterno lhes he reservado; e depois de haverem perdido pela sua culpa huma bemaventurada eternidade, naõ lhes restará mais que huma eternidade desgraçada.

Assim os concelhos de Deos se terminaõ por hum estado immutavel, as suas promessas, e as suas ameaças sãõ igualmente certas, e o que elle executa no tempo assegura o que nos ordena, ou esperar, ou temer na eternidade.

Ex aqui o que nos ensina a continuação da Religião posta em compendio diante dos nossos olhos. Pelo tempo ella nos conduz para a eternidade. V. Alteza vê huma ordem constante em todos os designios de Deos, e hum final visivel do seu poder na duração perpetua no seu povo. V. Alteza reconhece que a Igreja tem hum tronco sempre subsistente, do qual se naõ pôde separar sem se perder, e que aquelles que sendo unidos a esta raiz, fazem obras dignas da-

da sua fé, se asseguraõ á vida eterna.

Estudai, pois, Serenissimo Senhor, com huma attençaõ particular esta continuacãõ da Igreja, que nos assegura taõ claramente todas as promessas de Deos. Tudo o que rompe esta cadêa, tudo o que sahe desta continuacãõ, tudo o que se eleva per si mesmo, e naõ vem em virtude das promessas feitas á Igreja desde a origem do mundo, vos deve fazer horror. Empregai todas as vossas forças em trazer á memoria nesta unidade tudo o que della se tem desviado, e em fazer ouvir a Igreja, pela qual o Espirito Santo pronuncia os seus Oraculos.

A gloria dos vossos antepassados he naõ sómente naõ a haver em tempo algum desamparado, mas havelia sempre sustido, e terem merecido por isso serem chamados seus filhos primogenitos, que he sem duvida o mais glorioso de todos os seus titulos.

Naõ necessito de falar-vos de Clodoveo, de Carlos Magno, nem de S. Luiz; considerai sómente o tempo em que viveis, e de que pai

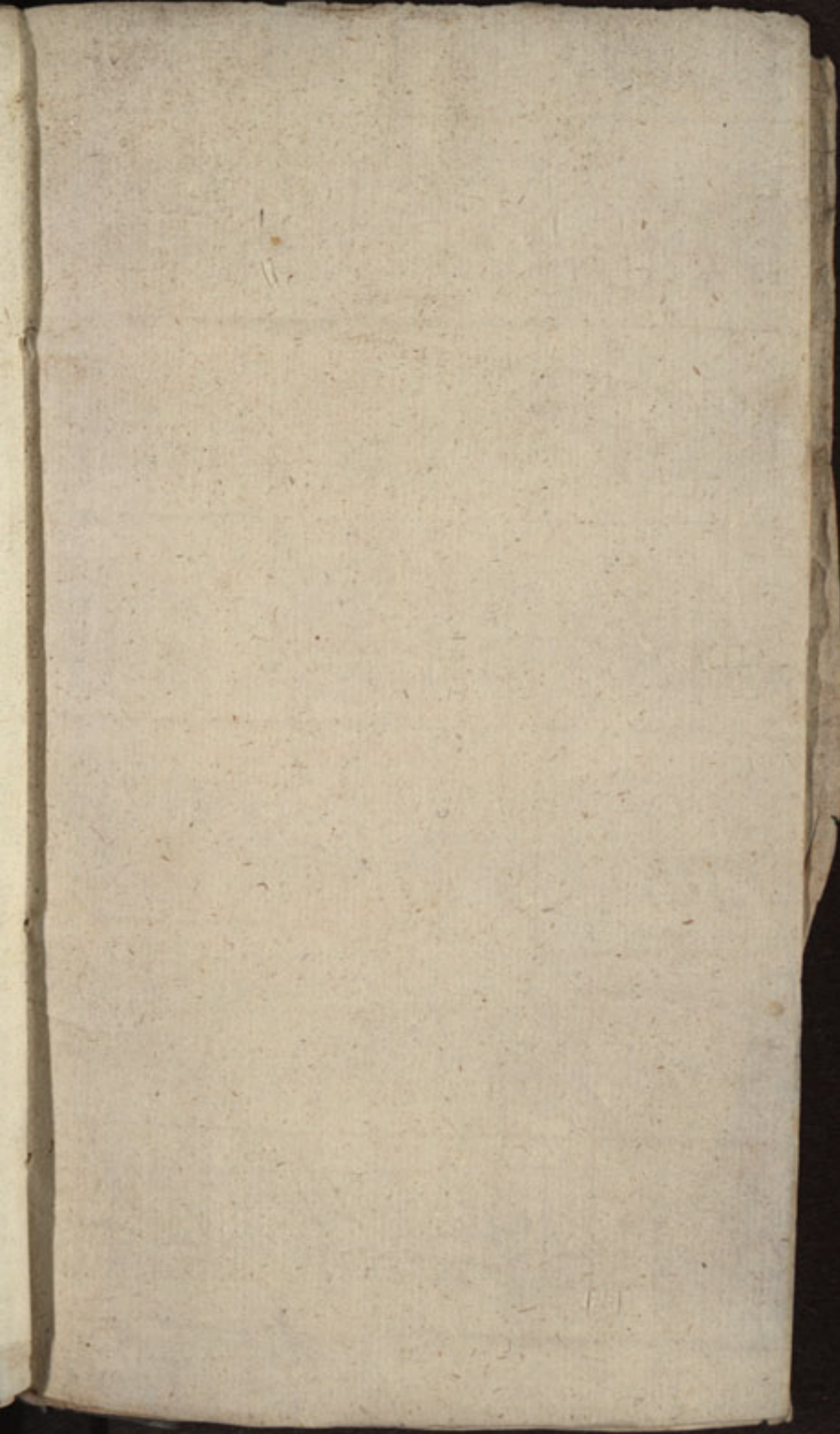
Deos vos fez nascer. Hum Rei taõ grande em tudo, se distingue mais pela sua fé que pelas suas outras admiraveis qualidades. Elle protege a Religiaõ dentro, e fóra do Reino, e até ás extremidades do mundo. As suas Leis sãõ huma das mais firmes triacheiras da Igreja. A sua authoridade venerada outro tanto pelo merecimento da sua pessoa, como pela magestade do seu Sceptro, nunca se sustenta melhor como quando defende a causa de Deos. Naõ se ouve mais b'asfemias; a impiedade treme diante d'elle: este he o Rei affinalado por Salomaõ, que dissipa todo o mal com os seus filhos. Se ataca a heresia por tantos meios, e mais ainda do que nunca fizeraõ seus predecessores, naõ he porque elle tema a ruina do seu Throno: tudo está socegado aos seus pés, e as suas armas sãõ temidas por toda a terra: mas he porque ama aos seus póvos, e vendo-se elevado pela maõ de Deos a hum poder que nada o pode igualar no mundo, naõ conhece d'elle mais bello uso, do que fazello servir a curar as chagas da Igreja.

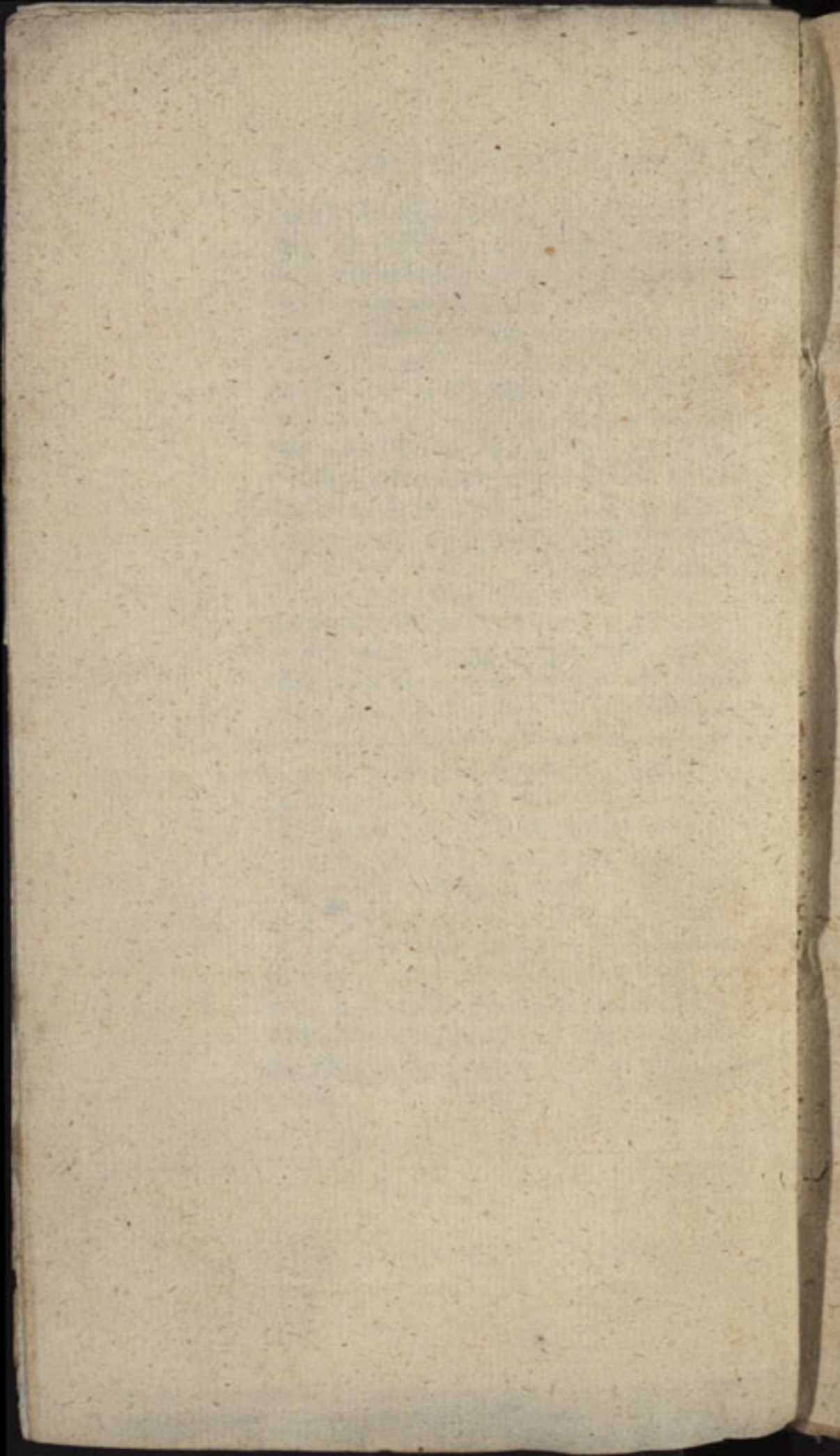
Imi-

Imitai, Serenissimo Senhor, hum  
 taõ bello exemplo, e deixaiõ aos  
 vossos descendentes. Recommendai-  
 lhes a Igreja ainda mais que este  
 grande Imperio que os vossos ante-  
 passados governaõ ha tantos seculos.  
 Que a vossa augusta Casa, a primei-  
 ra em dignidade, que ha no mun-  
 do, seja a primeira em defender os  
 direitos de Deos, e em extender  
 por todo o mundo o reinado de Jesus  
 Christo, que o tem feito reinar com  
 tanta gloria.

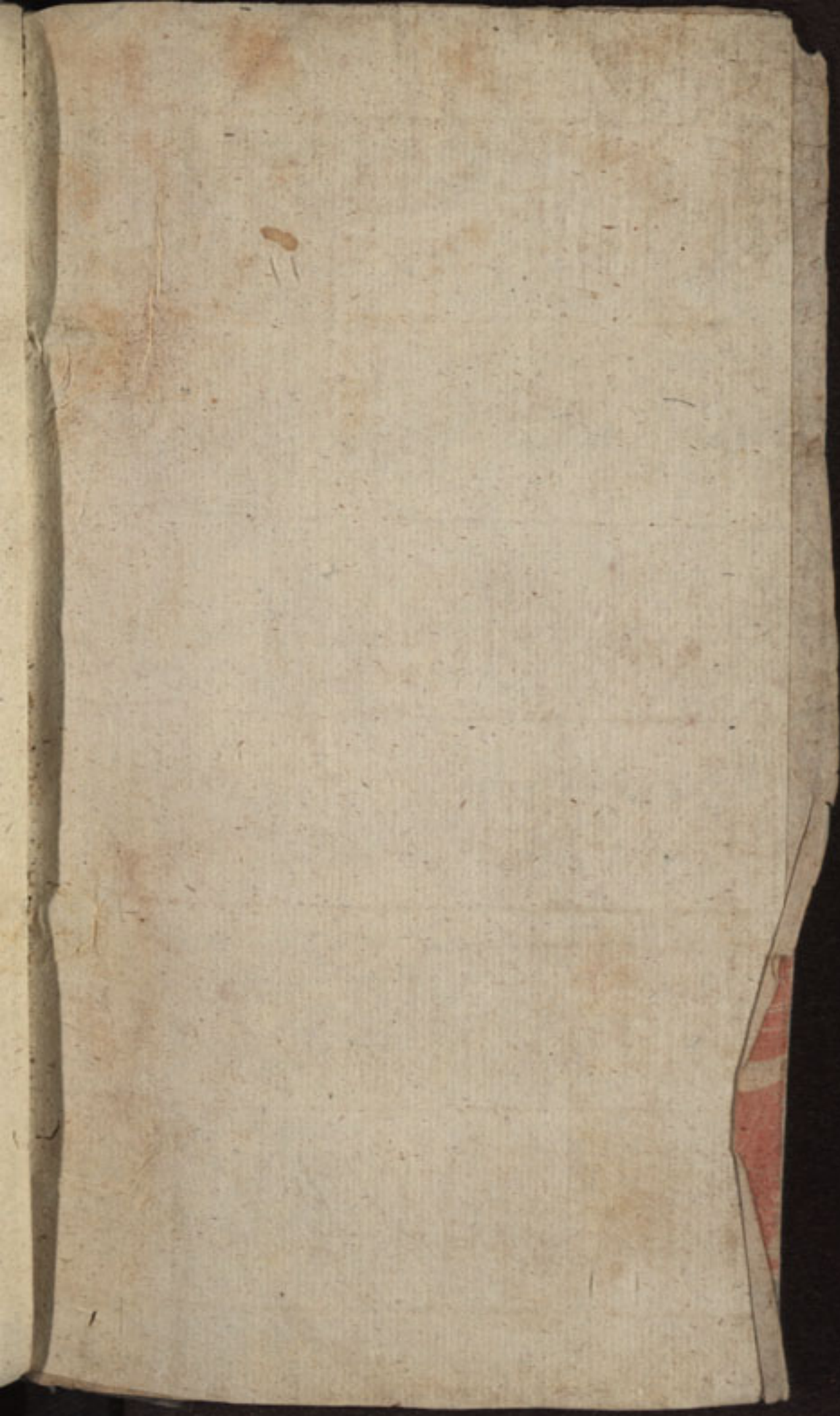
F I M.













20  
P. 130